



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO
E INTERNACIONALIZAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
UNIDADE PROF. JOSÉ BATISTA DE OLIVEIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DOCENTE EM PRÁTICAS
EDUCATIVAS

SÔNIA MARIA DE JESUS DA CONCEIÇÃO

**A PERSPECTIVA DO FEMINISMO NEGRO SOB A ÓTICA DE NARRATIVAS
AUTOBIOGRÁFICAS DE MULHERES NEGRAS TRABALHADORAS DA
EDUCAÇÃO EM PRAIA NORTE - TOCANTINS**

IMPERATRIZ
2023

SÔNIA MARIA DE JESUS DA CONCEIÇÃO

**A PERSPECTIVA DO FEMINISMO NEGRO SOB A ÓTICA DE NARRATIVAS
AUTOBIOGRÁFICAS DE MULHERES NEGRAS TRABALHADORAS DA
EDUCAÇÃO EM PRAIA NORTE – TOCANTINS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Formação Docente em Práticas Educativas, do Centro de
Ciências de Imperatriz, da Universidade Federal do
Maranhão, como requisito para obtenção do título de
Mestra.

Orientadora: Profa. Dra. Herli de Sousa Carvalho

IMPERATRIZ
2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Conceição, Sônia Maria de Jesus da.

A PERSPECTIVA DO FEMINISMO NEGRO SOB A ÓTICA DE
NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE MULHERES NEGRAS
TRABALHADORAS DA EDUCAÇÃO EM PRAIA NORTE - TOCANTINS /
Sônia Maria de Jesus da Conceição. - 2023.
178 p.

Orientador(a): Herli de Sousa Carvalho.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Educação e Práticas Educativas - Ppgepe/ccim, Universidade
Federal do Maranhão, Imperatriz, 2023.

1. Narrativas Autobiográficas. 2. Mulheres Negras. 3.
Feminismo Negro. 4. . 5. . I. Carvalho, Herli de Sousa.
II. Título.

SÔNIA MARIA DE JESUS DA CONCEIÇÃO

**A PERSPECTIVA DO FEMINISMO NEGRO SOB A ÓTICA DE NARRATIVAS
AUTOBIOGRÁFICAS DE MULHERES NEGRAS TRABALHADORAS DA
EDUCAÇÃO EM PRAIA NORTE – TOCANTINS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Formação Docente em Práticas Educativas, do Centro de
Ciências de Imperatriz, da Universidade Federal do
Maranhão, como requisito para obtenção do título de
Mestra.

Orientadora: Profa. Dra. Herli de Sousa Carvalho

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Herli de Sousa Carvalho (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Profa. Dra. Edna Sousa Cruz (Membro Titular Externo)
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

Profa. Dra. Betania Oliveira Barroso (Membro Titular Interno)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Profa. Dra. Ana Lúcia Pereira (Membro Suplente Externo)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Profa. Dra. Kelly Lisie Júlio (Membro Suplente Interno)
Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ)

À minha mãe, Maria de Jesus da Conceição, e,
ao meu pai, Bento Francisco da Conceição,
portos seguros na minha existência.

Ao meu filho, Carlos Rafael da Conceição
Cruz, e, minha filha, Sofia Abeni da Conceição
Pereira, maiores motivadores para o bem viver.
Ao meu esposo, Francivaldo Mota Pereira,
companheiro de vida, de trabalho e de luta,
maior incentivador nos estudos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela existência, fonte primeira de todas as realizações.

À minha mãe, Maria de Jesus da Conceição, por sua sabedoria e bom senso, qualidades que admiro. Ao meu pai, Bento Francisco da Conceição, pela coragem de homem negro em enfrentar o mundo para sustentar a si e a sua família, principalmente pela iniciativa de oportunizar estudos a mim e aos meus irmãos. Minha profunda gratidão pelas imensuráveis oportunidades as quais me foram concedidas, pelo apoio incondicional ao longo do caminho, por cada palavra de encorajamento que me inspira. Sem a presença e o amor de vocês não teria alcançado tudo o que conquistei.

Aos meus amados irmãos, Raimundo Nonato de Jesus da Conceição, Robson de Jesus da Conceição e Márcio de Jesus da Conceição, desde a nossa infância vocês compartilharam valiosas lições sobre cuidado e preocupação comigo e com as outras pessoas.

Ao meu filho, Carlos Rafael da Conceição Cruz, por sempre incentivar e dar forças mesmo quando sabia que era difícil.

À minha filha, Sofia Abeni da Conceição Pereira, por ter sido meu alicerce e me encorajar a persistir mesmo quando era apenas um desejo em meus pensamentos, e, principalmente, por ter sido minha assistente nesta pesquisa.

À Francivaldo Mota Pereira, meu esposo, dedico estas palavras com todo meu amor e gratidão, por ser meu fiel companheiro de jornada, que vai além de parceiro, tem sido uma fonte infinita de incentivo. Não há palavras que possam expressar o impacto de sua presença na minha vida. É a voz que encoraja, o coração que ama e o guerreiro que me inspira.

À Profa. Dra. Herli de Sousa Carvalho, por ter sido a pessoa que me incentivou a fazer Mestrado, por sua orientação segura, democrática e competente ao crescimento pessoal e acadêmico, por ser uma inspiração em minha trajetória, e, por conseguinte, sou grata por tudo que aprendi ao seu lado.

À Universidade Federal do Maranhão, na pessoa de Leonardo Hunaldo dos Santos (Diretor do Centro de Ciências de Imperatriz – Unidade Centro Prof. José Batista de Oliveira), da coordenadora Betania Oliveira Barroso Curso de Mestrado Profissional em Formação Docente em Práticas Educativas, e Wellington dos Santos Silva (Auxiliar Administrativo) pela acolhida durante o período de estudos.

Aos professores, Antônio Sousa Alves, Carlos André Sousa Dublante, Dimas dos Reis Ribeiro, Francisco de Assis Carvalho de Almada, Raimundo Nonato de Pádua Cândia, Jónata Ferreira

de Moura e Witembergue Gomes Zaparoli. Às professoras, Betania Barroso Oliveira, Herli de Sousa Carvalho, Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira, Francisca Moraes de Silveira, Ilma Maria de Oliveira Silva, Karla Bianca Freitas de Souza Monteiro, Francisca Melo Agapito, e Kelly Lislie Julio, pelos ensinamentos compartilhados durante o percurso.

Aos colegas de turma, pelo companheirismo durante a jornada, e, em especial, as colegas de grupo de estudo, que ao longo do percurso tornaram-se amigas (#oridaherli – orientandas da Herli), Maria dos Reis Dias Rodrigues e Suzana Rossi Pereira Chaves de Freitas.

Às companheiras, Giselia Alves dos Santos, Lilian dos Santos Vieira Coutinho, Rosângela Lopes de Souza, Luciana Aparecida Santos Silva, Marinalda Pereira Sousa, Herli de Sousa Carvalho, Francy Leyla Salazar, Ana Maris Alves da Silva, Elizângela Mendes Sousa Carneiro, Marina Resplandes da Costa e Maria Luísa Rodrigues de Sousa, com as quais compartilhamos militância nos Coletivos Feminismo Com Quem Está Chegando, Firmina's, Mulheres em Luta, Mulheres de Histórias e Outras Linguagens e Dandaras do MATO.

Aos companheiros do Centro de Cultura Negra Negro Cosme (CCN-NC), Adriano da Silva Borges, Domingos Alves de Almeida, Fausto Ricardo Silva Sousa e Márcio Rodrigues Cruz, por fazerem-me acreditar que a luta feminista pode ser abraçada por todas as pessoas, inclusive por eles, apoiando e valorizando nossas vozes, experiências e demandas. Suas ações demonstram uma compreensão profunda de que a opressão não é exclusiva de um grupo, mas algo que todos devem combater coletivamente.

À aluna egressa do Ensino Médio, Renata de Sá, mulher negra, que com delicadeza e determinação me tirou da zona de conforto e das dificuldades escolares, despertando em mim coragem e potencial, de modo que, sua valiosa contribuição no início do processo de seleção ao Mestrado será sempre contemplada.

À amiga, mulher negra, líder de equipe da “A Sós”, Jaqueline Nobre, por ter acreditado que seria possível conciliar as funções assumidas, inclusive a de ser consultora de saúde íntima e bem-estar feminino, com essa jornada de mestrandia. Gratidão pela ajuda, colaboração em edições de textos, postagens prontas, dentre outras solitudes ricas, sem as quais não teria conseguido desenvolver esse trabalho que nesse percurso tornou-se terapêutico, tanto para mim quanto para outras mulheres. Uma temática que pode parecer não ter nada a ver com o universo da academia, porém, está presente no universo educativo, nas discussões, no autocuidado e autoconhecimento, na perspectiva do Feminismo Negro a sororidade e dororidade, quebrando amarras nas construções identitárias, e, sobre nossos corpos, estigmas e tabus relacionados à sexualidade.

Às mulheres, trabalhadoras na educação¹ (gestoras, assistentes de serviços gerais, docentes, auxiliar administrativo, coordenadoras pedagógicas), que participaram desta investigação como interlocutoras, as quais nomeio dentro do texto, pela preciosa contribuição por meio das narrativas, originando um resultado belo, significativo e essencial à compreensão do objeto de estudo. Por fim, expresso minha sincera gratidão e anseio que este trabalho contribua para a evolução do conhecimento pessoal e de melhoria da profissionalidade ao bem comum.

¹ O conceito proposto pela perspectiva do Feminismo Negro, pode ser entendido como a valorização, reconhecimento e empoderamento das mulheres negras que atuam nessa área, levando em consideração seus desafios, lutas e reivindicações específicas. Baseado nas reflexões de Beatriz Nascimento (Ratts, 2021), destaca a necessidade de ações e políticas afirmativas para combater o racismo e o sexismo presentes na educação, além de reconhecer o conhecimento e as vivências das trabalhadoras da educação negras como fundamentais para uma educação mais plural, equânime e transformadora. É fundamental garantir a valorização do trabalho dessas mulheres, proporcionando melhores condições de trabalho, oportunidades de formação e promoção, bem como um ambiente livre de discriminações para que possam exercer suas funções educacionais de maneira plena.

O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência².

Conceição Evaristo (2020)

² A expressão foi criada pela autora em 1995, quando estabeleceu uma conexão profunda entre a escrita e as experiências de vida. Com o tempo, a definição do termo evoluiu e passou a abranger significados mais precisos, como o de destacar a produção literária de mulheres negras que escrevem a partir de uma perspectiva própria, rompendo com a visão do colonizador (Oliveira, 2021).

RESUMO

Nome da Autora: Sônia Maria de Jesus da Conceição

Título: A perspectiva do Feminismo Negro sob a ótica de narrativas autobiográficas de mulheres negras trabalhadoras da educação em Praia Norte - Tocantins

Linha de Pesquisa: Pluriculturalidade, Interculturalidade e Práticas Educativas Interdisciplinares.

Este trabalho sobre “A perspectiva do Feminismo Negro sob a ótica de narrativas autobiográficas de mulheres negras trabalhadoras da educação em Praia Norte – Tocantins” justifica-se pelo fato de que sou mulher negra educadora como parte deste contexto e com indagações sobre a temática foco do estudo. Assim, trago como problemática a percepção da existência de mulheres negras que não tem posicionamento político identitário enquanto educadoras antirracistas e feministas atravessadas por questões interseccionais de classe, gênero e raça. Para tanto, elenco como objetivos: averiguar os caminhos que me constroem como mulher negra educadora antirracista; apresentar os subsídios teóricos de empoderamento ao Feminismo Negro; discorrer como se dá o encontro metodológico da pesquisa com o coletivo de mulheres negras educadoras; analisar as experiências na perspectiva do Feminismo Negro das mulheres trabalhadoras na educação de Praia Norte – Tocantins; e, conhecer as trajetórias de mulheres negras trabalhadoras da educação em fragmentos de suas autobiografias, a fim de estruturar este estudo com as bases teóricas e metodológicas necessárias. Desta forma, a fundamentação são bases epistemológicas em intelectuais negras feministas sobre conceitos relacionados a abordagem evidenciada nas contribuições de Freire (1967; 1987; 1996; 2020), Gomes (1995; 2005; 2006; 2010; 2019), Carneiro (1985; 2004; 2005; 2011), Nascimento (2002), Evaristo (2008; 2017; 2020), Munanga (2009; 2012), Gonzalez (2010; 2017; 2018), Deus (2011), Adichie (2012; 2014; 2019), Cruz (2015), Carvalho (2016), Davis (2016; 2018), Ribeiro (2017; 2018; 2019), hooks (2017; 2019b), Collins (2019), Kilomba (2019), Santos (2019; 2022), Moraes (2021), Nascimento (2021), Lorde (2021), Rodrigues (2023), dentre outras. Para tanto, priorizei a Pesquisa Qualitativa, utilizando procedimentos da Pesquisa Autobiográfica em Educação, a partir de duas Rodas de Conversa presenciais, tendo como problematização a música “Triste, Louca ou Má” da Banda Francisco *El Hombre*, ouvi as narrativas das mulheres negras trabalhadoras da educação em duas escolas públicas de Praia Norte - Tocantins, deste modo, elaborei um roteiro de entrevista com dados pessoais e complementares que foram respondidos via *Google Forms*, realizei mais duas Rodas de Validação pela Plataforma *Google Meet*, e, foram analisadas relatos de vinte e seis mulheres como base de investigação, com o objetivo de garantir um embasamento científico ao estudo. Os resultados revelam que os sujeitos reproduzem discursos e práticas que marginalizam e invisibilizam as mulheres negras, deste modo destaco a necessidade de políticas públicas e espaços de diálogos atravessados pela interseccionalidade, equidade, visibilidade, respeito pelas falas e valorização da diversidade. Considerando a relevância das trajetórias de mulheres negras trabalhadoras na educação, essa pesquisa legitimou ser fundamental na construção de um conhecimento abrangente e representativo. Assim, surge uma oportunidade ímpar de convocar educadoras antirracistas e ativistas do Feminismo Negro para uma transformação profunda dos conceitos e práticas educativas e uma reavaliação dos seus posicionamentos. Além disso, como resultado dessa pesquisa, compartilho a jornada pessoal das mulheres interlocutoras da pesquisa em um livro de relatos autobiográficos, como uma forma de concretizar todo esse trabalho.

Palavras-chave: Narrativas Autobiográficas. Feminismo Negro. Mulheres Negras. Educação Antirracista.

ABSTRACT

This research The perspective of Black Feminism from the optics of autobiographical narratives of black women education workers in Praia Norte - Tocantins. Therefore, the narratives and this music in question are the objects of study in this research. It is justified by the fact that I am a black woman educator as part of this context and with questions about the focus of the study. Thus, I bring as a problem the perception of the existence of black women who do not have a political identity positioning as anti-racist and feminist educators crossed by intersectional issues of class, gender and race. Therefore, cast as goals: find out the paths that build me as a black woman and anti-racist educator; present the theoretical subsidies of empowerment for Black Feminism; discuss how the methodological encounter of research with the collective of black women educators takes place; analyze the experiences from the perspective of Black Feminism of women workers in education in Praia Norte – Tocantins; and, to know the trajectories of black women education workers in fragments of their autobiographies, in order to structure this study with the necessary theoretical and methodological bases. So, we substantiate epistemological bases on black feminist intellectuals on concepts related to the approach evidenced in the contributions of Freire (1967; 1987; 1996; 2020), Gomes (1995; 2005; 2006; 2010; 2019), Carneiro (1985; 2004; 2005; 2011), Nascimento (2002), Evaristo (2008; 2017; 2020), Munanga (2009; 2012), Gonzalez (2010; 2017; 2018), Deus (2011), Adichie (2012; 2014; 2019), Cruz (2015), Carvalho (2016), Davis (2016; 2018), Ribeiro (2017; 2018; 2019), hooks (2017; 2019b), Collins (2019), Kilomba (2019), Santos (2019; 2022), Moraes (2021), Nascimento (2021), Lorde (2021), Rodrigues (2023), among others. Therefore, prioritized Qualitative Research, using procedures from Autobiographical Research in Education, based on two person Conversation Wheels, with the problematization of the song “Triste, Louca ou Má” by the Banda Francisco El Hombre, heard the narratives of black workers women of education in two public schools in Praia Norte - Tocantins, so, and this way, created an interview script with personal and complementary data that were answered via Google Forms, accomplished two more validation wheels through the Google Meet stand, and, reports from 26 women were analyzed as a basis for investigation, with the aim of guaranteeing a scientific basis for the study. The results reveal that society reproduces discourses and practices that marginalize and make black women invisible. Contrast the need for public political, spaces for dialogue permeated by intersectionality, equity, visibility, respect for speech and appreciation of diversity. Considering the relevance of the trajectories of black women workers in education, our research legitimized being fundamental in the construction of comprehensive and representative knowledge. So, there is potential to expand the engagement of anti-racist educators and Black Feminist activists in re-signifying teaching concepts and practices and rethinking positions. Furthermore, as a result of this research, share the personal journey of the women involved in the research in a book of autobiographical stories, as a way of materialize all this work.

Key-Words: Experiences. Black Feminism. Black Women. Anti-Racist Education. Autobiographical Narratives

LISTA DE SIGLAS

ABPN	Associação Brasileira de Pesquisadores Negros
AEE	Atendimento Educacional Especializado
ACLAJOL	Academia de Ciências, Letras e Artes de João Lisboa
AD	Análise de Discurso
ANPEd	Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação
ASG	Assistente de Serviços Gerais
BB	Banco do Brasil
CCN-NC	Centro de Cultura Negra - Negro Cosme
COPENE	Congresso de Pesquisadores Negros
CEF	Caixa Econômica Federal
CEIRI	Coordenação de Educação e Igualdade Racial de Imperatriz
CESI	Centro de Ensino Superior de Imperatriz
CNS	Conselho Nacional de Saúde
DA	Deficiência Auditiva
DM	Deficiência Mental
DRE/TO	Diretoria Regional de Educação do Tocantins
EDUFBA	Universidade Federal da Bahia
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FABIC	Faculdade do Bico
FAED	Fundo de Assistência Educacional
FEB	Fundação Educacional do Bico
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
GELEDÉS	Instituto de Mulheres Negras
GELMA	Grupo de Estudos Linguísticos do Maranhão
GT	Grupo de Trabalho
H	Hora
HISPOR'ART	História, Português e Artes
HUUFMA	Hospital Universitário Federal do Maranhão
IBGE	Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico
ICE	Instituto de Ciências da Educação
KM	Quilômetro
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
MCD	Modernidade, Colonialidade e Decolonialidade
MFN	Movimento Feminista Negro
MM	Movimento de Mulheres
MMA	Artes Marciais Mistas
MMU	Movimento de Mulheres Unificado
MN	Movimento Negro
MN	Mulheres Negras
MNU	Movimento Negro Unificado
M ²	Metro Quadrado
NEAB/UFT	Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro da Universidade Federal do Tocantins
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto Interno Bruto

PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPGFOPRED	Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROCAD	Programa de Capacitação Docente
PROFA.	Professora
PROF.	Professor
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RJ	Rio de Janeiro
SCABI	Seminário de Cultura Afro-Brasileira e Indígena
SEDUC/TO	Secretária de Educação do Tocantins
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SRE	Superintendência Regional de Ensino
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TEN	Teatro Experimental Negro
TO	Tocantins
UE	Unidade Escolar
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão
UEMA/SUL	Universidade Estadual do Maranhão do Sul
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSJ	Universidade Federal São João Del Rei
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
UREI	Unidade Regional de Educação de Imperatriz
USP	Universidade de São Paulo
UFPA	Universidade Federal do Pará
UNINORTE	Universidad Del Norte

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 2 - OS CAMINHOS QUE ME CONSTROEM COMO UMA MULHER NEGRA EDUCADORA ANTIRRACISTA.....	30
2.1 A escola como um espaço de convivência.....	37
2.2 Uma educadora feminista a partir da trajetória de outras feministas.....	41
2.3 Mulheres negras que me motivaram a ser uma educadora antirracista.....	44
CAPÍTULO 3 – A PERSPECTIVA DO FEMINISMO NEGRO PARA UM ENCONTRO TEÓRICO COM O COLETIVO DE MULHERES.....	57
3.1 As feministas predecessoras da nossa história.....	62
3.2 Contribuições da luta feminista para a Educação Antirracista.....	67
CAPÍTULO 4 – O ENCONTRO METODOLÓGICO DA PESQUISA COM O COLETIVO DE MULHERES NEGRAS EDUCADORAS.....	73
4.1 Uma Construção com o coletivo de mulheres negras educadoras.....	76
4.2 As vozes das interlocutoras da pesquisa.....	80
4.3 Vivências de mulheres negras educadoras a partir de seus lugares de fala.....	84
4.4 A relevância da Análise de Discurso para a interpretação crítica de dados.....	87
CAPÍTULO 5 - AS VIVÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS TRABALHADORAS NA EDUCAÇÃO.....	93
5.1 Narrativas de Mulheres - Roda de Conversa 1.....	98
5.2 Narrativas de Mulheres - Roda de Conversa 2.....	130
CAPÍTULO 6 – LIVRO DE NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS A PARTIR DA MÚSICA "TRISTE, LOUCA OU MÁ" DA BANDA FRANCISCO EL HOMBRE.....	153
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	157
REFERÊNCIAS.....	162

INTRODUÇÃO

Ubuntu – “Eu sou, porque nós somos”.

Iniciamos este texto trazendo nosso objeto de estudo, o “Feminismo Negro”, por considerar ser fundamental valorizar a coletividade, bem como, o fazer educativo em qualquer função em benefício dessa coletividade como forma de fortalecimento que conduz ao nosso empoderamento. Ao trazer à tona a frase “Ubuntu - termo de origem africana que quer dizer ‘Eu sou, porque nós somos’”, tornamos evidente a relevância de reconhecer a interdependência e solidariedade entre nós mulheres. Ao unirmos nossas vozes e experiências, fortalecemos os laços de sororidade³ e promovemos um ambiente inclusivo, equitativo e enriquecedor para as mulheres trabalhadoras na educação. Nessa perspectiva, destacamos a seriedade da coletividade em reconhecer que nossas conquistas individuais estão intrinsecamente ligadas às lutas coletivas. Neste sentido, honramos as vivências das mulheres negras narradas em vozes singulares no espaço coletivo em Rodas de Conversa, ao mesmo tempo em que reafirmamos a necessidade da colaboração entre as mulheres na busca por uma educação humanizada.

A presente dissertação intitulada “A perspectiva do Feminismo Negro sob a ótica de narrativas autobiográficas de mulheres negras trabalhadoras da educação em Praia Norte – Tocantins” é resultado de um processo formativo junto ao Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas (PPGFOPRED), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus - Imperatriz, estando intimamente relacionada ao nosso processo de construção de identidade negra e de noção de pertencimento étnico-racial construída desde o ingresso no espaço universitário, perpassando pelas práticas docentes e pelo envolvimento direto com os movimentos sociais. Destacamos o Movimento Negro e coletivos feministas, dos quais participamos, num processo contínuo de fortalecimento da noção de constituição da mulher negra educadora antirracista e ativista se construindo diariamente no campo teórico e de vivências peculiares ao povo negro.

³ O termo “sororidade” (derivada do termo latino *soror*, que significa “irmã”) é o coro unificado das vozes das mulheres dentro do movimento, que devem se unir para reivindicar direitos para todas. Conforme hooks (2017, p. 149) afirma, “quando criarmos um espaço feminino que valorize as diferenças e complexidades, a irmandade feminina baseada na solidariedade política se tornará realidade”. Essa citação ressalta a necessidade de criar um ambiente seguro e acolhedor para as mulheres em que a diversidade e a complexidade feminina sejam valorizadas.

A problemática se dá na percepção de uma parte significativa de mulheres negras que não posicionam-se politicamente enquanto educadoras antirracistas e feministas ao atravessar questões interseccionais de classe, gênero e raça, nem tampouco demonstram envolvimento com coletivos que tragam discussões sobre nós em pautas que surgem das demandas de trabalhar conteúdos que se apresentam num currículo que não contempla a realidade, bem como, dos espaços inclusivos ao povo negro e fazeres que problematizem as nossas histórias centradas numa visão transatlântica, divergente da visão eurocêntrica, desconstruindo valores que não merecem lugares em práticas educativas.

Esta realidade nos inspirou a buscar motivação para a realização deste estudo, com foco nas seguintes perguntas norteadoras: Quais os caminhos que nos constroem como mulher negra educadora antirracista? Quais os subsídios teóricos de empoderamento ao Feminismo Negro? Como se dá o encontro metodológico da pesquisa com o coletivo de mulheres negras educadoras? Quais as experiências na perspectiva do Feminismo Negro das mulheres trabalhadoras na educação de Praia Norte - Tocantins? Quais as trajetórias de mulheres negras trabalhadoras da educação em fragmentos de suas autobiografias? De modo que os dados recolhidos configurarão como subsídio ao estudo que ora realizamos.

Neste contexto, trazemos então os objetivos da pesquisa derivados das perguntas supracitadas, são eles: Descrever os caminhos que nos constroem como mulher negra educadora antirracista; Apresentar os subsídios teóricos de empoderamento ao Feminismo Negro; Discorrer como se dá o encontro metodológico da pesquisa com o coletivo de mulheres negras educadoras; Analisar as experiências na perspectiva do Feminismo Negro das mulheres trabalhadoras na educação de Praia Norte – Tocantins; Conhecer as trajetórias de mulheres negras trabalhadoras da educação em fragmentos de suas autobiografias. De forma que ao longo do texto almejamos constatar a realidade de campo com a discussão teórica, e por fim, apresentar o produto como fruto desta pesquisa.

Ao investigarmos as temáticas pesquisadas sobre empoderamento feminino em nosso Estado da Arte⁴ de conhecimento, foi possível então perceber quão restrita é essa abordagem no contexto educacional, uma vez que a maioria dos trabalhos selecionados para análise não

⁴ Definidas como de caráter bibliográfico, parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários (Ferreira, 2002, p. 258).

ocorre em ambientes escolares. No entanto, os poucos que foram encontrados se tornaram referências na implementação de uma Educação das Relações Étnico-Raciais voltada para a construção de identidades e noção de pertencimento do ponto de vista da Educação Antirracista como prática concreta.

As pesquisas selecionadas revelaram preocupações de acadêmicas/os de diferentes áreas de conhecimento no tocante à autonomia das mulheres que enfrentam opressão de gênero, classe e raça. A análise dos trabalhos que abordam esse tema revela que as mulheres negras estão internalizando o conceito de “empoderamento”, e deste modo, compreendendo sua relevância na promoção do movimento feminista e tornando sua manifestação nas atitudes significativa.

Dessa maneira, para além de acolhermos as visões das educadoras em consonância com seus discursos, essa perspectiva na educação traz à tona a questão da autonomia das mulheres negras por tratar de uma postura social e política comprometida com a luta e a justiça social, bem como, o enfrentamento das “múltiplas discriminações” (Freire, 1972, p. 42). São essas discriminações que contextualizamos com a abordagem do Feminismo Negro, correspondem exatamente à interseccionalidade e às opressões que a mulher negra sofre diariamente.

Nesse sentido, a análise dos estudos selecionados revela as abordagens expostas nas categorias que nos propomos incluir nos aspectos e contextos sociais. No entanto, consideramos alguns fatores insuficientes, e, portanto, serão questionados neste estudo. Um dos primeiros pontos a destacar é a escassa presença de trabalhos voltados para o campo da Educação Antirracista, por isso supomos que essas lacunas estão baseadas na crença equivocada de que as pessoas desses espaços educacionais têm consciência, identidades e noções de pertencimento étnico-racial construídas.

Trazendo uma discussão sobre identidade, um contingente bastante significativo de teóricos/as se refere a esse conceito como uma condição que às vezes se configura como inerente às pessoas, especialmente quando se considera os aspectos sócio geográficos e étnicos, mas que no geral é um processo que se constrói. Kathryn Woodward (2000), em seu estudo “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”, fornece uma introdução aos elementos-chave que harmonizam o tema da identidade e da diferença. Discute a estreita relação entre as noções e esses conceitos, assim como explora as relações entre identidade e subjetividade. No entanto, neste trabalho abordamos apenas aspectos do conceito de identidade na perspectiva de construção no universo feminino. De acordo com Woodward (2000, p. 10), “a

construção da identidade é tanto simbólica quanto social”. A citação ressalta que a construção da identidade não se restringe apenas às características biológicas, inclui um processo simbólico e social, significa que a identidade de uma pessoa não é apenas determinada por sua aparência física, mas por símbolos que representam sua cultura, valores e crenças. Além disso, é uma construção social, visto que é influenciada pelas interações entre pessoas em suas comunidades, pela forma como a sociedade percebe certos grupos, e, é um processo dinâmico e complexo que abrange aspectos simbólicos e sociais como duas dimensões distintas, porém ambas são essenciais na construção e na manutenção das identidades.

A formação da pessoa negra, que reconhece seu pertencimento étnico racial e sua negritude, converge na tomada de consciência de fazer parte de um grupo, de ancestralidade e de consciência de valores e crenças que nos fortalecem. Kabengele Munanga⁵ (2009) discute essa construção em seu livro “Negritude - Usos e sentidos” ao afirmar “se o processo de construção da identidade nasce a partir da tomada de consciência das diferenças entre ‘nós’ e ‘outros’, não creio que o grau dessa consciência seja idêntico entre todos os negros, considerando que todos vivem em contextos socioculturais diferenciados” (Munanga, 2009, p. 11). A citação atém-se em dizer que a percepção das diferenças entre “nós” e “outros” pessoas é fundamental para a construção da identidade negra. No entanto, essa consciência não é homogênea entre todas as pessoas negras, pois cada uma delas vive num contexto sociocultural que influencia diferentes percepções sobre sua própria identidade.

Nesse sentido, concordamos com o autor, pois não podemos afirmar a existência de uma comunidade de identidade cultural entre os grupos da população negra que vivem em comunidades religiosas em comparação com a comunidade negra engajada na luta contra o racismo e o preconceito racial, ou as comunidades remanescentes de quilombos, só para mencionar alguns exemplos. Além disso, ressaltamos que não podemos assumir que educadores/as negras têm suas próprias noções de pertencimento étnico-racial e uma consciência de sua negritude. É necessário analisar esses construtos a partir de suas realidades, vivências e experiências pessoais.

⁵ Brasileiro-congolês, é antropólogo, professor e pesquisador. Doutor pela Universidade de São Paulo USP, onde lecionou e dirigiu o Museu de Arqueologia e Etnologia. Atualmente é professor visitante da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Seus livros mais recentes são O negro no Brasil de hoje (com Nilma Lino Gomes) e Origem africanas do Brasil contemporâneo (Ribeiro, 2009, p. 131).

Trazemos pressupostos de identidade a partir de Nilma Lino Gomes⁶, intelectual feminista negra que dialoga sobre conceitos na discussão das relações étnico-raciais, a discussão sobre o conceito de identidade a partir do contexto histórico e do simbólico é presente. Gomes (1995) afirma que, para entender a construção da identidade e da cultura negra no Brasil, devemos considerar a história e analisar a relação entre classe social e identidade negra. Isso se deve ao fato de percebermos que a marginalização da etnia africana construída historicamente se desenvolveu em um racismo velado⁷.

No livro "Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo de identidade negra", Gomes (2010) explora o significado histórico e preconceituoso desses símbolos quando pessoas de ascendência africana se afirmam politicamente, valorizando suas características. Essa busca por afirmação é um conflito, pois ao mesmo tempo em que se tenta se afirmar, há um enfrentamento constante do racismo, uma vez que essa autoafirmação e autoaceitação questionam a ideologia de superioridade e inferioridade perpetuada pela estrutura social racista.

Essa constatação motivou-nos a abordar mais um aspecto em nossa pesquisa bibliográfica no Estado da Arte, pelo fato de que este ponto traz à luz notável escassez de dissertações e teses que discutam sobre o assunto. Portanto, entendemos que é necessário não apenas apresentar temas e categorias de debate epistemológico que possam mobilizar e empoderar mulheres negras no espaço educacional, defendendo a superação de conflitos e barreiras, mas também reconhecemos que há muito mais a ser discutido e criado. Desta forma, para ressaltar a relevância dos trabalhos encontrados, apresentamos aqui duas dissertações que corroboram esse nosso entendimento. Destacamos a necessidade de desenvolver mais trabalhos dissertativos com essa temática tendo como compromisso uma postura feminista que promova uma Educação Antirracista com justiça social, e que seja pautada pela interseção de raça, gênero e classe. No entanto, neste contexto, mencionamos dois trabalhos desenvolvidos por mulheres diretamente relacionados ao nosso

⁶Nilma Lino Gomes é pedagoga, professora, pesquisadora e escritora. Doutora em Antropologia, tornou-se a primeira mulher negra do Brasil a comandar uma universidade pública federal, ao ser nomeada reitora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Foi secretária e ministra das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos no governo de Dilma Rousseff. Tem tomado posição, frequentemente, na luta contra o racismo no Brasil (Ribeiro, 2009).

⁷ De acordo com Gomes (1995, p. 54), "o racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes do ódio, com respeito a pessoas que possuem um pertencimento racial observável através de sinais diacríticos tais como: cor da pele, tipo de cabelo etc., e, por outro lado, é uma ideologia, uma doutrina referente às raças superiores e inferiores. Ele resulta da vontade de se impor uma verdade particular como absoluta, por exemplo: as doutrinas raciais surgidas no final do século XIX, aqui no Brasil, serviam para justificar a escravidão, a exclusão negra".

objeto de estudo – O Feminismo Negro - e por se tratar de pesquisas com abordagem autobiográfica.

A primeira dissertação com o título “O olhar de professoras militantes negras sobre a Educação Antirracista e a implementação da Lei 10.639/2003”, (2017) de Zamara Graziela Pinheiro de Oliveira, tem como objetivo analisar as contribuições de três professoras negras, militantes do Movimento Negro no Estado do Rio de Janeiro na implementação da Lei, considerando que suas práticas docentes foram construídas a partir da resignificação das identidades pessoais e de seus ingressos em movimentos sociais como o Movimento Negro. A autora inicia a introdução que a identifica, além de ressaltar sua construção de pertencimento étnico-racial, estabelecendo uma relação com sua atuação dentro da Educação Antirracista.

Ademais, traz o histórico da trajetória social do negro no Brasil, relacionando com o surgimento do Movimento Negro brasileiro, dando ênfase à precursora feminista negra Lélia Gonzalez⁸, figura histórica que em muito contribuiu para a compreensão da luta das mulheres negras em busca de empoderamento feminino. É nesse contexto que a autora dar destaque a necessidade do surgimento da Lei 10.639 (Brasil, 2003) como instrumento de discussão e debate da História da África e Cultura Afro-Brasileira, uma conquista do Movimento Negro⁹. Em seguida, a autora faz reflexões pertinentes sobre o panorama atual da educação e a situação do negro no Brasil, evidenciando que a Lei 10.639 (Brasil, 2003) pode se constituir em uma ameaça e um entrave para que sua própria implementação ocorra. No tópico “Reflexões sobre Escola e a questão racial”, Oliveira (2017) reitera a demanda da escola na formação desde a infância. “A identidade na escola não é autêntica, pelo fato desse ambiente não ser capaz de exercer a sua função de propagador de saberes e de valores para a formação plena do sujeito” Oliveira (2017, p. 47). Fazendo um recorte interseccional percebemos essa incapacidade da escola quando se refere à população negra.

Quando a pesquisadora se aprofunda nas falas das interlocutoras do estudo, nota-se que implementam a Lei 10.639 (Brasil, 2003) por entenderem que as relações diretas com o

⁸ Lélia Gonzalez (1935-94) foi escritora, ativista e pesquisadora. Doutora em Antropologia, lecionou na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUC-RJ e em outras instituições. Participou da fundação do Movimento Negro Unificado (MNU), do Coletivo de Mulheres Negras Nzinga e do Olodum. É autora de “Lugar de negro”, entre outros trabalhos sobre gênero, política e raça (Ribeiro, 2019, p. 131-132).

⁹ O sistema educacional é visto pela população negra como uma via de saída da situação de subserviência. A partir da percepção desta realidade, os movimentos negros buscaram a sua inclusão e representação no sistema educacional, sendo a educação um passo importante para a inserção da população negra em diversos setores (Oliveira, 2017, p. 42).

Movimento Negro contribuíram de modo significativo para tomada de consciência que essa implementação ocorresse de maneira adequada, mesmo que o processo de “embranquecimento” tenha perpassado suas histórias no decorrer do construto identitário. Tal fator estabelece uma relação intrínseca com o objeto deste estudo, pontuando que as atuações de educadoras que desenvolvam uma prática docente antirracista somente sejam possíveis se estiverem imbricadas nos espaços coletivos que promovam essas discussões. Entendemos que tais ambientes fortaleçam a construção de identidades, o entendimento e a análise das amarras que permeiam e se cristalizam nas relações com a população negra.

Além dos pontos mencionados nesse trabalho, constatamos uma estreita relação com nosso estudo, por apresentar as possibilidades de ampliação das discussões acerca do debate das relações étnico-raciais, identidade, noção de pertencimento e negritude, narrativas autobiográficas e empoderamento feminino.

A segunda dissertação de título “Políticas Públicas em Educação para Mulheres Negras: Da prática do falo à construção das falas”, conta acerca da experiência da Mestra Lia Maria dos Santos de Deus (2011), que inicia seu trabalho na primeira pessoa a fim de identificar a escrita de si como um processo de construção além de identidade étnica, igualmente como uma das propostas do Feminismo Negro, de empoderar mulheres negras, fazer com que falem de si mesmas, de experiências e vivências dentro do contexto de interseccionalidades.

Djamila Ribeiro¹⁰, na obra “Lugar de fala” (2017) afirma que é fundamental permitir que essas mulheres se expressem e compartilhem suas histórias, em que a escrita de si pode ser vista como uma ferramenta de resistência e fortalecimento da luta contra o racismo e o sexismo. Muito se discute sobre o que venha a ser e quem tem o lugar de fala como conquista intelectual das mulheres negras que debatem sobre categorias de raça, classe, gênero contribuindo para o debate sobre o tema. A autora fundamenta sua contribuição teórica para defender a necessidade de relativizar a localização dos corpos negros a partir da interseccionalidade e os lugares de fala. Se baseia nas ideias de intelectuais negras como Grada Kilomba (2019), Patrícia Hill Collins (2019), Linda Martín Alcoff (2006) e Gayatri Spivak (1942) para desenvolver leituras sobre a teoria do lugar de fala, porém, não trabalhamos com as duas últimas em nosso texto. Em suma,

¹⁰ Djamila Ribeiro é ativista do Feminismo Negro. É considerada uma das vozes mais ativas da atualidade no combate ao racismo, racismo institucional, políticas emancipatórias, gênero, relações raciais, dentre outros relacionados à população negra.

do ponto de vista de Ribeiro (2017), esta abordagem afirma que todas nós temos um lugar de fala porque estamos socialmente presentes na sociedade.

A autora deste trabalho (Deus, 2011) destaca que seu lugar de fala não é o de ativista empobrecida, tampouco de moradora de comunidade ou de poucos acessos sociais, mas o de outras mulheres periféricas, arremetidas por entrelaçamentos interseccionais, principalmente no espaço acadêmico do qual tenta fazer parte. Este lugar é valorizado exatamente pela consciência de que foi e continua sendo um espaço de privilégios, no qual homens negros e mulheres negras encontram muitos entraves para conseguirem o direito de entrar e permanecer para concluir seus estudos com sucesso.

Dessa forma, esse trabalho logra a apresentação de uma proposta reflexiva na qual a construção da narrativa se sustenta em políticas públicas educacionais com recorte de gênero e de raça do qual resulta, indubitavelmente, o processo de interseccionalidade “humanizadora” (Deus, 2011). O estudo apresenta uma proposta reflexiva sobre a construção da narrativa a partir de políticas públicas educacionais com recorte de gênero e raça, em que o processo de interseccionalidade que humaniza traz questões fundamentais para a equidade e inclusão social.

Por fim, nos atrevemos em afirmar que Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez, além de serem consideradas as percussoras do Movimento Negro Unificado (MNU) e do Movimento Feminista Negro (MFN), são as primeiras intelectuais feministas negras de pensamento decolonial¹¹, mesmo antes do termo ser nominado. Destarte, essa mesma perspectiva segue os demais trabalhos selecionados no Estado da Arte, porém, não foram analisados aqui, no entanto, privilegiam a mulher como tema a ser estudado e está entranhado das intersecções pelas quais são atravessadas.

Com o intuito de embasarmos nossa narrativa em obras literárias epistemológicas já existentes que abordam os temas em questão, utilizamos como base teórica principalmente autoras negras brasileiras, assim como alguns autores negros e não negros, cujos nomes contribuem para nossa fundamentação teórica na qual destacamos Sueli Carneiro¹², nos trabalhos “Mulher Negra” (1985), “História do negro no Brasil” (2004), “Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma Perspectiva de

¹¹ O conceito de decolonialidade surge como uma proposta para enfrentar a colonialidade e o pensamento moderno, principalmente através dos estudos do grupo Modernidade, Colonialidade e Decolonialidade (MCD) compostos por estudiosos como Enrique Dussel (2000), Anibal Quijano (2005), Catherine Walsh e Edgard Lander (2005).

¹² Sueli Carneiro é filósofa, pedagoga, professora, escritora e ativista. É doutora em Filosofia pela USP e fundadora do Geledés - Instituto da Mulher Negra (Ribeiro, 2019, p. 135).

Gênero” (2011) e “Escritos de uma vida” (2015), por discutir a mulher negra, sobretudo acerca dos conceitos de trabalho, gênero, classe e raça.

A autora supracitada discute estes temas destacando a representatividade das mulheres negras, bem como suas contribuições para a sociedade. Lélia Gonzalez com os estudos “Retratos do Brasil Negro” (2010) e “Por um Feminismo afro-latino-americano” (2020), nos quais exploramos o Movimento Negro e o Feminismo Negro sob uma perspectiva interseccional. Igualmente, Beatriz Nascimento¹³ na obra organizada por Alex Ratts “Uma história do negro feita por mãos negras; relações raciais, quilombos e movimento” (2021) pondera que o traço mais marcante da escrita dessa mulher negra feminista era a escrita de si com reivindicação de que a população negra tivesse consciência de si, nos seus dizeres “consciência de nós” (Nascimento, 2021, p. 50). Era conhecida por sua forte postura em defesa da educação e valorização da cultura negra, e declarava que havia muitas coisas a serem construídas nesse sentido. De forma que em seus escritos, menciona a história e a arte dos povos africanos, a necessidade de reconhecer a participação desses povos na construção da sociedade brasileira. Defendia uma educação inclusiva e crítica, capaz de questionar as estruturas de opressão e garantir o acesso à cultura e ao conhecimento das raízes da população negra.

Joice Berth¹⁴, em “Empoderamento” (2010) e “O que é Empoderamento?” (2018), traz o conceito de empoderamento com foco na perspectiva feminista interseccional. Apresenta uma perspectiva feminista da autonomia, enfatizando a necessidade de levar em consideração as múltiplas dimensões de subordinação e exclusão que afetam a vida das mulheres. Nessa perspectiva, o empoderamento significa fornecer as pessoas mais poder e controle sobre suas vidas, de igual modo, desafiar as estruturas sociais e culturais que perpetuam as formas de opressão e desigualdades. Em vez da abordagem individualista, o empoderamento interseccional enfatiza a organização coletiva e a solidariedade em trabalhar por equidade.

Com Kabengele Munanga, no livro “Negritude: usos e sentidos” (2009), dialogamos sobre o conceito negritude e da trajetória identitária negra. A negritude, conforme abordada por esse autor, é um conceito que engloba a valorização e afirmação da identidade e cultura negra,

¹³ Historiadora, professora, poeta e ativista, deixou um legado intelectual múltiplo e profundo. Pensadora insurgente, à frente de seu tempo, dedicou-se a resgatar a história do negro no Brasil – algo ainda a ser construído, defendia ela (Ratts, 2021).

¹⁴ Joice Berth é escritora e urbanista, pesquisadora e ativista. Seu trabalho aborda o direito à cidade no contexto das questões de raça e gênero. Militante feminista, publicou O que é empoderamento? Na coleção Feminismos Plurais. Foi colunista do site Justificando e atualmente escreve para a revista Carta Capital (Ribeiro, 2019, p. 130-131).

reconhece a necessidade de combater o racismo estrutural presente na sociedade, bem como, promover a equidade de oportunidades para a população negra. Através da revalorização dos aspectos históricos, culturais e estéticos africanos, em que a negritude resgata a autoestima das pessoas negras e permitir que sejam protagonistas de suas próprias histórias de forma equânime.

Em Grada Kilomba¹⁵, no livro “Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano” (2019), versamos sobre as relações entre gênero, raça e classe, assim como também os posicionamentos e afirmações de pessoas negras no mundo acadêmico e nas escritas de si. A autora aborda a questão do racismo de forma direta, trazendo à tona episódios cotidianos que expõem a violência estrutural que a população negra sofre na sociedade. Para a autora o racismo é uma doença que não afeta apenas as pessoas negras, mas toda a sociedade, pois a discriminação racial cria desigualdades e injustiças que geram sofrimento e violência.

Djamila Ribeiro¹⁶, em suas obras “Lugar de Fala” (2017) e “Quem tem medo do Feminismo?” (2018), nos possibilitou discutir acerca dos conceitos de escrita de si e lugar de fala de mulheres negras. A autora é conhecida por suas contribuições na luta contra o racismo e o sexismo na sociedade brasileira. Suas obras são consideradas fundamentais no movimento feminista negro, com elementos de extrema necessidade ao compreender a realidade vivida por essa parcela da população. Em suma, Ribeiro é uma voz essencial para o enriquecimento dos debates sobre identidade no Brasil, sendo uma referência para mulheres negras que lutam por sua representatividade, visibilidade e reconhecimento.

Nilma Lino Gomes¹⁷, no texto “Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão” (2005) apresenta definições necessárias para entendermos o contexto em que essas questões estão inseridas. E, no seu livro “Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra” (2019), avança a reflexão, trazendo à tona dimensões físicas desses processos e problematizando os estereótipos impostos pela sociedade em relação aos corpos negros. Dialoga sobre as relações étnico-raciais, Educação

¹⁵ Grada Kilomba, portuguesa, é psicóloga, escritora e artista. Doutora pela Universidade Livre de Berlim, já realizou exposições em vários países. Suas obras tematizam gênero, racismo e pós - colonialismo (Ribeiro, 2019, p. 130).

¹⁶ Djamila Ribeiro é ativista do Feminismo Negro. É considerada uma das vozes mais ativas da atualidade no combate ao racismo, racismo institucional, políticas emancipatórias, gênero, relações raciais, dentre outros relacionados à população negra.

¹⁷ Nilma Lino Gomes é pedagoga, professora, pesquisadora e escritora. Doutora em antropologia, foi a primeira reitora brasileira, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Foi secretária e ministra das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos no governo Dilma Rousseff. É autora de, entre outros livros, “Sem perder a raiz – corpo e cabelo como símbolo de identidade”.

Antirracista, pertencimento étnico-racial, identidade e negritude por ser uma referência no debate sobre as relações étnico-raciais no Brasil.

Com Eunice Léa de Moraes¹⁸, na obra “Educação libertadora e Feminismo Negro: uma teia conceitual de resistência à interseccionalidade das opressões de gênero, de raça e de classe”, (2021) nos propiciou compreendermos como o conhecimento entrelaçado ao Feminismo Negro possibilita empoderamento feminino especificamente. De maneira que a autora propõe uma pedagogia libertadora que reconhece a diversidade cultural e as lutas históricas das mulheres negras, visando a construção de uma sociedade justa e equânime, inspira a refletir como a teoria feminista negra pode ser um instrumento de resistência contra o patriarcado, o racismo e a desigualdade social.

Neste contexto, com Conceição Evaristo¹⁹, a partir das suas obras “Becos da Memória” (2017), “Insubmissas lágrimas de Mulheres” (2020), e “Poemas da recordação e outros movimentos” (2008) discutimos os conceitos de resistências, identidades e ressignificações do nome Conceição, e, para refletir sobre os processos de construção de identidade a partir das suas escritas. Ao analisar as obras literárias dessa autora, percebemos sua própria experiência de vida para criar personagens e histórias que abordam temáticas como resistência, identidade e ressignificação do nome. Ao revisitar as suas memórias, traz à tona uma realidade que muitas vezes é invisibilizada e negligenciada, principalmente quando se trata das vivências das mulheres negras. As obras da autora apresentam personagens que lutam contra as opressões sociais e se afirmam como pessoas dignas de respeito e valorização, e permitem refletir sobre os processos de construção de identidade que acontecem a partir das escritas de si, mostrando como as histórias pessoais podem inspirar ações transformadoras. E, por fim, refletir sobre suas obras é um convite para adentrar um universo particular e coletivo de ressignificação identitária.

¹⁸ Eunice Léa de Moraes é professora Adjunta da Faculdade de Educação (FAED), do Instituto de Ciências da Educação (ICED), da Universidade Federal do Pará (UFPA). Associada a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). Membro do GT 21: Educação e Relações Étnico-Raciais da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (ANPED). Líder do Grupo de Pesquisa: Estudos e pesquisas em Educação e Epistemologia do Feminismo Negro. Coordenadora Geral do Projeto de Pesquisa: As contribuições das educadoras negras para o ensino, para a pesquisa e para a extensão da Universidade Federal do Pará (Moraes, 2021).

¹⁹ Conceição Evaristo é escritora, professora e ativista. Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF), estreou na literatura publicando contos na coleção Cadernos Negros. Escreveu os romances Ponciá Vicêncio (traduzido em inglês e francês) e Becos da memória, além de poemas e narrativas curtas (Ribeiro, 2019, p. 129).

Com Edna Sousa Cruz²⁰ a partir do estudo “Eu era a única professora negra na escola de inglês” (2015), discutimos elementos constituintes e concludentes da Pesquisa Autobiográfica²¹ em Educação, em uma proximidade muito estreita com nosso estudo dissertativo, uma vez que a autora trabalha com narrativas de mulheres negras professoras de inglês. A obra traz uma contribuição significativa e possibilidades de reflexão acerca da experiência individual e coletiva. A autora se dedica a investigar as narrativas de mulheres negras que se tornaram professoras de inglês e lutaram contra o sistema educacional hegemônico que, muitas vezes, as exclui. As histórias dessas mulheres trazem à tona temas como racismo, sexismo, xenofobia e discriminação linguística, mostrando a complexidade do processo de formação da pessoa e sua relação com o mundo ao redor. Dessa forma, a obra de (Cruz, 2015) instiga o/a leitor/a refletir sobre as possibilidades de se produzir conhecimento a partir da experiência vivida, e como a Pesquisa Autobiográfica em Educação pode evidenciar as nuances das relações sociais e políticas que configuram a realidade educacional e cultural. Contudo, este estudo faz uma relação estreita com nosso objeto de estudo “Feminismo Negro” em que possibilita um entendimento melhor quando se trata de pesquisar esse universo, além das contribuições para com as análises das narrativas das educadoras.

Por fim, nossa fundamentação teórica baseada em mulheres negras intelectuais se torna fundamental para a elaboração deste e de outros trabalhos que buscam promover a equidade e a justiça social. Essa abordagem traz consigo obras que contribuem para desconstrução de estereótipos e preconceitos, trazendo reflexões relevantes sobre a história e a realidade das relações raciais no país. De forma mais abrangente, a presença dessas referências em nossas pesquisas pode trazer benefícios pessoais como pesquisadores/as, expandindo nosso repertório cultural e senso crítico. No âmbito acadêmico, a incorporação dessas fontes pode abrir novos horizontes para explorar, problematizar e agregar novas perspectivas aos temas já estudados. Socialmente, incluir essas vozes em nossas pesquisas desempenha um lugar necessário ao

²⁰ Edna Sousa Cruz, licenciada em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), mestra e doutora em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Professora da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), desenvolve pesquisas na área de Linguística Aplicada com especial interesse em formação de professores e relações raciais. Integrante dos grupos de pesquisa “Narrativas, experiências de vida e formação da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e do Grupo de Estudos Linguísticos do Maranhão (GELMA). Informações fornecidas por Cruz (2015).

²¹ Passeggi (2008, p. 49), afirma “a pesquisa autobiográfica é um campo teórico do conhecimento. Nos últimos trinta anos, esse tipo de pesquisa firmou-se como área de conhecimento das mais promissoras nas Ciências Humanas e Sociais, reconhecida internacionalmente”. E, é exatamente por isso que adotamos essa perspectiva de pesquisa nos estudos realizados.

amplificar vozes marginalizadas e propiciar uma visão ampla sobre os conflitos e desigualdades ainda presentes na sociedade. Por fim, destacamos que a adoção de uma perspectiva antirracista é uma parte essencial do nosso compromisso social e político na constituição de relações étnico-raciais positivadas.

Ao trazer alguns aspectos da Metodologia, entendemos que existe um crescimento progressivo nos estudos acerca desse tema sob uma abordagem qualitativa, e da mesma forma, fizemos a opção por esta abordagem, com destaque para as narrativas autobiográficas recolhidas em Rodas de Conversa²² com iniciais maiúsculas para destacar nossa escolha. Isso nos incentiva a aprofundar a investigação de outras formas de linguagem além da escrita, ampliando nossos pontos de vista, percepções e ações como pesquisadora nesse campo, bem como, socializar as escritas no formato de um texto dissertativo que siga essa linha de pensamento, e pontuar a Pesquisa Autobiográfica em Educação com foco nas escritas de si como forma de reflexividade de nosso processo formativo e de autoformação igualmente.

Para tanto, participaram do universo da nossa pesquisa vinte e seis mulheres negras trabalhadoras da educação de duas escolas públicas em Praia Norte – Tocantins, que exercem as mais variadas funções, mas todas educadoras, que compõem a comunidade escolar, professoras, gestoras, secretárias, coordenadoras pedagógicas, coordenadoras financeiras, coordenadoras de apoio a merenda, assistentes de serviços gerais, zeladoras e merendeiras, que trouxeram suas narrativas a partir de duas Rodas de Conversa um roteiro de entrevista por meio do *Google Forms*, e duas Rodas de Validação²³ pela Plataforma do *Google Meet*²⁴.

As Rodas de Validação em pesquisa são uma técnica que envolve um processo sistemático de avaliação e verificação de uma pesquisa por meio de um grupo de especialistas ou pares. Essa abordagem busca garantir a qualidade, confiabilidade e validade dos resultados obtidos. As RV geralmente envolvem a revisão e análise de diferentes aspectos da pesquisa, como a metodologia, os instrumentos de coleta de dados, a análise de dados e as conclusões.

²² Segundo Paulo Freire (1987, p. 89), a Roda de Conversa “é uma estratégia pedagógica que promove a participação ativa das pessoas participantes, estimula o diálogo e favorece a construção coletiva do conhecimento”.

²³ Maria dos Reis Dias Rodrigues criou esse conceito ao desenvolver em seu trabalho de pesquisa com crianças do Ensino Fundamental, para “nesse sentido validar, significa obter o consentimento consciente dos participantes” (Rodrigues, 2023, p. 113).

²⁴ O *Google Meet* e o *Duo* combinados garantem vídeo conferências *on-line* seguras. Os recursos do *Google Meet* estão vindo para o *app Duo*. Os usuários vão poder agendar videoconferências com facilidade, além de fazer vídeo chamadas para se conectar de maneira instantânea com uma pessoa ou grupo.

O objetivo dessa técnica é identificar e corrigir possíveis erros, vieses ou interpretações equivocadas na pesquisa, além de garantir que as conclusões estejam fundamentadas em evidências sólidas. Essa abordagem também permite que os pesquisadores recebam sugestões e críticas construtivas das(os) interlocutoras(os), o que ajuda a melhorar a qualidade e contribuir para um entendimento mais completo do tema estudado. Podem ser feitas por meio de reuniões presenciais ou remotas, em que as pessoas que estão pesquisando revisam o trabalho, fazem questionamentos, fornecem feedback e sugerem melhorias. É relevante ressaltar que as Rodas de Validação não substituem o processo de revisão por pares, mas são uma ferramenta adicional para aumentar a qualidade e a confiabilidade das pesquisas.

Diante do embasamento teórico, consideramos a relevância do estudo pessoal e social, por nos possibilitar um espaço de discussão e diálogo coletivo com outras mulheres negras educadoras que pensam e praticam uma educação antirracista transgressora pautada na construção identitária libertadora e em um ativismo que agrega conhecimento, força irmanada e representatividade. Igualmente propiciou subsídio no processo de construção de identidade étnica e empoderamento feminino que fomenta a cidadania, promovendo uma humanização e receptividade entre as mulheres interlocutoras da pesquisa para consigo e demais pessoas com as quais convivem na escola e demais espaços de relações educativas. E, ainda as possibilidades de ampliarmos nossos olhares, como educadora ativista do Movimento Negro, de coletivo feminista, e das demais educadoras que participaram deste estudo para ressignificarmos as percepções de nós mesmas e de nossas práticas docentes, assim como, as aprendizagens de discentes, ajudando no processo de construção de sua identidade étnica.

Nesse contexto, partindo desses apontamentos, a presente dissertação do ponto de vista metodológico está estruturada em seis capítulos.

Na introdução, abordamos “A perspectiva do Feminismo Negro sob a ótica de narrativas autobiográficas de mulheres negras trabalhadoras da educação em Praia Norte – Tocantins”, com foco nas noções de construto identitário utilizando a perspectiva do Feminismo Negro, analisamos as narrativas dessas mulheres à luz dos pressupostos teóricos de mulheres negras intelectuais que versam sobre questões envolvendo a população negra, especialmente as mulheres negras, e como resultado das análises desses relatos, produzimos um livro para dar visibilidade às vivências dessas mulheres no contexto educacional.

O segundo capítulo, sob o título de “Os caminhos que nos constroem como mulheres negras educadoras antirracistas” trazemos a história de vida da pesquisadora desse trabalho que

está estruturado no seu construto de mulher negra educadora antirracista, ativista do Movimento Negro e do Feminismo Negro que se constrói junto a todas as pessoas envolvidas nesse processo construtivo e coletivo, e nessa parte, trazemos histórias a partir da influência de mulheres negras, as Conceições, desde o nome, perpassando pela infância, adolescência, jovem e adulta em suas singularidades que nos torna quem somos. Destarte, compartilhar nossa trajetória de vida permitirá que nos conheçam melhor, compreendam como foi importante nossa formação enquanto educadora e entendam como a experiência pessoal influenciou o trabalho que desenvolvemos. De modo que conhecendo nossa história se sentirão mais próximos/as e poderão identificar-se com aspectos da nossa jornada, tornando significativa a leitura dos demais capítulos desta dissertação.

O terceiro capítulo, intitulado “Os subsídios teóricos de empoderamento ao Feminismo Negro” é composto por reflexões necessárias para a compreensão da realidade social brasileira em relação à população negra, fazendo recorte interseccional de gênero, raça e classe, para a compreensão da Educação Antirracista como uma necessidade de autonomia de mulheres negras educadoras. Nosso foco está na perspectiva do Feminismo Negro em concordância com as feministas negras que se apresentam ao longo dos tempos com suas reflexões pertinentes ao nosso olhar.

No quarto capítulo “Como se dá o encontro metodológico da pesquisa com o coletivo de mulheres negras educadoras” a estrutura desenvolvida para o estudo engloba a descrição das técnicas e métodos aplicados na pesquisa qualitativa utilizada como abordagem principal. Para recolhida de dados foram realizadas etapas metodológicas em duas Rodas de Conversa presenciais, duas rodas virtuais para validação dos dados organizados, que foram conduzidas por meio da escuta ativa e escritas de si. Além disso, um roteiro de entrevista fora elaborado utilizando ferramentas virtuais como o *Google Forms* para a obtenção dos dados pessoais, e o *Google Meet* para as Rodas de Validação. Essas estratégias permitiram a obtenção de informações relevantes que foram aprofundadas na realização do estudo por meio de uma análise descritiva fundamentada em escritos de feministas negras.

No quinto capítulo abordamos “As experiências na perspectiva do Feminismo Negro das mulheres negras trabalhadoras da educação de Praia Norte – Tocantins” em narrativas problematizadas nas Rodas de Conversa e um roteiro de entrevista. Nesse contexto, fora desenvolvido o processo de escuta ativa em que a maioria das mulheres fazem relatos de vivências e experiências motivadas por uma ação metodológica através da música intitulada

“Triste, Louca ou Má”, da Banda Francisco *El Hombre* (2016) em que a maioria faz relação direta de suas vidas pessoais e profissionais com a música. O que nos possibilitou ter um prenúncio das etapas de análises descritiva desenvolvida com base em mulheres feministas negras e as interlocutoras da pesquisa.

O sexto capítulo “Reflexões sobre as Vivências de Mulheres Trabalhadoras na Educação, a partir da música 'Triste, Louca ou Má' da Banda Francisco El Hombre”, desempenha uma função primordial ao apresentar o detalhamento da elaboração do livro que contém as narrativas das interlocutoras que participam desta pesquisa. Além de trazer as informações adicionais sobre essas interlocutoras e as inferências feitas pela percepção do que foi expresso nas narrativas, tendo em vista a relação que as mulheres destacam da música, que funcionou como dispositivo de problematização da temática em estudo, em consonância com suas inserções como mulheres negras educadoras na realidade em que vivem e trabalham. Como participante ativa do contexto estudado trazemos experiências na análise das narrativas, enriquecendo a compreensão das histórias relatadas pelas interlocutoras. Esse olhar contribui para a contextualização, identificação e interpretação das narrativas na perspectiva do Feminismo Negro que nos atravessa na nossa realidade específica.

Contudo, especificamos aqui a abordagem das etapas a serem desenvolvidas com o produto do Mestrado de forma pedagógica, com a esperança de que esse material pedagógico tenha impacto significativo na formação de profissionais da educação e desperte um olhar mais atento para as questões de gênero, raça, classe social e empoderamento feminino a partir da: - Utilização das histórias e experiências compartilhadas como apoio teórico para formações pedagógicas; - Fortalecimento da representatividade e visibilidade das mulheres negras no contexto educacional e nos debates sobre Feminismo; - Contribuição para a desconstrução de estereótipos e preconceitos; - Reflexão crítica sobre a interseccionalidade de gênero, raça e classe social; - Proposta de debates e rodas de conversa com as autoras para enriquecer as possibilidades pedagógicas do livro; - Utilização de técnicas de narrativa e dramatização das histórias para despertar interesse e empatia; - Criação de oficinas de escrita autobiográfica para compartilhar vivências e motivar outras mulheres; - Realização das oficinas em diferentes locais para ampliar o alcance do projeto; - Criação de coletivos com perspectiva feminista para fortalecer o movimento; - Criação de materiais educativos complementares, como guias de discussão e atividades didáticas; - Incentivo ao debate e reflexão crítica sobre o Feminismo Negro e suas implicações na educação.

E, não findando, trazemos as Considerações em que foram versadas as conquistas ao longo da construção da dissertação e estudos necessários para sanar falhas e imprecisões acerca do conhecimento do objeto. Ponderamos, com o presente estudo, estarmos contribuindo com as discussões acerca das relações étnico-raciais, sobretudo relacionados com as experiências de mulheres negras no âmbito educacional e as relações com construções identitárias de pertencimento étnico raciais e processos de empoderamento.

Ao final deste capítulo de Introdução, esperamos ter despertado seu interesse para os temas que serão aqui abordados. Porém, esta jornada está apenas começando! No próximo capítulo, vamos mergulhar na nossa história de vida como uma ferramenta que trazemos no processo formativo pessoal, até compreendermos como estamos atravessadas no coletivo pelo objeto de estudo que nos propomos aprofundar nesta pesquisa. Portanto, convido você a continuar conosco nessa leitura, pois o próximo capítulo será fundamental para esta compreensão de pertença étnica e feminista antirracista da pesquisadora.

Para tanto, pedimos licença para apresentar o próximo capítulo desta dissertação na primeira pessoa do singular. Escolhemos adotar a perspectiva da escrita de si, inspirada pela abordagem do Feminismo Negro como fio condutor deste texto, e, fica registrado que somente neste capítulo será utilizada essa forma narrativa.

CAPÍTULO 2 - OS CAMINHOS QUE ME CONSTROEM COMO UMA MULHER NEGRA EDUCADORA ANTIRRACISTA

A voz de minha bisavó ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos de uma infância perdida.

Conceição Evaristo (2008)

Início meu capítulo de história de vida com o poema “Vozes-Mulheres” de Conceição Evaristo (2008), por considerar que os encontros e desencontros a fim de encontrar forças das minhas ancestrais se assemelham aos da autora, assim como de muitas mulheres negras, de muitas Conceições. Meu propósito com este texto é refletir sobre os caminhos trilhados para tornar-me a mulher negra educadora antirracista e ativista. Acima de tudo, procuro constantemente aceitar meu nome, Conceição, que no meu caso é sobrenome. Nesse sentido, várias mulheres negras, educadoras, escritoras e intelectuais, me ajudaram nesse processo.

No livro de Conceição Evaristo “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” (2020), são apresentadas histórias de inúmeras mulheres que re(fazem) suas trajetórias repletas de sofrimentos, dor, solidão, violências domésticas, e outros traumas provocados pelo machismo, sexismo e misoginia. No entanto, essas histórias são cheias de ressignificações e superações, conferindo a essas mulheres um nível de resiliência ao retomarem as vivências e histórias para recomeçarem, mesmo passando por tantas agruras na vida. Isso nos confirma o quanto nós, mulheres negras, sejam as Conceições, as Marias, outras nomeadas com nomes de santas, tornam-se insubmissas com relação as amarras impostas aos seus corpos e deste modo são consideradas exemplos de resistência.

A obra “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” é de extrema relevância para compreender a precariedade do cotidiano das mulheres negras – desde o preconceito que sofrem nas ruas e no trabalho até a violência doméstica partindo de seus companheiros (pais, e outros do seu convívio ou não). Nessa perspectiva, esse trabalho da Conceição Evaristo é pertinente ao meu encontro pelo fato de dar visibilidade através da sua “*escrevivência*” às mulheres negras, que além de enfrentarem tantas questões interseccionais, ainda se encontram invisibilizadas.

O fato é que nasci, cresci e me tornei uma Conceição com raízes em outras Conceições, e é essa força ancestral que me impulsiona com coragem, determinação e desejo por várias

liberdades, em sintonia com a minha ancestralidade negra. De acordo com os mais velhos da família, minha bisavó paterna, Maria Filomena da Conceição, da qual meu pai herdou o sobrenome Conceição, foi “pega no laço”²⁵, “capturada” para se casar com meu bisavô, um homem branco, de olhos azuis e proprietário de um engenho, com provável origem portuguesa, dado os sobrenomes Oliveira e Feitosa, os quais meu pai herdou. Faço tal referência ao meu bisavô não com o intuito de enaltecer ou me orgulhar desse legado colonial, mas para destacar o doloroso e cruel processo de nascimento de minhas ancestrais, incluindo o meu próprio, por ser uma Conceição, e enfatizar o quão danoso o processo colonial foi na formação da sociedade e de nossas identidades.

Trata-se aqui de um nascimento afetado no que se costuma designar de estupro cultural, conforme aponta Marisangela Lins de Almeida no seu estudo “Escritas de sangue: existir e transgredir nas encruzilhadas das violências” (2021), ocorrido com inúmeras mulheres negras e indígenas. Apesar de ter enfrentado discriminação na infância, seja na rua ou na escola, devido aos meus nomes próprios, recuperei minha ancestralidade e resistência através do meu sobrenome Conceição, da minha bisavó e demais ancestrais africanas e brasileiras para construir a identidade de mulher negra, afirmando assim o devido pertencimento étnico-racial. Sou, com orgulho e etnicidade²⁶, uma Conceição.

Ao nascer, foi-me concedido um nome que carrega consigo a concepção de uma mulher sonhadora, gentilmente concedido por minha bisavó materna, Raimunda Beatriz da Silva, a quem chamávamos carinhosamente de Mãe Biá. Sou a primeira neta da família materna a obter um diploma universitário e a primeira mulher da família paterna a completar um Mestrado. Sou primogênita do casal Maria de Jesus da Conceição e Bento Francisco da Conceição, meus pais, que audaciosamente desafiaram as tradições familiares da época ao fugirem e se casarem em segredo, com o auxílio discreto de alguns parentes próximos.

Na época, meu pai detinha faixa etária de 18 anos, enquanto minha mãe tinha apenas 16 anos. Os Alves de Caldas e Silva, família da minha mãe, não consentiam o relacionamento,

²⁵Termo usado para designar a herança violenta dos colonizadores que subjugaram os povos originários (e povos de África), formando um “caldo” cultural do estupro de mulheres (Ribeiro, 1995).

²⁶ Termo que significa identidade étnica, que tive contato pela primeira vez em 2006 quando fiz Pós-Graduação em História da África e Cultura Afro-Brasileira pela UFT, Campus de Porto Nacional – Tocantins. O termo refere-se à maneira como uma pessoa se identifica com sua herança cultural, em especial sua raça ou etnia. Essa é uma noção importante na compreensão da diversidade cultural e história mundial, sobretudo no que diz respeito à história da África e da diáspora africana, como é o caso do Brasil. A experiência proporcionou-me um contato direto e aprofundado com esse tema, possibilitando uma reflexão mais ampla sobre desafios e oportunidades de valorização da identidade étnica na sociedade contemporânea.

argumentando que a família do meu pai era composta por indivíduos que se intitulavam valentes, solucionando situações através de confrontos físicos e que resolviam tudo na base da briga. Assim como os mais idosos que contam muitas dessas histórias, sendo grande parte delas provenientes da região de Inhamuns, no Ceará, bem como comuns em todo o Nordeste.

Figura 1 – Mapa da Região de Inhamuns de Origem do meu Pai



Fonte: Google Maps (2023)

Com base nessa circunstância familiar, meu pai executou o plano de “roubar” minha mãe, fugiram e se casaram. Devido minha mãe ser menor de idade e não possuir documentos, os sobrenomes de ambos foram retirados na certidão de casamento e somente o sobrenome do esposo fora adicionado, ficando apenas com o sobrenome oriundo da família materna. Dessa forma, meu pai de Bento Francisco da Conceição Oliveira Feitosa (nome de batismo) passou a se chamar Bento Francisco da Conceição e minha mãe, outrora Maria de Jesus Alves da Silva (nome de batismo) passou então à Maria de Jesus da Conceição. Naturalmente, eu, ao nascer, quando ganhei o nome de Sônia, dado pela minha bisavó, fui batizada como Sônia Maria de Jesus da Conceição. Por conta das aventuras e travessuras do casal fugitivo, tornei-me uma mulher com múltiplos nomes próprios ou a sonhadora com nomes de santos e santas.

Até os 6 anos, vivemos na roça, donde tiravam nosso sustento, pois tanto minha mãe, quanto meu pai, eram trabalhadores do campo. E, é exatamente dessa idade que tenho as primeiras, fortes e doces lembranças da infância em convívio com eles. Recordo-me de meu pai cultivando uma roça de arroz e então ao chegar à época da colheita, fomos nós três à lida. Quando chegou a hora de ir para a escola, meu pai decidiu ir para a cidade, colocou os poucos pertences em cima de um caminhão e nos mudamos para Açailândia, no estado do Maranhão.

Figura 2 – Mapa da Cidade de Açailândia – MA



Fonte: Google Maps (2023).

Na cidade, obviamente, a vida não foi muito fácil para meu pai e minha mãe. Moramos muito tempo em imóveis alugados e enfrentamos diversas dificuldades. Meu pai precisava sustentar nossa família, então trabalhou em várias fazendas. Mais tarde, descobri que ele havia sido submetido a condições de trabalho semelhantes à escravidão, uma realidade vivida por muitas pessoas empobrecidas, principalmente negras. Posteriormente, chegou a ir para o garimpo tentar a sorte grande, mas de lá mandava poucos recursos para sobrevivermos. No começo, éramos somente eu e minha mãe e as dificuldades aumentaram com a chegada dos meus irmãos nos anos seguintes.

Presenciei, por muitas vezes, por ser a mais velha, minha mãe chorar por estar longe dos parentes e do esposo, que, por sua vez, estava fora de casa em busca de sustento para a família. Aos poucos, minha mãe foi se organizando com o primeiro valor enviado do garimpo pelo meu pai. Minha mãe chegou, inclusive, a montar uma mercearia, de onde fazia multiplicar o dinheiro enviado por meu pai. Quando retornava para casa, a cada seis meses, quase sempre trazia consigo alguma quantia conquistada com dificuldade, a duras penas, nos garimpos. Um deles lembro-me bem: era o da Serra Pelada²⁷.

Minha mãe estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental, antigo Ginásio, aprendendo a ler e escrever o básico. Isso facilitou sua sobrevivência na cidade e ajudou nos negócios da

²⁷ Situada no Sudeste do Pará, a Serra Pelada é uma vila e distrito do município de Curionópolis. Essa região carrega consigo o nome de uma formação geológica extremamente valiosa: a colina de Serra Pelada, que faz parte da Serra dos Carajás. Devido à fusão de sentidos, a vila e o distrito receberam esse nome tão significativo, que remete à presença de metais preciosos.

quitanda, assim como auxiliou nas outras atividades escolares, possibilitando que pudesse fazer cursinhos de aperfeiçoamento de matemática e até um curso de datilografia.

A partir deste momento, senti a responsabilidade, como filha mais velha, de cuidar dos irmãos mais novos e contribuir com a renda da casa, além das tarefas domésticas, porque, segundo meu pai, éramos repreendidas caso avistasse meus irmãos realizando alguma atividade que julgasse ser de mulheres.

Ângela Davis²⁸ no livro “Mulheres, raça e classe” (2016) debate a divisão sexual do trabalho que remonta aos tempos da escravidão, quando homens e mulheres executavam tarefas domésticas sem uma definição de responsabilidades fixas. O trabalho desempenhado pelas pessoas escravizadas não tinha a intenção de enaltecer o ego do “senhor”, mas, a comunidade negra desejava transformar a opressão presente na escravidão em relações sociais justas e garantir a busca pela liberdade.

A distribuição de tarefas domésticas com base no gênero não parece ter sido baseada em uma hierarquia, uma vez que as ocupações dos homens não eram consideradas superiores ou inferiores as das mulheres, mas os trabalhos eram igualmente essenciais para manter a dinâmica do lar. Além disso, a divisão de trabalho não seguia uma rigorosa demarcação, havendo casos em que o homem desempenhava funções na casa e a mulher cuidava da horta ou até mesmo participava da caça. Na atualidade, a divisão sexual do trabalho reflete uma realidade desigual e prejudicial às mulheres. Apesar da luta pela equidade de gênero, muitas vezes as mulheres são responsabilizadas sozinhas pelas tarefas domésticas, consideradas exclusivamente suas, pelo fato de que a sociedade patriarcal, sexista e misógina perpetua essa divisão, relegando às mulheres um lugar de submissão e desvalorizando o trabalho feminino. É necessário valorizar o trabalho doméstico realizado pelas mulheres, além de buscar oportunidades no mercado de trabalho e partilhar da distribuição das tarefas domésticas.

Tive diversos empregos ao longo da minha vida. Aos 12 anos, comecei a trabalhar como manicure. No ano seguinte, tornei-me secretária em um sindicato de trabalhadores da construção civil, que funcionava na minha própria casa. Essa oportunidade permitiu que minha mãe cuidasse de mim mais de perto porque era menor de idade. Dos 14 aos 16 anos, trabalhei como secretária em uma locadora de videocassetes (uma mídia obsoleta nos dias de hoje). Aos

²⁸ Norte-americana, filósofa, professora, conferencista e ativista. Um dos ícones da luta antirracista e feminista nos Estados Unidos, integrou o Partido Comunista e os Panteras Negras. Foi presa nos anos 1970 por sua militância política. É autora de “Mulheres, cultura e política”, entre outros ensaios (Ribeiro, 2019, p. 126).

17 anos, fui atendente em um salão de beleza. A partir dos 18 anos, comecei a estagiar na Caixa Econômica Federal (CEF) e no Banco do Brasil (BB), onde trabalhei até os 20 anos, quando deixei o emprego para me casar, em 1993. Dois anos depois, entrei no Centro de Ensino Superior de Imperatriz (CESI) na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) para cursar Licenciatura Plena em História. Essas experiências me proporcionaram contato com pessoas mais estudadas, o que me motivou a entender que só conseguiria alcançar prestígio por meio dos estudos. Mais adiante, neste capítulo, vou explorar algumas dessas experiências, visto terem uma relação direta com minha formação pessoal e profissional.

Mesmo possuindo uma consciência crítica notável, meu pai não conseguiu adquirir habilidades de leitura e escrita devido ao tempo insuficiente que esteve na escola. Sua visão de mundo me orgulha muito. No entanto, precisou realizar trabalhos de semiescravidão²⁹ devido à necessidade de sobrevivência e situação de vulnerabilidade, uma realidade que atinge pessoas trabalhadoras que não sejam cientes da gravidade dessas situações.

Era complexo e contraditório o sentimento que eu tinha em relação ao meu pai. Eu não tinha a noção do tamanho do esforço que ele e minha mãe fizeram para que eu e meus irmãos pudéssemos estudar. Meu pai se mantinha na condição de membro mais elevado na hierarquia familiar, e ainda continua. Com o tempo, meus irmãos foram assimilando esta estrutura machista e patriarcal, a ponto de fazerem a figura paterna sempre prevalecer, mesmo em sua ausência. Assim, mesmo com a ordem de nossa mãe nas divisões das tarefas domésticas, meus irmãos acabavam por não as realizar e justificavam-se com base na fala do nosso pai: aquilo era “serviço de mulher”, e isso fazia-me perceber o tipo de injustiça que éramos submetidas.

Compreendo que neste período de minha adolescência, meu senso crítico feminista despertava no seio do próprio lar. As mulheres, de modo geral, nascem, crescem e se desenvolvem dentro de uma estrutura patriarcal, na qual prevalece, na maioria das vezes, a ordem paterna ou masculina, a despeito de se tratar de um ambiente domiciliar ou na sociedade.

Algumas mulheres negras feministas como Lélia Gonzalez em seus escritos “Retratos do Brasil Negro” (2010) e “Primavera para as rosas negras” (2018); Conceição Evaristo em “Becos da Memória” (2017) e “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” (2020); Chimamanda

²⁹Em diversas ocasiões, ouvi meu pai mencionar sobre as fazendas situadas nos arredores de Açailândia, nas quais ele havia trabalhado. O ambiente de trabalho era tão intenso que entrar era fácil, mas sair demandava um esforço tremendo. Além disso, o valor recebido como salário era destinado somente às despesas obrigatórias de consumo interno, o que o colocava em uma situação financeira fragilizada, sem poder para enviar dinheiro à família. Diante disso, ele optou por buscar trabalho nos garimpos.

Ngozi Adichie³⁰ em “Sejam todos feministas” (2014) e Patrícia Hill Collins em “Pensamento Feminista Negro” (2019), trazem em suas narrativas o lugar da mulher negra dentro da sociedade de estrutura patriarcal e machista, que se estabeleceu e continua a se manifestar em diversos aspectos e grupos étnicos. De acordo com Gonzalez (2018, p. 157/8), é possível observar esses conflitos de gênero também dentro do Movimento Negro.

É claro que pintou um clima de machismo e paternalismo, mas também solidariedade e entendimento. O atraso de alguns manifestou-se num tipo de moralismo calvinista e machista, que caracterizava o quanto se sentiam ameaçados pela capacidade e sensibilidade das companheiras mais brilhantes; em seus comentários, falavam de mal-amadas e coisas que tais (baixaria mesmo). Desnecessário dizer que suas esposas ou companheiras nunca participavam de tais reuniões, na medida que ficavam em casa cuidando das crianças, da casa etc., o que é sintomático. De um modo geral, esses machões de uma geração mais velha, porque os mais jovens cresceram junto com suas irmãs de luta.

A citação sobre os machões de gerações passadas revela uma realidade persistente em muitas sociedades, em que o machismo e o paternalismo são tristemente presentes. Costumo dizer que não defendo postura errada de homem, seja meu pai, irmãos, companheiro de vida ou filho. A mulher não nasceu para ser humilhada, tampouco agredida, e atividades domésticas devem ser entendidas como responsabilidades das pessoas que moram no ambiente domiciliar. Mantenho minha posição nesta questão. Em nossa casa, sempre discutimos as responsabilidades compartilhadas e procuramos colocá-las em prática, pois tenho esposo, filho e filha.

Essa sociedade, com estrutura patriarcal e machista, acarreta a morte de centenas de mulheres – mães, irmãs, filhas, amigas, vizinhas – colocando nosso país³¹ entre os que têm o maior índice de feminicídio no mundo. Ao redigir este capítulo, pude acompanhar pela grande imprensa um caso de feminicídio com repercussão nacional, o qual registra que uma filha foi morta por seu pai durante uma discussão doméstica com seu irmão. A morte foi ocasionada por um traumatismo craniano, decorrente da queda sofrida pela filha, após ter sido agredida com extrema força por seu pai, que havia tomado partido de seu filho³². Menciono esta notícia

³⁰“Chimamanda Adichie, nigeriana, escritora, ensaísta, ativista e conferencista. Sua obra foi traduzida para mais de trinta línguas. Autora de ‘Sejam todos feministas’ e ‘Meio sol amarelo’, entre outros” (Ribeiro, 2019, p. 127).

³¹ Ver: “Brasil registra um caso de feminicídio a cada 6 horas e meia”. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/brazil/2021/07/15-de-julho-de-2021>. Acesso em: 20 de junho de 2022.

³² Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2022/08/24/pai-suspeito-de-agredir-e-causar-morte-de-filha-se-apresenta-a-policia-e-e-liberado-apos-depoimento-no-sertao.ghtml>. Acesso em 20 de junho de 2022.

fatídica somente para reforçar que o machismo mata e diante disso torna-se absolutamente necessário que eduquemos filhos e filhas para que sejam humanos, solidários e amorosos.

Recordo-me, já morando em Açaílândia, do que mais me deixava feliz além de ir para a escola: a época de férias, quando costumava viajar para a cidade onde moro atualmente, Praia Norte/TO, onde também residem familiares da minha mãe. Sou a primeira neta por parte materna, o que fazia serem extremamente especiais as nossas vindas para Praia Norte nas férias. Naquela época, junto com meus avós, tias, primas e primos, jamais imaginava que, após me formar, viria a residir neste município devido à minha aprovação em um concurso público para a rede de educação estadual. Considero o ingresso neste concurso como meu segundo quilombamento, sendo o primeiro o momento em que ingressei na universidade. Foi nesse contexto que comecei a compreender minha identidade étnico-racial e desenvolvi atividades pedagógicas relacionadas a esse tema. Isso foi um marco em minha carreira docente e culminou em minha entrada no Mestrado Profissional em Formação Docente em Práticas Educativas.

2.1 A escola como um espaço de convivência

Unimos as experiências diversas com a aquisição de conhecimentos que se convergem para descobertas ao desenvolvimento pleno do ser humano, tanto intelectualmente, quanto na sua humanização, em relação à tolerância e ao respeito pelas diferenças. No entanto, às vezes, a escola não consegue abarcar tantas possibilidades de aprendizado. Uma escola inclusiva, democrática, que valorize e priorize as experiências das pessoas presentes só é possível se promovermos uma educação libertadora que estimule o senso crítico. De modo que, seguindo as ideias de Freire (1996), a escola deve ser um local de trabalho, educação e aprendizagem, um lugar onde a convivência seja levada em consideração e um espaço privilegiado para pensar e conduzir a um processo de humanização.

Neste sentido, o argumento de que “o papel do professor e da professora é ajudar o aluno e a aluna a descobrirem que dentro das dificuldades há um momento de prazer, de alegria” (Freire, 1996, p. 52) assegura a perspectiva que nos fez compreender a real necessidade de que o processo de aprendizagem traga prazer para que discentes sintam alegria ao aprender, mesmo diante das dificuldades proporcionadas pela escola.

Lembro-me de quando tive a oportunidade de ir à escola e percebi que o mundo não era tão emocionante como imaginava. As memórias das aventuras nos quintais, tanto no nosso,

quanto nos dos vizinhos, onde brincávamos sem parar, eram melhores do que as da escola na época da “Cartilha do ABC” ou do “Vovô viu a uva”, que não faziam muito sentido e não despertavam em mim alegria e curiosidade. Quando criança, por volta dos meus 6 anos, antes de entrar no ginásio, a professora Ana (Dona Ana, como a chamávamos) nos pedia para copiar a lousa e sempre nos adiantávamos para terminar logo. No entanto, isso não era suficiente, pois minha colega (amiga e vizinha de infância) frequentemente “pedia” para que eu fizesse a dela também - o que não me deixava feliz. Não era exatamente um pedido, era quase uma imposição. Só na fase adulta que entendi que essa relação era considerada como uma “amizade abusiva”, devido às constantes ameaças de terminar com a amizade, porém, como a considerava minha melhor amiga, cedia e fazia a cópia dela também.

As repetições ocorreram não apenas durante as atividades escolares, porque essa amiga acabou repetindo de ano e isso fez com que o tempo e a escola nos separassem. Em resumo, as lembranças são memórias que têm grande significado para nossa história, independentemente de serem boas ou não, são parte da nossa identidade e têm grande impacto na pessoa que nos tornamos na idade adulta. Neste sentido, algumas educadoras do Ensino Médio tiveram um lugar significativo em minha vida, de modo que asseguramos nesse trecho do clássico livro “O Pequeno Príncipe”, do escritor Antoine de Saint-Exupéry (2006, p. 93) “tu te tornas eternamente responsável por tudo aquilo que cativas”, ecoaram na orientação de minha trajetória educacional por ser significativo para minha vida, tanto escolar, quanto pessoal. As professoras, às quais refiro aqui, contribuíram em grande medida para minha formação intelectual, bem como tiveram relevante contribuição quando de minha decisão de tornar-me uma educadora. Duas pessoas que marcaram minha infância foi Dona Ana e a Profa. Joviana, que auxiliaram no meu processo formativo por diferentes motivos.

A professora Dona Ana impunha a tarefa de copiar os conteúdos do quadro negro, que, no meu caso, precisava copiar não apenas a minha, mas também a da colega. Era rígida, implacável e usava palmatória para punir por qualquer que fosse a situação. Dona Ana era o, “Seu Armada, contado, que não era exceção nem uma extravagância cultural. Havia tantos Armadas, cuja disciplina férrea imposta aos alunos era inclusive requerida por pais, e pelos mais convencidos de que o tratamento duro é que faria de seus filhos gente séria” (Freire, 2020, p. 104), de modo que, a rigidez excessiva, aplicação de castigos e métodos que não estimulam a liberdade de expressão, lamentavelmente ainda se fazem presente em pleno século XXI, mesmo em tempos depois das aventuras do “Seu” Armada de Paulo Freire, e de “Dona” Ana

da minha infância, defensora da “pedagogia do tapa” (Freire, 2020, p. 105), de maneira que essa prática continua sendo defendida por muitas pessoas independentemente da classe social a qual pertençam, e mesmo, de docentes.

Uma vez, cansada de copiar, distraí-me e comecei a girar o lápis na palma da mão. Dona Ana chegou, de surpresa, e bateu na minha mão com uma palmatória em cima do lápis, o que causou muita dor, física e emocional, chorei e fiquei magoada por muito tempo, e só consegui superar essas mágoas quando a Profa. Joviana entrou na minha vida, mas ainda me lembro dela. Graças a esta última professora, encantei-me com o mundo das letras e das histórias, e o carinho e a atenção que me dava, mostrava o quanto se importava em me educar.

Por volta dos sete anos de idade, aprendi a ler em uma das aulas da Profa. Joviana – este aprendizado foi um efetivo ponto de virada em minha formação. Ela era alta, altiva, tinha um corpo e características que identificamos com traços afro-brasileiro e com cabelos crespos. Naquela época, não se tinha noção de construção de identidade étnica a partir do corpo e cabelo como símbolos de identidade étnica, como bem é discutido por Gomes (2019) no livro “Sem perder a raiz – corpo e cabelo como símbolo de identidade negra”. Ela se vestia com cuidado e dedicação para ir dar suas aulas para a turma e todos os dias ao final destas “tomava” as lições do conteúdo trabalhado e fazendo com que repetíssemos palavra por palavra as lições.

Em uma determinada aula, quando chegou minha vez de fazer a lição de leitura do texto do livro didático intitulado “O Trânsito”, as palavras do texto pareciam saltar e, sem que percebesse, acabei lendo todas elas. Era evidente minha emoção, estava em êxtase. Naquela manhã, consegui fazer cinco lições, até que a professora, com um sorriso no rosto por compartilhar daquela alegria que era minha e dela, disse que era suficiente.

Ao chegar em casa, compartilhei a imensa alegria com minha mãe, cujos olhos se encheram de lágrimas devido àquele momento tão esperado, e essa alegria também era dela. O tão conhecido “estalo da leitura”, quando aprendemos a ler as palavras e seguimos em frente sem parar, é uma experiência real quando somos cativados. Por isso, considero a educação com a grande responsabilidade de ser um ato que cativa para fazer sentido para quem aprende.

Não tão cativante, porém, marcante pelos traços que foram deixados, fora a experiência com as aulas de reforço em matemática, pelas quais minha mãe insistia em pagar para que melhorasse as notas. Nem ela, tampouco eu, sabíamos das ditas “inteligências múltiplas³³” que

³³ Essa teoria inovadora, rompendo com o conceito tradicional unitário de inteligência, sustenta a existência de oito distintos tipos de inteligências presentes nas pessoas: inteligência musical, inteligência corporal sinestésica,

Howard Gardner (1995) teorizou que nascemos com determinados tipos de inteligências ou sofremos pela dificuldade de ter um efetivo desempenho em todas as áreas, sobretudo quando se desconhece o fato e não potencializa essas inteligências no desenvolvimento integral.

Assim, foi meu caso de amor e ódio com as disciplinas ditas exatas, que quase fizeram com que reprovasse no Ensino Médio (antigo 2º grau) e que por pouco não me impediram de ingressar na Faculdade de Licenciatura Plena em História no ano de 1995. Recordo-me que, por volta dos 10 anos de idade (1983), tive um professor de matemática de nome Adão, um senhor aposentado com seus 70 anos. Fazia aulas de reforço duas ou três vezes por semana, que pareciam nunca acabar, porque eram extremamente cansativas, pois eu tinha dificuldade em entender os conteúdos apresentados de forma tradicional e descontextualizada, uma prática ainda bastante comum na área. Não fosse o bastante, talvez em razão de sua idade ou mesmo de algum problema de saúde, e o fato de falar baixo e bem próximo de mim, não permitia que mantivesse uma concentração, cabendo a mim somente a ansiosa espera pelo término da aula.

Faço aqui o relato desta experiência especificamente por dois motivos. Primeiro, por termos aqui um exemplo da maneira descontextualizada com a qual professores e professoras trabalham, sobretudo os da área de ciências exatas, não despertando curiosidade, interesse ou mesmo paixão por disciplinas fascinantes como é o caso da matemática. Tais práticas pedagógicas fazem com que sejam gerados traumas e com que, em alguma medida, se promova o abandono escolar. Devo ressaltar que somente tive essa compreensão na fase adulta, perante a necessidade de ingressar na universidade. O segundo motivo é destacar o orgulho e gratidão que sinto pela minha mãe, que mesmo com recursos limitados, se preocupou com nossa educação, e que sem ela talvez não tivesse chegado até aqui.

O compromisso das educadoras e o comprometimento com uma educação que liberte, está implícito nos escritos da feminista estadunidense bell hooks³⁴ (2017) no livro “Ensinando a transgredir – a educação como prática da liberdade”, no qual relata o amor e compromisso

inteligência lógico-matemática, inteligência linguística, inteligência espacial, inteligência interpessoal, inteligência intrapessoal e inteligência naturalística. Cada uma dessas inteligências representa uma forma única de habilidade cognitiva, permitindo que as pessoas se destaquem em diferentes áreas e expressões de talento. Essa abordagem mais abrangente e detalhada reconhece a diversidade e a multifacetada natureza da inteligência humana, dando lugar para as múltiplas potencialidades e capacidades individuais (Gardner 1995).

³⁴Justifico o uso das letras iniciais minúsculas por ser opção da pensadora bell hooks e pelo fato de a ficha de catalogação da obra estar dessa forma. “Gloria Jean Watkins, estadunidense, é professora, escritora e ativista. Seus livros, artigos e conferências abordam as relações de classe, gênero e raça na sociedade pós-moderna. Publicou mais de trinta livros, dos quais os mais influentes são *Teaching to Transgress* e *Teaching Community*, que propõem uma pedagogia antissexista e libertária (Ribeiro, 2019, p. 127).

das suas professoras na sua maioria negras. “O compromisso delas era nutrir nosso intelecto para que pudéssemos nos tornar acadêmicos, pensadores e trabalhadores do setor cultural – negros que usavam a ‘cabeça’” (hooks, 2017, p. 10). Esse compromisso deve ser assumido por todo educador e educadora que tenham compromissos com uma educação que de fato esteja a serviço de oferecer um espaço no qual possam expressar pensamentos e ideias sem restrições.

Não desmereço de forma alguma que, embora não estivesse em casa acompanhando nossos estudos, meu pai também contribuiu significativamente para minha educação e a de meus irmãos. Ele frequentemente afirmava que seus filhos não teriam a mesma “sorte” que ele e que nós estudaríamos em seu lugar, pois infelizmente não teve essa oportunidade. Como um dos filhos mais velhos entre treze irmãos, se viu responsável por levar comida diariamente para a roça. Ele compartilha conosco com pesar que, toda vez que ia à escola, seu pai o alertava: “volte para casa na hora do recreio para levar comida à roça”. Ele alega que isso, em grande medida, prejudicou seu aprendizado.

Noto em suas palavras uma tristeza por não ter frequentado a escola como gostaria; com certeza teria sido alguém que daria sequência aos estudos na área das exatas, dada sua notável habilidade em realizar contas de cabeça, detém impressionante inteligência lógico-matemática. Pensar sobre a trajetória escolar de meu pai, faz refletir sobre o quão determinante a luta pela própria sobrevivência pode ser na trajetória escolar para as pessoas negras. Durante minha adolescência, muitas vezes o ouvi dizer que sua filha não trabalharia em cozinhas alheias, que estudaria e não manusearia vassouras, mas sim livros, com o objetivo de se formar.

Portanto, a preocupação do meu pai era justificada pelo fato de passar muito tempo fora trabalhando nos garimpos para sustentar a família e por ter testemunhado cenas de maus tratos contra mulheres que realizavam trabalhos domésticos, a maioria delas negras ou, como ele costumava dizer, “morenas”. Segundo ele, sua filha não deveria passar por tais situações. Hoje reconheço a preocupação, o cuidado, o carinho e o amor do meu pai e de minha mãe no meu desenvolvimento educacional.

2.2 Uma educadora feminista a partir da trajetória de outras feministas

A busca pela equidade de gênero no ambiente de trabalho é um tema cada vez mais relevante. Nesse contexto, essa categoria desempenha uma função primordial na trajetória de mulheres educadoras feministas com base na inspiração e aprendizado promissor, enriquecido

pelo conhecimento das lutas e conquistas que abriram caminho no mercado de trabalho e na educação, bem como, possibilita uma reflexão sobre a representatividade e oportunidades para que essa realidade seja alcançada.

Assim sendo, o trabalho é uma das categorias que permeia esse relato de história de vida. A mulher negra esteve com frequência à frente das mais diversas atividades econômicas da história de nossa sociedade na agricultura, na mineração e, sobretudo, no trabalho doméstico desde a sociedade escravocrata e mesmo depois do processo de libertação através da Lei Áurea.

No entanto, de acordo com a tese de doutorado de Suelly Carneiro (2004, p. 107), esse matriarcado do trabalho desenvolvido pelas mulheres negras se tornou um “matriarcado da miséria”, pois, não foram realmente libertadas das amarras impostas pelo machismo e misoginia patriarcal. Portanto, as que conseguiram desafiar as estruturas patriarcais da sociedade através da educação estão promovendo uma verdadeira revolução tanto para si mesmas, quanto para outras mulheres. E, é com base em mulheres inspiradoras que desafiaram opressivas estruturas sociais, em especial, as negras, que busquei através dos estudos criar um caminho para a minha própria história de vida.

Aos 16 anos, fiz um estágio na Caixa Econômica Federal (CEF) durante um ano. Em seguida, aos 17 anos, comecei a trabalhar em uma das empresas do grupo empresarial madeireiro em Açailândia. Nessa época, tive experiências de trabalho em dois escritórios desse grupo: na primeira, trabalhei como auxiliar de telefonista e, na segunda, como ajudante de secretária. Essas experiências foram de curta duração.

O curto período que passei nas empresas supracitadas me proporcionou experiências trabalhistas e humanas insatisfatórias devido à ausência do que o movimento feminista chama de “sororidade” e que bell hooks (2017, p. 138) se refere como “irmandade feminina”. Em vez disso, prevaleceu nesse contexto a rivalidade feminina estimulada pelo patriarcalismo machista e sexista. O termo “sororidade” (derivada do termo latino *soror*, que significa “irmã”) é o coro unificado das vozes das mulheres dentro do movimento, que devem se unir para reivindicar direitos para todas. Conforme hooks (2017, p. 149) afirma, “quando criarmos um espaço feminino que valorize as diferenças e complexidades, a irmandade feminina baseada na solidariedade política se tornará realidade”. Essa citação ressalta a necessidade de criar um ambiente seguro e acolhedor para as mulheres em que a diversidade e a complexidade feminina sejam valorizadas. Dessa forma, podemos fortalecer a solidariedade política entre as mulheres e avançar na luta pela equidade de gênero e justiça social. É fundamental reconhecer que cada

mulher possui sua própria perspectiva, experiência e voz para contribuir, portanto, um ambiente inclusivo e respeitoso é essencial para que possamos nos unir verdadeiramente como irmãs.

Naquela situação, a secretária considerava-se possivelmente uma concorrente pela atenção do chefe. Por esse motivo, ciente de minhas limitações e dificuldades com cálculos matemáticos, foram atribuídas a mim tarefas envolvendo cálculos. Diante disso, não consegui executar as atividades conforme esperado, e, como consequência, fui demitida daquele emprego. Além disso, naquele momento, não percebi que estava ocorrendo algo além de assédio sexual por parte do chefe. Apenas depois de algum tempo, entendi a verdadeira razão da minha estadia breve naquele lugar. A situação me deixou indignada, despertando uma sensação de incompetência intelectual e queda na autoestima. Mesmo após compreender o motivo da dispensa, não consegui me sentir melhor porque esse sentimento de baixa autoestima, síndrome de impostora ou autossabotagem me acompanhou de maneira prejudicial por um longo período.

Meu desbloqueio em relação às disciplinas com cálculos matemáticos só aconteceu anos depois, quando decidi fazer um Curso de Matemática Básica com a ajuda do primeiro esposo, farei mais comentários posteriormente, devido à sua contribuição na minha formação acadêmica e ao sentimento de gratidão pela oportunidade de estudar e ter meu primeiro filho. Esse curso me permitiu passar no vestibular para a Graduação em História, disciplina que tive afinidade desde o Ensino Fundamental, e por gostar da Professora Nazaré, mais conhecida como Dona Neném, pelas aulas de História na 8ª série do 1º grau (então, 9º ano), contribuindo no contexto da construção identitária e aceitação do sobrenome, Conceição.

Naquela empresa composta predominantemente por pessoas de descendência europeia, foi possível constatar, posteriormente, através de estudos realizados, a condição de mulheres com características físicas afrodescendentes, visíveis através dos tons de pele e corpos, o que revelava nossa origem étnica. No entanto, o “chefe”, posicionado como homem branco no poder, erroneamente pensava que, além dos serviços, tinha autoridade sobre nossos corpos.

Não atribuo culpa ao analisar criticamente aquele cenário e situação que resultaram em algumas sequelas. É de conhecimento geral que existe uma problemática em relação aos corpos negros que foram hiper sexualizados, e o patriarcado, o machismo e o sexismo têm contribuído para que as mulheres de pele escura, permaneçam presas no que Conceição Evaristo chama de “platô da submissão dos corpos” (Evaristo, 2017, p. 38). Não importa se a capacidade intelectual é evidente, mas para esse homem branco e a maioria dos outros, as mulheres negras têm a função definida de servidão e submissão. No entanto, a consciência feminista sobre a

estrutura patriarcal ajuda estas mulheres a construírem um olhar diferenciado para a realidade social na qual estão inseridas.

Essa posição de assumir-me dona de mim, de provar minha capacidade em todos os aspectos, faz com que nós, mulheres negras, tenhamos de provar constantemente que somos capazes, tendo de fazer muitas vezes mais do que as mulheres não negras. Esse ato de provar e “fazer bem-feito” provoca, por sua vez, um outro sentimento, uma espécie de afrontamento, como afirma Grada Kilomba na obra “Memórias da Plantação - episódios de racismo cotidiano” (2019). Esse afrontamento mencionado pela autora portuguesa negra e feminista diz sobre como temos que ser e enfrentar o racismo atravessado pelo machismo e sexismo para sermos livres e competentes perante a sociedade patriarcal. Esse afrontamento diz, sobretudo, que assumir a negritude é um ato considerado de rebeldia e que gera uma afronta aos olhos das pessoas.

Portanto, assumir a identidade de mulher negra provoca a busca da liberdade e resistência na assunção de nossa negritude, embora seja considerado um ato de rebeldia que desafia as pessoas traduz a consciência de ser.

2.3 Mulheres negras que me motivaram a ser uma educadora antirracista

Algumas professoras negras tiveram grande impacto na minha formação identitária e intelectual. Uma delas é a Nazaré (Dona Neném), professora de História. Apesar de admirar muito o jeito como ministrava suas aulas (na 7ª ou 8ª série, o antigo primário), não me recordo do seu nome completo. Foi essa professora em particular que me fez refletir sobre o meu nome, mesmo que contra minha vontade, tanto o meu nome quanto o meu sobrenome, são nomes próprios, o que resultou em apelidos na infância, como “sem sobrenome” ou “nomes próprios” - algo que me deixava muito irritada.

Por conta disso, assinava nos cabeçalhos das avaliações e atividades como “Sônia Maria Alves da Conceição”. Como já mencionado, Alves era o sobrenome da minha mãe quando solteira, suprimido pelo cartório no momento de seu casamento. Meu nome de registro é Sônia Maria de Jesus da Conceição, o que fazia a professora reclamar e me causar medo, dizendo que poderia ser presa por conta desse nome falso e que eu deveria assinar conforme constava no meu registro. Por diversas vezes fez tais advertências, o suficiente para que, por consciência ou mais especificamente por medo, passasse efetivamente a assinar conforme o registro de nascimento. O fato é que, por longos anos, até mesmo na fase adulta, não convivi bem com

meus nomes próprios. Os processos de aceitação e ressignificação em relação a isso ocorreram através do ingresso nos movimentos sociais (Movimento Negro e coletivos femininos) e do conhecimento sobre outras Conceições e suas histórias.

Conforme argumentado pela feminista norte-americana bell hooks (2017, p. 56), é necessário que o ato de educar, e “educar para transgredir”, seja realizado com amor, e não de forma impositiva ou que provoque medo ou traumas. Neste trecho, a autora bell hooks destaca a relevância de uma educação que não seja opressora, mas sim amorosa e que incentive a transgressão positiva. Isso significa que o processo educativo deve ser realizado de forma coerente com os valores humanos de respeito, liberdade e amor, evitando assim a imposição autoritária ou algo que possa causar medo ou traumas. A educação tem o potencial de formar indivíduos críticos e capazes de questionar práticas opressoras, porém, para que isso aconteça, é preciso que o processo seja construído de forma amorosa e humanizada.

Uma educadora negra em particular fez-me repensar minhas aspirações: a Tia Irene, prima de segundo grau do meu pai, que tinha uma autoestima surpreendente e encantou-me, pois, demonstrava uma postura de educadora empoderada. Conheci-a quando veio participar de uma jornada pedagógica em nossa cidade, eu tinha cerca de 15 anos de idade, ela ficou conosco por uma semana, e nesse momento, meu desejo de estudar estava aumentando, e estava desenvolvendo um fascínio pela docência. Minha mãe desejava que eu realizasse seu sonho de ser professora, mas sempre considerei essa profissão grandiosa para minhas capacidades. Quando “tia Irene” terminou sua estadia conosco, me convidou para passar as férias na capital, São Luís (MA), onde morava. Meu pai concordou com o convite, o que me deixou muito feliz. No entanto, quando foi embora, ele prontamente disse que nunca me deixaria ir, pois, sua prima era uma “perdida”. Perguntei-me sobre o significado dessa expressão, se “não prestar” equivaleria a ser uma mulher independente, livre, estudada e com autoestima elevada. Decidi contrariá-lo e ser uma “perdida” porque decidi estudar, tornar-me independente, construir uma autoestima elevada e fazer com que se orgulhe da filha que, além de se identificar como mulher negra, sente orgulho de ter um pai negro.

Aos 19 anos, me encontrava em uma situação complicada: o sobrenome do meu noivo era Sousa Cruz e, ao nos casarmos, passei a assinar “Sônia Maria da Conceição Cruz”. Meu noivo, José Carlos de Souza Cruz, trabalhava como funcionário efetivo no Banco do Nordeste e nos conhecemos quando tinha 15 anos, sendo recepcionista numa locadora de videocassetes. Ele era persistente, o que me levou a considerar o casamento, mas, na verdade, minha prioridade

era estudar. Naquela época, era comum que o homem impedisse sua futura esposa de prosseguir com os estudos e até mesmo de trabalhar. No entanto, era obstinada em relação a isso e impus a condição de que só me casaria se pudesse continuar estudando. Embora não o amasse, o admirava pela inteligência e eloquência, especialmente na área lógico-matemática. Seu raciocínio lógico me fascinava e ele até mesmo me corrigia, ampliando meu vocabulário. Era um relacionamento de amor e ódio, em que amava aprender, mas odiava ser corrigida.

Naquele contexto, por estar ainda indecisa (confusa, na verdade), decidi fazer uma viagem para conhecer a capital do meu estado de origem, São Luís (MA), ao término de um estágio no Banco do Brasil. Optei por viajar de trem, acompanhada de meu irmão do meio, Robson de Jesus da Conceição, que tinha 8 anos de idade. Meu pai não me permitiu ir sozinha, pensando que um garoto poderia oferecer proteção apenas por ser homem. Robson é o único de meus irmãos que continuou os estudos e conseguiu chegar ao nível superior. Ambos, somos os Conceições com nível superior na família e enfatiza que se inspirou em sua irmã.

Em 1993, casei e nos mudamos para Imperatriz. Durante dois anos consecutivos frequentei cursinhos preparatórios de pré-vestibulares, além de fazer cursos no Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (SENAC) de auxiliar de escritório para tentar arrumar um emprego enquanto aguardava ingresso na universidade. Meu esposo cumpriu sua promessa de me permitir estudar e me incentivou a fazer cursos preparatórios na escola em que trabalhava e lecionava Matemática, Física e Química. Além disso, me apresentou leituras ao vestibular daquela época, como as obras de José de Alencar, a “A Moreninha” (1844); “Iracema lábios de mel” (1865); e “Senhora” (1875), além do livro “O homem que calculava” (2013) de Malba Tahan, 83ª edição, que uniu de forma perfeita História e Matemática, e perpassam gerações com sua literatura sempre atual.

A leitura foi fundamental no desenvolvimento de meu interesse pela literatura. Em casa, o esposo ajudava-me com um curso de Matemática Básica – algo que considero ser um ponto decisivo para minha aprovação no vestibular naquele ano de 1995. Para a turma de segundo semestre da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) Centro de Ensino Superior de Imperatriz (CESI) em Licenciatura Plena em História. A Universidade me proporcionou 4 anos de muito aprendizado e foi o local em que me quilombe³⁵ pela primeira vez. Naquele espaço

³⁵ “Quilombar -se é o ato de assumir uma posição de resistência contra hegemônica a partir de um corpo político” (Nascimento, 2002).

de aprendizagem e de acolhimento de saberes e de seres humanos diversos, iniciei meu processo de construção de identidade negra e de noção de pertencimento étnico-racial.

Ainda cumprindo sua promessa, o então esposo incentivou a participar de congressos na minha área de formação, entre os quais o primeiro foi em 1996, o “V Congresso Nacional de História”, em Salvador (BA), onde tive uma experiência valiosa no combate ao racismo e preconceito étnico-racial. A partir desse momento, me tornei uma educadora antirracista e ativista. Lembro de participar de uma Oficina de Penteados Afros ministrada por uma mulher negra que falava com clareza e naturalidade, algo que nunca esqueci pelo fato de que abordava a forma errônea como as pessoas se referiam aos cabelos das pessoas negras no Brasil, contrastando com a forma como os africanos o fazem. Eles simplesmente entendiam que seus cabelos eram diferentes, não prejudicavam ninguém e que o verdadeiro problema era o preconceito das pessoas e os atos hostis em relação às características fenotípicas particulares, como, tom de pele, formato do nariz e textura do cabelo. Aquelas palavras foram um alívio porque a partir daí passei a lutar contra a noção equivocada e preconceituosa das pessoas em relação aos cabelos crespos, inclusive o meu.

Grávida de poucos meses, fui aprovada num concurso público para ser professora de História, Geografia e Ensino Religioso do Ensino Fundamental, e foi ali, no exercício da docência que realizei as primeiras aventuras em atividades artísticas com abordagem antirracistas. Desenvolvi peças de teatro com abordagem de combate ao preconceito étnico-racial e ao racismo, fruto das aprendizagens proporcionadas por congressos, seminários, simpósios e atividades similares dentro da própria universidade.

No Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), realizei um estudo sobre o Quilombo Frechal, uma comunidade negra rural remanescente de quilombolas, localizada em Mirinzal, na Baixada Maranhense, em que optei por abordar a história de luta e resistência desse povo, influenciado por uma aula de campo ministrada pelo professor Luiz Maia da Silva, que posteriormente se tornou o orientador. Foi nessa aula que percebi e reconheci minha ancestralidade e resistência encontrando semelhanças com a luta dos antepassados em que uma sensação de encaixe começou a se formar, e, senti uma mistura de alegria e indignação ao perceber as injustiças e o sofrimento enfrentado pelo povo negro, de modo que, mesmo sem saber o termo exato, estava determinada a praticar uma Educação Antirracista.

Durante este processo, pude entender a divisão taxonômica dos grupos humanos (negroide, caucasoide e mongoloide) com maior profundidade, especialmente em relação à

formação genética do grupo negroide. A discussão promovida pela Profa. Regina Célia de Castro Pereira, disciplina História Contemporânea, marcou um ponto crucial no entendimento sobre abordar questões fenotípicas.

Em 2000, concluí a graduação em História enquanto estava grávida de três meses do primeiro filho, Carlos Rafael da Conceição Cruz. Optei por esse nome devido à influência do nome Rafael, segundo nome do meu avô paterno, chamado Elias Rafael Oliveira de Feitosa. Embora o pai do filho preferisse José Carlos de Souza Cruz Filho, meu desejo prevaleceu. Nesse mesmo contexto, recebi o diploma e experimentei a alegria de me tornar mãe pela primeira vez, algo que almejava há muito tempo. Entretanto, essa alegria não foi suficiente para sustentar o casamento que se revelou inviável diante da falta de afinidades e desafios matrimoniais.

Não utilizarei este relato para mencionar desamores e rancores desse momento da minha vida, principalmente porque o pai biológico do meu filho proporcionou as duas primeiras bênçãos mais importantes: a oportunidade de prosseguir com os estudos e meu primogênito. Sou grata por essas oportunidades e o perdooi por tudo que vivi durante o casamento. Faço essa menção a ele em respeito à sua memória e ao meu filho, um homem formado, dedicado e bom, que aprendeu que o amor e a perseverança de uma mãe são suficientes, sem a necessidade de depreciar aqueles que não mais estão entre nós.

Paralelamente à minha experiência de sala de aula no Ensino Fundamental, fui contratada para trabalhar em um projeto do Governo do Estado do Maranhão em parceria com a Fundação Roberto Marinho, cujo objetivo era reduzir a distorção idade/série. O projeto, chamado Telecurso 2000 (conhecido como Tele Sala), permitia que os estudantes concluíssem o Ensino Médio em apenas um ano e três meses, sendo acompanhados por um/a professor/a como tutor/a durante o período, e tinha a responsabilidade de acompanhar as disciplinas, independentemente da área de formação.

Uma formadora do Telecurso 2000, vinda do Rio de Janeiro, despertou minha especial atenção. Seu nome era Ludovico, responsável pelo Módulo de Humanas, que diante da minha curiosidade, explicou que seu nome significa uma dança na língua banto. Além disso, aprendi com a “Ludô” sobre a temporalidade, espacialidade e sociedade na História. Seu nome africano chamou minha atenção, mostrando sua ancestralidade e africanidade. Não me recordo do seu nome de batismo, mas, com o passar do tempo, percebi o valor do seu pertencimento étnico-racial que contribuiu para o crescimento e trouxe autoconfiança como mulher negra educadora.

Mesmo trabalhando no município com situação efetiva e contratada no Estado (junto ao Projeto Tele Sala), mantinha-me focada nos estudos para o concurso do Estado do Tocantins. Isso, inclusive, auxiliou-me a pôr de lado o trauma da separação. Com ajuda de um querido professor, José Siney Ferraz, conheci tempo depois meu segundo e atual companheiro de vida e de luta, Francivaldo Mota Pereira³⁶. Tínhamos e temos os mesmos ideais, posicionamentos políticos e ideológicos e afinidades – a começar pela área de formação, visto ser do mesmo modo professor de História.

Ao chegarmos em Praia Norte, em julho de 2002, fui lotada na Escola Estadual 1º de Junho, responsável pela segunda fase do Ensino Fundamental, e deparei-me com a situação de assumir disciplinas, tanto da minha área de formação, quanto de outras. Apesar do desafio, pude realizar na condição de professora, um dos primeiros trabalhos com discussão de combate ao racismo e preconceito étnico-racial. Em uma turma de 6º ano, assumi as disciplinas de História, Geografia, Língua Portuguesa e Artes, coincidentemente três das nomeadas na Lei 10.639 (Brasil, 2003) que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira.

O HisPor'Art foi um grupo de dança que se originou um ano antes da implementação da referida lei. Naquele contexto, desenvolvi junto a turma uma atividade pedagógica que consistia na interpretação do poema de Castro Alves “Navio Negreiro”³⁷ musicado pelo cantor Caetano Veloso³⁸. Chegamos ainda a desenvolver uma coreografia para a música em questão durante o segundo semestre de 2002. Essa atividade dizia respeito a disciplinas de História, Língua Portuguesa e Artes, daí o nome HisPor'Art.

Após isso, foram coreografadas outras músicas de cantores e cantoras afro-brasileiros, como “Mama África” de Chico César em 2007, “Dandalunda” de Margareth Menezes em 2008. Além disso, o grupo de dança realizou diversas outras ações. Trago à tona essa experiência pedagógica para relacioná-la ao meu processo de construção de educadora antirracista e que fez gerar uma aproximação das discussões do Movimento Negro em Imperatriz, foi se constituindo continuamente dessa forma, naturalmente.

³⁶ Graduado em Licenciatura Plena em História pela UEMA/CESI. Pós-graduado em Administração e Supervisão escolar, estudioso das questões étnico-raciais com especificidade indígena. Professor da rede pública do Estado Maranhão e Tocantins, atuando no Ensino Médio na cidade de Praia Norte nas disciplinas da área de humanas.

³⁷ O Navio Negreiro é uma obra do escritor baiano romântico Castro Alves (1847-1871) que foi publicada em 1869. Trata-se de uma poesia abolicionista, onde o autor aborda o tema da escravidão no Brasil.

³⁸ No CD Livro (1998) o baiano Caetano Veloso cria uma música para o poema “O Navio Negreiro”, de Castro Alves e canta-o em ritmo de Rap, juntamente com Maria Betânia.

Após concluir a especialização, em Cultura Africana e Afro-Brasileira na Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Porto Nacional, em 2006, continuei atuando como coordenadora na Escola Estadual Genésio Gomes, promovendo atividades relacionadas à cultura afro-brasileira e africana em parceria com a comunidade local. Realizamos eventos, como apresentações de dança afro, palestras sobre história e cultura africana, e combate ao racismo. Além disso, passei a ministrar a disciplina de História da África e Cultura Afro-brasileira para educandas/os do Ensino Médio, contribuindo para a conscientização sobre a importância da valorização da diversidade étnica e cultural em nosso país.

No âmbito da pesquisa, desenvolvi estudos sobre as comunidades negras rurais remanescentes quilombolas, buscando compreender as questões históricas, sociais e culturais que envolvem essas comunidades. Esse trabalho contribuiu não apenas para minha formação acadêmica, mas também para ampliar o conhecimento sobre a história e a luta dessas comunidades no contexto brasileiro. Além disso, minha pesquisa sobre a resistência feminina negra durante a escravidão no Brasil teve um impacto significativo em minha escolha de objeto de estudo para o mestrado. Essa pesquisa abordou a história das mulheres negras escravizadas, destacando sua resistência e protagonismo na luta por liberdade e direitos.

Como resultado desses projetos e pesquisas, pude contribuir para a valorização da cultura e da história afro-brasileira no âmbito educacional, promovendo a equidade racial, o respeito à diversidade e o combate ao racismo.

O Projeto "Etnicidade", desenvolvido e implementado pela primeira vez em 2006, coincidiu com o ano em que concluí a pós-graduação. Ao longo do tempo, o projeto recebeu contribuições e estímulos para sua execução e subsequente reedição, o que o sustentou até 2018. Durante sua elaboração, contamos com a participação da comunidade escolar. Inicialmente, ministrei uma oficina que despertou as pessoas envolvidas ao abordar uma classificação taxonômica de presentes, revelando a qual grupo humano realmente pertenciam.

No ano seguinte, o projeto participou do concurso “Prêmio Valorização do Trabalhador em Educação do Tocantins – 2007”, promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Tocantins (SEDUC/TO), e alcançou o 3º lugar, o que garantiu uma premiação e menção honrosa para a escola e como professora idealizadora fui premiada. Em 2009, a escola recebeu uma visita técnica por dez dias consecutivos de pesquisadores da Universidade Federal do Pará

(UFPA), incluindo Mauro Cezar Coelho³⁹. Durante as visitas foram coletados, por meio de entrevistas, dados pertinentes aos projetos destes pesquisadores, cujos trabalhos de pesquisa resultaram na publicação em 2021 de uma coleção organizada por Nilma Lino Gomes que ganhou o título “Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei 10.639/2003”.

Em 2010, participei do VI Congresso de Pesquisadores/as Negros/as (COPENE), realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na cidade do Rio de Janeiro, em que tive a oportunidade de conhecer pessoalmente Nilma Lino Gomes. Nessa ocasião, apresentei meu trabalho de conclusão da especialização em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana intitulado “Resistências Femininas Negras durante a escravidão no Brasil colonial” e tive a satisfação de conhecer mulheres negras ativistas e feministas como Giovana Xavier Conceição Nascimento, dentre outras. A menção de Conceição Nascimento neste contexto é relevante para minha construção de identidade e aceitação pessoal, particularmente em relação ao meu nome, Conceição. Ela foi a primeira pessoa a expressar uma visão positiva em relação às mulheres com esse nome, sendo ela mesma uma Conceição. Além disso, me indicou estudos sobre a história de luta e resistência das mulheres chamadas Conceição, como Conceição Evaristo, entre outras. Desde então, passei a enxergar a mim mesma e minha história de uma nova maneira. Giovana teve uma grande influência no meu processo de ressignificação e aceitação do nome Conceição, como mulher negra, feminista, ativista e educadora antirracista.

Participei de oficinas sobre mulheres negras escritoras durante o Congresso, o que reforçou minha convicção de seguir e praticar a abordagem feminista com foco no Feminismo Negro. Após retornar do Rio de Janeiro, em 2010, a professora que lecionou a disciplina “Movimentos Negros II” na minha especialização sugeriu que ingressasse no Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB/UFT), Campus de Tocantinópolis. Até então, não estava envolvida ativamente em nenhuma instituição ou organização de pesquisa.

Eu e meu esposo permanecemos como integrantes do NEAB por um ano, participando de suas atividades duas vezes por mês. Devido à minha segunda gravidez complicada e à distância entre a cidade em que moramos, Praia Norte, e Tocantinópolis (cerca de 200 km), tivemos que interromper nossa participação. Apesar dos problemas, esse foi um período enriquecedor porque tive a oportunidade de me envolver com homens e mulheres negros/as

³⁹ O cito por ter sido esse pesquisador uma das primeiras pessoas a incentivar-me a fazer Mestrado, algo que naquele contexto parecia um sonho muito distante.

engajados/as na luta e com uma prática docente antirracista, como, por exemplo, João Batista de Jesus Felix, responsável pelo Prefácio de um livro de poesias desenvolvido pelos/as discentes da Escola Estadual Genésio Gomes, na 7ª reedição do Projeto Etnicidade (2012) que deu origem ao livro intitulado “Etnicidade em Poesia”, contribuía para a construção da consciência da identidade étnico-racial.

Em paralelo às atividades desenvolvidas, continuei participando das atividades do Centro de Cultura Negra Negro Cosme (CCN-NC)⁴⁰ em Imperatriz, e, posteriormente, da Coordenação de Educação e Igualdade Racial de Imperatriz (CEIRI), sempre a convite de uma mulher negra, Eronilde Cunha⁴¹. Nestes ambientes, pude participar do processo de formação que contribuíram na construção de educadora antirracista com perspectiva feminista.

A cidade de Imperatriz, no Estado do Maranhão, contribuiu de sobremaneira na minha contínua formação para o letramento racial, que é uma forma de responder individualmente às tensões raciais aliada à resposta coletiva na forma de cotas, de políticas públicas e de formação contínua. O letramento racial busca educar pessoas em uma perspectiva antirracista e sua proposta também é condizente com minha escolha e ingresso no Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas (PPGFOPRED).

No que diz respeito às reedições do Projeto Etnicidade, essas ocorreram exitosamente durante um certo tempo, enquanto a escola tinha à sua frente gestor ou gestora sensível as discussões das relações étnico-raciais, assim como da obrigatoriedade da implementação das Leis n. 10.639 (Brasil, 2003) e Lei n. 11.645 (Brasil, 2008)⁴². Mas, a partir do momento em que essa sensibilidade deixou de existir, o projeto foi minguando ao ponto de ser silenciado, engavetado e substituído por outro projeto de temática totalmente diferente e que não fazia menção às questões relativas ao combate ao racismo e ao preconceito étnico-racial. Daí a

⁴⁰ “O Centro de Cultura Negra Negro Cosme é uma instituição da Sociedade Civil, sem fins lucrativos, fundado em 27 de março de 2002, como resultado de um movimento iniciado nos anos 90, com a chegada de professores(as) negros(as), trabalhando na educação da rede pública, municipal, estadual e universidades, além de cidadãos(ãs) comuns de outros municípios, que começaram a se organizar, promovendo ações e ampliando os horizontes da cidade, abrindo caminhos para a inclusão dos(as) negros(as) na sociedade imperatrizense. Assim, o Centro de Cultura Negra Negro Cosme de Imperatriz se institui como uma instituição representativa dos(as) negros(as) sendo precursor na busca pela igualdade racial e valorização da cultura negra”. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/68320>. Acesso em: 28 de dezembro de 2022.

⁴¹ Mulher negra, nordestina, maranhense, contadora de histórias, educadora, ativista social e coordenadora da CEIRI que funciona na Unidade Regional de Educação de Imperatriz (UREI). Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

⁴² “Essas leis tornam obrigatório o ensino de História e cultura afro-indígena brasileira no currículo escolar com ênfase nas disciplinas de História, Artes e Literatura, objetivando a educação para as relações étnico-raciais” (Gomes, 2012).

necessidade, a partir de 2018, das ações pedagógicas do referido projeto se desenvolverem em ambiente extraescolar. Nesse sentido, o Movimento Negro e o Coletivo Feminista Dandaras do MATO⁴³ fizeram não só história, mas uma diferença sem precedentes na minha vida educacional de mulher negra e ativista porque contribuíram a fim de que fosse desenvolvido fora da escola.

Em virtude desse projeto, pude contribuir com o debate sobre as relações étnico-raciais com demais colegas de outras unidades escolares de cidades vizinhas, assim como, fortalecer-me nessa seara. Como por exemplo, ainda que de forma pontual, o Instituto Federal do Tocantins (IFTO), Campus Araguatins, nas ocasiões próximas do 20 de novembro. De forma mais regular, a Faculdade do Bico (FABIC)⁴⁴ do município de Augustinópolis (TO), por intermédio do Professor Alírio Sérgio Mareco Batista (um amigo e parceiro nessa luta) e a Escola Estadual Sampaio do município de Sampaio (TO), por intermédio da professora, também dandara, Ana Maris Alves da Silva. E, ainda as práticas pedagógicas significativas da Professora Francly Leyla Salazar da Silva, que sendo uma Dandara idealizou o coletivo, insurgiu contra amarras impostas sobre suas práticas antirracistas e desenvolveu trabalhos frutíferos e pertinentes na rede estadual e municipal de Araguatins e Araguaína onde atuou enquanto concluía Mestrado em História.

As pessoas citadas realizaram belíssimos trabalhos de abordagem antirracista, com os quais pude contribuir com palestras, além de levar o grupo de dança para contribuir nas apresentações alusivas ao Dia da Consciência Negra. Na própria Diretoria Regional de Educação (DRE), atualmente é Superintendência Regional de Ensino (SRE) contribui com palestras, minicursos, assim como participei da organização de um Seminário de Cultura Afro-Indígena em 2007 e 2009, nos quais o grupo de dança HisPor'Art também se fez presente. Em parceria com uma das Dandaras - quilombola, das mais aguerridas na luta antirracista, Fátima

⁴³ Dandaras do MATO é um Coletivo de Mulheres Negras Educadoras Feministas Ativistas que são dos Estados respectivamente Maranhão e Tocantins, daí a expressão ao final do nome MATO. O coletivo originou-se em 2017 em meio a um evento cultural promovido pela Dandara Francly Leila Salazar da Silva, que reuniu em seu local de trabalho mulheres negras educadoras e ativistas para falarem sobre suas práticas pedagógicas e as amarras de suas existências. O grupo se tornou uma rede de apoio contra práticas racistas, tentativas de silenciamento e em prol de uma ampliação e ressignificação de olhares sobre as relações étnico-raciais. De forma que, tanto eu, quanto minha orientadora, somos Dandaras do MATO.

⁴⁴ “A Fundação Educacional do Bico (FUNDEB) foi criada pela Lei Municipal n. 354 de 20 de outubro de 2005, com sede na cidade de Augustinópolis, Estado do Tocantins, e, desde então, constituiu-se numa Fundação Pública com personalidade Jurídica de Direito Privado até maio de 2011, com a finalidade de manter patrimonialmente e financeiramente a Faculdade do Bico (FABIC), tornando-se uma Instituição de Educação Superior localizada na Região do Bico do Papagaio, na cidade de Augustinópolis extremo norte do Estado do Tocantins” (Informações cedidas pelo Prof. Alírio Sérgio Mareco Batista, em 03 de maio de 2022).

Barros⁴⁵ (em memória), estivemos à frente do Seminário de Cultura Afro-brasileira e Indígena (SCABI). Ela contribuiu com palestras por duas vezes nas reedições do projeto Etnicidade, foi uma grande amiga e parceira na luta antirracista. Essas mulheres negras e esse homem negro são importantes na minha constante construção de identidade negra assim como na rede de apoio nessa prática educacional antirracista e ativista.

Por fim, trago a Dandara Herli de Sousa Carvalho e a menciono com os seguintes versos: “Minha mãe me ensinou a ser brisa sempre que possível e me concedeu a coragem de mil búfalos em uma mulher” um trecho do Canto de Oyá de Rosa Amarela em que despertou em mim a coragem que pensava não possuir. Falo dela e falo de mim simultaneamente, assim como falo de Iansã⁴⁶/Oyá, a deusa da brisa e da guerra, a divindade que nos representa, pois possui em si a leveza, a valentia e a força de mil búfalos. É assim que descrevo Herli de Sousa Carvalho, minha orientadora no Mestrado e a única Dandara que obteve o título de doutora até hoje. Ela é uma mulher negra, educadora, ativista do Movimento Negro e feminista, cujas pesquisas acadêmicas se concentram em estudos na Pesquisa Autobiográfica em Educação. Na Academia de Ciências, Letras e Artes (ACLAJOL), na cidade de João Lisboa - Maranhão, tendo como Patrona Irmã Maria de La Nieves Fernández (Irmã Teresiana).

A Profa. Herli foi fundamental à minha entrada no curso de Mestrado do PPGFOPRED, uma vez que me encantou e despertou em mim profunda admiração, afeto e respeito por sua grandiosa atuação na educação, conduzindo-a com amor e fervor. Além disso, me incentivou a não desistir e a romper o silenciamento presente na Unidade Escolar em relação ao Projeto "Etnicidade" (que teve sua última reedição no espaço da escola em 2018), para clamar aos quatro ventos a dor e a luta de resistência de forma que pudesse divulgar os obstáculos e desafios enfrentados contra o racismo. Sua presença, sabedoria, conhecimento, solidariedade, força, sororidade e dororidade, mas ao mesmo tempo com a força de Iansã, foram fundamentais para que eu encontrasse inspiração e confiança quando senti enfraquecida e desacreditada da educação antirracista, e pudesse enxergar outros caminhos e possibilidades de dar sequência a minha prática docente antirracista.

⁴⁵ Mulher Negra do Quilombo Ilha de São Vicente, no Tocantins, foi a primeira de sua família a ingressar na Educação Superior. Líder quilombola e pedagoga. Fátima Barros deixa um legado de comprometimento com a preservação dos povos das comunidades tradicionais, especificamente a quilombola, e, com a educação pública. Ela será sempre semente e estará sempre presente.

⁴⁶ Os Orixás nas Religiões de Matriz Africana (Umbanda e Candomblé), representam a força da natureza, a força do grupo, a força da coletividade, sobretudo, a força da família. Traz uma função de proteção, proteção de sobrevivência da coletividade (Pinheiro, 2004).

Com essa mulher negra potente e empoderada que compreendi a força das mulheres irmanadas, e aprendi com ela, assim como com outras mulheres do Movimento Negro e do Coletivo Feminista Dandaras, dos quais faço parte, que podemos ser brisa quando preciso for, suaves quando necessário, ter a determinação de “mil búfalos” para persistir, existir e lutar, e, sobretudo, ser insubmissas contra as amarras que nos são impostas. E, é justamente inspirada nela, que pertence ao Movimento Negro, e em outras do Coletivo Feminista Dandaras, do qual fazemos parte, que me fortaleço, construo e reconstruo, e busco incessantemente ser uma mulher negra educadora feminista antirracista. As Dandaras incentivam e encorajam a me tornar melhor a cada dia e “educam” de forma surpreendente, com leveza, criatividade e axé em abundância, vibrar nas energias positivas do somos *Ubuntu* – termo de origem africana que quer dizer “Eu sou, porque nós somos”.

A relevância do Coletivo Dandara na minha construção de mulher negra educadora antirracista e feminista é pertinente porque, como afirmei em outros momentos, esse processo se dá tanto no nível individual, na minha constante formação, como no nível coletivo, uma vez que estamos irmanadas, como afirmou bell hooks (2017, p. 149). Estar junto nos momentos de luta nos solidarizando e nas ações pedagógicas antirracistas promovendo o fortalecimento da nossa rede de apoio, sobretudo, o meu, o nosso fortalecimento.

O meu lugar de fala, como mencionado por Djamila Ribeiro no livro “O que é: Lugar de Fala” (2017), me permite expressar quem eu sou por meio das minhas práticas, mas também provoca confronto, como mencionado por Grada Kilomba em seu livro “Memórias da Plantação - episódios de racismo cotidiano” (2019). Esse confronto ocorre porque afirmar a minha própria identidade em uma sociedade que insiste em subjugar as mulheres, especificamente as mulheres negras, é um ato de transgressão, é um ato que desafia o privilégio dessa sociedade patriarcal, machista, sexista e misógina.

A postura de mulher negra educadora antirracista e ativista do Movimento Negro e do coletivo feminista contribui diariamente para fortalecer e reconstruir minha prática docente, garantindo que esteja intimamente ligada a uma Educação Antirracista, combatendo o machismo, o sexismo e, acima de tudo, valorizando o lado humano. Essa postura ativista me faz refletir sobre a prática educativa com significado para pessoas que estão sob minha responsabilidade como educadora comprometida. Nesse processo, evoluo constantemente em conjunto com outras pessoas que almejam um mundo melhor, justo e livre, em que ninguém seja subjugada. Assim, ao ingressar no Mestrado, percebi as adversidades enfrentadas pelas

mulheres negras para existirem e resistirem na luta diária para termos nossas vozes respeitadas e reconhecidas saírem da invisibilidade que nos foi imposta de forma intencional.

Destarte, pensar, estudar e dialogar sobre o Feminismo Negro proporciona uma perspectiva de empoderamento como mulher negra educadora antirracista e ativista. E, ao estar junto de outras mulheres, percebi a relevância e o significado da luta das mulheres negras, seja de forma presencial ou virtual, nas leituras e escritas, especialmente daquelas que há muito tempo lutam pela construção dessa irmandade, como afirma bell hooks, (2017, p. 149) ou pela nossa dororidade, como afirmou Vilma Piedade (2017), por ser uma palavra que ainda não está presente nos dicionários tradicionais expressa a experiência vivida apenas por essas mulheres, que compreendendo a luta coletiva contribuem na perspectiva do Feminismo Negro no estudo.

Ademais, somente no universo do Movimento Negro e do coletivo de mulheres feministas compreendemos as razões pelas quais escolhi a bandeira de luta do Feminismo Negro que está intrinsecamente ligado ao Movimento Negro. É nesse contexto que surgem os coletivos de mulheres e demandas específicas que mulheres negras sentem e necessitam discutir e enfrentar. De forma que somente nesse cenário é possível pensar, entender, dialogar e pertencer a esse universo de discussão e luta tão produtivo.

Por fim, esta sou eu, uma pessoa constituída e em construção num processo contínuo com outras mulheres num caminho árduo e longo em que os encontros e desencontros me ajudaram nessa jornada de constante construção. Percorrer os caminhos do Movimento Negro e do Feminismo Negro, nas trajetórias de outras mulheres negras, me fez compreender e perceber que é possível caminhar coletivamente para nos fortalecermos, pois essa postura de educadora antirracista e ativista necessita render frutos individualmente e no coletivo. Foi por entender essa perspectiva potencializadora e empoderadora, que escolhi essa perspectiva como base de sustentação teórica em intelectuais negras feministas.

CAPÍTULO 3 – A PERSPECTIVA DO FEMINISMO NEGRO PARA UM ENCONTRO TEÓRICO COM O COLETIVO DE MULHERES

Neste Capítulo adotamos uma abordagem que destaca a perspectiva do Feminismo Negro. De modo que nessa trajetória mergulhamos nas vozes e experiências de mulheres negras trabalhadoras na educação reconhecendo suas lutas e contribuições para a transformação social. Através de um diálogo intenso com o coletivo buscamos abranger as especificidades e desafios enfrentados de forma a construir um conhecimento inclusivo e representativo. Este capítulo apresenta uma jornada de reflexões dos pressupostos feministas, trazendo à tona as nuances e interseccionalidades que permeiam a luta feminina. Nos propomos a dar visibilidade às vozes silenciadas, revelando as potencialidades de um feminismo que abrange a pluralidade de experiências e identidades na construção de um espaço equânime.

Deste modo, entender a origem do Movimento do Feminismo Negro é fundamental para debater particularidades da experiência de ser mulher negra no Brasil. Neste contexto, o Movimento Negro recebe destaque, pois é nele que se desenvolve as bases teóricas do Feminismo interseccional. Diante disso, não é possível abordar a realidade de ser mulher negra, considerando a interseccionalidade entre gênero, raça e classe no contexto educacional sem mencionar o Movimento Negro.

A articulação de campos de conhecimentos distintos é uma abordagem crucial ao discutir questões que envolvem a população negra, devido às evidências das tensões e semelhanças que esses campos proporcionam. Nesse contexto, discutir o Movimento Negro e o Feminismo Negro a partir da perspectiva de destacadas feministas negras norte-americanas como bell hooks, Patrícia Hill Collins, Angela Davis, da portuguesa Grada Kilomba, e de renomadas intelectuais feministas negras brasileiras como Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, Neusa Sousa e Nilma Lino Gomes, entre outras, à luz da Pedagogia Freireana em prol de uma Educação Libertadora é, acima de tudo, dialogar com tais conhecimentos entrelaçados, interconectados, relevantes e necessários.

Como destacado na obra “Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa” (2018), o Movimento Negro reconhece a complexidade da temática devido a multiplicidade de expressões. De acordo com Gonzalez (2018, p. 147), “afinal, nós negros/as, não constituímos um bloco monolítico de características rígidas e imutáveis”. De fato, esta

população não é composta por elementos inflexíveis e dispersos, nem são inalteráveis. A luta dos negros e negras é construída e fortalecida coletivamente.

A tentativa de impor uma homogeneização dos valores culturais europeus aos povos africanos trazidos ao Brasil durante a escravidão nos faz refletir sobre a diversidade é apenas um dos aspectos que podemos mencionar ao considerar a flexibilização do tema para o plural. Com esse objetivo, e exemplificando os campos de atuação da militância negra, apresento nesta discussão organizações do Movimento Negro fundamentais para que possamos debater e problematizar a realidade social brasileira, pois esses grupos são locais de construção de luta ideológica, educacional e política da população negra.

No campo ideológico, educacional e político pós-abolição, destacamos a Frente Negra Brasileira (1931-1938). Essa associação, fundada em São Paulo, em 1931, buscava tornar-se uma entidade nacional atuando nos âmbitos político, informativo, recreativo e beneficente. Seus departamentos visavam promover educação e entretenimento nas escolas e cursos de alfabetização para todas as idades. Além disso, a Frente Negra Brasileira (FNB) tinha como objetivo a integração do negro na vida social, política e cultural, repudiando as formas de discriminação racial presente na sociedade daquele período (Gomes, 2012). Em 1936, a associação se transformou em um partido político, mas sua existência foi encerrada em 1937 devido a um decreto assinado por Getúlio Vargas, então Presidente do Brasil, que declarou a ilegalidade de todas as agremiações partidárias.

A análise sociológica e os criadores de políticas públicas estão começando a entender a estrutura racial desenvolvida pelo Movimento Negro para compreender a complexidade da discriminação e desigualdade enfrentadas pela população negra no Brasil que foi possível graças às pressões e mobilizações do movimento em relação às condições socioeconômicas das pessoas de ascendência africana, de modo que sem essas ações, os avanços e conquistas não teriam ocorrido.

No texto “Raça e cor nos sistemas de ensino” (Carneiro, 2002), aponta que os dados atuais sobre desigualdade racial corroboram com as denúncias dos movimentos negros contemporâneos em relação às discrepâncias em direitos e oportunidades existentes em nossa sociedade em detrimento da população negra. Esses dados estatísticos evidenciam os prejuízos enfrentados pela população negra em comparação à população não negra, especialmente pelas mulheres negras. Em que um diálogo é estabelecido com outras feministas negras que também denunciavam as desvantagens sociais enfrentadas em comparação com as demais pessoas não

negras. Essas circunstâncias levaram os afro-brasileiros a se organizar em comunidades e redes de apoio buscando objetivos e reivindicações compartilhadas.

O Teatro Experimental Negro (TEN) (1945-1968) tinha um caráter pedagógico simultaneamente representativo da população negra e era um exemplo da intensificação das agitações intelectuais e políticas realizadas pelas entidades negras que lutaram pela redefinição e implantação das demandas da comunidade negra no Rio de Janeiro em 1944. Figuras emblemáticas do Movimento Negro, como Lélia Gonzalez, consideraram o TEN como a máxima expressão desse tipo de entidade que englobou o período de 1944 a 1968.

O primeiro grupo de participantes alfabetizado pelo TEN selecionou trabalhadores/as domésticos/as e funcionários/as públicos/as sem profissão definida, de forma que essa experiência ofereceu uma nova postura e critério próprio permitindo que enxergassem o espaço ocupado pelo grupo afro-brasileiro no contexto nacional. Isso demonstra que além de articular as demandas sociais essas comunidades buscavam se politizar através de uma Educação Libertadora, conforme defendido por Paulo Freire (Gomes, 2012).

Neste sentido, durante a repressão da ditadura militar, as lideranças negras foram desarticuladas e desmobilizadas, sendo forçadas a atuar de forma semiclandestina. Apesar disso, jovens se reuniam e, em conversas informais, percebiam que suas ideias e noções sobre a realidade do povo negro convergiam. Assim, novas comunidades surgiam e se fortaleciam. Podemos caracterizar esse fenômeno como quilombar⁴⁷, visto que se inspiravam no Movimento “Soul”⁴⁸ dos Estados Unidos da América.

Destacamos que durante esta década, além do eixo Rio-São Paulo, surgiram em outros centros, como Salvador, movimentos influenciados pelo estilo musical “soul” permeados pelas formas de expressão artística. Os bailes *Black* se tornaram espaços de encontro racial para confrontar a sociedade dominante, eram locais em que as pessoas se reconheciam e confraternizavam com base numa identidade étnico-racial negra. Obviamente, esses eventos foram alvos dos militares e se fortaleceram como resistência negra.

⁴⁷ Quilombar-se é o ato de assumir uma posição de resistência contra hegemônica a partir de um corpo político. Os movimentos sociais, especificamente o Movimento Negro e o Feminismo Negro utilizam-se desse termo para afirmar que a população negra deve quilombar todos os espaços que lhes foram negados (Nascimento, 2002).

⁴⁸ O *Soul* surgiu nos Estados Unidos, como uma expressão do Movimento Negro pelos direitos civis. Entre as décadas de 1950 e 1960, essa música da alma era a manifestação de um povo que buscava a equidade. Tais canções marcavam a identidade dos afro-americanos, expressando as dificuldades vividas no país (Gonzalez, 2018).

No final da década de 1970, o Movimento Negro, composto por intelectuais negros/as e não negros/as, chamava a atenção da sociedade e do Estado para o fato de que a desigualdade que afeta a população negra no Brasil não é apenas resultado do passado escravocrata, mas sim um fenômeno complexo e com várias causas devido a uma rede articulada e planejada nos âmbitos político, econômico e cultural que busca legitimar a superioridade da raça branca e a inferioridade da raça negra.

Os estudos sobre o Movimento Negro abordam a organização e articulação dos grupos e entidades de maneira sistemática e cuidadosa, o que permitiu o avanço do movimento. Em 1975, a questão negra passou a ser debatida oficialmente no meio acadêmico. Segundo Lélia Gonzalez (2018, p. 160), “o Grupo de Trabalho André Rebouças realizava sua primeira Semana de Estudos sobre o Negro na Formação Social Brasileira, na Universidade Federal Fluminense, reunindo professores/as e pesquisadores/as nas mais diferentes áreas, especialistas na questão Negra”. Tal fato demonstra o quanto as discussões sobre a situação da população negra na sociedade avançaram, inclusive no âmbito acadêmico que teve uma contribuição significativa na criação de cadernos de estudos, publicações pioneiras voltadas para a comunidade negra, e na organização dessa população em compreender a importância de ocupar espaços de produção de conhecimento para que pudessem ser visibilizados.

Em 1976, houve um aumento nas interações entre pessoas do Rio de Janeiro e de São Paulo em relação ao Movimento Negro. Foi através dessas conexões que surgiram as primeiras indicações de um Movimento Negro Nacional que posteriormente resultou na formação do Movimento Negro Unificado (MNU). De acordo com Gonzalez (2018, p. 163), há informações sobre esse assunto.

Sua criação efetiva, que se daria em junho de 78 em São Paulo. [...] resultou de todo um trabalho dos setores mais consequentes das entidades cariocas e paulistas, empenhadas numa luta política comum. [...] Vale lembrar que a fundação do MNU não contou com a participação de nenhuma grande personalidade, mas resultou do esforço de uma negrada anônima, dessas novas lideranças forjadas sob o regime ditatorial militar.

Deste modo devemos reconhecer e valorizar aqueles/as que contribuíram para a formação do Movimento Negro Unificado, pessoas comprometidas com a luta coletiva. Esse feito foi alcançado por essa coletividade com esforços próprios, mesmo sem a ajuda de pessoas consideradas “importantes”, e durante o regime militar.

Dessa forma, associações e grupos, majoritariamente vinculados ao campo das artes, com uma significativa presença de grupos africanistas e clubes esportivos firmaram o documento inicial da criação do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, conhecido como Carta Convocatória para um evento público contra o Racismo (Gomes, 2011). No contexto do avanço do debate sobre o MNU destacamos a consolidação do dia 20 de novembro como uma data que preserva a memória de que a abolição da escravidão foi conquistada pelas pessoas que foram escravizadas, e mesmo durante os períodos colonial e imperial, não cessaram a luta contra a escravidão. Essa data foi escolhida por ser o dia em que Zumbi dos Palmares, líder emblemático do Quilombo dos Palmares, localizado na Serra da Barriga, no Estado de Alagoas, faleceu em 1695.

Esse fato foi altamente benéfico para o MNU, fortalecendo-o ainda mais e garantindo visibilidade internacional. Nessa época, Lélia Gonzalez teve participação ativa em eventos ao redor do mundo, como congressos no Panamá, seminários na Finlândia, simpósios em *Los Angeles*, encontros em *Pittsburgh* e Suécia, conferências em Veneza, Paris e Suíça, e palestras em países dos Estados Unidos, África e Europa que ocorreram entre 1979 e 1980, e tinham o objetivo de expor a realidade da população negra brasileira.

No âmbito da luta política, engajamento e reivindicações do Movimento Negro, o I Congresso do MNU é considerado um avanço significativo ao reunir representantes de estados brasileiros em que os debates sobre as condições de sobrevivência e integração da população negra na sociedade haviam progredido. Entretanto, ao analisar a implementação de políticas públicas direcionadas à população negra, o próprio movimento percebia uma restrição voltadas especificamente para a comunidade negra, e adotavam uma abordagem repressiva para não mencionar retaliações por parte do Estado.

Por isso, o Movimento Negro e outros movimentos, como o Feminismo Negro estão engajados a respeito das relações étnico-raciais que atravessam os temas classe, raça e gênero durante as discussões em Congressos. As mulheres negras debateram as condições, a educação de seus filhos; o embranquecimento dos homens negros; controle de natalidade; a liberação do povo negro; a luta contra o racismo e a situação de mulheres no trabalho doméstico imposto por mulheres não negras; entre outras temáticas. Apesar de não agradar todas as entidades culturais tiveram que se alinhar devido à influência política. No geral, ao promoverem o debate sobre o racismo, e questionarem as políticas públicas em relação à desigualdade racial, o movimento social negro reinterpreto e politizou o termo raça buscando a emancipação. Os

temas propostos por intelectuais negros e negras convergiam para a ideia de estudar a população negra como um todo, no contexto em que a educação desempenha a função de uma consciência individual e coletiva em construção.

Beatriz Nascimento na obra “Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos” (2021), aborda os aspectos raciais e utiliza a abordagem da interseccionalidade para discutir a realidade das mulheres negras. Sua imersão nesse tema deixou um legado intelectual pioneiro que recupera dados da história negra feita por pessoas negras em um país que carrega as marcas do período colonial. Além disso, Gomes (2012) também destaca a relevância da corporeidade como espaço político, relacionando o corpo destas mulheres com sua ancestralidade africana. Segundo essas pesquisadoras, tal corporeidade ocupa um lugar central nos debates e na educação, sendo um elemento de libertação político-identitária.

Assim, citamos as mulheres negras contemporâneas como Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro desempenharam um lugar fundamental na construção do Feminismo interseccional no Brasil, ao introduzirem abordagens epistemológicas que questionaram o racismo, efeitos, o mito da democracia racial e as condições de vida da população negra. Essas mulheres estavam envolvidas nos movimentos antirracistas e feministas transgredindo as estruturas vigentes da época, bem como, as escritas de si destacam a corporeidade e as subjetividades associadas à experiência de ser mulher negra no Brasil.

Por conseguinte, não podemos negar que essas mulheres pioneiras do Movimento Negro e do Feminismo Negro estavam, de fato, motivadas e influenciadas por ativistas e feministas negras que enfrentaram a escravidão e lutaram contra a opressão de todas as formas possíveis.

3.1 As feministas predecessoras da nossa história

Trazemos este tópico a fim de entender a participação política e social da população negra ao longo da história do Brasil e sua extensa contribuição intelectual, para então analisar diferentes modelagens de organização desse grupo étnico-racial, desde o período de escravidão, passando pela pós-abolição até a atualidade, e, destacando as estratégias de resistência e capacidade de redefinir a realidade social.

O legado da luta e (re)existência das mulheres negras que foram escravizadas contribui significativamente para a compreensão de que foram as precursoras do Feminismo Negro. Esse

legado nos permite compreender a extrema e duradoura exploração e dominação da população negra, intencionalmente baseada na supremacia racial e sexual, resultando em desigualdades interseccionais que abrange raça, gênero e classe, e são evidentes no tratamento dispensado a essas mulheres que se rebelavam contra o sistema escravista.

Dessa maneira, é necessário analisar casos de (re)existência de mulheres negras durante o período escravocrata no Brasil colonial, a fim de instituir conhecimentos novos sobre a resistência feminina negra e destacar as lutas dessas mulheres para se libertar da condição de escravizadas e das restrições impostas pelo fato de assim serem.

Dandara do Quilombo dos Palmares, guerreira que lutou até a morte para não se entregar a seus algozes. Palmares foi o maior reduto de resistência da população negra naquele contexto histórico (século XVII), que se negou a subjugação imposta; Tereza de Benguela, líder quilombola do Quilombo Quatetê, ou do Piolho em Mato Grosso em 1730; Luiza Mahín, participante do levante na Revolta dos Malês, ocorrido em Salvador, Bahia, em 1835; Domingas de Freitas no Tocantins, “crioula forra”, que desafiou a sociedade colonial arariense passando da condição de escrava alforriada e mais tarde, senhora livre e influente, ajudando inclusive a comprar alforria de outros(as) escravos(as) (Apolinário, 2000, p. 108).

Desta forma, a história do Brasil é marcada pela resistência de homens e mulheres negras que se insurgiram contra a opressão do sistema escravocrata. Dandara do Quilombo dos Palmares, Tereza de Benguela, Luiza Mahín e Domingas de Freitas são exemplos de líderes femininas que contribuíram para a resistência da população negra no período colonial e imperial. Essas mulheres, frequentemente companheiras ou líderes independentes, desafiaram a sociedade dominante e o sistema opressivo vigente. Embora muitas vezes negligenciada pela historiografia, a liderança e a capacidade de organização exercidas nesse período são inquestionáveis e merecem ser celebradas como parte essencial da nossa história.

No final do século XVIII e início do XIX, a liderança feminina negra mostrou-se de maneira singular em que as mulheres negras estiveram à frente de Quilombos e Mocambos, resistindo de diversas formas, incluindo não apenas a própria sobrevivência, mas ao mesmo tempo na organização de espaços coletivos ocuparam o cargo de rainha, tendo total poder de decisão e atuação, temos como exemplo, “o caso da rainha Ngola, foi dirigente de um mocambo em plena floresta amazônica, passava o dia em audiências com os súditos” (Carneiro, 2004, p. 109). E, igualmente, Dandara, companheira de um dos maiores líderes do Quilombo de Palmares, também representou a força, coragem e resistência feminina. Sua luta possui

repercussões até os dias atuais, sendo que coletivos e grupos de estudos de mulheres negras ativistas do Feminismo Negro orgulhosamente carregam o seu nome.

Assim, para compreender a situação das mulheres negras no mercado de trabalho atual, é imprescindível abordar a resistência que remete à organização social que estava sendo construída no Brasil, na qual diferentes grupos desempenhavam funções distintas, evidenciando uma hierarquia social. Com base nessa perspectiva, a sociedade brasileira deriva de uma estrutura patriarcal que afeta de maneira profunda tanto negras, quanto não negras. Devido ao patriarcado e ao paternalismo, à mulher branca foi atribuído o papel de esposa, voltada exclusivamente para o cuidado da família. Essa posição assegura seu lugar no ambiente doméstico, recebendo amor e amparo do homem branco.

Ao contrário do que acontece com as mulheres não negras, as mulheres negras são consideradas produtivas, desempenhando funções semelhantes às dos homens negros, ou seja, com tarefas ativas. Em primeiro lugar, como escravizadas trabalhavam não apenas nas atividades domésticas da casa grande, mas também no campo e em tarefas complementares, como poda de matas e moagem de café. Além disso, eram vistas por sua capacidade de reprodução, ou seja, como potenciais mães de escravizados/as enfatizando as múltiplas formas de exploração às quais eram submetidas que ainda têm resquícios.

Tanto Carneiro (2011) quanto Nascimento (2004, 2021) concordam ao analisar a função da mulher negra como trabalhadora desde o período colonial e sua condição de exploração. Esse contexto têm um impacto significativo na construção de uma identidade positiva para estas mulheres, as quais enfrentam um caminho desafiador em reconstrução como consequência da escravidão, em que pese a persistência de estruturas patriarcais resultante da ocupação em trabalhos domésticos. A continuidade desses empregos se assemelha aos que as escravizadas tinham na época colonial ao ser influenciada, tanto pela sua condição de mulher negra, como pela imagem viva da escravidão em suas raízes históricas.

De modo que em uma sociedade, como a brasileira, na qual tradições antigas coexistem com a modernidade, a educação tem um desempenho crucial na busca por uma melhoria nas condições de vida e ascensão social dos grupos marginalizados. No entanto, devido à persistência de tradições retrógradas, o progresso educacional era limitado e lento. Ressaltamos que grande parcela da população negra foi excluída na pós abolição da escravatura, e quando tiveram acesso à instrução, não eram oferecidas condições adequadas para garantir a construção da cidadania do povo negro. No caso das mulheres negras há necessidade de aumentar a

representação na educação como possibilidade de desafiar, transgredir e ressignificar a herança colonial que continua prejudicial.

Neste sentido, discutir a organização do Movimento Negro e do Feminismo Negro é examinar as relações de gênero dentro da militância negra em que as questões contemporâneas incluem o patriarcalismo estrutural exacerbado, o machismo explícito, o sexismo e a perspectiva feminina nessas categorias, bem como o empoderamento que está diretamente ligado a esses problemas ao considerar as contribuições do Feminismo Negro para a educação.

Dessa forma, ao considerarmos as relações de gênero intrincadas no Movimento Negro, é possível compreender a relevância da Educação Antirracista no processo de autonomia das mulheres negras convivendo com outras mulheres que lutavam para fazer valer suas posições ideológicas, políticas e intelectuais, percebemos a construção de uma identidade não apenas de gênero, mas também das restrições impostas dentro do próprio grupo. No entanto, constatamos que as mulheres buscam compreensão mútua, solidariedade e sororidade, contribuindo para a construção de uma consciência individual dentro do movimento.

Inicialmente, o pedido por espaço e reconhecimento das mulheres negras dentro do Movimento Negro pode ser visto como um indício do surgimento do Feminismo Negro. Uma das precursoras dessa causa foi Lélia Gonzalez, cujo trabalho significativo contribuiu para o avanço deste Movimento e do próprio Feminismo, e assim, fortalecendo o empoderamento das mulheres negras, inclusive o seu próprio, e deste modo, gerando impactos significativos.

Em meio ao contexto de luta no Movimento Negro, as mulheres criaram espaços para se afirmar, resistir e reivindicar um lugar na sociedade. Para tanto, é por meio do processo educativo e de consciência política que temos conseguido transgredir e transformar as realidades de maneira gradual e inspirando outras mulheres. Assim, o Feminismo Negro surge como uma categoria formulada pelo Movimento Negro que reconhece que o feminismo tradicional não abrange as demandas e dificuldades vivenciadas pelas mulheres negras quando comparado com as não negras. Esta é uma realidade em que está presente as questões de raça, gênero e classe, e determina o que é denominado interseccionalidade⁴⁹.

⁴⁹ A interseccionalidade se coloca como uma abordagem teórica e metodológica que permite analisar e compreender como as desigualdades de gênero, raça e classe interagem e se manifestam na vida das pessoas, o que implica reconhecer a diversidade e as diferentes experiências de privilégio e opressão vivenciadas por determinados grupos sociais. Dessa forma, a categoria interseccionalidade permite ampliar o olhar sobre as relações de poder e a complexidade das hierarquias sociais, contribuindo para uma perspectiva mais ampla e inclusiva das demandas sociais e políticas (Collins, 2019).

O Feminismo clássico, criado pelo movimento feminista branco, é uma luta histórica pela igualdade de gênero, passando por fases no debate sobre a opressão das mulheres e do próprio movimento em si. Como um pensamento crítico dentro do movimento de resistência, possui uma longa história de denúncias e reformulações em relação às opressões que as mulheres enfrentaram e ainda enfrentam. Portanto, é urgente tornar o Feminismo inclusivo em relação às mulheres negras.

É necessário que o Feminismo se enegreça! Essa expressão é utilizada pelo Movimento Negro para abordar as trajetórias que as mulheres negras do movimento feminista brasileiro devem seguir. Precisamos ressaltar, através dessa expressão, que o Feminismo tradicional possui uma identidade predominantemente branca e ocidental, além de ter limitações teóricas e práticas ao incluir as manifestações do Feminismo em sociedades multirraciais e multiculturais. Por conseguinte, a perspectiva feminista negra surge do contexto específico de ser mulher, negra e, em geral, de baixa renda, desempenhando uma luta contra o racismo.

A presença da mulher negra como trabalhadora abrange uma diversidade de trabalhos, destacando-se especialmente os de servidão, nos quais frequentemente ocupa uma posição subordinada. O trabalho doméstico serve como um exemplo dessa condição. A mulher negra foi a primeira e, por longo tempo, a única a sofrer as consequências ao carregar as cicatrizes dos maus-tratos da escravidão, resultando na criação do que Carneiro (2004) chamou de "matriarcado da miséria". De maneira que "o abandono social a que foram submetidas as mulheres negras, além de humilhação social, um tipo de 'independência' e de 'autonomia' que seria a base do matriarcado da miséria" (Carneiro, 2004, p. 107). Elas foram obrigadas a sustentar a si mesmas e suas famílias, tendo que se virar e lidar com todas as responsabilidades sozinhas. Além disso, os abusos cometidos contra seus corpos durante a escravidão tiveram um impacto significativo na formação da identidade feminina negra, diferenciando-a da não negra.

Para o momento, sugerimos a continuidade de coletar memórias e escritos sobre a experiência pessoal, destacando o legado como exemplos de resistência na luta por libertação das amarras da opressão sociocultural e econômica. Essas amarras dão origem a danos e estereótipos que são carregados de forma estigmatizada pelos corpos das mulheres negras.

3.2 Contribuições da luta feminista para a Educação Antirracista

A construção da identidade negra é, há muito tempo, um processo complexo e doloroso, como evidencia Neusa Santos Souza no livro “Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social” (2021) em que explora a afirmação da própria autonomia se torna parte essencial do processo de transformação do sofrimento causado pelo racismo. A obra destaca a necessidade de escapar da armadilha da chamada democracia racial brasileira, que tenta educar a população negra para assimilar os padrões culturais europeus. Em vez disso, a autora destaca a necessidade da pessoa negra participar da reconstrução de si mesma, forjando uma nova identidade negra histórica e existencial, sendo formada por um conjunto de transformações políticas e subjetivas.

Nascer com a pele preta e/ou outros caracteres do tipo negroide e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial, não organiza, por si só, uma identidade negra. Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma consciência [...] assim, ser negro não é uma condição dada, *a priori*, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (Souza, 2021, p. 115).

Como psiquiatra, Souza (2021) revela que a negritude não está restrita apenas às características biológicas, mas também é uma posição política. Portanto, é crucial assumir essa condição política para que ocorra efetivamente o processo de consciência da identidade e do pertencimento étnico-racial. Um passo essencial na construção dessa “nova consciência” que proporciona oportunidades para pessoas negras desenvolverem a própria identidade é a capacidade de se auto identificar e produzir histórias pessoais tanto em rodas de conversa como na forma escrita.

Conforme mencionado por Souza (2021, p. 45), isso é considerado “uma forma de exercer a independência ao ter um discurso sobre si mesmo”. Portanto, é um estágio crucial na formação de uma nova identidade baseada em uma relação positiva com a escuridão. Essas descobertas se assemelham ao trabalho de Grada Kilomba no livro “Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano” (2019), no qual reconhece que “a própria compreensão e estudo da marginalização cria a possibilidade de se tornar um novo sujeito a partir da descolonização do eu” (Kilomba, 2019, p. 69). Esse processo representa uma maneira inovadora de aprender a

se enxergar e pensar com uma nova perspectiva, possibilitando uma recriação e reinvenção de si, promovendo a descolonização tanto do eu como daquilo que nos foi imposto.

Para compreender a formação da identidade negra em um contexto de discriminação, “é necessário considerar sua expressão simbólica, relacionada a valores, crenças, rituais, mitos e linguagem” (Gomes, 2011, p. 149) como aspectos essenciais ao diálogo com as demais pessoas. O aspecto simbólico é fundamental para a identificação do indivíduo desejado, bem como para a demonstração de quem é diante das pessoas por se tratar de um processo de autoafirmação e resistência simultânea.

Dessa forma, tornar-se negro/a ou ser negro/a não pode ser reduzido a “um estado de espírito” (Nascimento, 2021, p. 49), não deve surgir de uma adesão inconsciente a comportamentos impostos pela cultura europeia que estereotipa e define a identidade negra. Essa realidade revela uma tentativa dissimulada de manter a supremacia racial, sendo uma forma sofisticada de apresentar o preconceito através de um discurso paternalista. Aqueles que não podem negar suas origens, mas que deve a maior parte do que possuem às pessoas que foram escravizadas, desumanizadas, marginalizadas e privadas dos seus direitos.

Tomar consciência de si é fundamentalmente um ato de (re)existência, assim como uma transgressão às regras estabelecidas pela sociedade que é estruturalmente patriarcal, machista, sexista, racista e misógina. Essa tomada de consciência muitas vezes causa desconforto em quem sempre esteve em posição de dominação e privilégio. Nesse sentido, a ação de quem se rebela e constrói uma identidade própria, rompendo com as amarras impostas, é considerada um “ato de afrontamento”, de acordo com Kilomba (2019, p. 125). Isso demonstra a falta de aceitação, e às vezes completa inaceitabilidade, por parte daqueles/as que têm sido e ainda são subordinadores/as, em relação ao ato de se rebelar ou libertar das imposições sobre os corpos negros e sua existência.

No entanto, Beatriz Nascimento (2021, p. 50) vai além, promovendo um apelo coletivo por uma consciência que seja mais desafiadora e instigante, e propõe o desenvolvimento de uma “consciência de nós”, incorporando um ato de caráter abrangente e revolucionário. É necessário buscar a construção de uma identidade conectada à coletividade. Esse processo de construção identitária não ocorre isoladamente, no âmbito individual, mas sim por meio da luta coletiva na qual o Feminismo Negro representa com precisão essa abordagem.

Lélia Gonzalez desenvolveu trabalhos voltados à comunidade negra periférica utilizando as artes como ferramenta educativa. O teatro envolve e sensibiliza a população na

construção de sua identidade. Assim, as mulheres negras promoviam debates que se referiam especificamente às suas realidades, adquirindo autoridade e segurança para participar de discussões coletivas. No entanto, esse processo de autonomia gerava insatisfação nos companheiros de luta, que se sentiam em desvantagem na construção conjunta das ideias. A partir dos exemplos de militâncias das mulheres negras mencionadas até aqui, fica evidente o poder e a autonomia dessas mulheres ao articular o Feminismo com especificidade dentro do Movimento Negro, que discute as questões vivenciadas pela população negra.

As instituições negras, especialmente o Feminismo Negro, deram especial atenção à educação, considerando as nuances explicadas e exemplificadas. Para tanto, as mulheres negras enfrentaram disputas internas no movimento, o que as levou a promover uma reeducação, tanto delas mesmas, quanto de seus companheiros/as de luta. A presença de machismo e sexismo proporcionou uma oportunidade para refletirem sobre as funções e promoverem uma abordagem educacional. Assim sendo, as ativistas negras desafiavam o machismo dentro do próprio movimento e incentivavam os ativistas masculinos a repensar e modificar suas atitudes e comportamentos nas relações políticas e pessoais com suas companheiras de luta.

De acordo com Nascimento (2021), no Movimento Negro, a contribuição para a construção da consciência de si ocupa um lugar singular em cada mulher conhecido como "Consciência de nós". A exigência das mulheres negras por esse espaço prenuncia o surgimento do Feminismo interseccional com um enfoque socioeducativo, o que tem sido fundamental para o fortalecimento do Feminismo Negro e o empoderamento das mulheres, além de buscar a afirmação pessoal sempre procurou criar espaços não apenas para si, mas, principalmente, para sua re(existência) coletiva.

O conhecimento político das feministas negras é destacado em suas ações que promovem aprendizados políticos, identitários, estéticos e corpóreos. Esse conhecimento é construtivo e educativo em relação ao corpo e às relações políticas, tanto dentro como fora do movimento feminista. Apesar da natureza progressista da luta feminista, as questões de raça e gênero são enfatizadas devido às acusações de racismo e violência contra mulheres negras. Isso torna a luta das feministas extremamente desafiadora dentro dos movimentos em que estão engajadas porque precisam enfrentar as restrições sociais impostas.

No que se refere ao objetivo educacional do Feminismo Negro, estudiosas como Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Neusa Santos Souza, Suely Carneiro e Nilma Lino Gomes afirmam que esse aspecto não é recente, embora as mulheres negras que introduziram os

processos educacionais tenham sido invisibilizadas, porém, defendem que é possível encontrar elementos para estabelecer princípios educacionais revolucionários baseados na compreensão da humanidade e com o objetivo de promoção de uma renovação radical na sociedade.

Nesse contexto, a experiência das pessoas negras foi invisibilizadas, enquanto a narrativa sobre os brancos foi considerada a única válida. Como resultado, a história da educação negra, especialmente no Brasil, tem sido moldada como sendo predominantemente branca. Até mesmo as contribuições das professoras negras para a história da educação brasileira foram pouco reconhecidas. A ausência de registros fotográficos e documentais evidencia essa exclusão da educação feita por mãos negras, criando assim uma versão da história única, como mencionado por Chimamanda Ngozi Adichie no livro "O perigo de uma história única" (2019). A citação destaca que o reconhecimento de uma única narrativa limitada sobre um determinado assunto ou grupo de pessoas pode ser prejudicial. Muitas vezes, ao ouvirmos apenas uma história, podemos desenvolver estereótipos, preconceitos e uma compreensão incompleta da realidade. É essencial buscar diferentes perspectivas para obter uma visão ampla das experiências humanas. Essa reflexão nos convida a questionar a que estamos sendo expostas, e a conscientemente escutar histórias para evitar a perpetuação de ideias errôneas ou discriminatórias.

Caso tenha havido tentativa de apagar a história da presença negra, também houve o cancelamento das práticas pedagógicas estruturadas pelas experiências educacionais negras, relacionadas a forma como as pessoas negras na diáspora ensinaram e lutaram, e representam uma herança intelectual. A tentativa de reconstruir as bases dessa abordagem educacional, elaborada por mulheres negras e fundamentada nas teorias e métodos do Feminismo Negro, é chamada de "pedagogia feminista negra" (Pinho, 2018). Esta abordagem diz respeito à maneira como estas mulheres conduzem suas práticas pedagógicas.

A educação na pedagogia feminista negra, de acordo hooks (2017) é considerada um direito conquistado progressivamente por pessoas que lutam ininterruptamente pela democracia, apostando na geração de conhecimento que valoriza o diálogo entre indivíduos e suas culturas. Além disso, é vista como uma via adicional para a ascensão social e uma forma de combater a discriminação. Para uma análise mais aprofundada desse campo epistemológico, é necessário abordar algumas ações específicas.

A primeira, a nosso ver, é compreender a radicalidade política e pedagógica das ações promovidas pelo Movimento Negro e pelo Feminismo Negro ao longo da história, bem como

sua capacidade de promover transformações na sociedade e na educação, implica em direcionar um olhar para além da população negra. A proposta é de uma educação que reconheça a interseccionalidade entre gênero, raça e classe, e se comprometa com a implementação de ações com o objetivo de alcançar uma verdadeira justiça social.

Em segundo lugar, perceber como os movimentos sociais mencionados, conhecidos como “agentes políticos”, têm desempenhado uma função primordial ao reconhecerem o direito à educação da população negra, questionam o currículo e a abordagem das escolas, com base na inclusão da identidade racial, na formação de professores/as, na incorporação da história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares, por meio da Lei nº 10.639 (Brasil, 2003)⁵⁰ e da Lei nº 11.645 (Brasil, 2008)⁵¹, além de políticas afirmativas advindas de ambas.

Em terceiro lugar, é fundamental compreender o significado do pensamento feminista negro para estabelecer suas relações com a educação. Essa concepção representa uma variedade específica de tradições intelectuais únicas desse movimento que surgiram da posição coletiva, da tensão entre a opressão enfrentada e sua luta, sendo que a principal característica do Feminismo Negro é dar visibilidade às mulheres negras.

Assim, torna-se imprescindível reavaliar esta história através de uma nova perspectiva teórica que questione os modelos tradicionais e busque a contribuição das mulheres negras em diversas áreas do conhecimento, combatendo o racismo, o sexismo e a opressão que afeta a classe trabalhadora. Essas bases de análise têm gerado conceitos inovadores em diversos campos, inclusive na educação, e são fundamentos dialógicos em evolução, formulados a partir dos conceitos das feministas negras, os quais são desenvolvidos através do trabalho pedagógico.

Deste modo, a educação no contexto da pedagogia feminista negra, considerada como uma teoria crítica baseada na visão de Giroux (1983), busca fornecer acesso a recursos abstratos ou habilidades que permita compreender o ambiente em que vivem, a fim de transformá-lo. Em resumo, a educação é a ferramenta primordial que possibilita ao ser humano se desenvolver plenamente, capacitando-o a interpretar e agir de forma crítica concebendo uma nova sociedade.

⁵⁰ Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e acresce na Resolução nº 01 (Brasil, 2004) que institui as Diretrizes Nacionais, o estudo de África, igualmente.

⁵¹ A Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, torna obrigatório o estudo da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

As contribuições do Movimento Feminista Negro para a área educacional são imensuráveis e abrangentes. Ao longo dos anos, mulheres negras têm desafiado as estruturas opressivas e as desigualdades sistêmicas na educação, promovendo a inclusão, a diversidade e a equidade. Seu engajamento e dedicação resultaram em mudanças significativas nas políticas educacionais, na promoção da representatividade nos currículos e na inspiração das novas gerações por meio da consciência, resiliência, busca pela justiça e transformação social.

Por fim, com base nas contribuições de renomadas feministas negras, que deixaram um legado sem precedentes, apresentamos, em seguida, o capítulo metodológico da pesquisa do nosso estudo dissertativo ao considerarmos as narrativas de mulheres negras trabalhadoras em educação.

CAPÍTULO 4 – O ENCONTRO METODOLÓGICO DA PESQUISA COM O COLETIVO DE MULHERES NEGRAS EDUCADORAS

Este capítulo apresenta os caminhos que percorremos para realizarmos a análise das narrativas de mulheres negras trabalhadoras da educação, sob a perspectiva do Feminismo Negro, de modo que será abordado o delineamento do estudo. O *lócus* da pesquisa refere-se às interlocutoras, que são trabalhadoras da educação de diversas funções, pertencentes a duas escolas específicas, uma estadual e outra municipal. No entanto, é relevante ressaltar que as escolas em si não são o foco da pesquisa. Uma vez que as Rodas de Conversas podem ocorrer em diferentes locais, o que destaca a flexibilidade do ambiente em que ocorreram as interações e a obtenção dos dados necessários para a pesquisa. O tipo de método utilizado e demais etapas de desenvolvimento, como as técnicas utilizadas na coleta e interpretação dos dados recolhidos para análise, apresentando de forma clara e objetiva o caminho seguido para a construção da pesquisa, garantindo a validade e confiabilidade dos resultados obtidos parte desta dissertação.

Para tanto, trazemos o espaço/ambiente da pesquisa que está situado na cidade de Praia Norte (Figura 3), no estado do Tocantins. O município se estende por 289,1 km² e conta com uma população de 9.044 habitantes (Censo de 2022), o que representa um aumento de 18,08% em comparação ao (censo) de 2010. A densidade demográfica é de 29,2 habitantes por km² no território dos municípios de Sampaio, Augustinópolis e Axixá do Tocantins. Praia Norte situa-se a 62 km ao Norte-Oeste de Imperatriz, no estado do Maranhão, a maior cidade nos arredores, e tem as seguintes coordenadas geográficas: *latitude*: 5°23'40" Sul, *longitude*: 47°48'41" Oeste.

Figura 3 – Mapa da vista aérea da Cidade Praia Norte/Tocantins



Fonte: Google Imagens (2023)

Praia Norte, localizada no estado do Tocantins, Brasil, é uma cidade que abriga uma rica diversidade cultural e social. O município de Praia Norte, era chamado de Praia Chata, esse nome foi dado devido a uma grande praia achatada, ou plana, que havia em frente ao pequeno povoado às margens do rio Tocantins, no ano de 1939, quando chegaram os seus primeiros habitantes. Os moradores mais antigos contam que foi o senhor Genésio Gomes quem edificou a primeira casa às margens do rio Tocantins, a partir daí, surgiu o Povoado de Praia Chata no ano de 1988. No ano seguinte, houve um plebiscito e passou a ser município independente, sendo denominada de Praia Norte, junto com a formação do Estado do Tocantins que era o antigo Estado do Goiás. Para tanto, foi elevado à categoria de município e distrito com a denominação de Praia Norte por meio da Lei Estadual nº 10.422, de 02 de janeiro de 1988, foi desmembrado do município de Itaguatins, que na época era a sede na qual estava inserido o atual distrito de Praia Norte. De modo que, a cidade de Praia Norte foi constituída como sede em 01 de junho de 1989.

A cidade apresenta um potencial turístico considerado elevado, por ter uma praia que se forma em frente ao cais durante o veraneio (estação de verão), atraindo dessa forma, contingente significativo de pessoas e gerando renda para comerciantes do município, além de promover momentos de lazer para os Praianortenses e pessoas das redondezas atraídas pelas águas quentes, bem como de outras cidades dos estados vizinhos, como Pará e Maranhão. Além de contar com balneários particulares para atender a população local e circunvizinha, como o Rancho das Flores, que se localiza a cerca de 1.000 metros em relação à chegada da cidade e o Espaço de Lazer Flechal⁵², dentro de Praia Norte, como também outros menores residenciais.

Quanto às festividades culturais, estas ocorrem conforme calendário anual municipal e escolar, em que presenciamos o Luau (Festa que ocorre na Praia de São Francisco em noites de Lua Cheia), Festas Juninas, Festa do Pescador, Festejos da Padroeira da cidade, Nossa Senhora do Rosário, Cavalgadas, Enduros, Campeonatos de Futebol, Aniversário da cidade, entre outras.

As condições socioeconômicas da comunidade atendida apresentam um Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* anual de R\$ 9.884,18 (2020), de acordo com o Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico (IBGE). O Instituto de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM)

⁵² O Espaço de Lazer Flechal é um local aprazível em meio a natureza com piscinas de águas naturais que são abastecidas por nascentes de buritizais, fruto nativo da região e abundante na cidade. Em que os proprietários do espaço são uma educadora e um educador da rede pública estadual que chegaram a cerca de vinte anos na cidade. Idealizaram a construção do espaço pensando em oferecer lazer para a família e para a população do município de forma acessível, valorizando os aspectos geográficos e naturais do lugar.

de Praia Norte é de 0,583 (2010), conforme o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Na economia, a remuneração média do trabalhador local é de 1,7 salários-mínimos por pessoa, de acordo com a Escola Soluções (2020).

O município tem poucas oportunidades de emprego na área pública municipal, como saúde, educação e transporte. Existem locais de trabalho da rede estadual, como duas escolas e uma delegacia civil. Apesar dessas oportunidades, a taxa de desemprego é de aproximadamente 58%, e as famílias se sustentam por meio da pesca, lavouras em terras de outros proprietários e projetos federais, como o Auxílio Brasil. Além disso, a agropecuária também contribui para a renda, representando cerca de 10,4%, com destaque para a criação de bovinos, e, na agricultura, temos o cultivo de arroz e mandioca.

Quanto ao nível socioeconômico é diversificado, e as famílias têm em média de um a oito filhos/as, possuem um poder aquisitivo classificado como baixo ou médio, sendo que muitas dependem exclusivamente do benefício social fornecido pelo Governo Federal como fonte de renda, enquanto outras se sustentam através da agricultura e a pesca no Rio Tocantins, e algumas ainda são compostas por funcionários/as municipais e estaduais.

A maior parte da população, cerca de 80,6% é católica e celebra a festa da padroeira da cidade “Nossa Senhora do Carmo” com um desfile e realizam uma semana de comemoração para arrecadar fundos para a manutenção das atividades da igreja. No entanto, a outra metade da comunidade é composta por evangélicos, incluindo assembleianos, batistas e adventistas, somando cerca de 13,3%, além de uma pequena parcela sem filiação religiosa que fica em torno de 0,03%, conforme dados do Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico de 2010.

O *lócus* desta pesquisa são duas escolas da rede pública de Praia Norte – Tocantins, que ficam localizadas no centro da cidade, sendo uma da rede municipal e outra estadual. Em ambas, foram consideradas a atuação de mulheres negras trabalhadoras na área da educação, considerando as vivências em suas profissões e funções desempenhadas como professoras, gestoras, pedagogas, entre outras.

Nossa escolha por essas duas unidades escolares foi fundamentada em critérios específicos. Inicialmente, a seleção foi feita com base na presença significativa de mulheres negras na escola municipal, que possuem experiência no contexto educacional dessas comunidades e um profundo conhecimento da realidade local. Além disso, optamos por uma escola estadual, onde fazemos parte do corpo docente e encontramos um grupo considerável de mulheres com o perfil do estudo desejado. Também tivemos o interesse em analisar o

envolvimento dessas trabalhadoras com o Feminismo Negro, além de compreender suas identidades construídas e seu empoderamento.

4.1 Uma construção com o coletivo de mulheres negras educadoras

Apresentamos a Escola Municipal Genésio Gomes, localizada na Rua Getúlio Vargas, S/N, centro, foi estabelecida em janeiro do ano de 1973, entretanto, segundo a Gestora, não há informações precisas sobre o dia e o decreto da criação. No mesmo ano ocorreu a reinauguração da escola, na presença de autoridades da cidade vizinha, Itaguatins/TO e representantes do Povoado, e foi realizado o primeiro processo de matrícula.

Convém ressaltar que no mesmo ano foi nomeada como primeira diretora a senhora Maria do Carmo Alves da Rocha, e que por motivo da escola ser relativamente pequena, em seus primeiros anos funcionou apenas com uma diretora, um professor, uma professora, uma merendeira e uma servente, e era o suficiente para atender o Povoado, pois a clientela era de aproximadamente cinquenta crianças matriculadas de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, nos turnos matutino e vespertino, e, para atender a parte administrativa, a mesma ficou na direção até o ano de 1977.

Atualmente, a escola atende duzentos e setenta e dois estudantes matriculados/as do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, nos períodos matutino e vespertino, realiza o atendimento de cinco alunos quanto ao Atendimento Educacional Especializado (AEE). Sua localização é acessível aos alunos/as da comunidade. Ao longo do tempo, a escola passou por mudanças de natureza pedagógica e física, e no perfil de alunos/as transferidos/as de outras instituições.

Figura 4 – Fachada da Escola Municipal Genésio Gomes



Fonte: Acervo da Autora (2023).

A última reforma foi realizada com recursos públicos em 2018, o que possibilitou a construção de dois banheiros para funcionários/as, a substituição das portas das salas, renovação do teto de cinco salas de aula e da sala de leitura, além da pintura de todo o prédio escolar. Esse incremento tem contribuído para aumentar a satisfação da comunidade, professores/as, gestora, alunos/as, vigias e merendeiras que trabalham e frequentam a escola. Com as melhorias na estrutura física, a escola tem sido capaz de atender cada vez melhor a comunidade escolar e geral, incentivando visitas e a participação ativa em eventos e reuniões realizadas.

Figura 5 – Interior da Escola Municipal Genésio Gomes



Fonte: Acervo da Autora (2023)

A escola possui uma área total construída de 225.128 metros. A Unidade oferece Ensino Fundamental do 1º ao 9º Ano, Atendimento Educacional Especializado (AEE) para pessoas com Deficiência Mental (DM) e Deficiência Auditiva (DA), Educação de Jovens e Adultos (EJA), e, também são disponibilizadas atividades complementares como futebol, capoeira, Artes Maciais Mistas (MMA) e aulas de reforço para alunos/as nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. De modo que o horário de funcionamento está dividido nos períodos matutino e vespertino, com dezenove turmas, além de uma Sala de AEE em cada período. O número de alunos/as matriculados/as é de duzentos e setenta e dois em 2023.

Atualmente, a equipe escolar é composta por um total de cinquenta e sete pessoas distribuídas em diversas áreas. Há um grupo de pessoas do sexo masculino, e outras do sexo

feminino que não se dispuseram a participar. De maneira que acolhemos no primeiro momento o grupo de interlocutoras que está na foto abaixo, porém, nem todas participaram das narrativas, culminando no grupo que se dispôs um total de quinze mulheres.

Figura 6 – Educadoras da Escola Municipal Genésio Gomes em Praia Norte/TO



Fonte: Acervo da Autora (2023)

Deste modo, as quinze pessoas que participam da pesquisa, atendendo as especificidades do estudo, deu-se com mulheres entre dezoito e sessenta anos de todas as funções desenvolvidas na Unidade Escolar (U.E.). A limitação de gênero se deve ao fato de que o objetivo da pesquisa diz respeito à análise de questões que se encontram especialmente relacionadas às mulheres negras trabalhadoras na educação nesta faixa etária proposta.

A perspectiva do Feminismo Negro traz uma importante contextualização sobre as mulheres trabalhadoras na educação, com enfoque nas questões específicas enfrentadas pelas mulheres negras. Nesse contexto, intelectuais negras desse movimento têm se dedicado a analisar e compreender as limitações de gênero presentes nessa área.

Mulheres negras trabalhadoras na educação é um grupo específico de mulheres que, atuam na área da educação e desempenham diferentes funções, como gestoras, professoras, coordenadoras, assistentes educacionais, entre outras enfrentam desafios relacionados à desigualdade de gênero, classe e à discriminação racial, que se entrelaçam em suas vivências diárias. Essas mulheres vivenciam múltiplas opressões, em que estereótipos racistas, classista e sexistas as afetam em seu ambiente de trabalho e em sua vida pessoal. A forma como são percebidas profissionalmente muitas vezes é influenciada por estereótipos negativos, negando suas competências e contribuições. A interseccionalidade é uma abordagem teórica e

metodológica que analisa como as desigualdades de gênero, raça e classe se interconectam e se manifestam na vida das pessoas. Isso implica reconhecer a diversidade e as experiências de privilégio e opressão vivenciadas por diferentes grupos sociais. Essa perspectiva amplia o entendimento das relações de poder e das hierarquias sociais, contribuindo para uma abordagem mais inclusiva das demandas sociais e políticas. Sendo essa categoria responsável por discutir especificamente as amarras pelas quais somente mulheres negras são atravessadas. E somente o Feminismo Negro dar conta de problematizar tais discriminações.

Outrossim, segundo informações da Gestora extraídas do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, a faixa etária de alunos/as com matrícula deste estabelecimento varia entre seis e dezoito anos de idade do Ensino Fundamental e de vinte a setenta anos de idade na EJA.

Quanto aos aspectos geográficos e históricos da Escola Municipal Genésio Gomes, entendemos que a instituição procura realizar seu trabalho com uma visão mais abrangente e contextualizada no processo de aprendizagem, no qual toda equipe escolar está envolvida por se tratar de um trabalho aberto a novas descobertas. Sobressaindo assim, uma devida prática pedagógica voltada para as novas aprendizagens, a fim de formar pessoas conscientes de suas funções, tanto dentro da escola, como fora. As mudanças exigem reflexão por parte das pessoas envolvidas, com responsabilidade para repensar as velhas práticas pedagógicas, as quais estão interferindo em nosso meio e deste modo, vivenciar posturas condizentes com a realidade atual.

Mesmo participando de capacitação que o Município oferece e os estudos realizados, ainda assim, está difícil acompanhar as mudanças ocorridas na educação, uma vez que o grupo de profissionais tem sofrido com a precariedade das questões sociais, que por vezes tendem a comprometer a caminhada educativa. Portanto, necessitamos criar, diariamente, situações favoráveis que possibilitem a equipe escolar a agir articuladamente com os objetivos voltados aos trabalhos diferenciados em prol da qualidade educacional na execução das metas, projetos, planos e ações que consigam ampliar o processo educativo de acordo com as demandas sociais.

No PPP (2022, p. 88) da Escola constam os valores como parte da proposta pedagógica, a serem contemplados nas ações educativas:

Respeito mútuo – respeitando a individualidade dos direitos de cada pessoa dentro e fora da escola. Igualdade de oportunidades envolvendo todos, corpo docente e discente e comunidade geral nas atividades da U.E. Participação – trabalhamos em equipe e cada pessoa contribui com o sucesso educacional dentro de sua capacidade e possibilidades.

O trecho citado ressalta a necessidade do respeito mútuo na escola, tanto entre alunos/as, como entre alunos/as e professores/as, destacando a valorização dos direitos individuais de cada pessoa, tanto dentro como fora da instituição. Além disso, há preocupação com a equidade de oportunidades, envolvendo o corpo docente e discente, e, a comunidade em geral nas atividades da escola. Pontuamos a participação ativa no desempenho em equipe, pelo fato de contribuir para o sucesso educacional, em acordo com a capacidade e as possibilidades, em que esses princípios e valores são essenciais na promoção de um ambiente saudável, propício ao aprendizado e desenvolvimento das pessoas.

Os valores estão em consonância com a Visão da Escola quando anunciam “realizamos nossos trabalhos de maneira eficiente, segura e responsável contribuindo de maneira respeitosa e significativa para o sucesso de nossos alunos, pais e comunidade geral”. O PPP apresenta a visão da escola de forma clara e objetiva, alinhando com a realização dos trabalhos de maneira eficiente, segura e responsável, de modo a contribuir de maneira respeitosa e significativa para o sucesso da comunidade educativa.

E, conseqüentemente, se traduz na Missão:

Somos uma escola de orgulho e compromisso pelo trabalho que desenvolvemos cujo objetivo principal é oportunizar um ensino de qualidade pautado em instrumentalizar e formar cidadãos críticos e reflexivos para que possam de fato ser sujeito ativo do processo, na construção de uma vida melhor e mais digna (PPP, 2022, p. 103)

A Missão da escola condiz a ser motivo de orgulho e compromisso, oportunizando uma educação de qualidade que instrumentaliza e forma pessoas críticas e reflexivas, capacitando-as a serem ativas no processo de uma formação melhor e com dignidade humana.

4.2 As vozes das interlocutoras da pesquisa

Apresentamos agora nosso segundo ambiente de pesquisa, a Escola Estadual 1º de Junho, criada por meio do Decreto Lei nº 226, de 26/12/1990, e autorizada pela Resolução nº 031 (2001) do Conselho Estadual de Educação (CEE/TO), localizada na Rua Genésio Gomes, 420, bairro Centro de Praia Norte, no estado do Tocantins, possui um espaço total de 3.015,59 m², sendo que 2.380,29 m² é de área livre e 35,30 m² é área construída.

Figura 7 – Fachada da Escola Estadual 1º de Junho



Fonte: Acervo da Autora (2023)

A unidade oferece o Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano, Atendimento Educacional Especializado (AEE) para pessoas com Deficiência Mental (DM) e Deficiência Auditiva (DA), e são disponibilizados treinamentos esportivos, aulas de reforço para o 9º ano nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, e o Programa Brasil na Escola.

O horário de funcionamento da escola é dividido nos períodos matutino e vespertino, há oito turmas no geral, além de uma Sala de Atendimento Educacional Especializado em cada período, e, uma turma de Esporte na Escola no período vespertino, com vinte e sete discentes, e uma turma voltada para atividades esportivas com três alunos. O número de alunos por turno é de noventa e sete na parte da manhã, mais quatro alunos da turma AEE da unidade escolar; e de cento e quinze no período da tarde, mais três alunos da turma AEE de outra escola, num total de duzentos e dezenove alunos/as (2023).

Atualmente, a equipe escolar é formada por vinte e sete pessoas, dessas, onze participam da pesquisa, levando-se em conta as limitações e especificidades já citadas no tópico anterior.

Figura 8 – Narrativas com Educadoras da Escola Estadual 1º de Junho em Praia Norte/TO

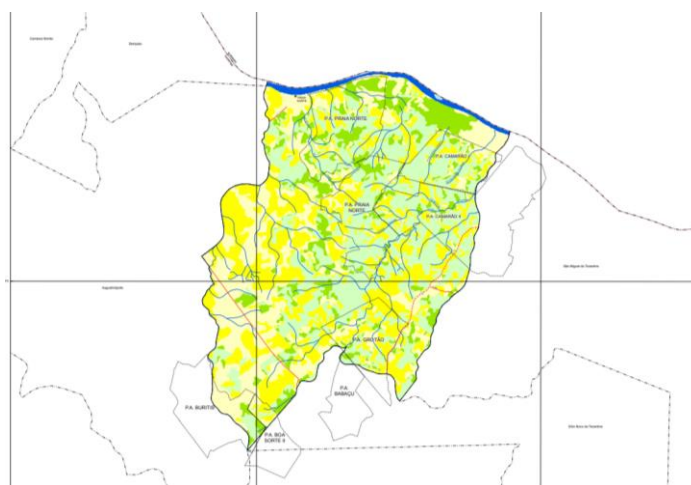


Fonte: Acervo da Autora (2022)

Estes colaboradores estão distribuídos em diversas áreas de atuação, há uma gestora, um coordenador de apoio financeiro, uma secretária geral, dois coordenadores/as pedagógicos/as, um coordenador de Programas e Projetos, uma Orientadora Educacional, dez professores/as, um auxiliar de secretaria, uma auxiliar de apoio, três auxiliares de Monitoramento do Patrimônio Escolar e Meio Ambiente, quatro auxiliares de Higienização do Ambiente Escolar, e duas manipuladoras de Alimentação Escolar, um Psicólogo e uma Assistente Social.

Segundo informações da Gestora extraídas do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, a faixa etária dos/as alunos/as deste estabelecimento varia entre dez e dezoito anos de idade, e cerca de 20% estão com distorção idade/ano escolar. De modo que são provenientes, principalmente, da área central da cidade, representando 85% do total de matrículas. No entanto, há uma parcela de 15% que vem de povoados rurais, como Camarão, São Félix, Brasilino, Centro do Moacir, Camarão I e II.

Figura 9 – Mapa da Dinâmica de Cobertura e Uso da Terra de Praia Norte, Tocantins



Fonte: Secretaria de Planejamento Urbano (2005)

A escola possui lixeiras sustentáveis, segmentadas de acordo com os tipos de resíduos. Além disso, são promovidas aulas que informam sobre o consumo e a produção consciente de resíduos, bem como pesquisas que abordam o uso responsável de recursos hídricos e energéticos, visando economia na escola e no município. Além de que a instituição denota uma credibilidade junto à comunidade escolar e é altamente valorizada em toda a cidade, resultando em uma demanda satisfatória para matrículas.

É um estabelecimento que se esforça para acolher bem os discentes e suas famílias, demonstrando empatia e compromisso na oferta de educação baseada em valores e princípios éticos, com o objetivo de formar cidadãos e cidadãs para a vida. Assume a responsabilidade de educar com dedicação, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, humana e equânime, sempre respeitando as diferenças. Para garantir isso, o corpo docente é formado por profissionais qualificados/as com formação superior em suas respectivas áreas de atuação.

Figura 10 – Atividade Pedagógica Desenvolvida em Sala



Fonte: Acervo da Autora (2023)

A imagem demonstra uma vivência na Oficina de Boneca *Abayomi*⁵³, a qual justifica-se pela necessidade de abordar a diversidade étnico-racial de forma interdisciplinar na escola, conforme preconizado pelas ações pedagógicas do contexto escolar. A aplicabilidade da Lei 10.639 (Brasil, 2003), que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e cultura afro-brasileira e africana, requer a adoção de estratégias que promovam a valorização e o respeito à identidade negra. A Oficina de Boneca *Abayomi*, confecciona um brinquedo originário da cultura afro-brasileira, possibilitando conhecerem e vivenciarem a diversidade étnico-racial a fim de fomentar uma consciência crítica em relação aos preconceitos raciais. Além disso, ao trabalhar a temática por meio de componentes curriculares diversos, a escola proporciona uma abordagem ampla e profunda permitindo uma formação consciente e comprometida com a equidade e o respeito aos direitos humanos.

⁵³ A boneca *Abayomi*, cujo nome significa "encontro precioso", era feita apenas amarradas, sem o uso de costura ou colagem. Essa técnica simples e acessível permitia que as mulheres fizessem as bonecas mesmo diante das adversidades, como a falta de materiais e a vigilância dos seus donos. Eram feitas com o intuito de serem presenteadas. Elas eram oferecidas por mães escravizadas às suas crianças, como uma forma de transmitir amor, conforto e identificação com a cultura africana. Essas bonecas também eram utilizadas como amuletos de proteção contra as energias negativas e como símbolos de resistência à opressão.

Deste modo, a escola pesquisada se destaca por alguns fatores, tais como o atendimento diferenciado, método de trabalho pedagógico e apoio às famílias e comunidade local assegurando uma educação de qualidade em um ambiente inovador e criativo, baseado no respeito as pessoas e as diferenças, bem como a valorização das diversidades étnicas, culturais, sociais, de gênero e religiosas.

Outrossim, de acordo com o Projeto Político Pedagógico (2023) a comunidade escolar é composta por cerca de 50% de seguidores da religião evangélica e 50% de seguidores da religião católica. Essa divisão também se reflete nos funcionários da escola, o que contribui para uma melhor compreensão dos costumes, crenças e valores na interação tanto dentro como fora da sala de aula, bem como na execução de projetos escolares.

Por fim, podemos concluir que a escola, que tem como filosofia trabalhar a diversidade, o respeito à diferença e ao ser humano de forma geral é um ambiente enriquecedor e inclusivo. Ao abraçar a diversidade, proporciona a oportunidade de aprender e crescer em uma atmosfera de aceitação e compreensão mútua, além disso, promove o desenvolvimento de habilidades de empatia e tolerância ao lidar com as complexidades do mundo real, cria uma atmosfera acolhedora e inspiradora que incentiva o diálogo e a cooperação entre os membros. Em suma, um ambiente escolar que incorpora esses princípios em sua filosofia coloca a qualidade de vida em primeiro lugar, gerando uma educação verdadeiramente transformadora.

Para tanto, deve-se compreender as narrativas a partir das experiências e perspectivas dessas mulheres, seus processos de construção de identidade e empoderamento, levando em consideração tanto o aspecto racial, quanto de gênero, sob a luz do Feminismo Negro.

4.3 Vivências de mulheres negras educadoras a partir de seus lugares de fala

A escolha por este número de participantes se deu de forma processual, uma vez que o contingente de mulheres que foram convidadas a participar do primeiro momento de apresentação do Projeto de Pesquisa, a princípio eram quarenta e quatro mulheres, pois nossa intenção era abranger as mulheres daqueles ambientes educacionais, sem fazer distinção de qualquer natureza, contudo, após o prosseguimento das atividades, vinte e seis mulheres contribuíram com suas relatos autobiográficos garantindo profundidade de análise na compreensão de suas trajetórias individuais.

Quanto às escolhas das mulheres, convém ressaltar que foram selecionadas através de critérios específicos, tais como: faixa etária entre 18 e 60 anos; participarem do processo de escuta ativa e narrativas de suas vivências pessoais e profissionais; ter autorização para participar da pesquisa por meio do Termo de Livre Consentimento Esclarecido (TCLE), respeitando os critérios de investigação e metodologia indicada na Resolução n. 196 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (Brasil, 1996) contendo as diretrizes e normas que regulamentam pesquisa envolvendo seres humanos. Assim sendo, a pesquisa tem respaldo do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Hospital Universitário da UFMA – Empresa de Serviços Hospitalares (HUUFMA) e pesquisa com registro de nº 132.646/2022.

Optamos por uma abordagem qualitativa, que de acordo com Elizabeth Teixeira, (2005, p. 140) na obra “As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa” pontua que “é o nível dos significados, motivos, aspirações, crenças e valores que se expressa pela linguagem comum e na vida cotidiana o objeto da abordagem qualitativa” é está expressa na linguagem comum e da vida cotidiana permitindo a valorização das subjetividades manifestada pelas pessoas, revelando como interagem com a realidade dentro de um determinado contexto social, histórico e cultural. A escolha se deu em função de três fatores: a necessidade de respeitar a subjetividade das participantes, a relevância das experiências pessoais para o entendimento do fenômeno estudado e a possibilidade de captar nuances, emoções e particularidades das trajetórias vividas pelas mulheres negras na educação.

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu em quatro etapas sequenciais e inter-relacionadas. Inicialmente, selecionamos duas escolas para participarem da pesquisa de campo, exatamente por conterem um recorte do quantitativo de mulheres negras educadoras e, por fazermos parte da equipe escolar da escola estadual na qual desenvolvemos a função de docente.

A primeira e segunda etapa metodológica foram desenvolvidas com Rodas de Conversas, em que parte das mulheres relataram suas vivências, experiências pessoais e profissionais através da problematização feita a partir da música “Triste, Louca ou Má”, da Banda Francisco *El Hombre*, em que foi realizada um momento específico em cada uma das escolas como sensibilização das educadoras para iniciarmos as escutas. Deste modo, utilizamos como fonte as narrativas autobiográficas a fim de obter informações sobre as experiências, conflitos, desafios e conquistas ao longo de suas trajetórias na área da educação. As narrativas foram gravadas, e, posteriormente transcritas para análise e interpretação dos dados construídos.

Uma terceira etapa metodológica da pesquisa se deu através de um Roteiro de Entrevista individual, utilizando a ferramenta digital *google forms*,¹ em virtude de as mulheres serem educadoras e não disponibilizarem de tempo para podermos nos reunir de forma presencial mais uma vez. De maneira que com a ferramenta pudessem responder questões relacionadas às suas especificidades fenotípicas e compreensões acerca da abordagem utilizada na pesquisa, o Feminismo Negro com suas especificidades. Nosso propósito foi desenvolver pesquisa com narrativas autobiográficas procurando revisitar o próprio percurso formativo das educadoras para compreender suas práticas, escolhas e vivências de maneira reflexiva e instituída, numa construção histórica, dialogando com as escritas de si sobre sua docência e outras funções igualmente educativas.

Na quarta e última etapa, realizamos uma reunião via *Google Meet* para apresentar as narrativas das interlocutoras transcritas, juntamente com suas análises e inferências, estabelecendo uma conexão direta com a abordagem adotada no estudo, o Feminismo Negro, a qual é denominada de “Roda de Validação da Pesquisa”⁵⁴. Essa etapa da pesquisa conteve como objetivo ampliar a interação entre as interlocutoras e a pesquisadora, além de promover uma participação mais ativa daquelas na construção do conhecimento no decorrer do estudo. Além disso, nessa etapa teve como objetivo verificar a aceitação dos relatos em relação ao formato de escrita e *layout* do livro, sendo este o produto que compõe a dissertação de Mestrado.

Uma interpretação nesse tipo de pesquisa, segundo Maria da Conceição Ferrer Botelho Sgadari Passeggi⁵⁵, no livro “Pesquisa Autobiográfica em Educação (2014, p. 53), “diz que esse tipo de pesquisa e a Psicologia Narrativa⁵⁶, partilham pressupostos comuns. Ambas as abordagens reconhecem as narrativas pessoais na compreensão do desenvolvimento humano, valorizando a subjetividade do indivíduo e a influência do contexto social e cultural em suas experiências”. Além disso, destacam a estima das histórias pessoais na construção da identidade e na atribuição de significado às vivências individuais. Isso enfatiza a relevância das narrativas

⁵⁴ “nesse sentido validar, significa obter o consentimento consciente dos participantes” (Rodrigues, 2023, p. 113).

⁵⁵ Graduada em Letras (1969) pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Mestra em Letras Modernas (1976) e Doutora em Linguística (1981) pela *Université Paul Valéry (Montpellier 3 | França)*. É uma destacada educadora brasileira que tem desempenhado uma função significativa na promoção da educação inclusiva e na pesquisa educacional. Ao longo de sua carreira, Passeggi tem contribuído para a construção de políticas educacionais mais inclusivas e disseminação de práticas pedagógicas que valorizam a diversidade e equidade. Seu trabalho e comprometimento têm influenciado positivamente o campo da educação no Brasil, e, tornando-a uma referência relevante no cenário educacional.

⁵⁶ Ribeiro Neto (2007) explora a teoria e prática da psicologia narrativa, destacando como as histórias individuais influenciam a formação da identidade e a construção das relações sociais.

pessoais como instrumento de pesquisa e reflexão, pois baseiam-se em teorias, princípios e diretrizes usuais, proporcionando um aprofundamento na interação e adicionando aos estudos que adotam esse tipo de pesquisa.

A autora destaca a relevância de estabelecer conexões entre a Pesquisa Autobiográfica em Educação e a Psicologia Narrativa, pois, compartilham pressupostos teóricos e diretrizes similares. Os princípios conectivos comuns estão baseados em uma abordagem qualitativa e interpretativa dos dados, a valorização da experiência individual como fonte de conhecimento, a ênfase em histórias e narrativas pessoais, a reflexividade, entre outros. Portanto, a integração dessas áreas fortalece o desenvolvimento de estudos que utilizem a Pesquisa Autobiográfica em Educação, ampliando as possibilidades e os potenciais dessa abordagem.

Ainda sobre a relevância dessa metodologia de pesquisa, Carvalho (2016, p. 60) afirma que “com seus elementos constitutivos, asseguram a consistência e robustez que provoca segurança”, é exatamente por isso que iniciamos uma conversa sobre a Pesquisa Autobiográfica em Educação, por entendermos o valor de suas reflexões para a construção de nosso objeto de estudo. Esse tipo de pesquisa é fundamental para entender a educação e a construção do conhecimento porque permite que pesquisadores/as reflitam as próprias experiências e trajetórias.

Por isso, destacamos a significância da Pesquisa Autobiográfica em Educação para a construção do objeto de estudo, em relação as narrativas das mulheres negras trabalhadoras da educação uma vez que tal abordagem permite uma compreensão mais ampla e aprofundada sobre o tema. Tal Pesquisa se coloca como uma fonte potente para contribuir para esse processo de empoderamento, possibilitando a reflexão sobre a própria história e a construção de uma identidade mais fortalecida. Em específico, sabemos do potencial e da força que emana da Pesquisa Autobiográfica em Educação auxiliando numa construção com autenticidade desse tipo de escrita a partir das narrativas destas mulheres negras educadoras.

4.4 A relevância da Análise de Discurso para a interpretação crítica de dados

A Análise de Discurso é uma abordagem teórica amplamente utilizada no estudo da interpretação de dados. Neste sentido, a escolha da abordagem da linha francesa, tendo Michel Pêcheux como seu precursor, é fundamental para compreendermos as nuances e os significados presentes na comunicação. Através dessa perspectiva teórica, é possível analisar os discursos

de forma crítica, levando em consideração as relações de poder, as práticas discursivas e as formações ideológicas subjacentes. Dessa forma, a AD surge como uma ferramenta indispensável para decodificar as camadas de sentido presentes nas expressões linguísticas e compreender como constroem e mantêm as relações sociais.

No que diz respeito à interpretação dos dados neste estudo, a escolha teórica da Análise de Discurso⁵⁷ baseia-se na abordagem da linha francesa, tendo Michel Pêcheux⁵⁸ como seu precursor. Ao examinar a AD, de acordo com Eni Orlandi (1999-2001), uma das estudiosas da Teoria de Pêcheux, relacionar a aplicação da análise de discurso na investigação de estudos autobiográficos em educação proporciona a oportunidade de desvendar as dinâmicas de poder presentes nas narrativas pessoais, trazendo à tona as relações de dominação e resistência que permeiam os discursos construídos pelas pessoas. A relevância da análise do discurso implica em que o pesquisador tenha uma boa escuta, uma escuta sensível sobre a palavra enunciada.

Essa autora diz que, “se as novas maneiras de ler, inauguradas pelo dispositivo teórico da análise de discurso, nos indicam que o dizer tem relação com o não dizer, isto deve ser acolhido metaforicamente é praticado na análise” (Orlandi, 2001, p. 80). A relação com os conteúdos inconscientes, subjetivos, o não dito. A citação destaca a função do dispositivo teórico da análise de discurso para compreender a relação entre o que é dito e o que não é dito. Ela sugere que a análise de discurso nos auxilia entender como o silêncio e o não dito também carregam significados e devem ser considerados na interpretação dos discursos.

Uma das preocupações da Análise de Discurso é suscitar e questionar as diferentes manifestações de injustiças e desigualdades sociais, buscando contribuir para a transformação da sociedade. Como um campo de estudo crítico e libertador das Ciências Sociais, essa abordagem discute a viabilidade de alcançar uma ordem social justa ao criticar o discurso que é limitado e ao mesmo tempo limita a sociedade, tendo em vista as relações de classe, gênero, etnia, bem como, os contextos e instituições como a escola.

⁵⁷ Uma abordagem multidisciplinar que combina elementos da linguística, filosofia e ciências sociais para analisar o uso da linguagem em diferentes contextos sociais e políticos (Orlandi, 1983).

⁵⁸ Michel Pêcheux (1938-1983) foi um renomado linguista e teórico francês. Amplamente reconhecido como um dos principais contribuidores da Análise do Discurso (AD).

Os procedimentos e técnicas metodológicas se deram com a perspectiva da escuta ativa⁵⁹ e Escrita de “Si”⁶⁰, esta última nasce no Feminismo Negro e está relacionado às vivências expressas nas narrativas das interlocutoras da pesquisa que é o tema central dessa dissertação, por entendermos que, quando trabalhamos com mulheres negras educadoras da rede pública, tematizamos e problematizamos suas vivências, experiências, assim como as percepções e as amarras que são impostas sobre nossos corpos negros.

As técnicas utilizadas e acima mencionadas, são elementos fundamentais para que as mulheres que estão inseridas nesse estudo possam participar de forma ativa e participativa. Para tanto, os instrumentos que foram utilizados são as Rodas de Conversa com Roteiro de Entrevista e Rodas de Validação. A escolha das Rodas de Conversa para a coleta de dados foi motivada pela possibilidade de comunicação de forma descontraída e pouco formal, além disso, essa abordagem foi uma opção viável dentro dos recursos metodológicos da pesquisa científica, servindo como um instrumento auxiliar no contato com as participantes. Essa atividade promoveu um ambiente mais propício, em que as mulheres envolvidas foram convidadas a expressar oralmente as vivências e experiências fomentando uma interação coletiva.

A Roda de Conversa é uma estratégia metodológica utilizada na área de pesquisa narrativa, que visa gerar dados significativos e relevantes numa interação dialógica. Por meio dessa estratégia, a pesquisadora atua como participante da pesquisa, de modo a estimular o fluxo da conversa e, conseqüentemente, produzir dados para posterior análise e discussão. É uma técnica que busca respeitar e valorizar histórias pessoais e as experiências de participantes, promovendo assim uma maior compreensão de realidades individuais e coletivas.

⁵⁹ A Escuta Ativa é uma habilidade de comunicação que envolve ouvir atentamente a interlocutora, demonstrando interesse genuíno e compreensão em relação ao que está sendo dito. É uma forma de se envolver em uma conversa de maneira acolhedora e respeitosa, buscando compreender a outra pessoa sem julgamentos pré-concebidos. Quando relacionada à abordagem do Feminismo Negro, essa técnica se potencializa, pois essa abordagem é um movimento que busca amplificar as vozes e experiências das mulheres negras, reconhecendo seus contextos e desafios específicos. E essa ferramenta de pesquisa é essencial na promoção da equidade e justiça social, pois permite que as vozes das mulheres negras sejam ouvidas, valorizadas e levadas a sério (Lorde, 1984).

⁶⁰ A técnica Escrita de “Si” na perspectiva do Feminismo Negro é uma abordagem literária que busca explorar e amplificar as vozes e experiências das mulheres negras, desafiando as narrativas dominantes e promovendo a autorrepresentação. Essa técnica permite que as autoras negras tomem controle de seu próprio discurso, contem suas próprias histórias e exponham suas próprias realidades, sem serem definidas ou inferiorizadas por outras perspectivas. Para expressar sua própria identidade e experiências, construindo uma narrativa autêntica e poderosa, que desafia o silenciamento e a marginalização das mulheres negras na sociedade. A autora enfatiza relevância da autoafirmação e valorização, incentivando outras mulheres negras a se unirem e fazerem ouvir suas vozes (Lorde, 1984).

Essa estratégia metodológica é uma prática comum em diversos contextos, pois permite a socialização de ideias e opiniões entre diferentes pessoas. Segundo Paulo Freire (1987, p. 89), a Roda de Conversa “é uma estratégia pedagógica que promove a participação ativa das pessoas participantes, estimula o diálogo e favorece a construção coletiva do conhecimento”. Nesse sentido, pode ser entendida como um espaço de interação social em que as pessoas participantes têm a oportunidade de falar e serem ouvidas. Trata-se de um método que promove compartilhar as vozes numa horizontalidade das relações, respeitando a diversidade de perspectivas e experiências das pessoas envolvidas.

De acordo com Santos (2003, p. 156), a Roda de Conversa é uma ferramenta para fortalecer a democracia e promover a cidadania ao criar um ambiente de diálogo e reflexão coletiva, contribui para o desenvolvimento de habilidades comunicativas, argumentativas e de escuta ativa fundamentais para a formação de pessoas críticas e participativas. Podendo ser dessa forma, uma metodologia útil para investigar questões sociais e culturais, possibilitando uma abordagem ampla e diversificada das vivências e subjetividades das pessoas envolvidas.

Portanto, diz respeito a uma metodologia utilizada para promover o diálogo entre as pessoas, permitindo a socialização de ideias, experiências e conhecimentos em um ambiente participativo e horizontal. Nesse sentido, a Roda de Conversa se mostra como uma poderosa ferramenta para incentivar o protagonismo e a participação ativa de cada indivíduo envolvido no processo de discussão, dando ênfase à diversidade de experiências e saberes presentes no grupo. Dessa forma, além de fortalecer os laços sociais e estimular a consciência crítica na forma de empoderamento individual e coletivo.

O roteiro de entrevista é uma ferramenta que auxilia a técnica como suporte na pesquisa, pois ajuda no planejamento e na condução de forma mais eficaz das entrevistas para conhecer o perfil das interlocutoras e se está em consonância com as expectativas almejadas. As mulheres que fazem parte dessa pesquisa são na maioria educadoras, que compõe a comunidade escolar, professoras, gestoras, secretárias, coordenadoras pedagógicas, do financeiro, de apoio, de merendas, assistentes de serviços gerais, zeladoras e merendeiras.

O primeiro e segundo contato com as interlocutoras da pesquisa ocorreu pessoalmente em momentos específicos com as duas escolas, uma de cada vez. E, em seguida, foi realizado um roteiro de entrevista no qual a maioria das mulheres que participaram dos dois momentos anteriores, incluindo aquelas que não participaram, responderam ao roteiro. Essa terceira fase da pesquisa nos forneceu informações técnicas que não foram coletadas no primeiro e segundos

encontros. De modo que utilizamos um Roteiro de Entrevista realizado por meio do *Google Forms*, o que facilitou as respostas e proporcionou uma análise percentual de cada resposta.

As questões elencadas foram disponibilizadas para as interlocutoras da pesquisa num roteiro que teve a seguinte estrutura: Você permite o uso do seu nome verdadeiro nesta pesquisa? Caso prefira não utilizar seu nome verdadeiro, por favor digite o nome que prefere ser identificada. Qual é a sua idade? Qual é a sua cor/raça? Você possui conhecimento sobre o assunto do feminismo? Você conhece alguma mulher que se identifica como feminista? Se sim, por favor cite o nome dela. Em poucas palavras, como esta pesquisa contribuiu para o seu entendimento sobre o empoderamento feminino? Você estaria interessada em participar de um coletivo ou grupo de mulheres negras com orientação feminista? As informações partilhadas serviram de base para a apresentação das interlocutoras.

A quarta etapa da pesquisa consistiu em uma Roda de Validação que foi realizada em duas reuniões *online* no *Meet*, com o objetivo de validar as transcrições das narrativas, bem como as análises realizadas. Nesse contexto, a validação significou obter o consentimento consciencioso das participantes, garantindo que suas perspectivas e experiências tenham sido devidamente representadas e interpretadas com fidelidade. Essa fase é crucial para assegurar a confiabilidade dos dados coletados e garantir a validade dos resultados obtidos.

Neste sentido, somamo-nos com a lista de trabalhos acadêmicos voltados para esse debate necessário e urgente, o qual estamos chamando por mais mulheres negras irmanadas, educadoras antirracistas e ativistas a juntarem-se nessa árdua e instigante missão de construirmos uma sociedade na qual mulheres negras sejam visibilizadas, escutadas e respeitadas a partir da própria voz, e das escritas de si e das (re)existências.

Destarte, apresentamos algumas possíveis possibilidades de como será utilizado esse produto de maneira pedagógica com as interlocutoras e/ou com demais trabalhadoras da educação. O livro de relatos autobiográficos de mulheres negras trabalhadoras da educação de Praia Norte, Tocantins, proposto como resultado do Mestrado, terá uma função essencial na formação pedagógica e contínua acerca do Feminismo Negro como um pressuposto de empoderamento feminino para mulheres negras. Através das histórias pessoais e experiências compartilhadas por essas mulheres, será possível trazer à tona as dificuldades e desafios enfrentados no ambiente educacional, bem como as estratégias utilizadas para superá-los.

Ao utilizar esse livro como apoio teórico para formações pedagógicas, será possível fortalecer a representatividade e a visibilidade das mulheres negras nas discussões sobre

educação e feminismo. Além disso, essas histórias autobiográficas irão contribuir para a desconstrução de estereótipos e preconceitos, promovendo uma reflexão crítica sobre a interseccionalidade de gênero, raça e classe social.

Para enriquecer as possibilidades pedagógicas com esse produto, é importante considerar a realização de debates e rodas de conversas com as autoras, proporcionando um espaço de troca de experiências e aprendizagem mútua. Além disso, pode-se utilizar técnicas de narrativas e dramatização das histórias relatadas no livro, de modo a despertar o interesse e a empatia de outras mulheres.

Outra ideia pertinente que trazemos é a criação de oficinas de escrita autobiográfica, nas quais as mulheres negras trabalhadoras da educação possam compartilhar suas vivências e estimular outras mulheres a fazerem o mesmo. Essas oficinas podem ser realizadas em escolas, universidades ou centros comunitários, ampliando o alcance do projeto e incentivando a reflexão sobre a importância da representatividade e do empoderamento feminino. Assim como também, criação (ao término das oficinas) de coletivos com perspectiva e orientação feminista.

Em suma, é possível também criar materiais educativos complementares, como guias de discussão e atividades didáticas contextualizadas com temáticas presentes nas narrativas autobiográficas, incentivando o debate e a reflexão crítica sobre o Feminismo Negro e suas implicações na educação. Dessa forma, o Produto do Mestrado terá um impacto significativo na formação de professoras, estudantes e demais profissionais da educação, ao proporcionar um olhar mais atento para as questões de gênero, raça, classe social e empoderamento feminino.

Por fim, é imprescindível incentivar e fomentar pesquisas que visem a compreensão e a valorização da trajetória vivida pelas mulheres negras no campo da educação, bem como ampliar e aprofundar essa discussão, a fim de garantir que as vozes e produções dessas mulheres sejam reconhecidas e respeitadas no meio acadêmico e na sociedade. Esperamos que sintam - se instigados/as a mergulharem nessa jornada conosco e, juntos/as, possamos desvendar os aspectos essenciais para o desenvolvimento da Educação Antirracista em nosso país.

CAPÍTULO 5 - AS VIVÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS TRABALHADORAS NA EDUCAÇÃO

Triste, louca ou má / Será qualificada ela
 Quem recusar / Seguir receita tal
 A receita cultural / Do marido, da família
 Cuida, cuida da rotina.
 Só mesmo rejeita / Bem conhecida receita
 Quem, não sem dores
 Aceita que tudo deve mudar.
 Que um homem não te define
 Sua casa não te define
 Sua carne não te define / Você é seu próprio lar.
 Ela desatinou / Desatou nós / Vai viver só.
 Eu não me vejo na palavra / Fêmea: alvo de caça
 Conformada vítima.
 Prefiro queimar o mapa / Traçar de novo a estrada
 Ver cores nas cinzas / E a vida reinventar.
 E um homem não me define
 Minha casa não me define
 Minha carne não me define
 Eu sou meu próprio lar
 Ela desatinou / Desatou nós / Vai viver só.
 Ela desatinou (e um homem não me define)
 Desatou nós (minha casa não me define)
 Vai viver só (minha carne não me define)
 Eu sou meu próprio lar

Banda Francisco El Hombre (2016)

A perspectiva que adotamos nesse estudo sobre o Feminismo Negro é fundamental para justificarmos iniciar o capítulo de análise das narrativas de mulheres negras educadoras a partir da problematização da música "Triste, Louca, ou Má", da Banda Francisco El Hombre (2016) com a composição de Sebastián Piracés-Ugarte / Rafael Gomes / Mateo Piracés-Ugarte / Andrei Martinez Kozyreff e Juliana Strassacapa⁶¹. Tal abordagem consolidou-se como uma teoria sócio

⁶¹ Juliana Strassacapa compôs a música "Triste, louca ou má", escreveu a letra rapidamente, levando em conta sua mãe e as relações familiares e sua própria vida. Com o incentivo de suas amigas, ela optou por mostrar para a banda. É uma mulher brasileira que ganhou destaque como vocalista da banda Francisco El *Hombre*. É uma das compositoras da canção e conhecida não apenas por seu talento como cantora, mas também por seu ativismo social, especialmente nas questões relacionadas ao Feminismo. É uma representação central na cena musical independente do Brasil, e suas letras e performances refletem sua visão de mundo engajada e sua luta por equidade de gênero. Usa sua plataforma para conscientizar e empoderar mulheres, discutindo questões como machismo, objetificação feminina e outros desafios enfrentados no contexto da sociedade patriarcal. Através de suas músicas, a cantora e compositora aborda experiências pessoais e coletivas, buscando criar um diálogo sobre as funções das mulheres

- feminista que reconhece as respectivas interseccionalidades entre gênero, raça e classe, e busca dar visibilidade às experiências e opressões específicas vivenciadas por essas mulheres. Assim, ao problematizar a música em questão, a qual retrata a trajetória de uma mulher que questiona as funções sociais atribuídas a ela, há uma oportunidade de enriquecer a análise das narrativas das mulheres interlocutoras, uma vez que traz à tona questões centrais do Feminismo Negro, como a resistência, a autonomia e a luta contra estereótipos e opressões. Dessa forma, ao utilizar esta abordagem como arcabouço teórico, é possível compreender as nuances de tais narrativas, ampliando a compreensão sobre suas lutas e conquistas no contexto social.

Neste sentido, apresentamos as narrativas de vinte e seis mulheres negras educadoras, que, independentemente da função que exercem na escola, numa perspectiva autobiográfica, ou ainda, da escrita de si, implicaram no compartilhamento de experiências, individuais e coletivas, advindas de vivências no contexto educacional em que atuam. Para tanto, consideramos o conforto das mulheres interlocutoras da pesquisa ao compartilharem suas experiências em histórias pessoais, traduzidas em dores e conquistas, na tentativa de estabelecer uma relação íntima com a música “Triste, Louca ou Má”, e expressarem a relação com suas percepções. Contudo, necessitamos antes disso, falar sobre a experiência que será proporcionada a todas nós mulheres nesse estudo.

Assim, a categoria “experiência”, a ser utilizada neste capítulo, diz respeito ao modo de como esses eventos alteram a maneira de ver o mundo, como também a si mesmos. Nesse interim, Jorge Larrosa Bondía (2002) discute em seu estudo “Sujeito da experiência” como esse processo ocorre. Portanto, a experiência está intimamente ligada à verdade pessoal, sendo que apenas o indivíduo pode percebê-la e transformá-la. O autor assegura que "a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca" (Bondía, 2002, p. 21). A citação aborda a concepção de experiência como algo que pode ser sentido, vivido e tocado pelo sujeito. Além disso, enfatiza que a experiência não se limita apenas ao que acontece no mundo externo, pelo fato de que inclui as emoções, sentimentos e pensamentos que surgem da interação das pessoas com o mundo.

Assim, compreendemos que a experiência não é passiva, mas sim ativa, pois, as pessoas são capazes de se envolver e interagirem com o que lhe é apresentado. Portanto, a citação de Bondía (2002) nos induz a refletir sobre a necessidade da experiência na formação da pessoa e

na sociedade. Ela usa sua voz e influência para inspirar outras a se unirem na luta por direitos, encorajando o empoderamento feminino e a autenticidade.

como pode influenciar em sua compreensão de mundo. Contudo, as narrativas das mulheres apontam para as experiências vivenciadas que, por vezes, são dolorosas e, nesse sentido, se faz necessário estarem dispostas a narrarem, de modo a possibilitarem a si um processo de cura, igualmente. Nenhuma pessoa é a mesma após passar por uma experiência, nem depois de contar suas vivências. E, é justamente nesse sentido que Bondía (2002) aborda a experiência em diferentes aspectos, especialmente na capacidade de provocar mudanças na forma como se percebem após vivenciar ou relatar determinadas experiências.

Optamos por investigar “As Experiências de Mulheres Negras Trabalhadoras da Educação em Praia Norte - Tocantins”, desta maneira, concentramos nossa pesquisa em duas instituições, uma da rede estadual, e outra da rede municipal do Ensino Fundamental, tal escolha foi baseada em critérios específicos. Primeiramente, escolhemos a escola municipal na qual encontramos um número significativo de mulheres negras que estão ou já estiveram envolvidas em escolas nos povoados, e possuem um conhecimento aprofundado das realidades e espaços educacionais nessas comunidades, ademais, a escola estadual porque somos parte do seu quadro efetivo e lá encontramos um grupo considerável de mulheres com o perfil do estudo desejado. Além disso, nossa escolha também foi motivada pelo interesse em analisar o envolvimento dessas mulheres trabalhadoras na educação com o Feminismo Negro, assim como também compreender seus construtos identitários e o seu empoderamento.

Consideramos que, para o presente estudo, inicialmente convidamos as mulheres das duas Unidades Escolares supracitadas a fim de participarem desta pesquisa. Assim, em parceria com as gestoras das duas instituições, solicitamos um momento pedagógico para promover uma Roda de Conversa com todas as mulheres de tais Unidades. Tanto a gestora da Escola Municipal, quanto da Escola Estadual mostraram-se receptivas à nossa solicitação e ajudaram a organizar toda a logística dos encontros iniciais. Também trabalhamos juntas para sensibilizar as participantes sobre a relevância do primeiro contato durante as Rodas de Conversa, no qual tivemos a oportunidade de desenvolver discussões dentro da temática proposta.

Neste cenário, no primeiro dia, no encontro realizado na Escola Municipal Genésio Gomes, compareceram vinte e nove pessoas, e no dia seguinte, ao realizar o encontro na Escola Estadual 1º de Junho, tivemos a presença de quinze pessoas, deste modo, em ambas, um total de quarenta e quatro mulheres negras, educadoras e trabalhadoras. Destarte deste quantitativo, vinte e seis mulheres participaram compartilhando suas experiências em narrativas.

A partir de então, ao analisarmos as transcrições realizadas, observamos que as vinte e seis mulheres tiveram seu lugar de fala, e munidas das narrativas organizamos os dados informados. Por meio de tais experiências, percebemos a construção de identidades evidenciadas nos relatos ao autodeclararem-se mulheres negras⁶². Contudo, mesmo aquelas que não se identificavam sendo negras, trouxeram relatos relevantes para a análise das vivências.

As mulheres que participaram da Roda de Conversa terão suas narrativas utilizadas tanto no texto dissertativo, aqui inserido, como também no produto, este, corresponde a um livro de natureza autobiográfica, no qual será feita uma diagramação específica, incluindo um *QR code* da música “Triste, Louca ou Má” da Banda Francisco *El Hombre*, canção esta que serviu de problematização para este primeiro momento.

Durante a primeira e a segunda Rodas de Conversa tivemos a oportunidade de capturar duas imagens que representam, de forma significativa, o encontro com as interlocutoras da pesquisa de ambas as instituições que fazem parte do estudo. Tais fotografias captam momentos em que houve conexão, socialização e compartilhamento de experiências entre as participantes. Na Figura 11, temos a imagem das interlocutoras da Escola Municipal Genésio Gomes, enquanto na Figura 12, as interlocutoras da Escola Estadual 1º de Junho. Mulheres com sorrisos que expressam a satisfação e o entusiasmo em compartilhar suas histórias de vida e ouvir as vivências das outras participantes. Essas imagens revelam a relevância do diálogo e da escuta atenta para a construção de laços afetivos e de confiança entre as participantes, reforçando as narrativas autobiográficas como instrumento de empoderamento e transformação pessoal.

Inicialmente, vamos apresentar dados informados no terceiro momento de intervenção junto às mulheres que participaram das Rodas de Conversa 1 e 2. Para tanto, depois da organização dos dados abaixo informados, faremos a apresentação de cada Roda de Conversa com a respectiva descrição e análise dialogada com autoras/es que compartilham de suas falas.

Num terceiro momento, realizamos uma reflexão com todas as mulheres da equipe escolar, e na configuração da pesquisa implementamos um Roteiro de Entrevista para facilitar as narrativas e dar continuidade ao estudo, bem como pedir a permissão para usar seus nomes

⁶² Adotamos nesse trabalho o termo negro/a quase 100% das vezes por entendermos que essa é uma condição biotípica, enquanto o termo preta/o é uma condição política, que o sujeito ou a sujeita assume quanto passa por um processo de construção de identidade que envolve fatores, tais como seu envolvimento com movimentos sociais que discutem as condições de existência e resistência da população negra, assim como a construção de suas identidades e noção de pertencimento étnico-racial. Quando me afirmo mulher preta educadora antirracista e ativista, o faço através de um processo que se deu dentro desse contexto.

reais ou codinomes, informações sobre sua classificação racial, envolvimento com movimentos sociais antirracistas, compreensão sobre o feminismo, dentre outros temas.

Os dados indicam que a partir do coletivo ou grupo de mulheres negras com orientação feminista pode assim despertar o interesse de muitas mulheres, porém há também um grupo considerável que não se sente atraído por esse tipo de abordagem. Ao focar em atrair e envolver esse grupo, podemos aumentar a diversidade e representatividade do coletivo. Além disso, é essencial compreender as necessidades e expectativas das mulheres que demonstram interesse, a fim de que o coletivo seja eficiente na promoção de mudanças positivas e no apoio mútuo.

As respostas apresentadas demonstram que a pesquisa contribui de diversas maneiras para o entendimento do empoderamento feminino. Primeiramente, fomenta a realização das mulheres, incentivando sua independência e motivando-as a ter autoconfiança. Além disso, as informações compartilhadas e a socialização de experiências proporcionam conhecimento, permitindo que as mulheres adquiram novos aprendizados e compreendam melhor o conceito de autonomia feminina.

A pesquisa também revela a força das mulheres e seu poder de transformar o mundo. Isso encoraja-as a se valorizarem mais e reconhecer seu próprio potencial. Ademais, a pesquisa possibilita que as mulheres conquistem coisas que antes desconheciam, promovendo seu crescimento tanto pessoal, quanto profissional. Adicionalmente, a análise demonstra que a promoção da autonomia das mulheres traz vantagens não só para elas, mas também para a sociedade em geral. Ao ilustrar situações de mulheres capacitadas na família e comunidades, essa pesquisa expõe a relevância e o efeito positivo do empoderamento feminino.

Um segundo ponto destacado nas respostas é a melhoria da empatia entre as mulheres. O estudo indica que a capacidade de se colocar no lugar de outra pessoa e entender as situações vividas por ela é crucial para combater a competição e estimular a solidariedade, ou na perspectiva desse estudo, a sororidade entre as mulheres.

Contudo, a pesquisa contribui para compreender que o empoderamento feminino tem como principal propósito conferir capacidade a outras mulheres e possibilitar que cada uma adote seu próprio poder. Além disso, auxilia as mulheres a reconhecerem seu mérito como pessoas do sexo feminino, ultrapassando os estereótipos de donas de casa ou seres delicadas. Esse aspecto é essencial para que as mulheres compreendam seu verdadeiro valor na sociedade, tanto no âmbito doméstico quanto no profissional.

5.1 Narrativas de Mulheres - Roda de Conversa 1

Conforme anteriormente mencionado, decidimos utilizar a música “Triste, Louca ou Má”, da Banda Francisco *El Hombre*, para problematizar a primeira roda de conversa com as interlocutoras, por ser essa música, uma interpretação que retrata as diversas opressões sofridas por mulheres negras na sociedade. Ao usá-la como ponto de partida para nossa pesquisa, pudemos trabalhar com as interlocutoras nosso posicionamento pessoal acerca da necessidade de problematizarmos questões de gênero, raça e classe no contexto educacional. Por fazermos parte do universo educacional, a música nos possibilitou criar um espaço de discussão e reflexão sobre nossas vivências como mulheres negras na educação para então irmos ampliando nossas vozes e experiências.

Este estudo busca visibilizar vozes de mulheres negras educadoras, cujas narrativas foram selecionadas com base em sua demonstração imediata de autoaceitação em seus relatos. As histórias dessas mulheres são um testemunho poderoso de resiliência e autoconfiança, mostrando como desafiaram e superaram os estereótipos e preconceitos que encontraram ao longo de suas trajetórias profissionais. Ao compartilharem suas experiências, nos convidam a refletir sobre o amor-próprio e da valorização da identidade racial na construção de uma educação verdadeiramente inclusiva e emancipadora.

Apresentamos em seguida as narrativas de mulheres negras educadoras que são protagonistas de histórias e experiências trazendo consigo uma riqueza de vivências e conhecimentos que merecem ser explorados, valorizados e visibilizados. Suas vozes nos convidam a perceber a urgência de uma Educação Antirracista que valorize as identidades e o empoderamento das educadoras negras desses ambientes escolares nos quais as experiências expressas nas narrativas sejam reconhecidas como fonte fundamental para a inclusão social.

Nossa seleção de participantes foi baseada em encontrar mulheres que compartilhassem narrativas de suas vivências e estarem desempenhando diferentes funções, como Gestoras, Professoras, Secretárias, Assistentes de Serviços Gerais (ASGs), Coordenadoras Pedagógicas, de Apoio Financeiro, Coordenadoras de Merenda e Merendeiras, manifestando que o nível de educação não determina o processo de autoaceitação e empoderamento feminino.

Apresentamos o Quadro 1 com nomes, idades, autodeclaração étnico-racial e funções. Apesar disso, utilizaremos os nomes completos das pessoas interlocutoras porque autorizaram pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) o uso dos nomes reais, mesmo tendo

a opção de escolher um codinome para a identificação, e as informações estão organizadas em ordem alfabética. E, por fim, trazemos na análise das narrativas aspectos que conhecemos da realidade dessas mulheres pelo fato das relações de convivências diárias, tanto de moradoras da mesma cidade, quanto de trabalhadoras juntas em instituições educacionais.

Quadro 1 – Nomes, Idades, Cor/Raça e Funções das Mulheres da Escola Municipal Genésio Gomes

NOME	IDADE	COR/RAÇA	FUNÇÃO
Alzinete Souza Santos Leal	42 anos	Parda	Professora
Andila da Silva Severiano	37 anos	Parda	Auxiliar Administrativo
Antônia Lima Guimarães	60 anos	Branca	Merendeira
Claudisdean de Melo Silva	46 anos	Parda	Diretora
Dioneide Alves de Sousa Cardoso	44 anos	Parda	Merendeira
Dioneide Pereira da Silva	31 anos	Branca	Professora
Eliane dos Santos Batista	40 anos	Negra	Professora
Francisca Aldeane Marques Cardoso Borges	38 anos	Parda	Professora
Izabel Ferreira da Silva	48 anos	Parda	Professora
Kelly Pereira Silva	39 anos	Branca	Professora
Liane da Paz Arrais	30 anos	Branca	Coordenadora Pedagógica
Maria Paula dos Santos Silva	42 anos	Negra	Professora
Maria Sousa Silva	47 anos	Parda	Secretária
Marinêz da Paz Câmara	56 anos	Parda	Professora
Vanessa Sousa Feitosa	33 anos	Negra	Assistente de Serviços Gerais

Fonte: Elaboração da Autora (2023)

No Quadro 1, são apresentados os nomes, idades, cor/raça e funções das mulheres que compõem a equipe da Escola Municipal Genésio Gomes. Essa lista fornece informações relevantes sobre as profissionais que atuam na instituição, buscando garantir a diversidade e inclusão em seu corpo docente. É possível observar a presença de mulheres de diferentes idades, cor/raça e cargos, desempenhando funções essenciais no ensino e na gestão escolar. Esse quadro evidencia a valorização do trabalho feminino e a necessidade de dar voz a todas as mulheres envolvidas na educação. Diante do quadro apresentado, trazemos as narrativas das mulheres

negras educadoras, considerando a ordem alfabética destas interlocutoras da rede municipal de Praia Norte/TO.

Iniciamos com a educadora Alzinete Souza Santos Leal, 42 anos, graduada em Matemática e Pós-Graduada em Gestão Escolar. Professora no Ensino Fundamenta traz à tona a necessidade de quebrar barreiras e superar medos, especialmente aqueles que nós mesmas nos impomos por duvidar de nossa própria capacidade. Assegura que grande parte dos nossos medos são gerados dentro da família, principalmente devido a uma postura machista que determina as funções das mulheres, tanto das mães quanto das filhas, limitando suas vozes e opiniões.

Djamila Ribeiro, em seu livro “Lugar de fala” (2017), da coleção Feminismos Plurais, argumenta sobre a necessidade de mulheres, especialmente mulheres negras, ocuparem um lugar central em suas próprias histórias, sendo as protagonistas e autoras de suas narrativas. Enfatiza que a submissão imposta às mulheres resulta na falta de autonomia e autoestima, levando-as a crescerem inseguras, o que dificulta sua vida adulta.

Porque a gente, é como as meninas falaram, passa por repressão, os pais, principalmente por pai, aí ele acha que é autoridade e manda na gente e a gente cresce com aquele sentimento, e aí a gente vive em uma sociedade que tem várias ideias, ideias diferentes, ideias que as vezes, a gente não controla (Leal, 2022).

No entanto, de acordo com Leal, por meio de aquisição de conhecimento e com o auxílio de terapia⁶³, é possível alcançar o posicionamento de autoafirmação, autoaceitação e, sobretudo, assumir a posição de protagonista em sua própria jornada. Concordamos com a afirmativa da interlocutora de que “é necessário buscarmos a ajuda de um profissional especializado, todos nós precisamos de terapia, mesmo que não tenhamos o costume de procurá-la” (Leal, 2022). É desafiador abordar os sentimentos que carregamos há muitos anos dentro de nós, e essa transformação só pode ocorrer quando alcançamos um verdadeiro autoconhecimento.

Dessa forma, é possível estabelecer uma conexão com o pensamento de Frantz Fanon, autor de “Os condenados da terra” (1961), que analisa as consequências do colonialismo e do

⁶³ A terapia, do ponto de vista do Feminismo Negro, pode ser entendida como uma prática que visa promover o bem-estar, a resiliência e o empoderamento das mulheres negras, reconhecendo e abordando as particularidades das vivências dessas mulheres no contexto das interseções de gênero e raça. Considerando as experiências históricas de violência, opressão e marginalização enfrentadas por esse grupo de mulheres, é uma prática que busca ressignificar o conceito de saúde mental, incorporando a dimensão social, política e cultural dessas experiências (Fanon, 2008).

racismo na formação da identidade dos povos colonizados. E, o estabelecimento das relações de poder ocorre através da negação da existência dos povos. Em outras palavras, a dominação colonial desvaloriza a existência humana de forma concreta, aprisionando as consciências em estruturas opressoras. Ao relacionarmos a visão de Fanon, entendemos que a existência possui um lugar primordial na formação tanto da identidade individual como das identidades coletivas. A consciência faz parte integrante dessa existência, porém não pode ser considerada como o único fator determinante. De modo que carece considerar a realidade experimentada, as vivências concretas e as interações sociais que moldam nossa percepção e compreensão de mundo. Somente dessa forma seremos capazes de compreender as diversas facetas que compõem nossa essência e identidades.

Sendo crítica e atenta aos contextos sociais, históricos e culturais, a educadora reconhece a família fundamentada em princípios positivos, deste modo, ressalta a necessidade de se ter um parceiro que seja companheiro e ofereça proteção, em vez de impor. Além disso, destaca a relevância de se educar filhos e filhas para que então sejam autônomos/as e tenham autoestima, considerando que nem sempre foi possível em sua relação com os pais. Nesse sentido, a educadora compreende as camadas que constituem a essência e as identidades das pessoas, buscando promover um ambiente familiar favorável ao desenvolvimento humano.

A partir da premissa das exigências da sociedade, que cobra por mudanças, ela sente medo, mas tenta não o transmitir ao filho e, às filhas. Nessa narrativa, podemos notar tanto a superação quanto uma abordagem do universo feminista, mesmo que não tenha definido ou demonstrado total compreensão dessa abordagem. Também é perceptível a sobrecarga que as mulheres enfrentam ao ter que cuidar de tudo e de todos. Isso reflete um resquício da estrutura social patriarcal, conforme revelado ao mencionar que sempre desejou uma família e um marido como proteção, aprendendo essa concepção de proteção por meio de uma vizinha. Na narrativa da professora, compreendemos que essa proteção se trata de cuidado, presença e proteção da integridade da mulher e de sua prole. Essa necessidade certamente se desenvolveu por não ter tido essa proteção quando era apenas filha.

No entanto, ao analisarmos sob a perspectiva interseccional, percebemos uma certa conformidade com as posições em que muitas mulheres se encontram, e, da mesma forma, outras buscam a superação de obstáculos para romper com o ciclo vicioso de que está tudo bem nas relações estabelecidas. Para tanto, além de acolher a necessidade de mudança, é preciso compreender que aceitar a transformação será difícil, e, certamente, provocará sofrimento. Não

é sempre que estamos dispostos a enfrentar essas mudanças com essas perspectivas e, por vezes, optar pelo conformismo em relação ao internalizado, ao fixado e arraigado é a melhor escolha. Neste sentido, precisamos irromper com uma estrutura social prejudicial para abrangermos a necessidade de transcender e mudar nossas realidades.

A partir desse momento, teremos mais participantes para dar continuidade às histórias de outras mulheres porque é significativo valorizar as vozes que contam suas histórias, promovendo a visibilidade de mulheres que têm valiosas contribuições para a área educacional e que necessitam ser escutadas, compartilhadas por serem inspiradoras.

Assim sendo, Andila da Silva Severiano, 37 anos, formada em Pedagogia, Auxiliar Administrativo no Ensino Fundamental. É uma mulher que traz conceitos sobre autoestima, autoconfiança, superação e postura feminista do seu esposo, com alguns aspectos diferentes da narrativa anterior. No seu depoimento, destacou que se casou aos quinze anos e contou com o apoio da família, especialmente do marido, para continuar seus estudos, chegando ao ponto de incentivá-la a fazer o curso de Pedagogia. “Apesar que eu tive muita sorte, de meu marido sempre tá me incentivando”, o que traz em sua narrativa é que a autoconfiança não era suficiente e que o apoio incondicional de seu companheiro foi fundamental para alcançar suas conquistas, embora não se considere uma mulher empoderada, mesmo tendo superado muitos desafios.

Consideramos que esse homem teve uma postura feminista, valorizando e incentivando sua parceira, o que é uma das poucas exceções em uma sociedade patriarcal, machista e misógina, ficando evidente em sua narrativa quando menciona que pensava em desistir, mas seu companheiro a impedia. “Ele nunca me deixou desistir de ir para a escola. Às vezes, eu não queria ir, não que eu quisesse desistir, mas algo acontecia. Então, dizia: ‘hoje não vou para a escola’, e, me falava: ‘filha, vá para a escola, você deve ir’ (Severiano, 2022). De tal modo o Feminismo, especialmente o Feminismo Negro, reconhece a necessidade da educação na capacitação das mulheres e na busca por mais espaço na sociedade.

Portanto, a atitude do homem mencionado é positiva, porque encoraja a esposa a continuar estudando mesmo em períodos difíceis. Desta forma, é crucial que a educação seja um direito garantido às mulheres sem que precisem depender do apoio masculino para continuar os estudos. De modo que as disparidades de gênero e o machismo ainda representam obstáculos que as privam do acesso à educação, o que deve ser combatido por meio de políticas públicas e da consciência deste direito social.

A valorização desta mulher ao seu companheiro, com incentivo contínuo após a conclusão do Ensino Médio, resultou em nunca a deixar desistir dos estudos, sendo atribuído todo o mérito a ele.

Quando eu terminei, passei um tempo. Eu não tinha condição de fazer uma faculdade. Aí, quando tive condição, ele disse: 'você vai estudar'. Então, fiz Recursos Humanos. E aí, fico assim, desleixada. Mas ele sempre ficava dizendo: 'você vai estudar'. E quando apresentei uma proposta para ele, sempre me apoiou. Eu disse que ia estudar Pedagogia, e ele respondeu: 'pois vá'. É assim que me sinto muito incentivada. Eu sei que ainda não sou uma mulher empoderada, pois temos muito a conquistar, mas sou grata a Deus por tudo (Severiano, 2022).

É relevante reconhecer um homem que adota uma postura feminista, ou seja, que apoia o movimento, pois a busca das mulheres por equidade de direitos, por uma sociedade mais justa e por respeito mútuo só poderá ser alcançada com a colaboração de todas as pessoas envolvidas nessa luta. Ao contrário do que se pode pensar, o feminismo não é o oposto do machismo, este último possui estruturas arraigadas que causam muitas vezes agressões e até mesmo a morte de mulheres (feminicídio⁶⁴).

No entanto, é essencial que mulheres, como a Severiano, compreendam que sua força e capacidade de avançar não se deve exclusivamente ao estímulo de seu parceiro, porém, não deve diminuir o mérito de suas conquistas, nem ser o protagonista porque além disso, é fundamental destacar que muitas mulheres e homens não têm conhecimento pleno do que é o Feminismo, especialmente o Negro, e do impacto que pode ter em suas vidas, como por exemplo, questionar o lugar que ocupam com a ascensão das mulheres nos estudos.

A história de Antônia Lima Guimarães, 60 anos, merendeira, no Ensino Fundamental, ilustra essa busca pela independência e pela capacidade de ser uma mãe solo, uma fonte de força e determinação para seguir em frente, casou-se jovem e foi muito feliz com seu marido, mas sentiu muito sua perda, o que a fez se sentir sozinha. De modo que passou a questionar se conseguiria ser mãe solo o que a vê como sua força para seguir em frente. Inicialmente, a interlocutora se preocupou com os possíveis comentários das pessoas a ponto de sentir vergonha

⁶⁴ Pode ser entendido como um tipo específico de violência de gênero que ocorre contra mulheres, especialmente contra mulheres negras, devido à interseção de sua identidade de gênero e raça. Essa visão se baseia no reconhecimento de que a violência contra as mulheres não é um fenômeno universal, mas sim atravessado por questões de poder, opressão e discriminação que afetam de forma desproporcional mulheres negras. Diversas autoras têm argumentado sobre a necessidade de abordar as questões raciais e de gênero simultaneamente para compreender a opressão enfrentada pelas mulheres negras e promover a transformação necessária (Gonzalez, 2018).

em sair em público, temendo o julgamento alheio devido à dura realidade de discriminação enfrentada pelas mulheres solteiras, casadas, viúvas ou independentes. Qualquer que seja a condição da mulher, é avaliada e sujeita a preconceitos e discriminações.

Eu me casei e fui extremamente feliz com meu esposo, uma pessoa maravilhosa. Eu queria tanto que ele ainda estivesse comigo, mas quando meu marido faleceu, me senti uma mulher solitária. Então pensei: meu Deus, o que farei da minha vida? Até cheguei a evitar sair de casa por vergonha (Guimaraes, 2022).

Relata que sentiu receio, todavia seus filhos e filhas forneceram incentivos suficientes para prosseguir e enfrentar a situação. “As pessoas podem me julgar, estar viúva e sozinha, esses pensamentos surgiram, mas decidi cuidar dos meus filhos” (Guimarães, 2022). A citação retrata a coragem e determinação de alguém que enfrentou críticas e dificuldades, assumindo a responsabilidade de cuidar de filhos/as sozinha. O fato de ser viúva sugere que essa pessoa enfrentou a maternidade sem um parceiro, o que pode ter agravado as críticas e obstáculos que enfrentou. Mesmo assim, essa mulher perseverou, concentrando-se em assegurar o melhor aos filhos e filhas. Essa citação nos lembra da resiliência e determinação que mães demonstram ao superar adversidades, e nos motiva a apoiar mulheres que passam por desafios semelhantes.

No que diz respeito à conexão de Guimarães com a música, há uma associação de sua experiência à superação, bem como também expressa profunda gratidão pela força que recebe de Deus para persistir e alcançar esse momento. Além disso, destaca o lugar abençoado que filhos e filhas desempenham em sua vida.

É eu, e eu mesmo! Aí! Deus me deu coragem. E, assim, eu agradeço a Deus pelos meus filhos. Meus filhos são minha vida. O que eu mais amo na minha vida são meus filhos. Graça a Deus! Eles são uns ótimos filhos, graça a Deus, não me decepcionam. É assim a minha vida, eu sofri, porque você se encontrar no lugar de pai e de mãe de tudo não é fácil. Mas eu sou muito grata e ‘até aqui o Senhor tem me ajudado (Guimaraes, 2022).

A interlocutora não foge à regra quando discutimos a situação da mulher, mãe e solo na sociedade, tampouco na condição de viúva. Os obstáculos enfrentados por essa mulher são numerosos. Além de garantir sua própria sobrevivência e a de filhos e filhas precisa lidar com as restrições impostas por sua condição de mulher que ficou sem o parceiro. Está sujeita a ser julgada por sua conduta, mesmo sendo responsável por sua própria vida.

Essa situação é decorrente de uma estrutura social patriarcal e discriminatória, mas é crucial reafirmar constantemente para despertar reflexões sobre a condição enfrentada por muitas mulheres.

A imposição normáscula traduz um poder hegemônico, branco, hétero e de classe média, um poder senhorio que definiu padrões de gênero em masculino e o outro subordinado a esse poder, no caso, a mulher negra e pobre. Nessa perspectiva de Scott a normatividade que põe em evidência as interpretações dos sentidos, que se esforçam para limitar e conter suas possibilidades de pensar criticamente, negam interpretações de sentido diferente (Santos, 2022, p. 28).

A citação sugere que a imposição de normas e padrões sociais reflete o poder de um grupo dominante que é branco, heterossexual e de classe média. Esse poder controla a definição dos gêneros estabelecendo um padrão masculino como dominante e subordinando o padrão feminino. A imposição de normas limita a capacidade das pessoas de pensar criticamente, negando interpretações e significados diferentes. Assim, a perspectiva crítica analisa a imposição de normas sociais que reforçam desigualdades e restrições ao pensamento.

No que diz respeito à padronização de sentidos e significados mencionamos os conceitos regulamentados por organizações reguladoras e de doutrinação, como as ideias defendidas pelas escrituras sagradas. “Muitas dessas entidades negam as falas femininas na tentativa de silenciá-las, com argumentos de incapacidades decorrentes do binarismo” (Santos, 2022, p. 28). Neste sentido, a interlocutora é um exemplo clássico de uma mulher que assume a responsabilidade de sustentar a família após a morte do marido. Embora preocupada com os julgamentos dos outros, encontra força nos filhos e filhas, e continua seguindo em frente com sua vida. Portanto, a narrativa demonstra o enfrentamento de mulheres diante de múltiplos desafios mesmo diante das pressões e restrições impostas aos seus corpos e comportamentos, persistimos fortalecidas em nossas trajetórias.

Ao abordar a temática da autoconfiança e autonomia das mulheres, se faz necessário mencionar narrativas notáveis como a de Claudisdean de Melo Silva, 46 anos formada em Normal Superior, em Letras e Matemática. Gestora no Ensino Fundamental compartilhou relato particularmente envolvente nesse aspecto. Ao abordar os obstáculos que as mulheres enfrentam no que diz respeito às questões que as impedem de avançar, que geram medo ao ponto de nos imobilizar. Esses obstáculos foram enfatizados como coisas que somente homens têm feito ao longo do tempo, criando em nossa mente a crença de que não somos capazes. Usou o exemplo

pessoal do medo de dirigir para ilustrar essa experiência de vida. Diante dessa necessidade, refletiu, chorou e decidiu superar esse bloqueio, inspirando outras a fazerem em situações similares, como o medo de estar acima do peso que a fez parar de dançar, uma atividade que confessou gostar muito, e desse modo, ao ser desafiada, conseguiu superar o medo de dirigir e permitiu-se dançar novamente.

Aí quando começou a passar daquelas ruas, eu comecei a sorrir, eu dirigindo e sorrindo, e minha mãe perguntando: o que foi? O que foi? E eu respondi: não, não é nada não. Só que assim, às vezes você mesma que fala que não é capaz e quando você percebe você está fazendo é as situações que faz você ter que encarar, aí depois disso, eu consegui me libertar de umas coisas (Melo Silva, 2022).

A narrativa evidencia os danos causados pelo padrão imposto às mulheres, os quais deixam cicatrizes dolorosas a serem redesenhadas constantemente, desde as mais simples até as mais complexas. É evidente o progresso das mulheres que ocupam posições e espaços que eram exclusivos dos homens, provando para si mesmas sua capacidade e segurança.

No livro "Irmã Outsider" (2021), Audre Lorde⁶⁵, aborda o tema da autoaceitação e dos obstáculos que mulheres negras enfrentam para serem aceitas e progredirem. Com habilidade explica como as mulheres enfrentam desafios ao buscarem aceitação e progresso numa sociedade que frequentemente marginaliza e atinge de forma desvantajosa. Seu trabalho é amplamente reconhecido como uma contribuição significativa para a luta feminista e direitos civis, possibilitando análises e reflexões determinantes sobre as opressões interseccionais vivenciadas. E, por meio de uma escrita empoderadora e assertiva sobressai a necessidade de solidariedade e resistência contra as formas de discriminação e preconceito, promovendo a equidade e o respeito as mulheres escritoras e leitoras.

Analizamos as ressignificações no construto de Melo Silva ao trazer os pressupostos de Lorde (2021) para o contexto das narrativas das interlocutoras no processo de construção de suas identidades e superação de medos e obstáculos. Esclarece que não se vê como alguém cuja definição depende de um homem porque sempre se considerou independente tanto emocional como financeiramente, entretanto, as restrições impostas pela sociedade resultaram em impedimentos que foram questionados, analisados e estão ultrapassados.

⁶⁵ Audre Lorde (1934-1992), norte-americana, escritora, professora e ativista, conhecida por sua produção com temáticas feminista e antirracista. Além de poemas e narrativas, escreveu livros de ensaios como *Sister Outsider* e *Uses of the Erotic*, nos quais reflete sobre política, feminismo, racismo e erotismo (Ribeiro, 2019, p. 126-127).

Saindo do contexto da mulher que superou barreiras e obstáculos impostos pela estrutura patriarcal, trazemos Dioneide Alves de Sousa Cardoso, merendeira, no Ensino Fundamental, menciona que ao ouvir a música ficara profundamente emocionada, especialmente por relembrar a perda de seu pai. Descreve a sensação como um retorno ao seu passado no interior do município de Praia Norte/Tocantins, sentindo um aperto no coração e a ausência de seu pai de forma intensa. No entanto, apesar desse sentimento expressa que, depois de ouvir a música, percebe que é uma mulher feliz, realizada e grata por tudo. Reflete sobre a importância de ter um propósito de se definir, e, então, percebe que é feliz, realizada e tem uma identidade firmada.

Na perspectiva desse estudo, a narrativa de Cardoso, destacou sobre a música que a faz recordar a perda de seu pai é um momento de profunda conexão com suas raízes e memórias pessoais. Nesse contexto, a emoção que sente é amplificada pela realidade de ser uma mulher negra em uma sociedade atravessada pelo racismo. A ausência do pai, nesse caso, representa também a falta de uma referência paterna positiva para mulheres negras, o que muitas vezes resulta em insegurança e desafios para construir uma identidade forte e autoconfiante.

Bom dia, eu sou a Dioneide Alves. Trabalho aqui há muito tempo, sabem todos já me reconhecem. Ao ouvir essa música, fui transportada para o meu passado, mais precisamente para a minha infância no interior. Senti um aperto no coração ao relembrar a perda do meu pai. Foi uma emoção muito intensa. Em seguida, percebi a importância de termos um objetivo, de nos definirmos. E, finalmente, entendi que sou feliz, realizada e determinada, graças a Deus. Senti-me extremamente emocionada (Cardoso, 2022).

No entanto, mesmo diante dessas lembranças dolorosas expressa sua felicidade, realização e gratidão pela vida que construiu. Essa perspectiva, marcada por uma visão de empoderamento feminino, é fruto da compreensão da própria relevância e valorização de sua identidade como mulher negra. Sabendo que ser bem-sucedida e se sentir realizada é uma vitória em um contexto social que marginaliza e diminui a presença das mulheres negras, contribui para se sentir fortalecida em sua jornada.

Sua narrativa trata da busca pela felicidade e realização pessoal, refletindo sobre a relevância de ter um propósito na vida e fortalecer sua identidade. Mesmo enfrentando momentos de negatividade, ao ouvir a música proposta, reconhece que é uma pessoa feliz, realizada e grata por tudo. Essa percepção a emociona, pois evidencia que a felicidade e o bem-estar são conquistas reais. Além disso, ao mencionar sua gratidão a Deus, demonstra uma conexão espiritual que contribui para a sensação de plenitude pessoal. Sua fala ressalta o quanto se faz necessário o autoconhecimento, estabelecimento de metas e valorização do que se possui.

É um convite à reflexão sobre a necessidade de buscar a felicidade de maneira consciente e direcionada para encontrar satisfação e realização no caminho.

Por fim, as mulheres têm sido “ensinadas” e subjugadas a tudo que as enfraquece, as diminui e, principalmente, as fazem crer que não serão completas ou realizadas sem a presença de um homem ao seu lado, especificamente para as mulheres negras que sempre trabalharam em diversos tipos de empregos, cuidaram de seus lares, das despesas e outras responsabilidades. Mesmo quando são solteiras ou casadas, a influência nociva do patriarcado permanece presente. De modo que, embora com a pressão excessiva da sociedade, um número significativo de mulheres é autônomas, autoconfiantes e capazes de se sentirem solidárias.

No campo da representatividade, destacamos Dioneide Pereira da Silva, 31 anos, formada em Educação Física. Professora no Ensino Fundamental que possui características físicas, como pele, cabelo e nariz caucasóide⁶⁶, mas não se identifica como mulher negra, embora reconheça a ascendência negra de sua mãe. Considera sua mãe como um exemplo de superação, devido aos desafios que enfrentou ao longo da vida. Ao ouvir a música, não fez uma ligação imediata com sua própria história, mas com a história de sua mãe, que passou por dificuldades por ser negra. Em seu depoimento, além de abordar temas como machismo, destaca como a construção de sua identidade pessoal se entrelaça com a trajetória de vida de sua mãe.

O parágrafo a seguir mostra uma mistura de emoções. Inicialmente, as lágrimas foram provocadas pela recordação de momentos tristes e possivelmente traumáticos. No entanto, à medida que a narrativa continua, percebemos um sentimento de superação, expresso com determinação ao se afirmar como uma mulher forte. Essa fortaleza é resultado dos ensinamentos de vida que adquiriu através das lutas de sua mãe. O termo “mulher forte de hoje” refere-se à capacidade de criar identidades, algo que só se torna possível devido às lutas de mulheres anteriores que buscavam superar adversidades e garantir seus direitos. Durante muito tempo as mulheres foram excluídas pela sociedade patriarcal e preconceituosa, e não foram devidamente reconhecidas na historiografia e nem nos espaços conquistados como um processo complexo quando levamos em consideração a variável da raça e a interseccionalidade de categorias.

⁶⁶A classificação taxonômica é a da raça humana em grupos humanóides que a divide em três grupos étnicos: Negroide que são originários da África; caucasóide que são originários da Europa, e mongolóide que são originários da Ásia. Esse entendimento da autora desse estudo a partir de uma experiência em trabalhar uma disciplina denominada Antropologia Cultural no Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Maranhão em 1999 e no Programa de Capacitação Docentes (PROCAD).

Ao reconhecer a exclusão histórica das mulheres e o progresso que têm feito na sociedade percebemos que a complexidade da noção raça é agravada pela interseccionalidade de categorias. Portanto, a análise considera não apenas a sociedade patriarcal, mas igualmente as múltiplas formas de opressão e marginalização afetam as mulheres ao considerar a interação entre raça, gênero, classe social, entre outros fatores. Isso nos permitirá compreender de forma mais abrangente e precisa as dinâmicas de poder e desigualdade presentes na vida social.

Dioneide Pereira da Silva compartilhou emocionada sua história de vida que se relaciona diretamente com a música, embora não tenha especificado a si mesma. Ao ouvir a letra da música pela primeira vez com os olhos fechados, uma conexão instantânea foi estabelecida com a história de vida de sua mãe, por ser a mais velha entre seis irmãos. Em sua narrativa mostra a admiração pela determinação de sua mãe em não se deixar abater pelo machismo e autoritarismo de seu pai, quando ela decidiu voltar a estudar e prestar concurso para o cargo de Assistente de Serviços Gerais.

Apesar de muitas pessoas duvidarem, seguiu em frente e concluiu o Ensino Médio, optando por não prosseguir com os estudos por escolha pessoal, pois não desejava se tornar professora, mas sim empreendedora. Começou como costureira, com apenas uma máquina de costura, e atende empresas, incluindo a Prefeitura Municipal de Praia Norte/TO com seus serviços e conseguiu proporcionar educação aos filhos e filhas.

Foi um sofrimento imenso, muito sofrimento mesmo. Contudo, ela era sempre assim, cheia de alegria, felicidade. Cuidava da casa e dos filhos com todo seu amor. Sempre nos deu todo o suposto, e só não estudou quem não quis. Mas aqueles que o desejaram, ela sempre deu a oportunidade. Eu fiz o curso técnico em enfermagem, segurança do trabalho, magistério, e até mesmo minha faculdade em Educação Física. E todo esse caminho foi trilhado com o apoio dela, sempre presente. Em seu papel de mãe e mulher, ela é um verdadeiro exemplo. Quando ouvi a música, vi a história dela se desdobrar diante dos meus olhos. Era a história daquela mulher que veio de baixo, sem a oportunidade de estudar quando jovem. No entanto, assim que se tornou independente, ela foi lá e estudou. Mesmo com o marido reclamando, reclamando hoje e amanhã, ela persistiu e conseguiu. Ela não fez uma faculdade, mas porque ela mesma decidiu. Ela mesma disse: "Não, eu não quero ser professora." E, então, adivinha só o que ela fez? Ela decidiu ser empreendedora (Pereira da Silva, 2022).

O parágrafo acima mostra o exemplo de superação, determinação e vontade da mãe em não se submeter ao marido controlador. Mesmo presenciando brigas constantes entre os pais, sua mãe decidiu voltar a estudar. O pai pensava que uma mulher que decidia estudar após o casamento era sem vergonha. Entre os dez a onze anos, a narradora ajudava a mãe cuidando

dos irmãos e irmãs, levando-os para a escola para que pudesse amamentá-los/as e concluir seus estudos. A mãe sempre apoiou a narradora, seus irmãos e suas irmãs a continuarem estudando para terem sucesso na vida. Atualmente, a mãe sempre defende a todos e todas, mesmo quando estão errados, pois revela que “o pai culpa a mãe por tudo” constantemente independentemente de qualquer coisa.

Neste momento, refletimos sobre as restrições impostas à mulher nesta sociedade patriarcal machista e sexista, que atribui exclusivamente às mães a responsabilidade pelos cuidados e educação dos filhos e filhas. Pereira da Silva (2022) apresentou elementos que permitem analisar como as mulheres são tratadas e a necessidade de lutarem para conquistar seus espaços e quebrar estereótipos que oprimem nós mulheres. Além disso, nos mostrou uma forma de transgressão por meio da educação que cria, constrói suas próprias realidades e dá novos significados, tanto em relação à história de sua mãe quanto à sua própria história.

A ativista feminista bell hooks, em seu livro “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade” (2017), explora como as mulheres negras desafiaram as normas educacionais e encontraram seu próprio caminho, compreendendo sua capacidade e a necessidade de se esforçar ao máximo. “O aprendizado poderia ser libertador” (hooks, 2017, p. 15) e, destaca que a educação incentiva a inteligência e a autoestima, e que essa abordagem pode ser revolucionária. No entanto, reconhece que, durante esse processo de busca pela liberdade através da educação implementaram a representatividade influenciando a forma como as mulheres negras deveriam se comportar e nutrindo seu intelecto. A autora descreve o compromisso das educadoras em alimentar o intelecto para que se tornem acadêmicas, pensadoras e profissionais na área cultural, sejam incentivadas a alcançar um desempenho superior para obter privilégios.

A citação de bell hooks ressalta o comprometimento de educadoras negras em cultivar a mente de educandos/as, a fim de capacitá-los/as a se tornarem acadêmicos/as, pensadores/as e profissionais culturais. Nessa declaração, é evidente que buscavam criar um ambiente de aprendizagem que desafiasse os estereótipos e preconceitos enfrentados por estudantes negros/as. Entendiam que o conhecimento e a intelectualidade são recursos para superar barreiras sociais e construir uma sociedade inclusiva. Ao exigir o desempenho das educandas, essas educadoras visavam capacitá-las ao máximo para alcançar uma inteligência que as privilegiasse, não apenas individualmente, mas como parte de um movimento coletivo em prol da equidade e do reconhecimento da intelectualidade negra. Nesse sentido, compreendemos

que o compromisso dessas mulheres ultrapassa a sala de aula, buscando estabelecer uma cultura intelectual negra que valorize a capacidade intelectual e a contribuição da população negra.

Agora vamos conhecer a interlocutora Eliane dos Santos Batista, educadora, 40 anos, graduada em Letras e Pós-Graduada em Língua Portuguesa com ênfase em Gramática e Literatura. Professora no Ensino Fundamental, aborda questões complexas sobre a construção de sua identidade ao mencionar que ainda não sabe quem ela é. Descreve com precisão quem era na adolescência, mas após se casar, ter filhos e assumir as funções de esposa, mãe e profissional na área da educação, acabou esquecendo suas próprias paixões e quem realmente é. O que mais chamou sua atenção na música foi a forma realista como retrata sua situação atual, especialmente na frase "que ninguém nos define". Afirma que "nós mesmas nos definimos", porém, ao mesmo tempo, sentiu angústia e força ao perceber que ainda não conseguiu se definir, atribuindo isso ao fato de ter se dedicado quase que exclusivamente ao trabalho, à família, aos filhos, ao marido e à casa. Isso fez com que relembresse sua adolescência ao ouvir música, principalmente o *Reggae*⁶⁷ como seu estilo musical favorito.

Quando eu ouço *reggae*, eu volto ao passado, eu sinto um pouco de felicidade, me sinto igual o pássaro que está preso querendo voar. Eu tenho vontade de ser o que ainda não sou, apesar de ter meu emprego, a entrega a casa, marido e filhos, me entrego a eles e esqueço de viver o meu eu (Batista, 2022).

Nesta narrativa, é possível realizar uma análise mais aprofundada do estado emocional de uma mulher de ascendência africana que desempenha e assume funções retratando a significativa influência que a música exerce sobre nossa mente e espírito. O gênero do *Reggae*, em especial, tem a habilidade de nos transportar para um sobrevivendo distante, de forma ancestral, evocando recordações e emoções de contentamento na alma. A música é capaz de desbloquear um espaço em nossa essência, permitindo-nos temporariamente escapar das obrigações da vida diária e poder sentir a leveza do nosso ser.

O significado do pássaro enjaulado que anseia pela liberdade representa a sensação de restrição e ao mesmo tempo a busca por autenticidade. Diante das obrigações profissionais, domésticas e familiares é fácil perder o contato com nossa essência verdadeira. De modo que

⁶⁷ O *reggae* é um gênero musical originário da Jamaica que se desenvolveu na década de 1960. O ritmo é caracterizado por um estilo lento e relaxado, com ênfase no contratempo, conhecido como "*Skank*". A influência da música africana, *Calypso*. Além disso, a melodia é geralmente acompanhada por linhas de baixo proeminentes e letras que abordam questões sociais e políticas. O gênero musical que se tornou um símbolo de resistência e luta pela justiça social ao redor do mundo (Rosa, 2006).

nos dedicamos tanto a essas exigências externas que frequentemente nos esquecemos da nossa realização pessoal.

Contudo, quando se escuta *Reggae*, as responsabilidades parecem perder sua extrema relevância. O ritmo sereno, as canções envolventes e as letras edificantes nos convidam a libertar-nos das amarras e reconectar com nossa verdadeira essência. Por meio da música, somos lembrados das aspirações e anseios que não estejam sendo adequadamente explorados.

O ritmo se transforma em um meio de nos libertar das restrições impostas pela vida moderna e nos recorda a necessidade de buscar a própria felicidade e satisfação pessoal. Desperta o desejo de nos tornarmos maiores, mesmo que tenhamos alcançado objetivos sociais, como trabalho, família e moradia. Essa música nos motiva a explorar os nossos talentos e paixões, viver plenamente a nossa vida, e, assim, expressar a verdadeira essência.

Nesse sentido, a citação de Batista demonstra o poder transformador do estilo musical, tanto na sonoridade quanto nas letras, ao promover uma mudança interna. A reflexão é incitada, lembrando-nos que somos seres versáteis, capazes de ir além das responsabilidades diárias. Ao estabelecer conexão com a música, somos impelidas a examinar nossa própria existência e a encontrar harmonia entre as exigências externas e a realização individual. Portanto, o *Reggae* nos lembra constantemente que a busca pela felicidade e pela autenticidade pessoal é crucial para alcançarmos uma vida plena e satisfatória.

A constatação de não ter uma definição clara de si mesma pode ser uma experiência desafiadora. É difícil compreender quem realmente somos, quais são nossos valores, objetivos e identidades construídas. Essa falta de definição pode gerar dúvidas e incertezas, deixando-nos em constante busca por respostas. No entanto, apesar dessa dificuldade, Eliane reconhece sua força ao lidar com essa situação para dar conta dos questionamentos e reflexões que surgem com a procura de significado de si. Por isso é preciso coragem e determinação para enfrentar os desafios e continuar a busca por uma compreensão mais profunda de si mesma.

Ao encerrar a narrativa, afirmando sua força diante dessa luta interna, mostra-nos que apesar das dificuldades, não desiste. Reconhece a constante necessidade de enfrentar essa jornada de autodescoberta, mesmo que seja uma tarefa difícil. Portanto, podemos concluir que essa falta de definição não é o fim em si mesmo, mas sim uma oportunidade para o crescimento pessoal. Ao reconhecer sua própria força diante desse desafio, a interlocutora nos inspira a enfrentar as nossas próprias incertezas e continuar buscando compreender nossa identidade política identitária.

Assim, as expectativas sociais impostas às mulheres resultam numa perda de autodefinição e felicidade, e se sentem confusas ao tentar cumprir as funções e não sabem verdadeiramente quem são. Além disso, assumir obrigações e responsabilidades faz com que deixem uma lacuna em si mesma que só é percebida quando ouvem a música que trazemos para refletir as experiências.

Ao se deparar com esse relato, surge a reflexão sobre a nossa verdadeira identidade. Será que estamos genuinamente satisfeitas com quem somos? Ou será que acabamos adotando comportamentos e atitudes que nos são impostas? De acordo com Santos (2019), vivemos em constantes dualidades: a forma como vivemos *versus* a forma como realmente gostaríamos de viver. Essa dicotomia é resultado das pressões sociais, imposições e posturas que exercem um grande peso sobre nossas escolhas, que por vezes se tornam limitantes. De modo que essa situação se assemelha a uma encruzilhada, um ponto de conflito, contudo, abre espaço para outras possibilidades na construção da nossa realidade objetiva e subjetiva.

Francisca Aldeane Marques Cardoso Borges, 38 anos, graduada em Pedagogia e Enfermagem, atua no Ensino Fundamental é uma mulher com autoestima admirável, apaixonada por suas duas profissões. Além disso, destaca a relevância de seu pai em sua vida, considerando-o seu maior incentivador, amigo e companheiro em festas, inclusive na hora de escolher seus pretendentes. Neste diálogo, falaremos sobre os conceitos de autoconfiança, superação e postura feminista. Nas palavras de encorajamento de seu pai, podemos perceber um homem com uma postura feminista ou pró-feminismo: “filha, não há recompensa melhor do que ter um bom emprego, estude e seja quem você quiser”. Seu pai foi seu melhor amigo. Ela se casou e engravidou no meio do Curso de Pedagogia, mas não desistiu. Em sua narrativa traz palavras de incentivo para as colegas de trabalho, de modo a mencionar o lugar de uma conexão direta entre a música e sua história de vida.

Ao ouvir essa música, sinto a liberdade de ser quem nós mulheres desejamos ser. Isso me faz lembrar do momento em que me casei, grávida, há 18 anos. Naquela época, eu estava começando a estudar Pedagogia. Porém, nem a gravidez e o casamento me fizeram desistir. Graças a Deus, meu companheiro também não. Ele continuou trabalhando e pagou minha faculdade. Durante todo esse tempo, o meu pai sempre me apoiou e me incentivou, dizendo: "Minha filha, nada é melhor do que você ter um bom emprego ao invés de um casamento". Então, ele me aconselhava a estudar. Eu me lembro disso tão bem, a ponto de meu pai ser meu companheiro de todas as festas. Em muitas ocasiões, ele sempre me perguntava com quem eu estava namorando e eu respondia: "Estou namorando fulano". E ele dizia: "Fulano é assim, assim, assim. Você já reparou? Não presta." Ele era assim, sempre um grande amigo para mim. Assim, nessa música, o que eu senti, como mencionei antes, é que só depende de mim. Posso

ser o que quero ser. Atualmente sou professora e enfermeira. Já se passaram quase dois anos e meio desde que comecei a atuar, e foi na fase difícil, durante a pandemia de Covid-19. Sou muito grata a Deus por tudo o que aprendi, mesmo que tenha sido muito difícil. Isso é o que compartilho com minhas colegas. Nunca é tarde para estudar. Se estou nessa profissão hoje, é porque corri atrás e estudei. Não foi fácil, especialmente porque quando fiz minha faculdade já tinha dois filhos. Saía de casa de manhã e voltava tarde da noite. Foi uma correria, assim como minha vida atual, trabalhando aqui e no hospital. Mas estou realizada e não estou reclamando. Amo ser professora e amo a enfermagem. Amo o que faço, tanto que deixei uma frase para lembrar: "Descubra que você tem muitos motivos para agradecer e um deles é ser uma mulher incrível e poderosa", pois todas nós somos poderosas (Borges, 2022).

Ao analisarmos a acuidade do pai de Borges no desenvolvimento de sua identidade como mulher, observamos uma grande influência na sua participação na orientação da filha, encaminhando-a para um caminho de liberdade alcançado por meio dos estudos. A educadora pôde contar com a ajuda de seu pai nessa construção, o que é evidente em sua fala empoderada, assertiva e segura. Não obstante, os homens que têm influência positiva nas mulheres de suas vidas, como esposas, filhas ou namoradas deixam marcas intensas por essas atitudes.

Algumas feministas negras debatem sobre considerarmos uma sociedade na qual os gêneros se unam para combater as restrições impostas aos corpos e mentes das mulheres pelo patriarcado, o machismo, o sexismo e a misoginia. As autoras afro-americanas bell hooks no livro “O Feminismo é para todo mundo” (2019) e Patrícia Hill Collins no livro “Pensamento feminista negro” (2019) abordam esses temas nessa perspectiva. No entanto, foi a nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie que discute, igualmente, sobre a necessidade na prática no livro “Sejamos todos feministas”, (2014), no qual destaca que homens e mulheres carecem compreender que essa é uma luta de todas as pessoas, visando especificamente o benefício das mulheres. Esse livro, na verdade, é resultado de uma palestra na qual a intelectual narra sua própria descoberta do feminismo e como os homens em sua vida a apoiaram nesse processo.

No âmbito das feministas negras contemporâneas do Brasil, essa discussão ocorre por meio da obra de Djamila Ribeiro, intitulada “Quem tem medo do Feminismo Negro?” (2018), com escritos de natureza (auto)biográfica, em que honra a presença do pai na construção de sua identidade negra. Por meio disso, compreendemos a necessidade de uma educação familiar baseada no amor e afeto de filhos e filhas, especialmente quando são negros e negras, para que possam desenvolver uma autoaceitação e autoafirmação, e adotar uma postura de combate ao racismo e ao preconceito étnico racial.

Eu odiava ir às aulas. Um dia, meu pai foi comigo fazer a matrícula. Ele subiu antes de mim, porque passei no banheiro antes. Quando o garoto me viu, correu atrás de mim para recomeçar seu ritual macabro. Ri por dentro. Fui subindo vagarosamente as escadas, em vez de quase correr como sempre fazia para me livrar dele. Quando chegamos lá em cima, meu pai me aguardava na recepção. Assim que o avistou, o menino gelou. Conteí ao meu pai o que o garoto fazia, e ele deu um escândalo. ‘Pago a mesma merda que o pai desse moleque, essa situação não pode se repetir’. O garoto nunca mais teve coragem de me encarar, e durante as aulas fazia o possível para se mostrar agradável (Ribeiro, 2018, p. 13).

A citação relata um caso sofrido pela autora na escola, o que a levava a não gostar de ir às aulas. Observamos como a presença do pai conseguiu alterar a dinâmica da situação. A atitude do pai de se manifestar e agir em defesa da filha demonstrou que a violência não seria aceita e que todas as pessoas têm o direito de serem respeitadas. Além disso, podemos constatar como a autora enfrentou o garoto de forma consciente e estratégica, não se rendendo aos seus ataques e frustrando suas tentativas de humilhação. No final, o incidente evidenciou que a intervenção de pessoas com autoridade pode ser crucial para combater o racismo, criar ambientes escolares inclusivos e respeitosos.

De acordo Ribeiro (2018) a atitude imposta por seu pai nessa situação a tornou mais confiante e tranquila durante as aulas, nas quais antes se sentia desconfortável, o que contribuiu para um processo de fortalecimento da autoestima na infância. De maneira que a construção de uma identidade negra nestes termos pode ser desafiadora, pois se aceitar e afirmar-se como negro ou negra é um desafio nesta sociedade que insiste em subjugar pessoas afrodescendentes.

Segundo Grada Kilomba (2019), feminista portuguesa, esse ato é um “*afrontamento*”, pois implica em se impor com direitos e lugares de fala, o que movimenta as estruturas de subjugação que anteriormente considerava essas pessoas como agentes de serviço. De forma que ao abordarmos a identidade, nos deparamos com um campo complexo, pois é formada por elementos internos e externos. Da mesma forma, a presença dos familiares é essencial e necessita ser valorizada nesse processo, embora, os fatores externos geralmente sejam prejudiciais. Isso é evidente na falta de representatividade negra em posições de poder e nas associações negativas em relação a imagem do homem negro como malandro e da mulher negra como sensual, além disso, os empregos subalternos são frequentemente relacionados à cor da pele, em detrimento da capacidade intelectual.

Os reflexos do racismo nos meios de comunicação têm demonstrado a falta de representatividade da população negra em postos de poder, além da reificação de estereótipos, tais como do homem negro malandro, marginal e a sexualização

exacerbada da mulher negra, sua coisificação e manutenção em postos de trabalho subalternizados (Davis, 2016, p. 276).

A citação destaca os reflexos do racismo nos meios de comunicação, evidenciando a falta de representatividade da população negra em posições de liderança e a perpetuação de estereótipos negativos. Reforça também a problemática da sexualização da mulher negra que é tratada de forma desumanizada e mantida em empregos de menor prestígio. Esses reflexos do racismo nos meios de comunicação contribuem para a marginalização e subalternização da comunidade negra, reforçando a necessidade de uma maior diversidade e inclusão dessas áreas.

Neste sentido, quebrar essa situação não é fácil e exige tempo, identificação e projeção de novos lugares sociais para a população negra, pois quanto mais interseccionalidades existirem, maiores serão as desigualdades e a marginalização social. Conforme ressaltado por Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177), “a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de subordinação”, em um jogo de poder em que a raça é um fator de diferenciação, intensificando o preconceito e a discriminação.

A seguir, serão apresentados fragmentos de recortes de nosso entendimento para com as mulheres que tem capacidades de cuidarem de si mesmas e das obrigações diárias, sem necessariamente estarem ao lado de um homem, através de outras narrativas, iniciando com o relato da Izabel Ferreira da Silva, 48 anos, educadora, no Ensino Fundamental, expressa a ausência do parceiro, e assuma as responsabilidades que deveriam ser compartilhadas.

A interlocutora faz uma conexão entre a música e sua trajetória pessoal, destacando as virtudes necessárias: força e coragem. Para ela, ser casada e ter o marido trabalhando fora implica em assumir as cargas domésticas e enfrentá-las com resiliência. No entanto, é possível perceber um certo desapontamento na narrativa dessa mulher, pois desejava que o marido fosse mais presente e dividisse essas tarefas para que não se sentisse sobrecarregada. A ausência do marido faz falta e acarreta um peso maior para essa mulher, evidenciando a necessidade de compartilhar as responsabilidades. Enquanto essa mulher é considerada corajosa e determinada, na verdade, essa característica é resultado das situações às quais é exposta.

Ao ouvir a música eu me senti bem e senti força e coragem, porque veio um pensamento na vida pessoal mesmo, eu sou casada há mais de 20 anos, mas eu tenho um marido que nunca viveu comigo direito, porque ele trabalha fora e só vem de quinze em quinze dias, às vezes um mês. E porque força e coragem, porque sou eu

aquela pessoa que faz tudo em casa, resolve tudo, tudo sou eu, ele nunca está. Então, é isso que senti aí, força e coragem (Ferreira da Silva, 2022).

Analizamos esse relato sob o apoio das ideias das feministas Sueli Carneiro (1985) e Ângela Davis (2016), no qual a interseccionalidade deve ser considerada nas análises desse e outros contextos, ou seja, a forma como as opressões de gênero, raça e classe se entrelaçam e se influenciam mutuamente a vida das mulheres. No caso presente, a mulher é casada há mais de vinte anos, e seu marido trabalha fora e raramente está presente em casa. Essa dinâmica familiar pode ser entendida à luz das desigualdades de gênero, em especial das expectativas sociais impostas às mulheres nas funções de cuidadoras e responsáveis pelo lar.

Seguindo as ideias de Carneiro (1985), essa situação confirma a sobrecarga de trabalho invisibilizado que mulheres enfrentam no âmbito doméstico. Mesmo com a ausência do marido, é a mulher quem assume as tarefas e responsabilidades da casa. Isso reflete a persistência de estereótipos de gênero arraigados na sociedade, nos quais as mulheres são naturalizadas como cuidadoras e responsáveis pelo trabalho doméstico, independentemente de sua participação no mercado de trabalho.

Nesse sentido, a música mencionada pelo relato pode ter servido como uma fonte de força e coragem para essa mulher que ao se identificar com a letra ou a energia dela, pode encontrar forças para enfrentar o cotidiano exaustivo de cuidar de sua casa e de si, mesmo diante da ausência do marido. A música pode representar uma forma de resistência, empoderamento e inspiração sente que não está sozinha em sua luta diária. A música serve como um lembrete de que é capaz de superar os desafios que lhe são impostos e que sua coragem e determinação são características admiráveis. Além disso, pode proporcionar um momento de escape e alívio do estresse, permitindo que recarregue suas energias e continue enfrentando seus encargos com firmeza e otimismo. Assim, desempenha um tom pertinente no fortalecimento emocional e na valorização das mulheres reconhecendo suas conquistas e habilidades.

Nesse contexto, é relevante citar a autora e ativista pelos direitos das mulheres *Chimamanda Ngozi Adichie*, em suas obras questiona a tradicional divisão de funções de gênero e defende as relações sociais equânimes. No livro "*Sejamos todos feministas*" (2014) destaca a necessidade de reconhecer as desigualdades enfrentadas em diferentes áreas, inclusive no casamento, e promove a consciência de uma autonomia feminina e o valor do trabalho não remunerado realizado no lar.

Em resumo, a citação destacada mostra a obstinação diária das mulheres ao assumir várias funções, mesmo em relacionamentos díspares. Ao ouvir a música, a Izabel Ferreira da Silva assegura que obteve força e coragem para enfrentar as dificuldades, demonstrando sua determinação e resiliência em cuidar tanto da casa quanto de si mesma. As reflexões de escritoras feministas ajudam a ampliar essa discussão na luta por mudanças necessárias a fim de alcançar a equidade de gênero e o reconhecimento do trabalho invisibilizado das mulheres.

O relato da educadora a seguir está no mesmo direcionamento do anterior, uma vez que Kelly Pereira Silva, 39 anos, graduada em Normal Superior, em Letras com ênfase em Língua Inglesa e Literatura. Professora no Ensino Fundamental, sugere que as características de coragem e determinação atribuídas às mulheres podem ser resultado das situações adversas às quais são expostas. Relaciona sua própria história de vida com a música, retratando inicialmente sentimentos de medo, tristeza e angústia. No entanto, obviamente, sente-se fortalecida, empoderada e vitoriosa no final. A relação que estabelece com a música é complexa, ora interpretando-a, ora colocando-se no lugar das mulheres descritas na letra. Essa reflexão nos questiona se a música se refere especificamente a ela ou retrata as experiências das mulheres em geral.

Uma mulher solitária, que ela que tinha que resolver suas coisas sozinha e tudo, falta de companheirismo, segundo a canção, por parte do esposo, do marido, só que lá no final eu me sentir uma mulher forte, uma mulher vencedora, uma mulher empoderada, foi isso os meus sentimentos (Pereira Silva, 2022)

A narrativa da interlocutora Kelly e das demais mulheres nos conduz a refletir que é possível vivenciar sensações e emoções a partir de cada história, com base em nossas próprias vivências, experiências, dores e superações. Isto ocorre porque somos parte desse grupo de mulheres educadoras. Além da sororidade feminista, também adotamos a "dororidade", termo criado por Vilma Piedade (2019) em seu livro de mesmo título, que descreve as dores únicas que somente nós mulheres negras sofremos e compreendemos. Nesse sentido, como mencionado por bell hooks (2019) devemos praticar a irmandade feminina para que possamos ter sororidade e não julgar umas às outras por nossas histórias e especificidades.

Quando se trata da identidade e autoestima da mulher educadora, independentemente de sua raça, é uma questão bastante complexa devido à hiper sexualização e desejo contínuo dos corpos femininos, principalmente dos corpos negros. Desenvolver amor-próprio, ou amor interno como afirmado por bell hooks, não é uma tarefa fácil em uma sociedade que impõe

padrões prejudiciais a esses corpos e exige conformidade. E, muitas vezes, não compreendemos que cada mulher possui diferentes biótipos que devem ser respeitados. Ser considerada fora do “padrão de beleza” estabelecido resulta em um estado autodestrutivo no qual a mulher constantemente se compara, se odeia, e, conseqüentemente, tem baixa autoestima devido a essas pressões. Nesse processo prejudicial, surge um constante conflito entre suas semelhantes.

Contudo, uma das vantagens do Feminismo Negro é abordar essas restrições e desmontá-las com o objetivo de auxiliar no empoderar as mulheres para que possam se amar como são, respeitando a si mesmas com suas particularidades e evitando fazer julgamentos sobre as outras. Somente dessa forma reconhecer nosso potencial e beleza individual, enquanto ajudamos a nós mesmas e as outras sem preconceitos e com a sororidade possível.

A narrativa da Liane da Paz Arrais, 30 anos, graduada em Pedagogia, Pós-Graduada em Psicopedagogia e Ciências. Coordenadora Pedagógica no Ensino Fundamental, dá destaque à palavra “definição” por causa do trecho da música “e um homem não me define, minha casa não me define, minha carne não me define, eu sou meu próprio lar” Juliana Strassacapa (2016) em que refletiu sobre isso e concluiu que, mesmo com essas definições impostas, tenta se libertar e cria a própria definição de si como uma mulher versátil, empreendedora e educadora no setor administrativo no qual trabalha.

Pontua que necessita haver a solidariedade entre mulheres em vez de rivalizarem, utilizando inclusive a expressão “sororidade”, dando a entender que ao mencionar o termo demonstra ter conhecimento e compreensão do movimento feminista. Entretanto, em seu discurso, faz uma ressalva em relação a uma frase na música, explicando que a referência à “casa” não se trata de um local físico, mas sim da família, enfatizando que “a sua casa, a sua família a define”. Por fim, conclui dizendo que é feliz atualmente sendo esposa, dona de casa, cuidando do enteado e da própria filha, conciliando essas responsabilidades com o trabalho como educadora.

Uma parte da música que gostei bastante é que a sociedade atual busca diversas definições para as pessoas. Eu posso exercer o papel de dona de casa, posso ser mãe de família, mas também posso ser empreendedora e coordenadora aqui da escola. Atualmente, com o pouco tempo que temos, quem trabalha sabe como é corrido. Mas algumas noites em casa, ando em busca de algo para me entreter [...] Mas, sabe, a sociedade costuma nos julgar bastante pelas escolhas que fazemos e pelas definições que adotamos. Eu estava comentando que não sabia se eu teria tempo para cursar essa graduação na UFT quando alguém me perguntou: "Se você não queria, por que se inscreveu?" Realmente, acabei tirando a oportunidade de outra pessoa que poderia estar interessada [...] Então, percebo que as pessoas julgam muito precipitadamente. Algumas dizem que não imaginavam que eu era do jeito que sou, que me achavam

metida, excêntrica, ignorante. Porém, ao conviverem comigo, mudaram de opinião. Eu tenho percebido que muitas pessoas têm uma tendência a julgar outras apenas pela aparência. Acredito que a música traz uma mensagem sobre como somos definidos pelas opiniões das pessoas, baseadas no que ouvem falar sobre nós. Seria melhor se todos se dispusessem a conversar, assim poderiam nos conhecer verdadeiramente e nos definir pelo nosso conhecimento (Arrais, 2022).

A narrativa aborda a complexidade de analisar as realidades e experiências de mulheres, tanto negras, quanto não negras, pelo fato de que muitas não questionam ou se incomodam com suas funções na sociedade, incluindo as que não trabalham fora de casa e desejam se casar e serem donas de casa. Elas não enxergam problemas na estrutura social nem nas realidades das mulheres em geral, de maneira que não podemos criticar essa compreensão ou postura, mas refletir sobre como limita a maioria e afeta negativamente as mulheres. A questão aqui não é julgar quem está certa ou errada, mas sim entender como essa estrutura social nos afeta e o que pode ser feito para melhorar nossa vida.

No que diz respeito à questão da identidade, emerge como um assunto político (não partidário) que envolve o reconhecimento, ou não, por parte da pessoa. Nesse sentido, a divergência surge como uma estratégia que visa inicialmente tolerar, respeitar e aceitar as diferenças para, posteriormente, refletir sobre como são de fato construídas e produzidas. Trata-se, portanto, de um direito inalienável da própria pessoa.

Ao considerarmos a abordagem da identidade como um tema de reconhecimento próprio ou não, a diferença se destaca como uma estratégia necessária. Antes de tudo, é essencial tolerar, respeitar e reconhecer as singularidades de cada pessoa por compreender que todas têm o direito de ser quem deseja ser. Somente assim podemos refletir sobre como essa diversidade é ativamente criada. Como sugerido na estrofe da música “Só mesmo, rejeita, bem conhecida receita, quem não sem dores, aceita que tudo deve mudar” Juliana Strassacapa (2016) porque quem rejeita essa receita bem conhecida, ignora as dores e desconhece a necessidade constante de mudança. Portanto, a aceitação da transformação se torna vital para o desenvolvimento e o progresso pessoal e de qualquer sociedade.

Apresentamos a seguir a narrativa de Maria Paula dos Santos Silva, 42 anos, graduada e Pós-Graduada Letras com ênfase em Gramática e Literatura. É Professora no Ensino Fundamental aborda a opção pela área educacional por necessidade e suas motivações.

E enquanto profissional na educação, eu acho muito interessante quando a gente se ama e aprende a conviver, e tudo. Na realidade não foi minha escolha, foi necessidade,

precisão, que eu vim de família pobre, e a minha escolha na educação foi por isso. Porque eu queria ser era pediatra ou veterinária, mas família pobre, aceitei o que estava por vir, e nunca entrei em alguma coisa com medo (Silva, 2022).

Na perspectiva decolonial, experimentamos uma dualidade entre nossas realidades e desejos atuais. No caso da mulher negra, ela se encontra no limite do colonialismo. O relato traz um sentimento de ressentimento por não ter tido a liberdade de escolher sua profissão, entre ser pediatra ou veterinária. No entanto, destaca que, apesar de ter sido “obrigada” a optar pela educação por necessidade, enfrentou o desafio sem medo. Além disso, compartilha outras características de ser uma mulher negra, e, por ser a irmã mais velha assumiu a responsabilidade de cuidar dos irmãos e irmãs mais novas. Isso a levou a viver longe dos pais, em um lugar que considerava perigoso. Tendo passado por essas experiências, se define como uma mulher negra forte e determinada, consciente de sua raça e suas origens étnico-raciais. Essa autodefinição está baseada em seu contexto e na responsabilidade que teve desde cedo para com familiares.

Criei irmãos, meus irmãos mais novos e outro mais velho, tomei de conta de uma casa, e nunca tive amor de pai assim não, era eu e meus irmãos. Então, está aí eu ser uma negra, uma negra de raça, negra dura, porque você viver em Imperatriz do Maranhão, e se livrar de assédios. Eu fui muito perseguida por “tarados” em Imperatriz e eu virgem. A gente sempre pensa: “vou casar e ter alguém”, mas sempre eu me imaginava sendo violada, mas graça a Deus, não aconteceu (Silva, 2022).

Existem outras mulheres que se encarregam de cuidar tanto de seus irmãos e irmãs, quanto de si mesmas, enfrentando conflitos ao construírem uma identidade individual como mulheres negras determinadas e confiantes, enquanto lidam com frustrações decorrentes das interseções de gênero, raça e classe.

Resumidamente, o verdadeiro significado, ou seja, a verdadeira função da identidade individual é ontológica (sendo a ontologia, no campo da filosofia, que estuda as propriedades mais gerais do ser). Neste sentido, a identidade individual faz parte do processo de construção do ser, significando sua existência (Munanga, 2012, p. 9).

Em suma, a construção da identidade negra não difere das demais, porém a maneira como se expressa na sociedade muitas vezes permite que a comunidade negra conquiste espaços. Isso ocorre porque a pessoa reconhece o contexto sócio-histórico-cultural e busca autoafirmar-se. Destarte, a mulher negra desenvolveu sua identidade étnica com base nas relações sociais e nas imposições da sociedade sobre seus corpos. Contudo, demonstra resiliência e não é afetada por essas imposições. Em sua história, percebemos uma mulher negra

que se aceita e autoafirma-se, mesmo sem escolher a profissão de seus sonhos. E, aparentemente não se tornou frustrada ou mentalmente instável algo que muitas pessoas independentemente de sua origem étnica enfrentam diariamente.

Entretanto, é notável em seu relato um desagrado adicional relacionado à sua condição de esposa. Uma discussão intensa que as mulheres ao longo de suas vidas devem se unir em matrimônio, e é evidente a convicção em sua declaração. Essa discussão permite compreender como a identidade dessa professora foi construída no meio das determinações sociais que definem as regras e comportamentos esperados das mulheres, que são tão presentes na música que utilizamos para a problematização do debate. Ela denuncia veementemente, por meio de suas contestações, as restrições que apenas as mulheres devem romper, e mesmo que não sejam bem-sucedidas carecem expressá-las.

Eu nunca tive problemas com ansiedade, como muitos têm. Nunca deixei meu corpo ou minha cor devido à minha pobreza, porque eu sabia que isso só me deprimiria. Estou aqui como uma mulher forte com dois filhos. Para ser sincera, nunca quis ser uma mulher casada, pois acredito que não dependemos deles - eles só nos servem para sexo. Fico triste quando vejo uma mulher se submetendo ao marido, sendo submissa e aceitando tudo. Por isso, sou contra a submissão feminina e acredito que a mulher deva ser independente. Isso não foi algo que me ensinaram, foi algo que eu conquistei sozinha. Acredito que toda mulher deve estudar e ser independente. Hoje posso transmitir essa mensagem para meus filhos, especialmente para minha filha. Penso que a nova geração de mulheres é mais fraca do que a nossa, mas não posso dizer que sou feliz - tenho meus momentos felizes e os aproveito ao máximo (Silva, 2022).

Diante do exposto, podemos refletir que quando uma mulher negra, que é professora, esposa e mãe, abre mão desses lugares tradicionais para se expressar livremente, revela uma necessidade que provavelmente é compartilhada por muitas de nós porque fomos incentivadas a nos conformar com um padrão de comportamento universal para sermos aceitas e respeitadas. Essa é a estrutura da sociedade patriarcal, machista, sexista e misógina que determina nossos lugares e os não lugares de fala. Ter a coragem de se expressar e se mostrar como realmente se deseja arriscamos sermos rotuladas como “triste, louca ou má”, remetendo novamente ao título da música em análise.

Esta narrativa representa o ponto culminante de refletir sobre nossas vidas, escolhas e o processo de identificação das limitações não é tão complicado quanto a urgência de promover transformações, uma vez que esta última indubitavelmente trará desconforto e angústia, consequências de qualquer iniciativa de abandonar a passividade e abraçar a atividade.

Entretanto, surge a seguinte questão: será realmente melhor aceitar a atual situação e nos conformar, adaptar? Até quando? E, para satisfazer os anseios de quem?

Esse relato em si constitui uma afirmação e um ato político, pois incita a necessidade de expressão para reivindicar um espaço antes negado ou abandonado ao acaso na sociedade. De acordo com hooks (2019, p. 49), “a necessidade de falar, de dar voz às variadas dimensões de nossas vidas, é uma maneira da mulher não branca começar o processo de se educar para a consciência crítica”, de forma que esse processo de apropriação da voz representa a livre expressão de pessoas exploradas e oprimidas, constituindo um levante decolonial no qual a fala se torna um gesto de rebeldia para quem possui consciência crítica.

A narrativa de Maria Paula revela as restrições que a sociedade impõe sobre as mulheres negras, especialmente no que se refere à sua liberdade de escolha. Embora tenha sido obrigada a optar pela educação como profissão, expressa uma autoaceitação e autoafirmação que destacam sua identidade como uma mulher negra de maneira positiva. Seu relato evidencia como a submissão das mulheres e o casamento são considerados imposições sociais às quais muitas mulheres negras são submetidas. Ao expressar abertamente suas opiniões, se posiciona como uma voz resistente, contrária ao fluxo dominante, que é extremamente necessária em um contexto em que a liberdade de expressão das mulheres negras ainda é frequentemente abafada.

A partir desse momento, teremos mais participantes para dar continuidade às histórias de outras mulheres porque é significativo valorizar as vozes que contam suas histórias, promovendo a visibilidade de mulheres que têm valiosas contribuições para a área educacional e que necessitam ser escutadas, compartilhadas por serem inspiradoras.

Outra interlocutora que trouxe sua narrativa é Maria Sousa Silva, 47 anos, graduada em Pedagogia, é Secretária no Ensino Fundamental, revelando um certo saudosismo de quando tinha jovialidade, beleza e disposição. E que apesar de pôr vezes dar vontade de “chutar o balde”, “se jogar no chão”, logo passa, e é feliz por ser dona de casa, mãe e servidora pública com muito orgulho. Faz relação da sua história de vida com a música, de forma sucinta, nessas expressões entre aspas, fazemos uma reflexão da função atribuída a mulher de que precisam ser sempre fortes e guerreiras, as impedindo de se sentir fragilizada ou mesmo cansada. Especialmente se fizermos uma abordagem da interseccionalidade atravessada nas histórias de vida de tantas mulheres negras que foram obrigadas a se endurecerem e aguentar duras cargas de responsabilidade sobre suas costas.

A interlocutora Maria Sousa Silva (traz uma certa nostalgia da juventude apesar de às vezes sentir vontade de desistir, mas logo pensa na trajetória nada fácil, e se reabastece de força necessária na jornada. Equivale consideramos o atravessamento interseccional presente nas histórias de vida de mulheres negras que foram obrigadas a endurecer e suportar uma carga pesada de responsabilidades aliadas com as emoções sentidas que muitas vezes nos fragiliza.

No início da música, sentimos tristeza ao ouvir o som. Mas depois que passa o vídeo, a melhora é perceptível. Podemos ver a diferença, como diz a minha amiga Paula. Nós somos negras, já fomos belas, já fomos as mais gatas, já demos *show*. Hoje, somos donas de casa e servidoras públicas, mas sentimos a responsabilidade de fazer ainda mais. Temos o prazer de servir à comunidade. Sou mãe e sou feliz por ser mãe. Também sou feliz por ser esposa. O tempo passa rapidamente e, às vezes, sinto vontade de realizar aqueles exercícios em que você se joga no chão, mas já não consigo mais. Cuidem da vida de vocês (risos) ... mas, é bom. Estamos vivendo a cada dia, aprendendo com as experiências. E, é isso (Sousa Silva, 2022).

A partir dessa perspectiva, por meio desse estudo faz-se possível analisar a narrativa, destacando a intersecção das experiências de mulheres negras, suas vivências pessoais e as relações com as expectativas sociais. A primeira observação que pode ser feita é a referência à tristeza inicial ao ouvir o som da música, o que pode ser interpretado como um reflexo das dificuldades e desafios enfrentados em suas trajetórias. Esse sentimento melancólico está relacionado com as opressões estruturais que impactaram suas vidas ao longo do tempo.

No entanto, na continuidade da exibição do vídeo foi melhorando a compreensão, o que pode ser interpretado como um momento de empoderamento e autoafirmação por parte das mulheres negras envolvidas na narrativa. A frase “Nós somos negras, já fomos belas, já fomos as mais gatas, já demos *show*” entendemos como recuperação da autoestima e do orgulho de romperem com o padrão de beleza eurocêntrico que muitas vezes nega e diminui a valorização da estética negra.

O trecho que destaca que somos “donas de casa e servidoras públicas” confirma a dupla jornada enfrentada que muitas vezes precisamos conciliar o trabalho fora de casa com as responsabilidades domésticas. Nesse sentido, sentimos a necessidade de fazer mais, o que pode ser uma expressão da necessidade de superar as limitações impostas pelo racismo e machismo, e a vontade de promover mudanças em suas comunidades e sociedade.

A referência à maternidade e a felicidade por ser mãe e esposa revela o valor atribuído às relações afetivas, sem desconsiderar os desafios e as restrições que podem existir dentro dessas funções. A menção à vontade de realizar exercícios, e não conseguir mais, indica a

passagem do tempo e as mudanças físicas que nós mulheres passamos ao longo de nossa existência, evidenciando a necessidade de cuidar de nós mesmas.

Por fim, a mensagem “cuidem da vida de vocês” pode ser interpretada como uma dica ou conselho para que possamos cuidar de nossas vidas, ressaltando o lugar do autocuidado e de experiências que contribuam para o desenvolvimento pessoal. Em suma, a narrativa apresentada retrata vivências que nos conduzem às reflexões compreendidas como formas de resistência.

Essa abordagem da narrativa nos mostra a relevância do Feminismo Negro à medida que compartilhamos essas emoções e reflexões, tornamo-nos mais conscientes de nossa força e resistência para além dos lugares tradicionais atribuídos a nós, buscamos equidade de gênero e raça, reivindicando um lugar social digno de quem somos.

Sendo assim, trazemos a narrativa de Marinêz da Paz Câmara, 56 anos, graduada em Normal Superior, Professora no Ensino Fundamental, de que apesar de enfrentar problemas familiares, se considera uma mulher de fé inabalável. Mesmo não frequentando a igreja regularmente, enfatizou que Deus tem sustentado sua fé e solucionado seus problemas. Narrou brevemente como começou a ouvir música de olhos fechados, dando a entender que é uma mulher solitária, mas que com seu próprio esforço e muita fé consegue superar as dificuldades e a si igualmente.

No Brasil há feministas negras que trazem um olhar singular sobre as experiências da mulher negra e sua relação com a fé. Uma delas é, Sueli Carneiro, conhecida como uma das lideranças do Feminismo Negro nessa seara, traz em suas reflexões a defesa da autonomia e emancipação da mulher negra, considerando as interseccionalidades, e uma espiritualidade⁶⁸ que seja libertadora e permita valorizarem a própria cultura e história.

Essas feministas negras brasileiras, assim como outras mulheres, reconhecem na fé uma forma de fortalecimento e resistência diante das adversidades. Entendendo que a fé pode ser um dos caminhos para se reafirmar como mulher negra, superar obstáculos e encontrar resiliência. No entanto, há mulheres que trazem um olhar crítico à forma como a fé muitas vezes é usada para subjugar-las ao considerar a interseccionalidade que as envolve.

⁶⁸ A espiritualidade, na visão de Leonardo Boff, é entendida como uma dimensão intrínseca e inerente ao ser humano, que busca a conexão com algo maior do que si mesmo. Ela vai além das religiões institucionalizadas e dogmas, sendo uma busca pessoal e individual pela transcendência. Nesse sentido, a espiritualidade não é uma realidade separada da vida cotidiana, mas está presente em todas as suas dimensões. Ela se manifesta nas relações interpessoais, no cuidado com a natureza, na busca por justiça social e na prática da solidariedade (Boff, 2001).

A experiência de mulheres como Marinêz da Paz Câmara, mencionada nesse texto, pode encontrar pontos de diálogo com as reflexões das feministas negras brasileiras. Assim como existem mulheres que procuram na fé uma fonte de força e superação pessoal. Para tanto, convém refletir sobre a forma como isso acontece levando em consideração as questões de gênero e raça. A luta das feministas negras é pela valorização da identidade da mulher negra em todos os aspectos incluindo, o que não é comum, sua espiritualidade.

Essa narrativa suscita debate no meio intelectual feminista não brasileiro ressaltando a resiliência e a habilidade das mulheres em superar suas desventuras pessoais. Pensadoras como bell hooks em seu livro "*O Feminismo é para todo mundo*" (2019) e Audre Lorde em "*Irmã Outsider*" (2021) defendem a relevância da espiritualidade como impulso para enfrentar os desafios pessoais e sociais. Nesse contexto, a fé não está necessariamente ligada à religião institucionalizada, mas sim à conexão individual com algo maior, seja um poder divino ou a força interior própria.

Todas essas intelectuais feministas nos recordam da relevância de reconhecer distintas maneiras de autonomia e superação das mulheres, apreciando suas vivências individuais e coletivas. Analisar narrativas como a de Câmara possibilita uma reflexão sobre os elementos que afetam a habilidade de enfrentar obstáculos e encontrar resoluções, reforçando o suporte emocional, da convicção pessoal e da resiliência coletiva.

Não tenho muito a dizer sobre a música. No início, quando ela começou a tocar, em meus pensamentos, era como se fosse a história de uma mulher solitária. À medida que a música continuava, acabei me perdendo nela, viajando por suas notas. A pessoa retratada no som conseguiu superar a solidão e conquistar seus objetivos por conta própria. Ela entendeu que mesmo estando sozinha, tinha o poder de administrar e triunfar. Quanto a mim, sou grata a Deus porque, apesar das dificuldades e tristezas que enfrento, não me afundo nelas. Sou bastante sentimental, mas não deixo que isso me consuma. Tenho meus problemas, mas consigo superá-los e sou feliz, graças a Deus, com minha família. Não sou uma pessoa muito religiosa, mas tenho muita fé em Deus e Ele tem me dado sustento (Câmara, 2022).

A música suscitou na interlocutora que a jornada de uma mulher solitária retratada na música, através das notas, encontrou forças para superar a solidão e alcançar seus objetivos. A narrativa pessoal expressa gratidão a Deus por não se deixar consumir pelas dificuldades e tristezas, tendo fé e encontrando sustento em sua família.

Na narrativa de Vanessa Sousa Feitosa, 32 anos. Assistente de Serviços Gerais no Ensino Fundamental, trazemos noções de empoderamento Feminino Negro a partir de sua

autoestima elevada, a interlocutora relacionou sua trajetória de vida com a música de maneira geral, levando em consideração as experiências pelas quais passou, embora não tenha especificado quais foram. Se considera uma pessoa resiliente que superou desafios e está feliz com sua vida atual e modo de ser. Durante seus estudos na Escola Estadual Genésio Gomes participou do desfile para a escolha da garota e garoto beleza negra, o qual lhe proporcionou segurança e fortaleceu sua autoestima.

Passei a me amar mais, cada dia mais, passei a me olhar de uma forma diferente na qual sou apaixonada por ela e tenho muito orgulho de ser uma pessoa de pele negra, uma mulher determinada, sei o que quero, nada nem ninguém abala minha autoestima. Sou apaixonada por minha pele, meu cabelo, meus olhos, estou muito feliz de representar a beleza negra (Feitosa, 2022).

A interlocutora autoafirma-se uma mulher negra com autoestima elevada, destaca que sua construção como tal foi resultado de práticas pedagógicas antirracistas durante seu tempo na escola de Ensino Médio. Ela menciona especificamente a professora Sônia Conceição, cuja contribuição foi fundamental nesse processo, portanto, recorda sua participação em um desfile para escolha da garota e garoto beleza negra que lhe trouxe segurança e autoestima. Sua narrativa ressalta a postura da educadora antirracista na formação da identidade negra, comprovando que uma educação proporciona pessoas comprometidas em promover uma educação libertadora que faz toda a diferença.

No estudo de Lia Maria dos Santos de Deus, intitulado “Políticas Públicas em Educação para Mulheres Negras: Da prática do falo à construção das falas” (2011), a autora defende que educadoras engajadas em movimentos sociais, como o Movimento Negro e coletivos feministas que discutem as especificidades de cada realidade, têm maior êxito em suas práticas pedagógicas. Para que haja uma Educação Antirracista efetiva é fundamental que esteja inserida em espaços coletivos e promova discussões sobre o tema. E, de acordo (Pallú, 2013, p. 506) “as práticas antirracistas são, essencialmente, uma ruptura na estrutura de poder colonial que está enraizada na sociedade, possibilitando a abertura para um novo mundo na pedagogia da diferença” tratando da relevância das práticas antirracistas na desconstrução da estrutura colonial de poder.

Essas práticas surgem a partir de brechas nas estruturas do racismo enraizado na sociedade, sendo assim construções coletivas que permitem o surgimento de um mundo distinto, em que a Pedagogia da Diferença é mencionada como uma possibilidade para fomentar

a equidade racial e a necessidade de superar os preconceitos. Vale ressaltar que a luta contra o racismo é uma prática antirracista contínua e permanente para gerar uma sociedade mais justa.

A postura de autoestima da Vanessa Sousa Feitosa é evidenciada quando uma colega faz um comentário sobre a autoestima admiravelmente alta, e o mesmo sugere que o seu companheiro é sortudo por tê-la ao seu lado. Essa observação reforça o fato de que uma mulher negra com uma autoestima elevada desenvolveu a ideia de autoafirmação e aceitação a partir da abordagem antirracista vivenciada na escola de sua formação tendo como referencial uma educadora com a postura descrita. Nesse sentido, conseguimos apoiar e influenciar na construção da identidade étnica, o que assegura a contribuição na formação de mulheres negras com autoestima elevada.

Destacamos, no entanto, que o coletivo, o movimento designado dessa forma, surge a partir da autoafirmação para fazer parte de um grupo específico no qual as vivências pessoais e seus símbolos nos fazem reconhecer a identificação na fala de outras pessoas e nos integrar a um coletivo que compartilha histórias e objetivos similares.

A identidade é marcada por meio de símbolos relativos a outras identidades e, ao mesmo tempo, caracterizada por elementos que contribuem para explicar como ela é formada e mantida. [...] as diferenciações e identificações que fazem com que alguns significados sejam preferidos relativamente a outros, pelos sujeitos. Tais escolhas, estão vinculadas a uma série de elementos e condições, como sociais, materiais, históricas, teóricas e psíquicas, que operam como sistemas classificatórios necessários para a construção e manutenção das identidades (Pallù, 2013, p. 506).

A identidade é um processo de relação e articulação. A citação discute a complexidade da identidade, enfatizando que é moldada por símbolos que são comparados a identidades. Ao mesmo tempo, é composta por elementos que ajudam a explicar como é formada e mantida, bem como, aborda a diferenciação e identificação que levam as pessoas a preferirem certos significados em vez de outros. Essas escolhas estão relacionadas a fatores sociais, materiais, históricos, teóricos e psicológicos que atuam como sistemas classificatórios essenciais para a construção e manutenção das identidades, considerando os aspectos externos quanto os internos, descritos com elementos e símbolos influenciados por esses contextos reveladores de cada pessoa. Em resumo, a referência nos instiga a analisar a diversidade intrínseca da identidade a qual é formada e preservada por meio de decisões pessoais em reação a uma variedade de elementos e circunstâncias existentes em nossa vida.

No entanto, é perceptível na narrativa de Vanessa Sousa Feitosa uma perspectiva que permeia os corpos negros, retratando-as como pessoas fortes, determinadas e guerreiras por natureza. Essa representação levanta o debate de que os corpos negros estão destinados a suportar cargas pesadas e desafiadoras, o que inevitavelmente questiona nossas sensibilidades e fragilidades, uma vez que não somos fortes o tempo todo porque temos o direito de nos emocionar e chorar sem nos remover do espaço da sensibilidade.

No artigo de bell hooks “Vivendo de Amor” (2010) é discutido como as mulheres negras foram forçadas a reprimir suas emoções e a se tornarem insensíveis ao longo do contexto da escravidão. Essa insensibilidade foi resultado dos maus tratos e violências sofridas pelos corpos negros, o que induziu os homens a agredirem suas esposas e filhos/as da mesma maneira brutal que foram tratados. Ao mesmo tempo, as mulheres negras se tornaram insensíveis aos choros e reclamações de filhos/as ajudando a lidar com suas dores e superar a repressão das emoções, podendo assim, se sentir fortalecidos/as no enfrentamento dos sofrimentos diários.

Como o racismo e a supremacia dos brancos não foram eliminados com a abolição da escravidão, os negros tiveram que manter certas barreiras emocionais. E, de uma maneira geral, muitos negros passaram a acreditar que a capacidade de se conter emoções era uma característica positiva. No decorrer dos anos, a habilidade de esconder e mascarar os sentimentos passou a ser considerada como sinal de uma personalidade forte. Mostrar os sentimentos era uma bobagem (hooks, 2010, p. 03).

No entanto, mesmo após a abolição da escravidão, o racismo e a supremacia dos brancos continuaram a existir, causando a formação de barreiras emocionais entre as pessoas negras como um mecanismo de proteção. A sociedade entende que o controle emocional é uma característica positiva, enquanto a expressão de sentimentos era vista como uma fraqueza, de forma que essa ideia foi transmitida de geração em geração, pois as pessoas negras muitas vezes precisavam reprimir suas emoções para garantir sua própria sobrevivência. Internalizaram a crença de que o amor enfraquecia sua capacidade de desenvolver uma personalidade forte, tornando-se resiliente e combatente numa forma de pensar como resultado direto do contexto histórico de opressão enfrentado por pessoas negras.

Essa ideia de geração em geração foi transmitida por muitos afrodescendentes de que sem ceder às emoções, arriscavam suas próprias vidas, “um escravo que não fosse capaz de reprimir ou conter suas emoções, talvez não conseguisse sobreviver” (hooks, 2010, p. 3) sendo compelidos/as a pensarem que o amor diminui a capacidade de desenvolver uma personalidade

estável, e, passaram a reprimir suas emoções para se sentirem fortes, determinados/as e resiliente diante de tudo.

Por fim, há indícios de que essa ideia de que as pessoas negras devem ser fortes e combativas se originou desse contexto histórico. De maneira que ao compartilharem suas histórias de vida a partir de sua perspectiva pessoal, as interlocutoras abordam seu desenvolvimento pessoal e profissional sem perder a consciência das implicações decorrentes de sua interseccionalidade.

A seguir, apresentaremos as interlocutoras da segunda escola utilizada como ambiente de pesquisa, a Escola Estadual 1º de Junho, em um quadro informativo.

5.2 Narrativas de Mulheres - Roda de Conversa 2

Aqui expomos o Quadro 2 com as interlocutoras da pesquisa realizada na Escola Estadual 1º de Junho, o qual contou com a participação de onze pessoas, trazemos ainda as informações das interlocutoras selecionadas, tais como: nome, idade, cor/raça e função. Com esses dados fornecemos uma visão abrangente e diversificada sobre as perspectivas e experiências destas mulheres. Ao trazer a segunda Roda de Conversa com as narrativas para a discussão sobre construto identitário e empoderamento feminino iniciamos com a apresentação das mulheres interlocutoras em ordem alfabética.

Quadro 2 – Nomes, Idades, Cor/Raça e Funções das Mulheres da Escola Estadual 1º Junho

NOME	IDADE	RAÇA/COR	FUNÇÃO
Aldenice de Sousa	39 anos	Branca	Professora
Celma Castro Lima	47 anos	Branca	Professora
Jackeline Aparecida Rodrigues Feitosa	53 anos	Parda	Diretora
Joseane Pereira Dias da Silva	42 anos	Negra	Orientadora Educacional
Joselita Santana	45 anos	Parda	Professora
Kelma Gomes da Silva Oliveira Costa	33 anos	Parda	Coordenadora Pedagógica
Leide Alves Pereira dos Reis	41 anos	Branca	Professora
Maria Eliete Martins Conceição Silva	50 anos	Parda	Merendeira
Ozirene Silva Viana Lobo	42 anos	Branca	Professora
Sandra Machado de Andrade	44 anos	Parda	Coordenadora de Apoio Geral

Wilma Alves da Conceição Melo	39 anos	Parda	Assistente de Serviços Gerais (ASG)
-------------------------------	---------	-------	-------------------------------------

Fonte: Elaboração da Autora (2023)

No Quadro 2, são apresentados os nomes, idades, cor/raça e cargos das mulheres que compõem a equipe da Escola Estadual 1º de Junho. Essa lista fornece informações relevantes sobre as profissionais que atuam na instituição. Aqui é possível observar a presença de mulheres de diferentes idades, cor/raça e cargos, desempenhando funções na comunidade escolar. Evidencia a valorização do trabalho feminino e a relevância de dar voz a todas as mulheres envolvidas na educação. Nesse sentido, apresentamos as narrativas das interlocutoras da segunda escola que faz parte desse estudo, compartilhando as vivências e perspectivas pessoais.

E, como educadora que fazemos parte desse contexto, trazemos à tona as vozes das mulheres envolvidas na comunidade escolar, nos incluindo nesta seara, em que por meio dessas narrativas compreendemos os desafios, as conquistas e vivências das mulheres envolvidas no processo educativo.

Iniciamos com Aldenice Sousa, 39 anos, graduada em Normal Superior e Matemática, Pós-Graduada em Psicopedagogia e em Matemática. Professora no Ensino Fundamental, traz conceitos de identidade e autoestima e estabelece uma relação e análise mais detalhada da música com sua identidade como mulher, focando principalmente na autoestima. Em sua narrativa pontua a necessidade de não se deixar rotular e nem permitir que outras pessoas nos definam. Expressa a percepção de que muitas mulheres “gordas/obesas” têm de autoaceitação e vivenciam uma pressão excessiva sobre si por não se encaixar no padrão de beleza “ser magra” estabelecido pela sociedade, e, em alguns momentos até falam da preocupação com sintomas do processo doença-saúde. Esse padrão é mencionado como uma “ditadura da beleza” pelo psiquiatra Augusto Cury (2005) em seu livro “A ditadura da beleza e a revolução das mulheres”, no qual descreve as experiências diárias de mulheres que são atormentadas pelas consequências da maneira como a sociedade quer universalizar os corpos femininos.

Apesar de enfatizar constantemente a autoaceitação para finalmente usufruir de uma autoestima elevada, seu relato oscila entre afirmar e expressar a necessidade de alcançá-la. É justamente quando a música apresenta uma mulher fora dos padrões estabelecidos (mais gorda) no vídeo clipe, realizando uma conquista normalmente associada apenas a mulheres magras, (bailarina com dança coreografada) que essa situação chama bastante atenção, levando-a a enfatizá-la de forma significativa para si.

Eu achei interessante aquela situação no início: uma das mulheres que dança no vídeo é gordinha, não só para mim, porque eu me amo, me aceito, eu brinco, são brincadeiras. Mas assim, eu vejo que a sociedade em si rotula muito essa situação, um padrão de beleza; eles rotulam um padrão de beleza, e na verdade não é um padrão de beleza, é algo que é criado e as pessoas começam a acreditar naquilo. Mas cada um tem a sua beleza interior e exterior. E, no momento, assim, eu percebi que quando a gente se ama e se gosta, as pessoas começam a olhar diferente para a gente. Eu me acho linda, me acho bonita e tenho aquela autoconfiança. Por exemplo, eu não sei se eu tenho não, mas é um exemplo, aí as pessoas começam a olhar para a gente dessa forma (Sousa, 2022).

Na narrativa apresentada, a parte “Por exemplo, eu não sei se eu tenho” revela um “não dito” relacionado à autoconfiança e à forma como as pessoas passam a olhar para quem se ama e se gosta. A interlocutora expressa uma dúvida sobre se possui essa característica, utilizando a expressão “eu não sei se eu tenho não, mas é um exemplo”. Essa afirmação sugere a existência de um silêncio ou uma insegurança em relação à autoestima, mesmo diante do auto amor e auto apreciação que ela alega sentir. Souza parece sugestionar que, se ela tiver essa autoconfiança, as pessoas começarão a olhar para ela de forma diferente, talvez com mais admiração ou interesse. No entanto, observar que essa é a percepção da interlocutora e pode não refletir a realidade. O “não dito” nesse caso reside na incerteza sobre a conexão entre a autoconfiança e a forma como os outros nos veem.

Quando nós mulheres não nos encaixamos nesse padrão de beleza imposto pela sociedade, somos frequentemente marginalizadas e excluídas. Isso é especialmente verdade para as mulheres negras, que historicamente são estereotipadas e objetificadas. E, ao afirmar que a sociedade rotula a situação da mulher gorda no vídeo, a narradora reconhece a existência de um padrão de beleza estreito que é imposto e amplamente aceito socialmente. Essa padronização exclui mulheres que não se encaixam no ideal de magreza e reforça a supervalorização de um determinado tipo de corpo.

O Feminismo Negro analisa essa opressão de gênero e raça, destacando como as mulheres negras sofrem uma opressão interseccional, ou seja, sofrem com formas particulares e intensificadas de discriminação em razão de sua identidade de gênero e de raça. Nesse sentido, a narradora percebe que, quando alguém se ama e se aceita, as pessoas começam a olhá-la de maneira diferente, e com mais respeito. Esta atitude traz à tona a autoconfiança e a valorização da própria beleza individual. No entanto, essa abordagem vai além de uma postura individual de autoaceitação. E, busca questionar os padrões de beleza impostos e lutar por uma

representatividade real e inclusiva para as mulheres, independentemente de sua aparência física. O movimento também combate ao racismo estrutural e as formas de discriminação que afetam as mulheres negras em diversas áreas, inclusive no campo da estética corpórea.

Aquela mulher do videoclipe representa e auxilia a pessoa central desse conflito de autoaceitação constante, e, essa discussão revela a diversidade nas representações de mulheres que são fonte de inspiração para outras mulheres, em diferentes contextos, corpos, gestos, práticas e situações. No movimento Feminista, existe uma frase que diz, “quando uma sobe, levanta as outras”, em outras palavras, quando uma mulher negra se empodera, empodera outras mulheres, sendo o que denominamos comumente de "sororidade"⁶⁹ em coletivos.

Quando trazemos a discussão questões e comportamentos estereotipados, Celma Castro Lima, 47 anos Graduada em Ciências, Técnica em Enfermagem. Professora no Ensino Fundamental, aborda assuntos relacionados à convivência em grupo ligados aos estereótipos que têm a seu respeito. Assim, não é possível trabalhar na educação sendo uma pessoa que apresente dupla personalidade, e se considera uma pessoa autêntica. A educadora reforça a acuidade da autenticidade e da integridade em seu trabalho, e demonstra sua capacidade e competência dentro de uma área historicamente dominada por homens brancos.

Sobre mim, a minha pessoa, sempre ouvi dizer desde o momento em que comecei a trabalhar nesta escola em 1995, tanto aqui quanto em outra escola. Sempre ouvi essa história, que as pessoas têm um bloqueio, um obstáculo quando não me conhecem, e isso não é algo recente, eu entendo. Certas pessoas dizem: "Celma, eu pensava que você era assim, mas depois não é", e eu respondo: "Já me acostumei com isso, é algo que acontece tanto para os alunos, como para a comunidade dentro da instituição". E assim, eu não consigo ser duas pessoas diferentes, há pessoas que conseguem, mas eu não consigo. A pessoa que não possui essa habilidade é vista pelas outras como alguém que deseja ser superior, é considerada egoísta, e são utilizadas palavras desagradáveis para descrevê-la. Porém, sempre faço questão de deixar claro que quando a pessoa conhece o outro, a visão muda completamente. No entanto, tenho consciência de que a comunidade nutre essa barreira em relação a meu respeito, e não consigo abalar em mim aquilo que é intrínseco, que faz parte do meu ser. Não posso me transformar ou ser alguém diferente, pois assim deixaria de ser eu mesma. Não encarno essa personagem que todos enxergam, seja pelos alunos, professores ou pela própria comunidade escolar. Por mais que eu tente, muitas vezes até buscando melhorar o relacionamento, há sempre essa barreira interna, esse obstáculo. E somente poderá ser superado se nós aproximarmos e tivermos uma conversa franca (Lima, 2022).

Esse feito é uma conquista do Movimento Feminista Negro, que busca a equidade de oportunidades para as mulheres negras em todas as esferas sociais. O movimento feminista

⁶⁹A sororidade de maneira geral diz respeito à união das mulheres. Envolve um sentimento de irmandade, empatia, solidariedade e companheirismo. É respeito e admiração ativados pela identidade de gênero (Ribeiro, 2019).

valoriza a voz e a identidade das mulheres negras e combate a ideia de que precisam se adequar a estereótipos ou se “encaixar” em determinados padrões de comportamento impostos pela sociedade. Nesse sentido, ao se considerar uma pessoa autêntica, a interlocutora se posiciona dentro de um movimento que luta pela liberdade de ser quem ela é, sem precisar se moldar para se encaixar em expectativas pré-determinadas.

A interlocutora enfatiza na sua narrativa a necessidade de realizar reuniões regulares de escuta ativa para ouvir a comunidade escolar na expressão de suas emoções, de problematização das experiências das participantes em termos proporcionado este momento para todas as mulheres educadoras. É essencial promover momentos como esse que foram possibilitados um contato com educadoras e demais funcionárias das escolas que fazem parte deste estudo. Assim, se estabeleceu conexão entre a atividade problematizadora, sua experiência e identidade como mulher, na sua construção como educadora e acolhendo a proposta de contribuir a partir de sua intencionalidade e posição ideológica.

Até este momento, venho cobrando desde o início do ano. A atual gestora realizou a primeira reunião sobre busca ativa, não escuta ativa, que aconteceu no início de fevereiro. Na ocasião, sugeri que seria interessante termos uma escuta ativa para promover conversas e para que nos conheçamos melhor, mas infelizmente aquela reunião foi a única e nada mais foi feito a respeito. Na verdade, só havia cinco pessoas presentes e a escuta ativa não foi realmente praticada, embora seja essencial na área da educação, onde todas as pessoas têm suas emoções e precisam expressar seus sentimentos. Considero que a escuta ativa deveria envolver todos, desde o vigia até a merendeira, pois todos temos emoções e precisamos ter a oportunidade de falar. Para que o trabalho melhore, é necessário nos conhecermos melhor e nos ajudarmos mutuamente (Lima, 2022).

Em resumo, ao analisarmos as observações feitas, compreendemos a complexidade das experiências educacionais e destacamos a necessidade de respeitar as diversas abordagens adotadas pelas colegas de trabalho. Apesar de algumas mulheres não se sentirem à vontade para compartilhar suas vivências, é determinante reconhecer essa postura, pois cada pessoa tem seu próprio caminho e forma de lidar com suas trajetórias. Portanto, é essencial amparar as vozes femininas, permitindo que escolham se desejam compartilhar suas vivências ou não, e agindo como aliadas numa luta equânime.

Quando se aborda uma mulher em posição de poder, analisando a narrativa na perspectiva de Jackeline Aparecida Rodrigues Feitosa, 53 anos, graduada no Normal Superior, Pedagogia e Pós-graduada em Orientação e Supervisão Escolar. Gestora no Ensino Fundamental, relaciona sua história de vida com a música, destacamos a superação e a quebra

de barreiras de falar em público e admite que inicialmente não gostava de se comunicar com as pessoas. Porém, considera que sua carreira na educação contribuiu significativamente nesse processo. “Para mim, essa transição foi como se o tempo passasse. Antigamente, eu tinha dificuldade em me comunicar com as pessoas e, para ser sincera, não gostava disso” (Rodrigues Feitosa, 2022).

A história relatada comprova que ser mulher na sociedade requer coragem, ainda mais sendo mulher negra, o que demanda coragem em dobro. A feminista hooks discute sobre essa perspectiva, “fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento” (hooks, 2019, p. 38), ou seja, a fala é libertadora. A referência da autora valoriza as vozes e pontuamos que ser mulher em si já é um ato corajoso, uma vez que frequentemente somos subjugadas e silenciadas. Todavia, ser mulher negra é uma dose dupla de coragem pelo fato de que a passagem do silêncio à fala é um ato desafiador que constitui uma forma de se libertar, curando as cicatrizes e abrindo caminho para uma existência renovada e um desenvolvimento individual. A voz se transforma em um meio de poder capaz de garantir que as mulheres sejam escutadas.

Esta reflexão nos convida a fortalecer as vozes das mulheres negras, proporcionando espaço para compartilhar experiências e lutas. É fundamental que nos unamos e lutemos juntas, em solidariedade para que todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas. A voz se torna um instrumento de transformação e autonomia permitindo que ocupem uma posição de destaque e influência social. Ao discutir novamente a educação transgressora que provoca mudanças e, às vezes, revoluções na vida das mulheres, observamos na narrativa que superou a dificuldade de falar em público sendo uma de suas conquistas.

No primeiro momento, quando ouvimos a música de olhos fechados, fiquei um pouco confusa devido ao ruído do som. No entanto, fiz questão de prestar bastante atenção, pois quando estamos ouvindo, traz aquele sentimento de quebrar correntes. No meu caso, já algumas colegas disseram que não sentiram a mesma coisa, mas para mim, foi como uma passagem do tempo. Antigamente, tinha dificuldade em conversar com as pessoas e, para ser sincera, não gostava disso. Hoje em dia, me considero quase um papagaio, converso bastante, às vezes até passo um pouco dos limites. Sinto que fui mudando com o tempo, principalmente devido à minha história, que não cabe mencionar aqui agora. Portanto, muitas coisas nos levam a nos retrair, mas, no meu caso, romper essas dificuldades vem do acreditar em mim mesma. Notar que, ao acreditar, podemos mudar e vencer. O vídeo retrata isso também, quebrando os paradigmas que existem na sociedade, rompendo correntes (Rodrigues Feitosa, 2022).

A compreensão da contradição é fundamental para o diálogo e transformação das mentes e comportamentos. Afirmamos, com confiança, que a narrativa abrange a conquista de numerosas mulheres porque a educação enquanto desenvolvimento contínuo têm um impacto significativo em nossas vidas. Quando menciona “eu senti que fui mudando com o tempo”, está falando de sua própria experiência, mas também aborda a vivência coletiva. Essa revolução gera autoconfiança e promove transformações significativas, conforme reflete a teorização de Cury (2005) e feministas como Davis (2019), que abordam o Feminismo Negro. E, como ressalta Jackeline Aparecida, acreditar nessa possibilidade de mudança e superação nos permite quebrar paradigmas e romper correntes, conforme retratado no vídeo.

Assegura igualmente nesta narrativa que a habilidade transformadora é intrínseca à crença. De acordo com a interlocutora, ao depositarmos fé, conseguimos obter vitórias e superar as convicções que restringem nossa perspectiva e persistem na sociedade. Essa mentalidade positiva e resolutiva viabiliza a quebra dos grilhões que nos acorrentam, almejando, assim, a conquista da liberdade através do avanço individual e coletivo.

Joseane Pereira Dias da Silva, 42 anos, graduada em Pedagogia, Orientadora Educacional no Ensino Fundamental, traz em sua narrativa abordagens de autoconfiança e autonomia e os conceitos como independência e empoderamento feminino. Estabelece uma relação direta entre sua história de vida e a música falando sobre conhecimento e empoderamento feminino, conectando-se ao nosso objeto de estudo: perspectiva do empoderamento feminino. Menciona que as mulheres podem ser independentes em todos os aspectos, incluindo financeiramente. Antes de estudar e se formar em Pedagogia, trabalhou como dona de salão e foi manicure, enquanto seu esposo trabalha como motorista, no entanto, pondera que nunca precisou depender financeiramente porque seu salário também contribui com as despesas. Além disso, Joseane enfatiza a necessidade dos cônjuges se ajudarem incluindo tarefas domésticas, demonstrando um elemento feminista em seu discurso.

Então assim, o conhecimento hoje, nos deixa mulheres empoderadas. Como você se empodera? Através do conhecimento, quando você busca o conhecimento, você se empodera, você fala com propriedade sobre aquele assunto. Independência também tem esse lado importante, porque, desde quando eu me casei, eu nunca dependi do meu marido, assim em relação financeiramente, meu marido é homem da roça, é motorista, tem carteira, mas ele é da roça. Mais assim, eu fiz magistério, trabalhei como professora, depois trabalhei num salão, depois arrumei um pouco de unha, depois que fiz faculdade de Pedagogia (Dias da Silva, 2022).

O relato de Dias da Silva retrata a realidade de diversas mulheres em nossa sociedade. Elas buscam educação, alcançam independência e não precisam mais de seus parceiros para sobreviver, mesmo quando esses têm menos instrução formal. Essas mulheres são autônomas e autoconfiantes. Conforme Sueli Carneiro (2005), nosso corpo foi condicionado a certas atividades e essa capacidade de adaptação é influenciada pela transitoriedade de espaços. No entanto, a flexibilidade humana resulta na formação de novas identidades que questionam nossos lugares e funções sociais.

A sociedade determina o lugar que as mulheres devem ocupar. Quando algumas mulheres se recusam a aceitar esse espaço estabelecido, muitas vezes são rotuladas de forma semelhante ao título da canção “Triste, Louca ou Má”. Esses termos podem ter variações igualmente agressivas e pejorativas, como “assanhada”, “atrevida” e “dada”, entre outros. É prejudicial e intencionalmente rotular as mulheres de forma que adjetivos, quando atribuídos e flexionados o gênero, adquirem um tom jocoso e desclassificatório. Podemos citar exemplos como “filho ou filha da puta” e “filho de uma égua”. Enfim, há uma quantidade de termos que podemos listar aqui para mostrar que, quando dirigidos aos homens, são enaltecidos, e, quando direcionados às mulheres, são pejorativos.

No contexto dos padrões preestabelecidos de comportamento feminino, tanto homens como mulheres, tendem a julgar quando uma mulher tenta escapar desses padrões. Isso ocorre devido à estrutura patriarcal e machista que é projetada para fazer com que as mulheres se sintam rivais umas das outras e estejam constantemente competindo, enquanto os homens são frequentemente vistos como solidários, mesmo quando cometem erros, essa mentalidade precisa mudar. A sororidade feminina é uma ideia do movimento feminista que defende a solidariedade entre as mulheres como uma forma de desafiar e desestruturar esse modelo opressivo. bell hooks (2017), reitera essa discussão destacando a necessidade de uma irmandade feminina para fortalecer nossas vozes e revitalizar o movimento.

Para que o movimento feminista revitalizado tenha um impacto transformador sobre as mulheres, a criação de um contexto em que possamos entabular diálogos críticos e abertos umas com as outras, onde possamos debater e discutir sem medo de entrar em colapso emocional, onde possamos ouvir e conhecer umas às outras nas diferenças e complexidades das nossas experiências - a criação de um tal contexto é essencial (hooks, 2017, p. 148-149).

A autora clama por uma sororidade, uma irmandade feminina, que também envolve evitar agir de forma prejudicial umas com as outras quando a outra não se encaixa no padrão de comportamento estabelecido pela sociedade. Infelizmente, esse julgamento discriminatório ocorre entre nós, sendo uma das partes mais prejudiciais às nossas relações de alteridade.

No mundo utópico que almejamos, a solidariedade entre mulheres seria tão enraizada em nossos valores que não haveria espaço para julgamentos baseados em padrões inatingíveis estabelecidos. Somos capazes de reconhecer e celebrar a diversidade de personalidades, atitudes e escolhas de cada irmã, fortalecendo ainda mais os laços que nos conectam. Que esse desejo de uma solidariedade verdadeiramente inclusiva e livre de preconceitos possa inspirar atitudes positivas construindo gradualmente um espaço de superação.

O empoderamento feminino é um tema central na visão de Paulo Freire, reconhecido educador e filósofo brasileiro. Em sua obra “Pedagogia do Oprimido”, Freire enfatiza a importância de uma educação libertadora, na qual as mulheres são encorajadas a questionar a opressão que enfrentam e a se tornarem sujeitos ativos na transformação de suas realidades. Para Freire, o empoderamento feminino não se limita à conquista de direitos iguais, mas envolve uma conscientização crítica e a construção de uma identidade feminina autêntica.

O empoderamento feminino é um tema central na visão de Paulo Freire, reconhecido educador e filósofo brasileiro. Em sua obra "Pedagogia do Oprimido" (1987), Freire enfatiza a importância de uma educação libertadora, na qual as mulheres são encorajadas a questionar a opressão que enfrentam e a se tornarem sujeitas ativas na transformação de suas realidades. Para Freire, o empoderamento feminino não se limita à conquista de direitos, mas envolve uma tomada de consciência crítica e a construção de uma identidade feminina autêntica.

Nesse contexto, há um diálogo significativo com os escritos de bell hooks, especialmente em sua obra “Ensinando a Transgredir: A Educação como prática da liberdade” (2017). Neste livro, hooks defende uma educação que vai além da mera transmissão de conhecimentos, buscando, ao invés disso, capacitar os e as discentes a questionar, desafiar e transformar as estruturas opressivas presentes na sociedade. A perspectiva de hooks está alinhada com a proposta de Freire, uma vez que ambas reconhecem a relevância de uma pedagogia emancipatória que empodera as mulheres e as incentiva a se tornarem agentes de mudança de suas próprias realidades.

Essa conexão entre Freire e a visão de hooks é fortalecida quando ela afirma que, para promover mudanças em nossas vidas, na forma como aprendemos e na forma como ensinamos,

é necessário adotar uma atitude transgressora. Nessa frase, hooks destaca a necessidade de ir além das formas tradicionais de ensino, empoderando as mulheres a desafiar as normas impostas e criar um espaço de aprendizado mais inclusivo e equânime. Assim, fica evidente que o pensamento de Freire e de hooks dialogam harmoniosamente, ambos proporcionando uma abordagem emancipatória e libertadora para promover o empoderamento feminino.

O relato a seguir apresenta exemplos de superação pessoal de uma mulher que não permitiu ser subestimada e sempre lutou pelo seu empoderamento. Joselita Santana, 45 anos, graduada em Pedagogia. Professora em sala de aula de recursos para discentes com deficiências no Ensino Fundamental, estabeleceu uma conexão direta entre sua vida e a música, percebendo que conseguiu quebrar correntes. Ao decidir retomar os estudos, enfrentou a descrença de muitas pessoas, porém decidiu encarar o desafio e provar a si que seria capaz, o que de fato aconteceu, como testemunhado neste relato.

Para as mulheres que não me conhecem, sou Joselita Santana, formada em Pedagogia e atualmente exercendo a função de professora em sala de aula. Trouxe esse vídeo para minha vida porque muitas pessoas duvidaram que eu conseguiria alcançar meus objetivos. Eu costumava viver retraída, mas quando passei para a faculdade, muitos diziam "para quê? Você nunca chegará lá". No entanto, eu rompi as correntes e, graças a Deus, provei que eles estavam errados. Para mim, romper as correntes significa viver a liberdade (Santana, 2022).

Analisando a narrativa desta interlocutora sob a perspectiva do Feminismo Negro, identificamos elementos relacionados à vivência da mulher negra e suas lutas por superação de barreiras sociais, empoderamento e resistência. A menção de que “muita gente falou que eu não ia chegar” remete ao histórico de discriminação e desvalorização enfrentado pela mulher negra, tanto em termos das capacidades intelectuais quanto das possibilidades de ascensão social.

Essa falta de confiança na capacidade da pessoa negra é um reflexo da estrutura racista e machista em que vivemos. Por isso ao mencionar que foi passando na seleção para a faculdade e ouvindo que “nunca vai chegar lá”, a narradora evidencia o desafio adicional que é imposto às mulheres negras no acesso aos espaços de Educação Superior. O preconceito racial e a desigualdade educacional dificultam ainda mais as chances de sucesso acadêmico. No entanto, a narradora enfatiza que “rompeu as correntes e alcançou a liberdade. Essa afirmação é poderosa porque representa a superação de expectativas limitadoras baseadas em estereótipos negativos sobre as mulheres até o ato de romper as correntes simboliza a quebra das amarras da opressão

racial e de gênero, além de ressaltar a capacidade da mulher negra de alcançar seus objetivos e viver uma vida plena.

Essa narrativa também pode ser entendida no contexto da interseccionalidade, que é central para o movimento feminista e considera as múltiplas formas de opressão que as mulheres negras enfrentam - raça, gênero e classe social, entre outras. Nesse sentido, a luta por equidade e liberdade da narradora é uma luta contra a opressão racial, mas também uma luta contra o machismo e outras formas de discriminação com as quais possa se deparar.

Por fim, a referência à “graças a Deus ressalta a espiritualidade e fortalecimento interior na superação das adversidades e na conquista da liberdade. É uma forma de reconhecer que a resiliência e a fé sustentam mulheres negras na jornada de empoderamento. No geral, essa narrativa ilustra um exemplo de como romper a opressão e vivenciar a liberdade. Ao analisar essa narrativa sob a luz do Feminismo Negro somos convidadas a pensar sobre as desigualdades e desafios enfrentados para fazer valer suas vozes, experiências e conquistas.

Joselita Santana menciona que as mulheres estão presas às restrições da sociedade patriarcal e machista, assim como aos julgamentos e olhares de terceiros. Seu depoimento é conciso, porém assertivo, ao afirmar que a verdadeira libertação e plena liberdade só são alcançadas através do conhecimento. Nesse contexto, o saber torna-se ferramenta de autonomia para essa mulher, permitindo que ressignifique sua vida ao obter um grau maior de educação. Isso se torna um ato transgressor, conforme hooks (2019), para transformar sua realidade.

A referência também revela a resistência e superação da educadora diante das adversidades e das opiniões negativas que ouviu. Por meio de seu esforço e determinação, conseguiu romper as amarras que a seguravam e alcançar seu objetivo de ingressar num curso superior. Essa experiência demonstra que cada pessoa possui o poder de transformação interno e que é possível obter sucesso mesmo quando enfrentamos desencorajamento ou subestimação. Além disso, o trecho ressalta a confiança em si mesma para seguir em frente em que a educação se torna, assim, uma ferramenta poderosa de libertação permitindo que reivindicuem sua autonomia e se tornem agentes de transformação da realidade.

A interlocutora Kelma Gomes da Silva Oliveira Costa, 33 anos, Graduada e Pós-graduada em Letras é Coordenadora Pedagógica no Ensino Fundamental, aborda em sua narrativa conceitos de realização e autonomia, manifestou não compreender o vídeo a princípio, porém chamou a atenção para um ponto específico: “que o homem não nos define, sua carne não te define, você é seu próprio lar”, ressaltando as ideias de conquista e liberdade. Embora

tenha estabelecido uma conexão direta com sua história pessoal infere a magnitude das conquistas alcançadas como liberdade de expressão, emocional, financeira e a superação de obstáculos.

Elas conseguiram adquirir coisas que, anteriormente, nem imaginavam ser possíveis. Antigamente as mulheres eram muito submissas aos seus esposos, ao seu lar, e aí hoje a gente ver essas liberdades, a gente ver essas conquistas, a gente ver que a mulher está a cada dia mais querendo sua liberdade, conquistando coisas que antes ela sequer imaginava que iria conseguir (Costa, 2022).

Ao longo do tempo, houve uma mudança na função da mulher, destacando-se sua emancipação e busca por liberdade porque antes eram submissas aos maridos e limitadas às responsabilidades domésticas. Atualmente, presenciamos uma mudança significativa, com a observação de conquistas anteriormente impensáveis estamos cada vez mais desejosas de independência e alcançando objetivos que pareciam inatingíveis. Essa evolução permite que as mulheres expressem seu pleno potencial e desafiem os estereótipos de gênero tradicionais.

Enquanto destaca a passada submissão das mulheres, também ressalta os avanços alcançados tanto nesse âmbito quanto em outros. Isso evidencia que a revolução das mulheres é irreversível e absolutamente crucial para impulsionar novas conquistas, promover maior representatividade feminina em cargos de poder e permitir que tenham tomada de decisões em suas vidas.

Eu senti, essa liberdade, essa liberdade de expressão, essa liberdade financeira, essa liberdade de tudo. A gente ver como essa liberdade que está colocada no vídeo. Como não há essa liberdade explícita ali nos corpos daquelas mulheres que estavam fazendo seus gestos dançando e expondo (Costa, 2022).

Em seu relato Costa destaca a sensação de liberdade experimentada ao assistir ao vídeo da música que retrata as mulheres expressando-se de forma livre e desinibida, tanto em termos de expressão criativa, mas faz menção a questão financeira. Ela ressalta a discrepância entre essa liberdade evidente no vídeo e a ausência dessa liberdade explícita nos corpos das mulheres retratadas, que estavam dançando e se expondo. Esse contraste entre a aparente liberdade demonstrada no vídeo e a realidade das mulheres envolvidas destaca a importância de refletir sobre a existência de barreiras e restrições que possam limitar o pleno exercício da liberdade feminina em diferentes esferas da vida.

É sobre essa liberdade mencionada por Ângela Davis em seu livro “A liberdade é uma luta constante” (2018), onde fala além dos direitos civis, os quais são relevantes, mas o movimento da liberdade é algo de proporções maiores. Apesar de reconhecer a relevância desses direitos, destaca que o movimento é mais complexo e amplo. Na citação, a autora resume essa ideia, sugerindo que a conquista da liberdade não é um evento isolado, mas um processo contínuo e ininterrupto.

Nesse contexto, a autora argumenta sobre a necessidade de manter-se atento e envolvido na luta pelos direitos e pela liberdade, pois somente através da persistência e enfrentamento das dificuldades é possível alcançar a verdadeira liberdade. Davis (2018) destaca que a liberdade não deve ser considerada como um estado final, mas sim como um objetivo contínuo que requer esforço e ação das pessoas envolvidas nesse processo de transformação social.

Leide Alves Pereira dos Reis, 41 anos, graduada em Letras com habilitação em língua inglesa. Professora no Ensino Fundamental, realiza uma análise sobre a música, destacando o empoderamento conquistado pelas mulheres e a confiança que têm adquirido ao ocuparem espaços que antes pertenciam apenas aos homens. Afirma que passaram a acreditar mais em si, despertando segurança e liberdade, estabelece uma relação direta com sua própria trajetória de vida porque assegura, “o que senti na música foi exatamente essa autonomia da mulher. As mulheres se libertaram e passaram a acreditar mais em si mesmas” (Reis, 2022). No fragmento exposto, notamos na sua visão que analisa a música sob a ótica do empoderamento das mulheres.

Enfatiza o progresso alcançado ganhando confiança e ocupando espaços previamente dominados por homens, todavia, segundo a educadora, a música comunica essa mensagem de fortalecimento feminino gerando um aumento na autoestima. Observamos que a interlocutora faz essa análise trazendo para uma conexão direta com sua própria trajetória de vida. Inferimos que tem uma percepção ampla do fortalecimento das mulheres, entendendo que essa conquista vai além da experiência, e, é traduzida como resultado de um movimento social e histórico.

Entretanto, a fim de enriquecer a discussão e incorporar outras abordagens, é interessante estabelecer um diálogo com outras perspectivas. Há diversas feministas proeminentes com as quais podemos conversar sobre o empoderamento feminino, como *Chimamanda Ngozi Adichie*, por exemplo, é uma escritora nigeriana reconhecida por seus discursos e obras relacionadas a gênero e feminismo. E, em um de seus discursos mais famosos, intitulado “Sejamos todos feministas” (2014), que exemplifica o seu trabalho.

Outra autora é bell hooks, cujo livro “Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade” (2017) se concentra em gênero, raça e classe explorando a interseccionalidade do feminismo e como as mulheres podem se fortalecer dentro de um sistema opressivo. Djamila Ribeiro, em um de seus livros “Quem tem medo do Feminismo?” (2018), também pode ser mencionada como uma das vozes feministas influentes com as quais dialogamos sobre o fortalecimento feminino. Cada autora traz perspectivas e experiências únicas que enriquecem a compreensão desse temática.

Assim, torna-se essencial permitir o diálogo com essas e outras defensoras dos direitos femininos, pois ao ler o que compartilham sobre suas perspectivas, promovemos a socialização de conhecimentos e expandimos a compreensão do empoderamento feminino. Além disso, ao reconhecer e visibilizar as vozes com as experiências, estamos contribuindo para a construção de um discurso inclusivo que reflete a necessidade de respeitar e visibilizar a nós, mulheres.

Em resumo, é primordial reconhecer a contribuição da música no fortalecimento das mulheres, conforme argumentado:

Ao avaliar a música, percebi um forte sentimento de empoderamento feminino. A mulher está se libertando e passando a acreditar mais em si mesma. Antes, as mulheres se limitavam, quando alguém lhes dizia que não conseguiriam, elas acreditavam. Não buscavam forças para seguir adiante. Hoje em dia, porém, as mulheres se sentem mais amparadas, até por si próprias, mais confiantes e seguras. Eu posso, mesmo que alguém diga que não, por que eu não posso? Portanto, a mulher sente-se mais capaz, com mais segurança e liberdade. Ela está se sentindo mais determinada e é isso que importa (Reis, 2022).

Contudo, é perceptível a existência de pontos de vista e enfoques distintos no que tange a esse assunto. Ao promover o diálogo entre diferentes perspectivas, é viável ampliar o entendimento e a discussão sobre o feminino, acrescentando, dessa maneira, o enriquecimento das reflexões e ações no âmbito educacional.

Neste contexto vamos conhecer a realidade da Maria Eliete Martins Conceição Silva, 50 anos. Merendeira no Ensino Fundamental, que se orgulha do trabalho que realiza na escola. Assim, destaca uma frase da música que a inspira: “você é seu próprio lar” porque representa uma mudança em sua percepção pessoal. Agora se sente dona de seu próprio lar, algo que não sentia antes. É perceptível sua autoestima e confiança ao comparar sua posição com demais colegas do mesmo ambiente de trabalho.

A perspectiva que adotamos nesse estudo é relevante nessa análise, pois nos permite compreender as vivências da Maria Eliete Martins Conceição Silva a partir de aspectos interseccionais. Neste contexto, é possível identificar como fatores estruturais e sociais contribuem para a desvalorização das mulheres em trabalhos considerados subalternos. A abordagem do Feminismo Negro enfatiza a visibilidade das experiências reconhecendo o racismo estrutural que nos afeta de forma específica. Assim, percebemos que a narrativa dessa interlocutora nos oferece um exemplo concreto de resiliência diante de contextos adversos.

Quando entrei, as meninas já estavam trabalhando e elas comentaram: "Não tenho coragem de falar com a Professora Celma (que agora é gestora da U.E)". Eu respondi: "Eu tenho coragem, porque o fato dela ter mais estudos não significa que ela seja melhor do que nós". Não enxergo as pessoas assim. O que realmente me chamou atenção foi aquela frase sobre sermos donas do nosso próprio lar, donas de nós mesmas. Hoje, me sinto assim, mas antes não era assim. Agora, permitam-me apresentar: sou Maria Eliete, não tenho formação acadêmica, mas tenho orgulho do que faço, sou merendeira. Estou aqui nesta escola e estou feliz pelas minhas colegas que me acolheram. E é isso (Conceição Silva, 2022).

Ao se identificar como “dona de seu próprio lar”, Conceição Silva rompe com a imagem estereotipada e limitante que lhe é associada como mulher negra sem formação acadêmica. Essa afirmação reflete a consciência sobre seu valor pessoal, como trabalhadora e a autonomia legada para consigo. Sendo assim, percebe com clareza a desvalorização do trabalho nas diferentes funções que existem na escola. Essa percepção mostra uma compreensão crítica da estrutura hierárquica e desigual presente no ambiente escolar.

É admirável o nível de autoestima que possui, revelando que uma autoestima elevada não está sempre relacionada ao conhecimento. O empoderamento vai além e envolve consciência de si, autocuidado, autoconhecimento e um posicionamento político. Além disso, a noção de pertencimento étnico e social desempenha um lugar significativo nessa construção.

Ao analisarmos a autoestima dessa interlocutora, nos deparamos com seu percurso e sua perspectiva pessoal. Mesmo sem formação acadêmica, orgulha-se de sua profissão e se sente empoderada ao declarar com o trecho da música de que “você é seu próprio lar”. Essa citação corrobora com a transformação individual e sua valorização como mulher no ambiente profissional. Mostra-nos que o empoderamento não está necessariamente ligado ao conhecimento, pois nem todas as mulheres instruídas possuem autoestima elevada. Sentir-se empoderada vai além do saber e envolve uma consciência de si mesma, posição política e a noção de identidade étnica racial e social. Dessa forma, nos incentiva a valorizar as posições e

trajetórias de cada mulher como reconhecimento e fortalecimento da autoestima e de sua independência.

Ozirene Silva Viana Lobo, 42 anos, graduada em Letras. Professora do Ensino Fundamental, narra sobre autoconfiança, autoafirmação e fragilidade feminina. Revela uma clara noção de autodefinição que é ratificada pela forma como os outros a veem. Essa percepção a coloca em uma posição defensiva, rebatendo quem a classifica como frágil, afirmando que na verdade não é frágil, mas sim emotiva, destacando assim a diferença entre esses dois termos. Neste sentido, afirma de forma categórica sua sensibilidade emocional, mas rejeita a ideia de fragilidade. Entretanto, ao auto afirmar-se, também revela como sua família a percebe. É vista como uma pessoa extremamente determinada e capaz de resolver qualquer situação, o que exige dela força e habilidade. Essa dualidade entre ser uma mulher forte e sensível às opiniões dos outros é confirmada nesta análise de sua autoimagem.

Estabelece um vínculo direto com a música, quando traz elementos ao grupo que permitem uma análise de sua imagem como mulher, instrutora, parceira, progenitora e conselheira. A compreensão de si mesma e a forma como algumas pessoas a enxergam revelam o desafio de manter-se forte e sensível simultaneamente, buscando corresponder às expectativas nas funções desempenhadas em sua vida. Essa complexidade e habilidade de equilibrar esses diferentes aspectos são suas características distintivas.

Porque eu me apoio de forma significativa em minha família, em meu marido e em meus filhos. A minha família me proporciona um lugar tão acolhedor, tão especial, que eu não consigo enxergar a mim mesma nesse mesmo patamar, sendo rotulada como frágil, incapaz, sem essas habilidades. Meus pais me colocam em um pedestal que, por vezes, me faz questionar se conseguirei corresponder às expectativas. Por vezes, sinto-me preocupada em decepcioná-los, pois ao ouvi-los falar, percebo que não sou tudo o que imaginam, sou imperfeita, assim como qualquer pessoa. No entanto, há momentos em que me sinto segura com o apoio que eles me oferecem (Lobo, 2022).

Na perspectiva do Feminismo Negro, essa narrativa retrata uma mulher que encontra apoio em sua família - esposo, filhos, filhas - como uma característica recorrente no movimento em questão, que é a valorização da família e das relações comunitárias como meios de resistência e bem-estar.

Apesar de se sentir acolhida e protegida no âmbito familiar, a interlocutora também expressa a preocupação de não conseguir atender às expectativas de seus familiares. Esse sentimento evidencia a pressão social e as exigências que frequentemente são idealizadas e

cobradas a alcançar a perfeição em todas as áreas da vida. A narrativa aborda questões sensíveis, como a necessidade de reconhecer as próprias falhas e não aceitar os estigmas de fragilidade e incapacidade atribuídos às mulheres. Isso destaca a relevância do Feminismo Negro ao enfatizar a busca por autonomia e reconhecimento para as mulheres negras.

Adicionalmente, a narrativa insinua que o suporte familiar é um aspecto benéfico, porém também evidencia a problemática da dependência emocional e o impacto que a pressão dos parentes pode ter na autoestima e autoconfiança. O Movimento Feminista que foca em discutir as demandas das problemáticas enfrentadas pelas mulheres negras encoraja a autonomia e a autorrealização garantindo o reconhecimento como pessoas competentes, independentemente do auxílio recebido por suas famílias.

Em resumo, essa abordagem na análise da narrativa enfatiza a intrincada dinâmica das relações familiares e a questionar os ideais de perfeição cobrados às mulheres, especificamente as negras. Tal abordagem implica em reconhecer a capacidade dessas mulheres, valorizar as habilidades individuais e uma autonomia que possibilite o pleno desenvolvimento.

bell hooks é uma escritora feminista negra, com a qual podemos dialogar em relação a essa análise. Além de professora e ativista aborda questões relacionadas à raça, gênero e classe. Em suas obras, destaca a necessidade de reconhecer a complexidade das experiências das mulheres negras e desafiar estereótipos e padrões de perfeição impostos a elas. Seu livro, como *“Ain't I a Woman? Black Women and Feminism”* (1981) explora a relevância da família e das relações comunitárias. Além disso, discute o empoderamento individual e coletivo das mulheres negras a criar espaços seguros onde possam expressar suas experiências autenticamente.

Apresentamos Sandra Machado de Andrade, 34 anos, graduada em Pedagogia e Pós - graduada em Coordenação e Planejamento. Coordenadora de Apoio Geral no Ensino Fundamental, traz no seu relato conceitos de identidade, autoaceitação e princípios de convivência em coletividade.

Essa música é minha, é para a minha vida. Eu acredito em mim e não deixo ninguém me dizer o contrário. Temos que nos amar, nos olhares no espelho, nos vestir bem e nos sentirmos maravilhosas. Se não achamos isso, ninguém tem a obrigação de achá-lo por nós. Eu mesma me olho no espelho e me acho linda, a mais linda do mundo. Na letra da música, há trechos que traduzem bem isso. Então, como mulheres, temos que ter fé em nós mesmas e ir atrás dos nossos sonhos, tentando quantas vezes forem necessárias. Foi assim que me identifiquei muito com a professora Ozirene (Andrade, 2022).

Em seu depoimento, aborda assuntos relevantes relacionadas à identidade e a sua autoaceitação refletindo sobre como cresceu em um lar carente de amor materno, evidenciando quão dolorosa foi essa experiência, porém, superou essas dificuldades e conseguiu reconstruir sua vida, formando uma nova família. Deste modo, foi possível perceber que essa história reflete o racismo estrutural presente na sociedade e seu impacto desproporcional sobre mulheres negras. A interlocutora enfrenta não apenas o racismo, mas as expectativas e estereótipos relacionados à sua feminilidade. A narrativa convida à reflexão sobre incluir a perspectiva do Feminismo Negro em nossas discussões sobre discriminação e violência contra as mulheres de modo a compreender suas particularidades e lutas específicas nessa realidade.

Após admitir com sinceridade seus erros e ações das quais não se orgulha, destaca que encontrou “redenção” na construção de sua família e no batismo na igreja evangélica, o que a transformou em uma mulher respeitável e devota a Deus. Ela menciona ter encontrado um homem bom que a aceitou, apesar de ser negro, e denuncia as críticas que recebeu por escolher se relacionar com um homem negro, afirmando que não levou isso em consideração. Enfatiza que não enxergou a cor de pele dele, mas sim seu caráter e suas qualidades. “Eu não vi nele um homem negro, eu vi nele as qualidades”. Embora faça referência a música relacionada a mulheres que se superam e constroem as identidades sozinhas, seu depoimento implicitamente destaca a importância de estar ao lado de um homem para se tornar uma mulher de verdade e respeitada, algo que ainda prevalece no imaginário de algumas mulheres, inclusive aquelas que trabalham no ambiente educacional, sejam professoras ou não. Além disso, mesmo sendo uma mulher com características fenotípicas negras, mas, não se autodeclara como negra ou parda, evidenciando que a construção identitária não envolve a noção de pertencimento étnico-racial.

Sempre fui determinada e nunca desisti de nada. Criei meu filho mesmo sem apoio. Também tive relacionamentos conturbados e fiz escolhas das quais me envergonho. Mas, sempre sonhei em ser alguém, ter uma profissão, e, ao virar merendeira, percebi que Deus molda a gente para o que precisamos. Consegui um marido bom que me apoia e tem ótimas qualidades. Algumas pessoas falam coisas ruins, mas eu escolho focar no que há de bom. Claro que eu tenho meu jeito, muitas vezes dando respostas ríspidas. Eu peço desculpas depois, sempre que necessário. Cada um tem a sua forma, mas, todos devemos batalhar pelos nossos sonhos e acreditar em nós mesmos. Eu mesma já julguei uma colega de trabalho, mas comecei a orar por ela e hoje vejo suas qualidades. Vamos conhecer mais as pessoas e orar por elas (Andrade, 2022).

No seu depoimento, mencionou encontrar dificuldade em se relacionar com suas colegas de trabalho devido ao seu comportamento e tendência a julgar pelas aparências. Ela trouxe

como exemplo um caso específico em que julgou uma colega por estar numa posição de gestão na Unidade Escolar, achando-a inacessível. No entanto, conseguiu resolver essa situação utilizando sua religiosidade e passou a admirar essa colega após orar por ela. Finalizou seu depoimento pedindo a todas que se permitam conhecer melhor as pessoas e orar por elas, pensando que contribuirá para um ambiente de trabalho harmonioso.

A determinação pode ser aplicada em todas as áreas da vida, como exemplificado na história de uma mulher corajosa, que enfrentou inúmeras dificuldades e obstáculos sem jamais desistir de seus sonhos. Sandra criou seu filho sozinha, superou relacionamentos complicados e se tornou uma merendeira, reconhecendo que Deus nos molda de acordo com nossas necessidades. Com perseverança, encontrou um parceiro amoroso e aprendeu a focar nas coisas positivas em vez de se abalar com críticas alheias. A autora dessa história admite ter um jeito peculiar e, ocasionalmente, ser ríspida, mas sempre se desculpa quando necessário. Ressalta a importância de não julgar as pessoas, mas sim conhecê-las e orar por elas. Essa inspiradora narrativa nos motiva a valorizar-nos, construir nossos sonhos e enfrentar desafios com determinação e perseverança.

Ângela Davis (2016) propõe uma interseccionalização entre as categorias envolvidas na produção social da diferença, como mulher, negra e pobre, no âmbito da luta antirracista e feminista. A autora destaca a autonomia das mulheres negras e, por meio de uma perspectiva decolonial do Feminismo, busca romper com a diferenciação e inferiorização. Neste debate, enfatiza-se a necessidade de afirmar a identidade negra na resistência e superação da condição de subalternidade e exclusão social. Trata-se, de compreender o processo de marginalização dos corpos historicamente subalternizados e interseccionalizados.

A religião teve um espaço na limitação da liberdade das mulheres, de modo que a interlocutora destaca a necessidade de se reinventar como mulher respeitada e valorizada, evidenciando que a igreja as tratou como objetos e reprimiu ao longo de séculos. Mulheres foram submissas e obedientes a padrões impostos pela sociedade, e, conseqüentemente, as instituições religiosas. O casamento, uma instituição estabelecida pela igreja e apoiada pela sociedade, também exige que as mulheres se comportem de acordo com certas normas para serem aceitas e respeitadas. Assim, a presença de um homem, independentemente de sua qualidade moral, honestidade ou trabalho, é considerada essencial para que as sejam verdadeiras mulheres, respeitáveis e aceitáveis desde que dentro da lógica patriarcal estabelecida.

Neste sentido, as identidades, muitas vezes construídas para atender às expectativas sociais podem ter significado ao reconhecermos a imposição social. Como afirmado por Pallú (2013), isso pode ser considerado um passo relevante para a produção social da diferença. A autora ao problematizar a formação da identidade e da subjetividade, buscam diagnosticar o que leva as pessoas a assumir certas posições. “Diante de tais hipóteses, a importância do processo de produção discursiva e social da diferença é enfatizada para a composição de uma pedagogia da diferença para os tempos contemporâneos” (Pallú, 2013, p. 505). Esta citação enfatiza o processo de produção discursiva e social da diversidade como um fator essencial na criação de uma pedagogia da diversidade adequada aos tempos atuais.

A Pedagogia da Diferença⁷⁰ busca compreender, respeitar e valorizar as características individuais distintas, como gênero, raça, cultura, orientação sexual, e outras. Portanto, a produção discursiva e social da diferença se torna uma ferramenta vital na construção de uma sociedade que busca a harmonia entre as diferenças existentes. Assim sendo, a referida pedagogia é uma abordagem necessária ao mundo contemporâneo ao encontrar soluções para as desigualdades persistentes.

A sociedade precisa se movimentar e implementar mudanças, principalmente por meio das mulheres, a fim de promover alterações nas estruturas sociais. Ângela Davis (2018) defende que, quando as mulheres negras se movimentam, toda a sociedade também é influenciada. Portanto, é essencial que ocorra uma mudança radical ou mesmo uma revolução liderada pelas mulheres para que as mudanças necessárias em relação a suas vidas se concretizem de fato.

Ao discutirmos a capacidade de reinvenção da mulher e, mais especificamente, da mulher negra na busca pela sobrevivência na qual surgem narrativas. A educação desempenha um espaço crucial nesse processo, no entanto, quando o nível educacional é baixo ou insuficiente, e, apenas a educação não consegue promover essa transformação. Nesse sentido, muitas mulheres com pouca escolaridade encontram apoio na religião para virar o jogo em suas próprias vidas.

⁷⁰ A categoria Pedagogia da Diferença, a partir da escrita de Conceição Evaristo, refere-se à abordagem pedagógica que reconhece a importância e valoriza a diversidade e as diferentes experiências de vida dos estudantes como base para a construção do conhecimento. É uma concepção pedagógica que busca romper com a visão homogeneizadora da educação e do ensino, permitindo a valorização das diferentes narrativas e histórias de vida presentes na sociedade. A autora tem contribuído significativamente trazendo discursos usando essa categoria através de suas obras literárias, que exploram questões relacionadas à identidade, gênero, raça e classe social. Uma de suas obras mais conhecidas é "Ponciá Vicêncio", publicada em 2003 (Ribeiro, 2019).

Apresentamos a mulher que irá dialogar com os conceitos sobre autoconfiança, liberdade e superação. Destarte, Wilma Alves da Conceição Melo, 39 anos. Assistente de Serviços Gerais no Ensino Fundamental, em sua narrativa inicial ressalta a autoconfiança e liberdade, mencionando que no vídeo o homem não tem o poder de determinar quem somos, nem influenciar nossa casa ou lar. Essa afirmação tem uma ligação direta com sua própria história de vida e usa um trecho da música, “prefiro queimar o mapa, traçar de novo a estrada, ver cores nas cinzas e a vida reinventar”. Engravidou aos 19 anos e foi abandonada, sendo pressionada a abortar a gestação. Então, voltou a morar na casa da sua mãe, e, tinha um padrasto. Essa fase foi repleta de dificuldades, teve que parar de estudar e trabalhar como doméstica para sustentar a si mesma e ao seu filho. Se casou, mas o casamento não foi bem-sucedido. Foi então que se converteu para a igreja evangélica, e, fervorosamente, pediu a Deus por um marido. Segundo ela, Deus lhe concedeu um verdadeiro esposo, e agora conta com quatro filhos para criar, pois seu esposo era viúvo e tinha três filhos.

No seu depoimento, relata ter enfrentado muito sofrimento, mas superação e constante autoconfiança. Ela foi uma das primeiras a perceber claramente a conexão entre a música e sua própria história de vida. No entanto, entende que a felicidade e o respeito de uma mulher dependem da presença de um marido ao seu lado. Esse entendimento, é influenciado pela estrutura patriarcal da sociedade e pela influência da igreja. Tem a convicção de que foi uma mulher forte, capaz de se reerguer e construir uma família e um lar, mas deixa evidente que isso só foi possível por causa do apoio do marido, e destaca que o trabalho árduo contribuiu para tornar sua casa um castelo alcançado graças à presença do marido ao seu lado.

Os vestígios de uma educação baseada na estrutura patriarcal ainda são fortes e persistem no pensamento das mulheres, mesmo após elas terem passado por experiências traumáticas. Ainda quando conseguem superar esses desafios, se reconstruírem e dar um novo significado às suas vidas e histórias são pressionadas a estar sempre ao lado de um homem para serem consideradas autênticas mulheres de família. Isso, de certa forma, diminui o esforço, e, mesmo alcançando o sucesso por conta própria, necessitam da aprovação ou da presença de um homem para serem validadas.

Independentemente de nossa vontade, somos produtos de uma sociedade patriarcal e cristã que não nos considerou como protagonistas da história. Enquanto não éramos associadas à pureza de "Maria concebida sem pecado original", éramos rotuladas como "pecadoras" (como pode ser comprovado por leituras do período medieval). Portanto, muitas vezes, a aceitação do

casamento se baseia em um meio-termo respeitoso, pois a figura masculina representava a autoridade perante a sociedade.

“Só mesmo rejeita bem conhecida receita quem, não sem dores aceita que tudo deve mudar”. A mudança é um desafio difícil e frequentemente traz desconforto e incertezas. A música trata exatamente desse tema, ressaltando a necessidade de aceitar que é preciso mudar e se reinventar para encontrar novas oportunidades e possibilidades. A resistência a abandonar as antigas formas pode ser interpretada como uma rejeição à mudança. No entanto, para crescer e evoluir, é necessária uma abertura ao novo e aceitar os desafios que acompanham a mudança.

Conforme enfatiza a autora Djamila Ribeiro (2017), é essencial assumir o protagonismo em nossa própria vida para nos libertarmos da opressão e submissão aos padrões impostos pela sociedade. Essa mentalidade prevalece no pensamento de muitas mulheres, onde a presença de um homem ao lado carrega simbolismo e significado além da própria existência. Isso conduz algumas mulheres a não reconhecerem suas habilidades e capacidades de se reinventar. Tal como Ribeiro (2017) nos lembra em seu livro “Lugar de fala”, isso acontece mesmo quando têm conhecimento sobre o assunto.

Existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produções e, para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos. De modo geral, diz-se que a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem. É como se ela se pusesse se opondo, fosse o outro do homem, aquela que não é homem (Ribeiro, 2017, p. 22).

A citação ressalta o olhar colonizador em relação às mulheres e suas produções, resultando na desvalorização e subordinação na sociedade. É essencial reconhecer que a mulher é sempre comparada ao homem, criando uma dinâmica de antagonismo entre os gêneros e reforçando a ideia de que a mulher é o oposto do homem. Para combater essa visão, é necessário partir de diferentes perspectivas e valorizar as experiências e conhecimentos das mulheres, independentemente de comparações ou reduções. Somente assim é possível lutar para que sejam reconhecidas e tenham um lugar equitativo.

De forma que mesmo que sejam fortes e determinadas em suas realizações, as mulheres creditam sua existência e habilidades ao apoio do homem, seja como parceiro ou pai. Elas dependem dessas figuras ao seu lado para ter ou realizar qualquer coisa por si mesmas. Portanto, neste contexto, apresentamos mais uma história que contribuem para nossa compreensão, com uma diferença significativa, que é o Feminismo de homens que apoiam a luta feminista.

Nas narrativas de algumas interlocutoras notamos uma conexão sutil com a música que está relacionada às suas vidas e experiências pessoais. Muitas dessas narrativas revelam trajetórias marcadas por desafios, mas igualmente demonstram força e capacidade de superação. É evidente que o conhecimento e o apoio desempenham um lugar de destaque nesse processo e percebemos a forte ligação entre a música e as histórias das experiências pessoais. Fica óbvio que muitas dessas trajetórias foram marcadas por momentos difíceis, porém todas têm em comum a determinação para superar tais dificuldades. Através da expressão e do conforto emocional proporcionado pela música, as interlocutoras encontraram uma maneira de reconectar consigo mesmas e de transformar suas experiências em oportunidades de aprendizado e crescimento.

Por fim, é essencial reconhecer a relevância dessas histórias como exemplos de resiliência e persistência. Por meio da música, as mulheres negras e não negras encontraram uma forma de compartilhar suas narrativas seguindo adiante em suas próprias jornadas. Essas narrativas encorajam a criação de ambientes acolhedores, nos quais o conhecimento e o apoio incondicional possam continuar a contribuir para a construção de um presente promissor para nós mulheres negras.

CAPÍTULO 6 – LIVRO DE NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS A PARTIR DA MÚSICA “TRISTE, LOUCA OU MÁ” DA BANDA FRANCISCO EL HOMBRE

Neste Capítulo evidenciamos o resultado do nosso estudo de Mestrado que apresenta um Livro de Narrativas Autobiográficas englobando vinte e seis mulheres negras trabalhadoras na educação de Praia Norte – Tocantins que gentilmente colaboraram com nossa pesquisa. O livro resultante desta investigação é uma autêntica representação das narrativas que traduzem revelações simples e peculiares das histórias de vidas com fragmentos incitados pela música que embalou os pensamentos, sentimentos e atitudes destas mulheres interlocutoras.

Durante a pesquisa, essas mulheres compartilharam suas vivências pessoais, sociais e profissionais, proporcionando uma perspectiva enriquecedora de suas jornadas na área educacional. O produto é um livro que tem como objetivo retratar de forma fiel as histórias dessas mulheres e partilhar suas valiosas contribuições acerca dos construtos identitários, empoderamento feminino pessoal e coletivo envolto no universo educacional.

A escolha das interlocutoras da pesquisa seguiu um meticuloso processo de seleção, visando garantir a representatividade de diferentes vozes e experiências como mulheres negras educadoras. Em seguida, as mulheres presentes nestas escolas foram listadas em ordem alfabética, independente do cargo que ocupam ou função que desempenham. Essa abordagem imparcial proporcionou uma ampla gama de perspectivas, permitindo que mulheres de diferentes idades, formações acadêmicas e trajetórias profissionais fossem inclusas. Através dessa diversidade nos contextos educacionais e históricos compreendemos melhor as experiências e desafios enfrentados pelas mulheres em diferentes fases das suas vidas. Esses critérios de seleção garantem que o livro apresente uma abrangente análise das narrativas das mulheres envolvidas na pesquisa, tornando-se uma contribuição valiosa para o estudo da história educacional e para a luta pela equidade de gênero na sociedade.

No Livro de Narrativas Autobiográficas, cada mulher é apresentada de forma peculiar, permitindo que se conheça sua personalidade, histórico e essência. No início de cada seção, há uma apresentação elaborada, confirmando o cuidado e o capricho ao detalhar as narrativas de cada mulher. Seu nome completo é primeiramente revelado, seguido por informações pessoais relevantes, como idade, formação e cargo que ocupa no ambiente escolar. Uma imagem que as caracterize visualmente também foi incluída, proporcionando uma visão de cada personagem.

Em seguida destacamos um trecho da música “Triste Louca ou Má” da Banda Francisco *El Hombre*”, que fora o fio condutor da problematização durante o percurso desse estudo. Enfim, selecionamos o trecho da música que cada mulher escolheu, e a partir desses trechos, apresentamos a narrativa individual de cada uma delas. Trazemos nas narrativas autobiográficas as trajetórias e vivências pessoais, familiares e sociais que foram constituindo cada mulher em sua singularidade, e por conseguinte, revelando suas experiências, desafios e conquistas. Esse trecho foi cuidadosamente escolhido para refletir as questões discutidas na narrativa de cada mulher. De modo que a música funcionou como uma introdução que contextualiza a história de sua jornada pessoal, e, cada voz permite auxiliar no protagonismo das próprias histórias, quebra estereótipos ou visões preconceituosas sobre o universo feminino.

Nesse processo, o Livro de Narrativas Autobiográficas captura a complexidade e a diversidade das mulheres retratadas, abordando temas como identidade, empoderamento, maternidade, carreira e relacionamentos. Ao explorar cada narrativa de forma cuidadosa e objetiva, os conteúdos do livro oferecem uma perspectiva abrangente sobre as múltiplas realidades que as mulheres negras trabalhadoras da educação enfrentam, contribuindo para uma compreensão e valorização das experiências. Através dessa abordagem objetiva, a obra se torna um convite para uma reflexão profunda de empatia diante da mulher contemporânea.

E, finalizando apresentamos as inferências da pesquisadora que também está imersa nesse universo por ser educadora da rede pública, e compreender de maneira intrínseca essa realidade em que estamos imersas por pertencimento. As inferências foram cunhadas do texto dissertativo com as referências necessárias no qual utilizo as mesmas estratégias de inferência para analisar as narrativas de mulheres negras trabalhadoras na educação utilizada em nosso próprio trabalho. Ao realizar essa abordagem, buscamos evidenciar as experiências das mulheres, lutas, desafios e conquistas, de modo a ampliar o conhecimento sobre a realidade vivenciada. Deste modo ressaltamos que o embasamento teórico e metodológico utilizado na análise encontra-se referenciado no livro. Neste sentido, nos conectamos com autoras intelectuais negras feministas para fazer inferências abordadas na perspectiva do Feminismo Negro que utilizamos para desenvolver este estudo.

Na diagramação do livro temos um *QR code* que possibilita a quem vier fazer a leitura possa acessar a música e apreciar a mensagem enquanto se envolvem nas narrativas autobiográficas. A inclusão tem como objetivo proporcionar uma experiência mais imersiva, conectando emocionalmente as vivências das educadoras com a melodia e a letra da canção.

Essa abordagem inovadora acrescenta uma dimensão adicional ao livro, permitindo que as pessoas leitoras se envolvam tanto com as palavras escritas quanto com a música que inspirou o desenvolvimento do estudo.

O livro provoca uma análise das dificuldades enfrentadas por sermos mulheres negras, assim como das estratégias e apoio necessários para superar obstáculos nos construtos identitários e empoderamentos. É um trabalho, que busca fortalecer e incentivar outras mulheres negras a perseguirem seus sonhos e alcançarem seu espaço na educação, narrando suas histórias pelo viés de suas próprias perspectivas, e, assim construindo suas narrativas singulares.

Quanto a diagramação, a capa e desenho gráfico editorial foram pensados fazendo relação com nosso objeto de pesquisa na perspectiva do Feminismo Negro a qual adotamos ao longo do estudo, relacionada com a simplicidade de falas destas interlocutoras. É um livro feito por mulheres e pensado para outras mulheres que terão a oportunidade de lê-lo e, possam se sentir representadas sendo do universo da educação ou não. Para tanto, intencionamos que com este livro muitas mulheres possam se sentir chamadas a pensarem um mundo em que, nós mulheres, sejamos irmanadas umas com as outras, tenhamos sororidade, e na coletividade possamos ampliar os potenciais de discussão sobre nossas vidas e realidade.

Convidamos todas as pessoas a embarcarem em uma jornada única e transformadora por meio da leitura do livro de título “Narrativas Autobiográficas de Mulheres Negras Trabalhadoras da Educação em Praia Norte – Tocantins”. Nessa obra, somos convidados/as a mergulhar nas experiências pessoais e vivências destas mulheres negras que atuam no universo coletivo da educação.

Ao longo das páginas, somos levadas a refletir sobre o protagonismo e a resistência das mulheres negras que enfrentam desafios diários em um sistema que muitas vezes as invisibiliza e subestima em suas competências técnicas e educativas diante de si e das outras pessoas. Mulheres negras que contam sobre suas lutas e conquistas, e mostram como a educação se torna uma ferramenta poderosa para a transformação individual e coletiva de um povo.

Portanto, para tornar essa experiência ainda mais rica e envolvente, o livro entrelaça suas narrativas com a emblemática música "Triste, Louca ou Má" da Banda Francisco *El Hombre*. Essa canção, com sua letra marcante e melodia envolvente, traz à tona questões relevantes sobre a vivência feminina e a busca por autonomia e liberdade de existir com dignidade na vivência de direitos legados.

Para tanto, faremos uma Apresentação que constará em nosso livro a fim de que você possa considerar que é impossível não ser tocado/a pôr esse encontro poderoso entre a escrita e a música. Cada página nos transporta para um universo de reflexões, emoções e aprendizados. Ao ler este livro, permitimo-nos enxergar a educação não apenas como um campo de conhecimento, mas como uma trincheira de luta, resistência e empoderamento.

Portanto, convido a todas as pessoas a abrirem as páginas deste livro e a se deixarem envolver pelas narrativas dessas mulheres negras educadoras. Que essa leitura desperte em nós uma consciência mais profunda sobre a relevância da diversidade, da equidade e da valorização de todas as vozes na construção de uma sociedade justa e inclusiva.

Contudo, não finando ainda, convidamos a chegarem até as considerações finais da nossa dissertação, em que compartilhamos a experiência de pesquisar *com* mulheres negras trabalhadoras da rede pública de educação. Essa investigação foi verdadeiramente instigante e emocionante porque foi uma oportunidade de escutar as vozes silenciadas e invisibilizadas dessas mulheres, que enfrentam diariamente uma realidade marcada pela intersecção de opressões e desigualdades sociais, mas ao mesmo tempo surge a semente que irrompe para um novo olhar sob mulheres negras em processo de empoderamento no seio social.

Ao longo do processo percebemos como as mulheres negras são capazes de re)criar e re)resistir, mesmo em meio a tantos desafios. Suas histórias de vida são inspiradoras e é inegável a necessidade de abirmos espaços coletivos para que possamos discutir e problematizar sobre nosso universo.

Por fim, essa pesquisa nos fez refletir sobre as problemáticas que envolvem as mulheres negras na sociedade em que vivemos, como enfrentamos o racismo estrutural, o machismo e outras formas de discriminação que limitam nossas possibilidades. Entretanto, entendemos que essas reflexões com base nas narrativas compartilhadas neste livro podem servir como ponto de partida para a construção de espaços acolhedores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões acerca da temática que gerou o título “A perspectiva do Feminismo Negro sob a ótica de narrativas autobiográficas de mulheres negras trabalhadoras da educação em Praia Norte – Tocantins”, percebemos a complexidade dos desafios enfrentados por nós mulheres em todos os campos. Ao analisarmos as particularidades dessa realidade, é evidente o protagonismo na busca pelo reconhecimento e valorização da identidade étnico-racial, bem como na luta por uma Educação Inclusiva que garanta o acesso das pessoas, respeitando e valorizando as diferenças, vozes, experiências e conhecimentos.

Neste contexto, as conclusões desta dissertação visam ressaltar a relevância de encorajar espaços de discussões e reflexões sobre temáticas raciais e de gênero no ambiente educacional, com o objetivo de despertar para a construção de uma sociedade inclusiva para as mulheres negras em suas vivências educativas.

De forma que a Escola Municipal Genésio Gomes e a Escola Estadual 1º de Junho, ambas localizadas em Praia Norte - TO, foram essenciais como ambiente para nossa pesquisa, pois além de serem campo de estudo, contavam com a participação ativa do grupo de Mulheres Negras que além de atenderem aos requisitos necessários para a pesquisa, foram extremamente relevantes para o seu desenvolvimento, e, conseqüentemente a escrita do texto final.

Após a aplicação da técnica metodológica, isto é, ouvir e assistir ao vídeo da música "Triste, Louca ou Má" da banda Francisco *El Hombre*, essas mulheres estabeleceram uma conexão significativa entre a música e suas próprias histórias pessoais. Esse momento foi promissor, pois conseguimos interagir com vinte e seis mulheres, das quarenta e nove presentes, nas duas escolas, as quais sentiram-se comovidas e à vontade para compartilhar suas experiências, estabelecendo uma relação intrínseca com a música e contribuindo com informações pertinentes, e diretamente relacionadas aos objetivos da nossa pesquisa.

Ao esboçar os objetivos desta pesquisa dissertativa, buscamos descrever os caminhos que constroem como mulher negra educadora antirracista (a pesquisadora desse estudo); apresentar os subsídios teóricos de empoderamento ao Feminismo Negro; discorrer como se dá o encontro metodológico da pesquisa com o coletivo de mulheres negras educadoras; analisar as experiências na perspectiva do Feminismo Negro das mulheres trabalhadoras na educação de Praia Norte - Tocantins; conhecer as trajetórias de mulheres negras trabalhadoras da educação em fragmentos de suas narrativas autobiográficas.

Nesse processo, conseguimos desconstruir crenças limitantes e preconceituosas relacionadas a nós mesmas e as outras, além de obtermos resultados satisfatórios em todo o desenvolvimento da pesquisa fomos capazes de estabelecer um contato direto e conhecer as realidades, experiências e expectativas das participantes do estudo.

Além disso, esses resultados promissores são extremamente encorajadores, fortalecendo nossa certeza de que este estudo foi relevante e necessário. A partir do conhecimento obtido e das ações realizadas como consequência desta pesquisa, estamos entusiasmadas, pois entendemos que teve um impacto significativo no fortalecimento do empoderamento das mulheres negras e no progresso da luta contra o racismo e preconceito étnico-racial.

Considerando a relevância de refletir sobre as trajetórias individuais e coletivas das mulheres negras trabalhadoras na área da educação, nossa pesquisa demonstrou ser fundamental na construção de um conhecimento mais abrangente e representativo. Ao investigar os meios pelos quais conseguimos desafiar estereótipos e superar obstáculos, reafirmamos nossa posição como pessoas de transformação e resiliência.

Adicionalmente, ao realizar uma abordagem metodológica colaborativa com o grupo, envolvendo-nos diretamente com as mulheres participantes, conseguimos compartilhar experiências, saberes e perspectivas diversas, enriquecendo o processo de investigação e demonstrando a relevância da colaboração e do diálogo interseccional.

As iniciativas derivadas da pesquisa se mostraram promissoras e inspiradoras, evidenciando a sua relevância. Estamos entusiasmadas com os resultados obtidos, pois confirmam a eficácia da abordagem adotada e sua contribuição para as mudanças necessárias tanto na educação quanto no combate ao racismo. Essa certeza nos incentiva a dar continuidade aos esforços pelo reconhecimento, valorização e emancipação das mulheres negras na perspectiva da escrita de si, ou seja, da escrita autobiográfica.

Inicialmente, o grupo alvo deste estudo era constituído quarenta e quatro participantes. No entanto, devido às semelhantes histórias de vida manifestadas por essas mulheres, a pesquisa acabou sendo composta por vinte e seis dessas mulheres que contribuíram com narrativas que compõem de fato este trabalho dissertativo. As participantes pertencem ao campo da educação, incluindo professoras, coordenadoras pedagógicas, merendeiras, Assistentes de Serviços Gerais, de merenda, de secretarias e gestoras. Além disso, mais uma professora faz parte atuando como pesquisadora, pois fazemos parte no mesmo grupo e estamos presentes na maioria das histórias relatadas, o que torna nossa história em comum com as demais.

Identificamos aspectos semelhantes, como o fato de que a educação não foi nosso primeiro objetivo profissional, mas sim algo que descobrimos posteriormente. Além disso, enfrentamos a luta em nossa própria capacidade, enfrentamos relacionamentos abusivos e conflitos internos devido nossa raça e gênero, bem como sofremos dores por discriminação social e racial. Essas questões, juntamente com outras, levaram-nos a refletir tanto em nível pessoal quanto profissional. Nessa perspectiva profissional, notamos algo significativo: não é possível fazer parte do processo de empoderamento de alguém sem conhecer e permitir-se conhecer a outra pessoa.

Dessa forma, percebemos que cada história de vida nos levou a repensar nossa posição como mulher negra, assim como a postura como educadora antirracista e ativista na sala de aula e fora dela. Passamos a considerar outras características que compõem as identidades como experiências pessoais, contexto social, gênero, orientação sexual, entre outras. Resumindo, começamos essa pesquisa com uma visão e conceito de empoderamento feminino que estamos constantemente reexaminando, revisando e reformulando. Essas revisões nos permitem repensar e reconsiderar cada narrativa como uma oportunidade de aprendizado significativo sobre nós mesmas.

Considerando as narrativas das educadoras, primeiramente enfatizamos a relevância que a linguagem⁷¹ desempenha como ferramenta de ação, permitindo expressar e omitir simultaneamente. Nesse sentido, à medida que exploramos a relação entre linguagem, ação e poder - uma conexão intrínseca -, reinterpretamos esse processo educativo. As educadoras foram construindo suas identidades e se afastando de outras, desconstruindo e reconstruindo funções que eram impostas e estabelecidas como padrões patriarcais e machistas. Aprenderam, por meio das dificuldades e das interações sociais, nas culturas criadas nos seus lares, que, em tempos passados, era o único espaço para mulheres, um empoderamento cuja magnitude nem sempre percebem.

Novamente, mencionamos aqui tanto elas quanto nós, num elo intrínseco desse processo. Portanto, podemos notar que mulheres, especialmente educadoras, optam por não se tornar vítimas das influências opressivas do contexto histórico familiar e de outras formas de opressão. Ao apresentarmos discursos contrários, demonstramos que o poder não é unilateral e

⁷¹ A linguagem pode ser utilizada como uma ferramenta de empoderamento feminino, pode ser transformadora e desafiadora, permitindo que as mulheres encontrem sua voz e expressem suas experiências, traumas e lutas de forma autêntica (hooks, 2019a).

buscamos dar um novo significado às nossas vidas. No âmbito do nosso estudo, as educadoras das duas escolas começaram a perceber essa possibilidade ao enxergar o aprendizado como uma forma de empoderamento. Embora a carreira docente nem sempre tenha sido o sonho ou nosso objetivo, assim como não era bem o nosso no início, cada uma teve seu próprio sonho realizado através da docência, começando pela graduação, contudo, estamos colhemos os benefícios de uma formação constante.

Todas essas perspectivas constituem etapas deste estudo. As narrativas das educadoras negras abordaram questões do cotidiano feminino, conhecidas, mas não frequentemente mencionadas. No entanto, conseguimos torná-las mais visíveis em suas falas, preocupações, o medo de não superação e julgamento dos outros, foram destacadas, principalmente o empoderamento que cada uma alcançou ao narrar suas vivências e experiências. Isso nos fez compreender que, independentemente do nível de estudo ou engajamento dessas mulheres, criaram seus próprios caminhos de empoderamento, assim como fizemos com o nosso.

Essas razões mostram que essa pesquisa possibilita repensar a rede de apoio, que é fundamental para fortalecer o empoderamento de mulheres, principalmente negras. Contudo, isso demonstra a necessidade de investir na formação de educadoras e na criação de coletivos de mulheres que permaneçam ao longo da vida. Além da prática pedagógica, esse ambiente busca recuperar a autoimagem, autoestima e valorização das educadoras negras, ao abordar questões raciais no contexto escolar e reflexões críticas para alcançar um empoderamento coletivo. Nesse sentido, ressaltamos que a utilização da perspectiva do Feminismo Negro contribuiu significativamente nos resultados dessa pesquisa por ser nosso objeto de estudo.

No entanto, ao concluirmos esta etapa, sentimos um impulso maior para avançar. Temos certeza de que é possível expandir e fortalecer as redes de apoio baseadas na solidariedade feminina e na compreensão das experiências umas das outras, tanto através de ações coletivas como da união entre mulheres. Entendemos que desta forma poderemos aprofundar as discussões sobre as demandas que afetam a vida das mulheres, especialmente as mulheres negras, que devem fazer essas reivindicações por si próprias. Nesse contexto, sentimos uma grande responsabilidade em colaborar com os movimentos femininos que surgirem após a conclusão desta fase de estudo.

Por fim, entendemos que há outras perspectivas para se discutir temáticas relevantes como a escolhida por nós, e de igual forma somarmos com outras pesquisas que trarão um olhar mais apurado sobre “o lugar de fala” de mulheres negras trabalhadoras na educação, de maneira

a aprofundar o acolhimento de suas histórias individuais e as semelhanças, bem como, as diferenças que nos fortalecem na luta diária.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ALENCAR, José de. *A Moreninha*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1844.
- ALENCAR, José de. *Iracema: lenda do Ceará*. Rio de Janeiro: Editora de Ouro, 1865.
- ALENCAR, José de. *Senhora*. Rio de Janeiro: Garnier, 1875.
- ALMEIDA, Mariângela Lins de. Escritas de sangue: existir e transgredir nas encruzilhadas das violências. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 1, e69867, 2021.
- APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. *Os Akroá e outros povos indígenas nas fronteiras do sertão – As práticas das políticas indígena e indigenista no norte da capitania de Goiás – Século XVIII*. Recife, 2005. 269f.
- BERTH, Joice. *O que é empoderamento?* São Paulo: Letramento, 2018.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução: João Wanderley Gerald. *Revista Brasileira de Educação* (2002).
- BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: MEC/SEPPPIR, 2004.
- BRASIL. *Lei nº 10.639/2003*, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394/1996. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 9 jan. 2003.
- BRASIL. *Lei nº 11.645/2008*, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394/1996, modificada pela Lei nº 19.639/2003. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 10 mar. 2008.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. 339f.
- CARNEIRO, Sueli. A mulher negra na sociedade brasileira: o papel do Movimento Feminista na luta antirracista. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *História do Negro*. Brasília: Publicação da Fundação Palmares-Minc, 2004.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma Perspectiva de Gênero*. 2011. Disponível em: <http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

CARNEIRO, Sueli. Prefácio. In: HENRIQUES, Ricardo. *Raça e cor nos sistemas de ensino*. Brasília, DF: Unesco, 2002. p. 7-10.

CARNEIRO, Sueli; SANTOS, Thereza. *História do negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Renovar, 2004.

CARNEIRO, Sueli; SANTOS, Thereza. *Mulher Negra*. São Paulo: Nobel/Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.

CARVALHO, Herli de Sousa. *No chão quilombola os rebentos narram suas percepções acerca da escola de infância da comunidade Cajueiro I em Alcântara - Maranhão*. 250f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2016.

CONCEIÇÃO, Sônia Maria de Jesus da. CARVALHO, Herli de Sousa. Discussões sobre o conceito de Empoderamento da população feminina negra em uma perspectiva prática. ZAPAROLI, Witembergue Gomes; ALVES, Antônio Sousa; BARROSO, Betânia Oliveira (Orgs.) *Estado da Arte do PPGFOPRED*. São Luís: EDUFMA, 2022. p. 283 – 308.

COLLINS, Patrícia Hill. *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.

CRUZ, Edna Sousa. *Eu era a única professora negra de inglês: histórias de vida de professoras negras de Imperatriz – MA*. São Luís: EdUEMA, 2015.

CURY, Augusto. *A ditadura da beleza e a revolução das mulheres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

DAVIS, Ângela. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.

DAVIS, Ângela. *Mulheres, classe e raça*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEUS, Lia Maria dos Santos de. Políticas públicas em educação para mulheres negras: da prática do falo à construção das falas. 2011. Dissertação (Mestrado), 113 p.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. 4. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961

FANON, Frantz. *Pele negra, máscara brancas*; tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. *Educação & Sociedade*, São Paulo, ano 23, n. 79, p.257-272, ago. 2002.

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina: Reflexões sobre minha vida e minha práxis*. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GARDNER, Howard. *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995

GIROUX, Henry. *Teoria Crítica de Resistência em Educação*. Petrópolis: Vozes, 1983.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: HENRIQUES, Ricardo (Org.). *Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03*. Brasília: SECAD/MEC, 2005 p. 39-62.

GOMES, Nilma Lino (Org.) *Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GOMES, Nilma Lino. Movimento Negro e Educação: ressignificando e politizando a raça. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. São Paulo: Autêntica, 2019.

GOMES, Nilma Lino. *A mulher negra que vi de perto*. Belo Horizonte: Maza Edições, 1995.

GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. *Retratos do Brasil Negro*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. 2 ed. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019b.

HOOKS, Bell. *Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e Feminismo*. Trad. livre para a Plataforma Gueto, 1981-2014b. [S.l.], 1981.

HOOKS, bell. Vivendo de Amor. *Portal Geledés*, São Paulo, 2010. Acesso em fev. 2021.

HOOKS, bell. *O Feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *Censo demográfico 2010*. Resultados do universo e amostra. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br>. Acesso: 30 jun. 2023.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé W. (2002). “Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero”. *Estudos Feministas*, Ano 10, nº 1/2002, pp.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. Tradução: Stephanie Borges. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MORAES, Eunice Léia de. *Educação Libertadora e Feminismo Negro: uma teia conceitual de resistência à interseccionalidade das opressões de gênero, de raça e de classe*. Curitiba: CRC, 2021.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, Goiânia, v. 4, n. 8, p. 6-14, jul./out. 2012. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/246>. Acesso em: 17 abr. 2023.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos* (Org. Alex Ratts). Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Abdias do. *O Aquilombismo: documentos de uma militância panafricanista*. 2. ed. Brasília; Rio de Janeiro: Fundação Palmares; OR Editor Produtor, 2002.

OLIVEIRA, Marcelo de Jesus de. Considerações teórico – conceituais inerentes às escrevivências evaristiana em Becos da Memória (2017). Dissertação Porto Nacional, TO - 2021. 125f. Disponível em <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/2927/1/Marcelo%20de%20Jesus%20de%20Oliveira%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: nov. 2023.

OLIVEIRA, Zamara. O olhar de professoras militantes negras sobre a educação antirracista e a implementação da lei 10.639/03, 2017. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de ciências humanas e sociais. Programa de pós-graduação em educação. 2017. Disponível em <http://www.repositoriobc.unirio.br>. Acesso em: abr. 2022.

ORLANDI, Eni P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PALLÚ, Nelza Mara. A produção social da identidade e a pedagogia da diferença. *Educere et educare: Revista de Educação*. Vol.8 nº 16 jul./dez. 2013.

PINHEIRO, Livia Ribeiro. A construção da identidade nas práticas afro-brasileiras: entre a reprodução e a resistência. *II Fazendo Gênero – Corpo, Violência e Poder*, Florianópolis 2004.

PIRES, Antônio Liberac Simões (Org.). *História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Coletânea de textos pedagógicos para a Educação Básica do Tocantins. Porto Nacional: Editora Printcolor Gráfica e Editora, 2008.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Clementino de. (Org.) (2008). (Auto)Biografia: formação, territórios e saberes. São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRN, 2008a. p. 103-132.

PASSEGI, Maria da Conceição *et al.* Narrativas de crianças sobre as escolas da infância: cenários e desafios da pesquisa (auto) biográfica. *Educação UFSM*, v. 39, n. 01, p. 85-104, 2014.

PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PINHO, Carolina Santos Barroso de. Pensamento feminino negro no Brasil: uma contribuição para a transformação da realidade. *Margem Esquerda*. São Paulo, v. 31, p. 85, 2018.

PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), FJP (Fundação João Pinheiro). *Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil*. Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/>. Acesso em: 22 abr. 2023.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do Feminismo*. Belo Horizonte: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, João General Cláudio. "Aspectos da Herança Violenta - Um olhar etnológico sobre a violência social brasileira", 1995.

RIBEIRO NETO, João. *A construção da identidade narrativa nas Memórias do Cárcere de Graciliano Ramos*. Campinas, SP, 2007.

RODRIGUES, Maria dos Reis Dias. Caderno de Campo. *Experiências em Educação Antirracista com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública do Maranhão*. 158f. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Maranhão Imperatriz – MA, 2023.

ROSA, Maristane de Sousa. *O reggae na “Jamaica brasileira”*: cidadania e política a partir de letras musicais. Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Goiás, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, 2006. 150f.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Gramática do Tempo*: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, Giselia Alves dos. *Mulheres na fronteira*: subjetividades, desejo e sexualidade em Imperatriz/MA. Imperatriz: Ethos, 2019.

SANTOS, Giselia Alves dos. *O Centro de Cultura Negra Negro Cosme (CCN-NC) e a educação não formal*: uma análise do caráter educacional metodológico do Movimento Negro em Imperatriz - MA no biênio 2020-2021. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação: Universidad de La Integración de Las Américas, Paraguai, 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, Neuza Santos. *Tornar-se negro*: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

TAHAN, Malba, 1895-1974. *O homem que calculava*. 83 ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

TEIXEIRA, Elizabeth. *As três metodologias*: acadêmica, das ciências e da pesquisa. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

ANEXOS A

Quadro 1 – Nomes, Idades, Cor/Raça e Funções das Mulheres da
Escola Municipal Genésio Gomes

NOME	IDADE	COR/RAÇA	FUNÇÃO
Alzinete Souza Santos Leal	42 anos	Parda	Professora
Andila da Silva Severiano	37 anos	Parda	Auxiliar Administrativo
Antônia Lima Guimarães	60 anos	Branca	Merendeira
Claudisdean de Melo Silva	46 anos	Parda	Diretora
Dioneide Alves de Sousa Cardoso	44 anos	Parda	Merendeira
Dioneide Pereira da Silva	31 anos	Branca	Professora
Eliane dos Santos Batista	40 anos	Negra	Professora
Francisca Aldeane Marques Cardoso Borges	38 anos	Parda	Professora
Izabel Ferreira da Silva	48 anos	Parda	Professora
Kelly Pereira Silva	39 anos	Branca	Professora
Liane da Paz Arrais	30 anos	Branca	Coordenadora Pedagógica
Maria Paula dos Santos Silva	42 anos	Negra	Professora
Maria Sousa Silva	47 anos	Parda	Secretária
Marinêz da Paz Câmara	56 anos	Parda	Professora
Vanessa Sousa Feitosa	33 anos	Negra	Assistente de Serviços Gerais

Fonte: Elaboração da Autora (2023)

ANEXOS B

Quadro 2 – Nomes, Idades, Cor/Raça e Funções das Mulheres da Escola Estadual 1º Junho

NOME	IDADE	RAÇA/COR	FUNÇÃO
Aldenice de Sousa	39 anos	Branca	Professora
Celma Castro Lima	47 anos	Branca	Professora
Jackeline Aparecida Rodrigues Feitosa	53 anos	Parda	Diretora
Joseane Pereira Dias da Silva	42 anos	Negra	Orientadora Educacional
Joselita Santana	45 anos	Parda	Professora
Kelma Gomes da Silva Oliveira Costa	33 anos	Parda	Coordenadora Pedagógica
Leide Alves Pereira dos Reis	41 anos	Branca	Professora
Maria Eliete Martins Conceição Silva	50 anos	Parda	Merendeira
Ozirene Silva Viana Lobo	42 anos	Branca	Professora
Sandra Machado de Andrade	44 anos	Parda	Coordenadora de Apoio Geral
Wilma Alves da Conceição Melo	39 anos	Parda	Assistente de Serviços Gerais (ASG)

Fonte: Elaboração da Autora (2023)

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Você está sendo convidada a participar do presente estudo “Vivências de mulheres negras da educação em Praia Norte Tocantins”. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que faremos. Caso tenha dúvidas, teremos prazer em esclarecê-las. Se concordar, o documento será assinado e só então daremos início ao estudo. Se quiser desistir a qualquer momento, isto não causará nenhum prejuízo, nem a você, nem a pesquisadora, tão pouco o estudo.

Eu, _____, abaixo assinada, concordo de livre e espontânea vontade ser participante do estudo “Vivências de Mulheres Negras da Educação em Praia Norte - Tocantins”. Declaro que obtive todas as informações necessárias e que todas as minhas dúvidas foram esclarecidas.

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS: A pesquisa intitulada “Vivências de Mulheres Negras da Educação em Praia Norte - Tocantins”, está relacionada ao meu processo de construção de identidade e noção de pertencimento étnico – racial, construídos ao longo da minha formação acadêmica, perpassando minhas práticas docentes e pelo meu envolvimento com os movimentos sociais, movimento negro, feminismo negro e coletivos feminino. Exatamente por esses dois últimos serem responsáveis pelo fortalecimento dessa noção de construção de mulher negra educadora antirracista e ativista que a inquietação de compreender o cotidiano de atuação de outras educadoras nasceu, se tornou estudos e se materializa projeto de pesquisa frente ao programa de Mestrado em Formação Docente em Práticas Educativas – PPGFOPRED,

Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Campus Imperatriz. Com o objetivo de analisar as vivências e processos de empoderamentos das mulheres da educação da rede pública, para que essas possam a partir de suas narrativas praticar a escrita de si através da pesquisa (Auto)biográfica. Isso se dará através de rodas de conversas, roteiros de entrevistas via google forms e oficina pedagógica.

Com intuito de alcançar o objetivo geral: Analisar como o feminismo negro auxilia na construção identitária de mulheres negras educadoras do município de Praia Norte, elenco alguns objetivos específicos que possibilitarão que esse processo aconteça: inferir como o feminismo negro pode contribuir no empoderamento feminino; compreender como as vivências de mulheres negras da educação em Praia Norte – Tocantins se entrelaçam com o feminismo negro possibilitando seus empoderamentos; produzir um livro paradidático a partir das narrativas (auto) biográficas das mulheres interlocutoras da pesquisa.

Tendo em vista a amplitude da temática e para não faltar com os critérios necessários para compreender as informações coletadas durante o processo de pesquisa, serão utilizadas o desenho do estudo a ser realizado consistirá em uma abordagem de pesquisa qualitativa. E por intencionarmos realizar narrativas (auto)biográficas para a elaboração do produto deste estudo, que consiste em um livro paradidático. Para alcançar o objetivo geral dessa pesquisa foram escolhidas ferramentas que vão de encontro aos objetivos específicos já elencados.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS: De acordo com a Resolução 466/12, os riscos da pesquisa se enquadram em 7 dimensões: física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual. Nesse sentido, a pesquisa possibilitará possível *desconforto emocional* e/ou de possíveis *riscos físicos e psicossociais* (ex.; constrangimento, intimidação, angústia, insatisfação, irritação, mal-estar etc.).

As participantes da pesquisa podem sentir algum desconforto no momento de responder ao questionário e até mesmo os relatos nas rodas de conversas. Fica assegurado que podem se recusar a falar e desistir assim que julgarem necessário independente do

motivo. Benefícios acadêmicos e científicos estarão relacionados ao desenvolvimento desta pesquisa científica por proporcionar aprendizado e divulgação do resultado de modo sistematizado. Além disso, benefícios sociais também poderão ser obtidos, com a possibilidade de melhoria do serviço de atendimento a partir do fornecimento e uso crítico dos resultados alcançados. Para o pesquisado, no entanto, não estão previstos, a curto prazo, benefícios diretos, uma vez que seus possíveis ganhos englobam os benefícios sociais referidos.

FORMA DE ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA: Os participantes terão todo apoio da pesquisadora e da orientadora para esclarecimentos de dúvidas.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: A senhora será esclarecida sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar e estará livre para se recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

A (s) pesquisadora (s) irá (ão) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os dados pessoais permanecerão confidenciais. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem sua permissão. A senhora não será identificada em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo sem seu consentimento. Uma via deste consentimento será arquivada no Curso de Mestrado em Formação Docente em Práticas Educativas – PPGFOPRED, Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Campus Imperatriz e você está autorizada a salvar e/ou imprimir uma via para manter em seu poder, para consultar a qualquer momento que julgar necessário.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS: **A participação no estudo não acarretará custos para a senhora e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.**

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE:

Participação da pesquisa somente mulheres cis e trans na faixa de 18 a 60 anos residentes em Praia Norte – Tocantins.

CONTATO DA PESQUISADORA E O HORÁRIO: A pesquisadora **Sônia Maria de Jesus da Conceição**, residente à Avenida Benjamim Constant, casa 270, bairro Centro, Praia Norte - TO, poderá ser contatada, em horário comercial, através do número de telefone (63) 99263-2994 e/ou pelo e-mail: sonia.mjc@discente.ufma.br.

ENDEREÇO E DESCRIÇÃO DO CEP (COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA) - UFMA: De modo a possibilitar ao responsável entrar em contato para possíveis dúvidas éticas, Comitês de Ética em Pesquisa CEP-UFMA fica localizado no endereço Avenida dos Portugueses, 1966 CEB velho. Bairro: Bacanga UF: MA CEP: 65.080-805, telefone (98) 3272 8708 Fax: (98)3272-8003 E-mail: cepufma@ufma.br. Em horário de funcionamento das 7:00hs às 22:00hs.

A título de esclarecimento, um Comitê de Ética em Pesquisa é um grupo não remunerado formado por diferentes profissionais e membros da sociedade que avaliam um estudo para julgar se ele é ético e garantir a proteção das participantes.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Acredito ter sido suficientemente informada a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim sobre o estudo “Vivências de Mulheres Negras da Educação em Praia Norte - Tocantins”. Eu discuti com a pesquisadora responsável e está claro para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, quais são seus desconfortos, riscos e a garantia de confidencialidade dos meus dados. Entendo que sempre que eu tiver dúvidas elas serão esclarecidas e que minha participação é isenta de despesas.

Concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante ele, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Praia Norte, 07 de junho de 2023.

Assinatura do responsável: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ÁUDIO E IMAGEM

Eu, _____,
 nacionalidade _____, estado civil _____, portador da Cédula de
 identidade RG nº. _____, inscrito no CPF/MF sob nº
 _____, residente à Av./Rua
 _____, nº. _____, município de
 ____/____. AUTORIZO o uso de minha imagem em foto,
 para ser utilizada no **livro**, intitulado “**Narrativas de Mulheres Negras Trabalhadoras da
 Educação em fragmentos de suas autobiografias**” produto do Mestrado do Programa de Pós-
 Graduação Formação Docente em Práticas Educativas, do Centro de Ciências de Imperatriz, da
 Universidade Federal do Maranhão. A presente autorização é concedida a título gratuito,
 abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes
 formas: material impresso na capa do livro.

**Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão
 de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de
 remuneração.**

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito
 sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer
 outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

_____, dia ____ de _____ de _____.

 (Assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato:

APÊNDICE C – TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO

TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO

Eu, _____, matricula _____ gestora da **Escola** _____, situada na Rua _____ nº _____, bairro _____, estou de ciência e autorizo a execução do projeto de pesquisa intitulado **NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS DA EDUCAÇÃO DE PRAIA NORTE - TOCANTINS**, coordenado pela pesquisadora **SÔNIA MARIA DE JESUS DA CONCEIÇÃO**.

A **Escola** _____, assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa, o qual será executado em consonância com as normas e resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos, em especial a Resolução CNS 466/12.

Declaramos ciência de que nossa instituição é coparticipante do presente projeto de pesquisa, e requeremos o compromisso da pesquisadora responsável com o resguardo da segurança e bem-estar das participantes de pesquisa nela recrutadas.

Praia Norte - TO, de de 2022

Assinatura/Carimbo do responsável pela instituição pesquisada

APÊNDICE D

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS DA EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PRAIA NORTE - TO

Pesquisador: SONIA MARIA DE JESUS DA CONCEICAO

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 65445122.4.0000.5087

Instituição Proponente: Centro de Ciencias Sociais, Saúde e Tecnologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.323.280

Apresentação do Projeto:

A pesquisa desse projeto compreenderá “Narrativas de Mulheres Negras da Educação do Município de Praia Norte – TO no processo de empoderamento feminino buscando uma compreensão sócio/indenitária das funções das mulheres negras enquanto trabalhadora da educação e seus posicionamentos acerca do ser mulher negra na sociedade atual. A perspectiva será a partir do prisma do feminismo negro por ser essa abordagem a mais adequada para propiciar uma discussão acerca da complexidade dos problemas ao qual as mulheres negras enfrentam, especialmente quando estes são atravessados pelas questões de classe, raça e gênero. E por ser a especificidade do feminismo negro capaz de traçar o processo de empoderamento de mulheres negras, a qual estas sejam inseridas nessas discussões no coletivo. Partindo do tema da

pesquisa, o estudo a ser realizado consistirá em uma abordagem de pesquisa qualitativa com recurso metodológico através da ferramenta de pesquisa denominada autobiográfica.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não observam-se pendências e inadequações. Considero o protocolo de pesquisa APROVADO.

O (A) pesquisador (a) possui o compromisso explícito de iniciar o estudo somente após a aprovação final do Sistema CEP/Conep em conformidade à NORMA OPERACIONAL CNS Nº 001 de 2013.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem em	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1970968.pdf	07/06/2023 18:00:26		Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA.pdf	07/06/2023 17:59:36	SONIA MARIA DE JESUS DA CONCEICAO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento	TCLE_PARA_PESQUISA.pdf	07/06/2023 17:54:	SONIA MARIA DE JESUS DA	Aceito

/	Justificativa		27	CONCEICAO	
de	Ausência				
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_.pdf	2023 14/04/ 21:07: 05	SONIA MARIA DE JESUS DA CONCEICAO	ceito	A
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	2023 14/04/ 21:04: 55	SONIA MARIA DE JESUS DA CONCEICAO	ceito	A
Outros	FOLHA_DE_ROSTO_.pdf	2023 14/04/ 20:49: 31	SONIA MARIA DE JESUS DA CONCEICAO	ceito	A
Orçamento	Orcamento.pdf	2022 17/11/	SONIA MARIA DE	ceito	A

Orçamento	Orcamento.pdf	2022 21:45: 02	JESUS DA CONCEICAO	ceito	A
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE DISSERTACAO DO_M ESTRADO_EM_EDUCACAO.pdf	2022 11/11/ 11:23: 49	SONIA MARIA DE JESUS DA CONCEICAO	ceito	A
Declaração de Instituição e Infraestrutura	SECRETARIA_DA_EDUCACA O.pdf	2022 11/11/ 11:13: 01	SONIA MARIA DE JESUS DA CONCEICAO	ceito	A
Declaração de Instituição e Infraestrutura	ESTADO_DO_TOCANTINS.pdf	2022 11/11/ 11:03: 15	SONIA MARIA DE JESUS DA CONCEICAO	ceito	A

Continuação do Parecer: 6.323.280

Situação do Parecer: Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP: Não

SAO LUIS, 25 de Setembro de 2023

Assinado por:
Emanuel Péricles Salvador
(Coordenador(a))